

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

Marcos Bastos Torati

A democracia latente em Winnicott:
da maturidade psíquica à vida cívica

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2022

Marcos Bastos Torati

A democracia latente em Winnicott:
da maturidade psíquica à vida cívica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em **Psicologia Clínica**, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. **Alfredo Naffah Neto**.

SÃO PAULO

2022

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

T676 Torati, Marcos Bastos
A democracia latente em Winnicott - da
maturidade psíquica à vida cívica / Marcos Bastos
Torati. -- São Paulo: [s.n.], 2022.
153p ; 15cm cm.

Orientador: Alfredo Naffah Neto.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica.

1. democracia. 2. winnicott. 3. psicanálise. 4.
amadurecimento. I. Neto, Alfredo Naffah. II.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia:
Psicologia Clínica. III. Título.

CDD

Marcos Bastos Torati

A democracia latente em Winnicott:
da maturidade psíquica à vida cívica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em **Psicologia Clínica**, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. **Alfredo Naffah Neto**.

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto – PUC-SP (Orientador)

Profa. Dra. Ida Kublikowski – PUC-SP

Profa. Dra. Roseana Moraes Garcia – SBPW

Profa. Dra. Paula Regina Peron – PUC-SP (suplente)

Prof. Dr. Claudio Bastidas Martinez – Lapecri-USP (suplente)

AGRADECIMENTO

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), pela concessão da bolsa que permitiu a realização desta pesquisa.

Código de Financiamento 88887.626495/2021-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 88887.626495/2021-00.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho completou o seu ciclo vital. Seu título de batismo é também um atestado de óbito. A frase do epitáfio desta lápide de cor branca. Tal qual a vida, a academia também permite “transferir bens” aos entes queridos antes do fim. Então, como minhas “diretivas antecipadas de vontade”. decido doar a minha gratidão para celebrar o fim de um processo. Primeiramente, congratulo a coordenação do Programa de Psicologia Clínica da PUC-SP por promover espaços democráticos.

Aos docentes, professora Ida Kublikowski, por me alertar sobre a importância de sairmos das tradições sitiadas. À professora Ida Cardinalli, pelo acolhimento contido em sua fala e escuta. Sou grato também ao psicanalista Luis Claudio Figueiredo. A elegância de suas aulas me despertou “inveja e gratidão”. Foi uma honra, ainda, ter a Roseana Garcia (IBPW) na banca de qualificação. Ao prezado orientador, Alfredo Naffah Neto, pelo rigor técnico e senso crítico. Sua pessoa contribuiu muito para minha vida (clínica, pessoal e acadêmica) e foi muito significativa a indicação para receber uma bolsa de estudos.

À FUNDASP e à CAPES, por apoiar a minha pesquisa.

À Mônica Pereira da Secretaria, pelo suporte; à revisora Valéria Ignácio, ao analista Marcos Aurélio de Oliveira, pelo profissionalismo. Na pandemia, a sua competência garantiu a continuidade das aulas *online*.

O desenvolvimento desta dissertação deve-se também à contribuição indireta de outros profissionais com quem estive ao longo da minha carreira. Devo gratidão ao Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Franco da Rocha e a minha supervisora Marinha Masepin diante dos casos graves da psicose e da psicopatia. Na especialização, reconheço a influência do professor Joaquim G.C Filho. Ademais, sinto-me agraciado por todos os pacientes que confiaram a mim as riquezas de seu mundo interno. Nada me ensinou mais do que eles.

Por fim, no âmbito pessoal, dedico este estudo à memória de meu pai, aos sacrifícios de minha mãe e às boas influências trazidas pelo meu irmão. Sou grato aos tios Ulysses e Cleusa, por depositarem fé em mim. Aos amigos e colegas. Ao estimado Thiago Carvalho; sem você a minha vida teria menos cor e graça. Ao admirável Carlos Silvano, por toda a sua generosidade durante o curso. À Regina Braguitonni e Diego Russo, por impulsionar o meu ingresso no mestrado. Saúdo especialmente a minha esposa, Daniele Torati. O seu amor foi o alicerce dessa jornada. Amo você e o nosso querido Toni. Filho, à medida que a sua criança cresce, a minha também amadurece. Assim eu encerro. Entrego aqui a minha gratidão como um bem imaterial a ser compartilhado com aqueles de quem levo em mim seus bons pedaços.

RESUMO

TORATI, Marcos. **A democracia latente em Winnicott**: da maturidade psíquica à vida cívica. 153f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2022.

A maturidade cívica é sinônimo de saúde cívica dos cidadãos? A partir desse questionamento, o presente estudo objetiva investigar a democracia à luz da psicanálise. Para tanto, utilizo como referencial bibliográfico as obras do psicanalista Donald Winnicott. Justifico essa predição em razão deste autor examinar os fenômenos sociais sob a ótica da teoria do amadurecimento pessoal. Ele pressupõe que a práxis democrática requer o predomínio de membros psicologicamente saudáveis integrando a malha sociopolítica. Portanto, uma democracia só se tornaria funcional quando as personalidades prossociais preponderarem sobre os indivíduos dissociais e antissociais da comunidade. Havendo, então, uma maior proporção numérica de personalidades éticas, surge na vida coletiva uma “tendência democrática latente”. Ela seria um advento emocional gerado tacitamente a partir do alcance da maturidade psicossocial. Somente assim os ideais democráticos podem ser sustentados como práticas cívicas pelos seus cidadãos. Do contrário, os postulados de um Estado Democrático de Direito podem tornar-se apenas uma “fachada democrática” ou inclinar-se para uma tendência à ditadura. A partir dessa tese, de que a organização sociológica sofre influências da saúde psicológica de seus membros, este trabalho adota como objeto de pesquisa o estudo sobre os processos de desenvolvimento da saúde emocional do indivíduo: partindo das raízes da maturidade psíquica à vida cívica.

Palavras-chave: Winnicott; amadurecimento; saúde psíquica; ambiente facilitador; tendência democrática.

ABSTRACT

TORATI, Marcos. **The latent democracy in Winnicott: from psychic maturity to civic life.** 153p. Dissertation (Master in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2021.

Is civic maturity synonymous with civic health of citizens? From this questioning, this study aims to investigate democracy in the light of psychoanalysis. For that, I use as bibliographical reference the works of the psychoanalyst Donald Winnicott. I justify this prediction because this author examines social phenomena from the perspective of the theory of personal maturation. He assumes that democratic praxis requires the predominance of psychologically healthy members integrating the sociopolitical fabric. Therefore, a democracy would only become functional when the prosocial personalities prevail over the dissocial and antisocial individuals in the community. As there is then a greater numerical proportion of ethical personalities, a “latent democratic tendency” appears in the collective life. It would be an emotional substrate tacitly generated from the attainment of psychosocial maturity. Only then can democratic ideals be upheld as civic practices by their citizens. Otherwise, the postulates of a Democratic Rule of Law can become just a “democratic facade” or lean towards a tendency towards dictatorship. Based on this thesis that the sociological organization is influenced by the psychological health of its members, this work adopts as its object of research the study of the individual's emotional health development processes: from the roots of psychic maturity to civic life.

Keywords: Winnicott; maturation; psychic health; facilitating environment; democratic tendency.

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIA	Agência Central de Inteligência
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COAF	Conselho de Controle de Atividades Financeiras
CONASS	Conselho Nacional dos Secretários de Saúde
EIU	Economist Intelligence Unit
EUA	Estados Unidos da América
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FEBEM	Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor
FUNDASP	Fundação São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IBPW	Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana
LGBTQI+	LésbicaS, Gays, Bissexuais, Travestis, Queers, Intersexuais e Outros
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PCC	Primeiro Comando da Capital
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
USP	Universidade de São Paulo
BBC	British Broadcasting Corporation

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 A democracia em Winnicott	23
1.1.1 Definindo o termo democracia	24
1.2 A constituição da “tendência democrática latente”	26
1.2.1 A cobertura do Estado aos indivíduos	28
1.2.1.1 A cobertura institucional das crianças emocionalmente adoecidas	29
1.2.2 Alguns espectros da imaturidade psicológica na malha social	30
1.2.3 Os grupos psicológicos e a tendência democrática.....	32
1.2.3.1 Os antissociais manifestos (grupo X – os membros delinquentes).....	32
1.2.3.2 Os antissociais ocultos (grupo “Z” – membros pró-sociedade, mas anti-indivíduo).....	34
1.2.3.3 Os antissociais e sua influência virtual	36
1.2.3.4 Os membros indeterminados (grupo Y – potenciais (anti)democráticos)	38
1.2.3.5 Os membros psicologicamente adultos maduros (personalidades prossociais).....	39
1.2.3.5.1 As falhas sociais e a despotencialização dos membros saudáveis	41
1.2.4 Um cálculo hipotético sobre a formação da tendência (anti)democrática	43
1.2.5 Uma recomendação para quando a democracia fracassar.....	44
2 ENSAIOS SOBRE A DEFINIÇÃO DE SAÚDE E DE DOENÇA PSÍQUICA	46
2.1 Aspectos gerais sobre as personalidades imaturas e/ou doentes.....	51
2.1.1 O cidadão imaturo e seus limites como agente democrático	54
2.2 Aspectos gerais sobre a personalidade adulta madura ou saudável.....	57
2.2.1 O cidadão adulto maduro e suas capacidades como agente democrático.....	59
3 OS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DA MATURIDADE PSÍQUICA INDIVIDUAL	61
3.1 A elaboração imaginativa das funções corporais no processo de constituição do ego...62	
3.1.1 A imprescindibilidade da maternagem suficiente na saúde do pré-indivíduo	63
3.1. A integração: a psicogênese de um cidadão saudável	64
3.3 A importância da agressividade na constituição do cidadão	66
3.3.1 O uso da agressividade para fins democráticos	68
3.3.1.1 Uma breve relação entre a avidez e o sistema capitalista	70

3.3.1.2 O fracasso ambiental e a inibição da agressividade pessoal	71
3.5 O círculo benigno e a possibilidade de confiar no ambiente humano	73
3.4.1 Um breve relato da recuperação emocional e social através do círculo benigno	75
3.5 A capacidade de crer e o pacto social	76
3.5.1 O pacto com o divino como o substituto do pacto social	78
3.5.2 O absolutismo religioso como ditadura em nome da fé.....	80
3.6 O “círculo maligno” - da família à sociedade.....	83
3.7 A tendência antissocial e a autocorrosão da sociedade.....	87
3.7.1 A tendência “antissocial estatal” e a falha ambiental em nível nacional.....	92
3.6.1.1 Os crimes, as crises governamentais e o “medo do colapso”	94
3.7 O desenvolvimento do fator ético pessoal e a democracia latente.....	96
3.7.1 Diferenças conceituais entre moral e ética e superego pessoal e superego impessoal	98
3.7.2 O superego pessoal e as raízes do senso ético	100
3.7.2.1 Três exemplos de objeção de consciência a partir do uso do superego pessoal	105
3.8 O predomínio do superego impessoal e a fachada democrática	107
3.8.1 A falsa moralidade e as perversidades dos falsos <i>selves</i> na sociedade.....	109
3.8.1.1 O superego impessoal nas massas – paralelos entre hitleristas e bolsonaristas radicais	111
3.9 A capacidade para à ambivalência e as possíveis origens da civilidade.....	116
3.9.1. A incapacidade para a ambivalência no cenário sociopolítico brasileiro	119
3.10 As identificações cruzadas como a base do processo de democratização latente.....	122
3.10.1 A amplitude das identificações e a tendência à democracia “integral”	124
3.10.2 Testemunhos da presença das identificações cruzadas no campo político.....	125
3.10.2.1 A ausência de identificações cruzadas nos chefes de Estado	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
BIBLIOGRAFIA	141

1 INTRODUÇÃO

A título de problematização, embora a Constituição Federal da República Federativa do Brasil¹ decreta o país como um Estado democrático de direito, as práticas sociais e políticas parecem destoar desse postulado. Segundo a análise da Economist Intelligence Unit (EIU), o país é diagnosticado como uma “democracia imperfeita”². Há liberdade cívica, porém, com graves disfuncionalidades governamentais e fracassos de cidadania. Logo, uma Carta Magna não garante, por si só, a práxis democrática. As leis fundamentais não substancializam a saúde pública, a justiça, a segurança, a educação, a fraternidade e a igualdade. Nas considerações do psicanalista inglês Donald Winnicott (1955/2005, p. 114)³, “[...] não é formulando uma lei ou montando uma máquina administrativa [...]” que damos conta de cuidar e respeitar as vidas. São as atitudes dos vivos que o fazem. Cada qual conforme a sua saúde ou doença psíquica. Considerando que a organização sociológica sofre influências da saúde psicológica de seus membros, decido, então, estudar a democracia por meio do conceito de saúde da psique.

Baseado no postulado winnicottiano de que uma sociedade se torna funcionalmente democrática apenas quando há uma concentração de indivíduos psicologicamente saudáveis predominando na malha social, formulo, então, as seguintes perguntas de pesquisa: a saúde psíquica pode produzir maturidade cívica? E a maturidade cívica seria sinônimo de saúde psíquica?

Para responder a tais questionamentos, adoto o método psicanalítico de pesquisa. Segundo o psicanalista Naffah Neto (2006), falar de pesquisa em psicanálise é quase um pleonasma. Isso porque o termo psicanálise implica, por si só, no vocábulo pesquisa. Então, a partir da aplicação do modelo psicanalítico de escuta clínica, ausculto os fenômenos latentes da

¹ No prefácio da Constituição da República Federativa do Brasil, os políticos declaram-se como “representantes do povo brasileiro”. Promulgam “sob a proteção de Deus”, no dever de “[...] assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias.” (BRASIL, 2008).

² O Índice de Democracia (Democracy Index), desenvolvido pela “The Economist Group” (2021), avalia a situação democrática dos países. Ele utiliza 60 indicadores para mensurá-la. Examina o pluralismo, as liberdades civis, a liberdade de imprensa e a cultura política. Com base nisso, os países são categorizados em um dos quatro tipos de regimes: democracias plenas, democracias falhas, regimes híbridos e regimes autoritários. As “democracias imperfeitas” – o caso do Brasil (49ª posição do ranking) – são as nações nas quais as eleições são justas e livres e as liberdades civis básicas são honradas. Porém, elas podem violar a liberdade de mídia, reprimir opositores e críticos. Elas apresentam também falhas significativas em outros aspectos, incluindo o subdesenvolvimento da cultura política, baixos níveis de participação política e problemas de governo (como a corrupção, por exemplo).

³ No capítulo “Sobre a criança carente e de como ela pode ser compensada pela perda da vida familiar”, o psicanalista considera a construção de leis como apenas um pequeno e “miserável passo” em direção à mudança. Ela não se materializa em nada sem uma pessoa viva capaz de operá-la (WINNICOTT, 1955/2005, p. 114).

natureza humana manifestos nas expressões do corpo social. Por meio da minha livre associação de ideias, gero exemplos, os quais imagino serem proveitosos para esta proposta acadêmica.

Este é um trabalho teórico-investigativo. Ele é alimentado pelas obras do psicanalista Donald Winnicott. Essa é a fonte bibliográfica principal. Justifico a predileção por tal autor em razão de sua forma particular de pensar a democracia. Ele destaca o valor do ambiente facilitador e do desenvolvimento da saúde psíquica pessoal como um subsídio emocional da saúde social. Ademais, Winnicott crê que a psicanálise foi mal explorada. Passou décadas estagnada na ciência clínica. Priorizou mais a realidade subjetiva dos pacientes do que as questões da experiência cultural. Assim ele comenta na “Introdução” da obra *O Brincar e a Realidade* (WINNICOTT, 1951/1975). Portanto, aposto na “teoria do amadurecimento pessoal” como referencial teórico para interpretar os dados coletados. Em razão disso, assumo como objeto de pesquisa o estudo dos processos de desenvolvimento psicológico da saúde do indivíduo, das raízes da maturidade psíquica à vida cívica. Quanto ao objetivo desta dissertação, investigo o fenômeno democrático à luz dos termos maturacionais da psicanálise winnicottiana.

Sobre minhas pretensões pessoais com a dissertação, tenho algumas esperanças. Ambiciono mostrar como os cuidados com a família e as diligências adequadas com as crianças e adolescentes podem ser considerados os pilares emocionais de uma democracia. Pretendo apresentar a ideia de que a saúde social se beneficia da promoção dos processos de amadurecimento psíquico. Fora isso, almejo que este trabalho seja levado à sério pelos juristas, cientistas sociais e políticos. Que sirva como um complemento para outras linhas de estudos sobre a democracia. Por fim, desejo que Winnicott seja reconhecido como um pensador da cultura. Sinto que a originalidade de suas contribuições não recebeu o devido crédito. Ele foi resumido como apenas um grande teórico e clínico da psicanálise. Eu enxergo que suas formulações vão muito além.

Justificando o meu interesse pelo tema, ele aconteceu a partir da crise política de 2013, quando associei a vertigem democrática como um reflexo da crise ética do nosso povo. Depois, com o passar dos anos, observei outros eventos. Testemunhei o crescimento de manifestações intolerantes, perversas, negacionistas, extremistas e segregacionistas na malha social. Suspeitei que as expressões antidemocráticas dimanavam de personalidades emocionalmente doentes ou imaturas. Vi esses sinais numa parte das massas, na classe política, nas elites intelectuais e no meio jornalístico. Ao ler Sigmund Freud, avistei na psicanálise a primeira associação entre as questões psicológicas e os fracassos civilizacionais. Chamou a minha atenção a publicação “Desilusão da Guerra”, em seu livro *Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte*. Fiquei impressionado sobre como algo escrito há 106 anos soava como uma crítica contemporânea:

[...] existe, porém, em nossos concidadãos outro sintoma do mundo que talvez nos tenha deixado tão atônitos e chocados quanto a queda de suas alturas éticas que nos provocou tanta dor. O que tenho em mente é a falta de compreensão interna (insight) demonstrada pelos melhores intelectos, sua obstinação, sua inacessibilidade aos mais convincentes argumentos, e sua credulidade destituída de senso crítico para com as asserções mais discutíveis. [...] Os estudiosos da natureza humana e os filósofos de há muito nos ensinaram que nos enganamos ao considerar nossa inteligência uma força independente e ao negligenciar sua dependência em relação à vida emocional. [...] as pessoas mais sagazes se comportam sem compreensão interna como se fossem imbecis, tão logo a compreensão interna se defronta com uma resistência emocional, [...] as nações ainda obedecem a suas paixões muito mais prontamente que a seus interesses. (FREUD, 1915/1976, XIV, p. 324-325).

Freud tentava demonstrar como as questões psicológicas de ordem “não-consciente” estavam ligadas aos desastres da humanidade. Estudando Winnicott, descobri que ele pensava o mesmo. Em *Tudo começa em casa*, no capítulo “O preço de desconsiderar a pesquisa psicanalítica”, o autor concebe as motivações inconscientes como um elemento essencial para a evolução maturacional das sociedades. Achava que a pesquisa psicanalítica ajudaria a poupar o mundo daquilo que, sem o conceito de motivação inconsciente, acabaria se “transformando em destino”, vide o surgimento das guerras e das ditaduras (WINNICOTT, 1965/1999, p. 182).

Na avaliação de Winnicott, a psicanálise sempre procurou um alinhamento com os princípios de uma “sociedade que não viola a dignidade do indivíduo” (1965/1999, p. 182). Apesar dessa convicção, ao estudar a democracia, ele se viu “invadindo” um tema de domínio dos sociólogos e dos cientistas políticos. Mesmo assim, nada disso o inibiu. Em “Algumas reflexões sobre o significado da palavra democracia”, o autor achava importante que os pesquisadores cruzassem temporariamente as fronteiras de seus saberes (WINNICOTT, 1950/1999, p. 251). Aliás, o seu próprio estudo sobre a democracia foi influenciado por outro psicanalista. O conterrâneo Roger Money-Kyrle (1951) instigou-lhe a pensar sobre as questões do inconsciente e das psicopatologias do indivíduo como aspectos aplicáveis à vida social e política. Inspirado nessas ideias, Winnicott lançou um novo olhar sobre o fenômeno democrático. Além das participações dadas pelo “ser” social, cultural, histórico e político, a teoria do amadurecimento incluiu a relevância do “ser saudável” (do ponto de vista psicológico) no processo de amadurecimento da malha social.

No capítulo “Conceitos contemporâneos do desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior”, Winnicott (1968/1975) referenda a sua crença na existência da saúde psíquica pessoal. No escrito “A Saúde Psíquica”, da obra *Natureza Humana*, ele formula que a saúde da psique pode ser “[...] avaliada em termos de crescimento

emocional” ou de maturidade psicológica (WINNICOTT, 1949/2000, p. 30). Confiando nesse postulado, ele optou por examinar a saúde coletiva a partir desse mesmo critério referencial:

Pretendo, pois, examinar a sociedade como se ela se compusesse de pessoas psiquiatricamente sadias. Ainda assim, descobrir-se-á que a sociedade possui problemas suficientes. Suficientes, na verdade! Acredito, porém, na existência de algo chamado saúde psiquiátrica, e isso significa que me sinto justificado em estudar a sociedade (como outros o fizeram), onde ela representa a afirmação, em termos coletivos, do crescimento individual no sentido da realização pessoal (1949/2000, p. 30).

Então, Winnicott parte da tese de que a psicologia do indivíduo é a base da compreensão da psicologia social. A saúde psíquica da sociedade seria um advento dos processos de desenvolvimento emocional de suas unidades humanas. Da ontogenia⁴ individual à sociocultural⁵. Ambas se retroalimentam mutuamente. Porém, cada uma evolui em ritmos anacrônicos. Enquanto a civilização muda com maior velocidade, a quiddidade e a biomorfologia do humano variou moderadamente nos últimos 315 mil anos (HUBLIN, 2017, p. 289). Na palestra “Moral e Educação”, do livro *O Ambiente e os Processos de Maturação* (1963/1983), o psicanalista considera haver poucas evidências de que a “natureza humana” passou por alterações significativas no decurso espaçotemporal registrado pela história. Para ele, essa natureza é a mesma em qualquer lugar. Assim ele informa em “As Raízes da Agressividade”:

[...] existem certas características na natureza humana que podem encontrar-se em todos as crianças e em todas as pessoas de qualquer idade; uma teoria compreensiva do desenvolvimento da personalidade humana, desde os primeiros anos da infância até a independência adulta, seria aplicável a todos os seres humanos, independentemente de sexo, raça, cor da pele, credo ou posição social. As aparências podem variar, mas existem denominadores comuns nos problemas humanos. (WINNICOTT, 2008, p. 262).

Essas cogitações não significam que o psicanalista seja fiel a uma posição epistemológica catequeticamente inatista-maturacionista. Longe disso. Ele valoriza imensamente o papel do ambiente. Em o “Muro de Berlim”, ele elucida que os processos maturacionais do ser sofrem “[...] variações importantes no meio social conforme o local e a época” (1969/1999, p. 229). Dito isso, qualquer tentativa de definir o conceito de democracia ou de saúde pessoal e coletiva deve aferir os padrões socioculturais do lugar e do período

⁴ Para Simondon (1964, p. 4), a ontogenia refere-se aos processos constitutivos do ser. Este, em suas raízes constitucionais, ainda não é um “indivíduo”. Para sê-lo, suas potencialidades devem cumprir seu total “devir”.

⁵ Winnicott parece adotar o raciocínio da “Lei da Correspondência”, um dos setes princípios herméticos. Segundo o filósofo egípcio Hermes Trismegisto (1330, a.C), tudo aquilo que aparece no macrocosmo é também verdadeiro no microcosmo e vice-versa, ou seja, “o que está dentro é como o que está fora”. (CORRADI, 2013, p. 30).

histórico em questão. Por exemplo, no livro *Explorações Psicanalíticas*, na “Apresentação à Edição Brasileira”, Masud Khan descreve Winnicott como um típico *englishman*. Alguém que “[...] encarnava em sua vida os valores básicos da cultura inglesa” (WINNICOTT, 1994, p. XVII). Sendo mais explícito: na área da organização da subjetividade, o autor primava pelo cultivo da individualidade. Procurava ver o lado positivo das diferenças humanas e respeitar a liberdade de pensamento, de julgamento e o ponto de vista de cada um. Dessa forma, podemos inferir que Winnicott era uma personalidade democrática segundo os padrões da sociedade inglesa do século XX. A fim de demonstrar um pouco mais sobre como sua teoria salienta a influência dos aspectos socioculturais, reproduzo uma colocação do capítulo “A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências”, da obra *Os Bebês e Suas Mães*:

Há, de fato, uma diferença muito grande entre ter nascido filho de um beduíno que vive nas areias escaldantes, de um prisioneiro político na Sibéria ou da esposa de um comerciante da úmida, porém bela, parte ocidental da Inglaterra. Posso ser uma pessoa convencionalmente suburbana, ou um bastardo. Posso, também, ser filho único, filho mais velho, o do meio entre cinco filhos, ou ainda o terceiro de uma série de quatro meninos. Tudo isso tem importância [...]. (WINNICOTT, 1968/2013, p. 81).

A visão de Winnicott sobre a sociedade parece ser congruente com a máxima da sociologia de que “toda cultura é dinâmica” (BACKES, 2017). Porém, a cultura só consegue ser dinâmica porque é o ente quem o é. Na teoria do amadurecimento, o meio não faz o ser. Na melhor das hipóteses, fornece condições para viabilizar suas potencialidades⁶. Em vista disso, o ethos de um povo seria suscetível ao momento do crescimento biológico e do estágio de desenvolvimento psicológico de seus habitantes. Se em “O Psicossoma e a Mente” (1949/2000), o psicanalista caracteriza o ser como uma amostra-no-tempo da natureza humana, então o “comportamento global” da sociedade seria um compêndio em escala sociológica das expressões fenomenológicas dessa natureza. Resultaria da “duplicação dos padrões” daqueles que compõem a malha sociocultural (WINNICOTT, 1967/1999). Valendo-se disso, podemos especular que o padrão etológico de uma comunidade seria gerado pela estrutura dos padrões psicodinâmicos individuais mais dominantes da sociedade.

A fim de subsidiar esse enunciado, resgato o conceito de “sistema autopoietico”. Para Maturana e Varela (2019, p. 52-55), a criação e autorregulação de um sistema se dá por meio

⁶ Se tudo correr bem, o indivíduo consegue desenvolver uma organização do ego que é adaptada àquela realidade sociocultural. Ela realiza isso sem comprometer o seu verdadeiro eu. Já no pior dos casos, havendo falhas ambientais, o ser é obrigado a inibir o seu potencial de desenvolvimento em direção à saúde. A consequência disso é a submissão passiva aos costumes e tradições socioculturais como forma de se adaptar aos padrões da sociedade.

das “estruturas dos seres vivos”. Aqui, faço uso da imprecisão deixada pelos pesquisadores em torno do termo “estrutura”. Na teoria de Winnicott, são as “estruturas de personalidade” que organizam o sistema da sociedade. Portanto, cada cultura seria ajeitada basicamente por vivos com estruturas neuróticas⁷ e psicóticas⁸ (sem olvidar as personalidades *bordelines*⁹ e psicopáticas¹⁰). Em “Saúde e doença”, ele confessa estar preparado para examinar a “estrutura da personalidade” em sua “relação de com a sociedade e seus ideais” (WINNICOTT, 1967/1999, p. 9). O destino das heranças históricas; o uso dos bens e dos símbolos culturais; os problemas sociais, políticos, religiosos e econômicos da comunidade estão nas mãos das pessoas com tendências dissociadas, pro-sociais e anti-sociais. Na conclusão do autor, o potencial democrático de uma comunidade só pode emanar de pessoas sadias, dotadas de senso ético. Daqueles que desenvolveram capacidade empática e conseguem respeitar a alteridade e assumir diligências para com o mundo interior e exterior. No capítulo “Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo”, Winnicott comenta sobre o adulto maduro:

[...] na saúde, que é quase sinônimo de maturidade, o adulto é capaz de se identificar com a sociedade sem sacrifício demasiado da espontaneidade pessoal; ou, dito de outro modo, o adulto é capaz de satisfazer suas necessidades pessoais sem ser anti-social, e, na verdade, sem falhar em assumir alguma responsabilidade pela manutenção ou pela modificação da sociedade em que se encontra. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 80).

Embora sejamos essencialmente semelhantes como seres humanos, somos dinamicamente diferentes como personalidades. Nas reflexões de Winnicott sobre a sociedade, por vezes essas distinções não são só meras diferenças narcísicas. Fora as disparidades sociais, raciais, educacionais, regionais, econômicas, sexuais e de gêneros, há também um outro tipo de contraste no corpo coletivo: as diferenças maturacionais. O psicanalista divide a sociedade entre aqueles “que têm” e os “que não têm” saúde psicológica. Ele discorre sobre isso no capítulo “A liberdade” (WINNICOTT, 1969/1999). Enquanto os saudáveis podem promover a tendência

⁷ Na obra *Privação e Delinquência*, no texto “Variedade de psicoterapia”, Winnicott (1961/1987, p. 134) utiliza o termo “neurose” para aferir todas as crianças suficientemente bem integradas e socializadas que, quando adoecem (por falhas ambientais), manifestam sintomas referentes às inibições da agressividade e possuem comportamentos compulsivos e organizações defensivas rígidas a fim de evitar a angústia de castração vividas na fase edípica.

⁸ No capítulo “Existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?”, Winnicott (1959-1964/1983, p. 119) utiliza a palavra “psicose” para indicar que o indivíduo não foi capaz de atingir um grau de saúde ou de organização de sua personalidade pessoal em razão de falhas ambientais ocorridas em etapas precoces de vida.

⁹ No livro *A Família e o Desenvolvimento Individual*, em “A família afetada pela patologia depressiva de um ou ambos os pais”, Winnicott (1960/2005, p. 142) chama de psicopata o adulto que não se recuperou da delinquência infantil. Então, a partir das falhas ambientais diante da tendência anti-social se formou um distúrbio de caráter.

¹⁰ Em “O Uso de um Objeto e o Relacionamento através de Identificações”, Winnicott (1968/1994, p. 171) compreende o quadro *borderline* como uma conflitiva central do distúrbio psicótico, porém, através de um falso si-mesmo, esse paciente conseguiu uma organização psiconeurótica para lidar com suas ansiedades psicóticas.

democrática da sociedade, os membros doentes não. Desse modo, uma democracia até pode ser um sistema idealizado para todos, mas nem todos são para viver em democracia. Do contrário, os presídios e hospitais psiquiátricos seriam instituições dispensáveis.

Em “Discussões dos objetivos da guerra”, Winnicott confessa estar desconfortável com a ideia de uma democracia significar apenas o “[...] Estado servindo o povo, ao invés de o povo servindo o Estado” (1940/1999, p. 223). Até porque a “máquina estatal” não é um aparato mecânico. O “Estado” é um sistema é orgânico. Feito por pessoas e estruturado segundo as motivações psíquicas dos que regem a malha social. Se um funcionamento estatal é desumano ou corrupto, ele apenas se faz à imagem e semelhança de uma amostra comportamental de sua própria gente.

Sintetizando: a democracia, no sentido winnicottiano, seria um sistema (autopoiético) latentemente organizado pela maioria das personalidades sadias que predominam numericamente na malha social. Essas devem estar distribuídas em suas diversas esferas. Isso envolve o terreno familiar, social, digital, educacional, político, econômico e militar. Havendo uma preeminência demográfica de cidadãos psicologicamente amadurecidos nos diversos espaços da sociedade, surge a possibilidade de uma nação desenvolver uma “tendência democrática inata”, menciona Winnicott (1950/1999, p. 253). Apesar do autor utilizar o termo “inata”, optei por substituí-la pela palavra “latente”, no sentido de não aparente, de difícil detecção em nível consciente, que pode ou não se revelar. Decidi assim a fim de evitar possíveis confusões semânticas ao leitor menos familiarizado com a obra winnicottiana. Isso porque o termo inato ficou tradicionalmente atrelado ao essencialismo filosófico e às concepções inatistas-maturacionistas do desenvolvimento. Esse vocábulo, em Winnicott, não sugere nada disso. O seu uso da palavra “inata” significa uma manifestação natural e espontânea das capacidades e potencialidades da natureza humana que desabrocham no ambiente saudável.

Se a tendência democrática latente depende do *quantum* de cidadãos emocionalmente saudáveis presentes na comunidade, devemos, então, tentar compreender quais são os processos constituintes do desenvolvimento da saúde psicológica pessoal. Para tanto, devo introduzir o fundamento que possibilitou ao psicanalista realizar a associação entre o conceito de saúde psíquica e a noção de organização social. Tudo isso perpassa o mito etiológico central da teoria do amadurecimento: a criatura humana é naturalmente dotada de capacidades e potencialidades para amadurecer, possuindo uma “tendência inata à integração” como uma “unidade” (WINNICOTT, 1949/2000). A noção de integração seria o arcabouço da construção de toda a possibilidade de experiência subjetiva, emocional, corporal, social, histórica e cultural. No capítulo “*Sum: eu sou*”, o autor justifica:

O estado de unidade é a conquista básica para a saúde no desenvolvimento emocional de todo o ser humano. Com base nesse estado, a personalidade unitária pode se permitir a identificação com unidades mais amplas – digamos a família, o lar ou a casa. Agora a personalidade unitária é parte de um conceito de totalidade mais amplo. E logo vai se tornar parte de uma vida social cada vez mais ampla, incluindo as questões políticas; e (no caso de algumas pessoas) de algo que pode ser chamado de cidadania no mundo. (WINNICOTT, 1968/1999, p. 47).

Na proposição de Winnicott, todo ser nasce em um estado de não-integração. Ou seja, os núcleos do ego¹¹ estão dispersos e não-personalizados no si mesmo. Por meio dos cuidados especiais denominados “*holding*”¹², que é fornecido por um cuidador sensível, esses fragmentos desordenados de si mesmo podem se reunir e se organizar como partes da própria personalidade individual. Logo, se a sociedade democrática prega o respeito “[...] pelo próximo nas relações interpessoais, para tanto, primeiramente um cidadão precisa ter chegado ao *status* de indivíduo”, do latim *individuus*: “unidade indivisível” (DUCHOWNY, 2016, p. 9). A origem etimológica dessa palavra parece remontar aos processos de integração do eu unitário.

Enquanto o censo demográfico contabiliza o número de indivíduos da sociedade, tomando como prova material o corpo vivo de seus habitantes, na teoria do amadurecimento o fato de alguém existir fisicamente não é o único critério válido para que este seja considerado um cidadão. Pois, só a personalidade suficientemente bem integrada consegue perceber a si e ao outro como objetos reais e totais. Apenas ela é capaz de responder pelos seus atos e sentir-se pertencente ou até saber que está à margem da vida sociocultural. No capítulo “A localização da experiência cultural”, Winnicott (1967/1975) acredita que a construção da realidade compartilhada seria o “bônus mais importante propiciado pela saúde” psíquica (WINNICOTT, 1967/1999, p.21). A democracia depende da experiência cultural e esta se faz quando a comunidade possui membros psicossomaticamente integrados. A noção de unidade pessoal precede o processo grupal¹³. Em “A formação de Grupos”, Winnicott argumenta:

¹¹ Na definição de Winnicott (1962/1983, p. 55), podemos usar a palavra ego para descrever a parte da personalidade que “[...] tende, sob condições favoráveis, a se integrar como uma unidade”.

¹² O termo *holding* é utilizado aqui para significar não apenas o segurar físico e emocional de um lactente. Denota o acolhimento e a provisão ambiental total ofertada por um cuidador materno (WINNICOTT, 1960/1983, p. 44).

¹³ Em 2005, ao estagiar em um hospício criminal com pacientes que possuíam distúrbios mentais severos, o que pressupõe falhas ambientais nos processos de integração do *self*, observei que os internos ficavam quase totalmente alheios no convívio do pátio da instituição, havendo uma ausência da tendência à formação de grupos. Até mesmo quando jogavam futebol, raramente se via um jogo de equipe, organizado como um sistema coletivo. Pensando nisso, parece praticamente impossível que nos casos gravíssimos da psicose seja cabível uma noção de sociedade.

A base da formação grupal madura é a multiplicação de unidades individuais. Dez pessoas, cada uma das quais é pessoalmente bem integrada, superpõem suas dez integrações e passam a compartilhar, em certa medida, de uma única membrana limitante. Essa membrana é representativa da pele de cada um dos membros. A organização representada pela integração pessoal de cada um dos indivíduos tende a conservar, a partir do interior, a entidade grupal. Isso significa que o grupo beneficia-se da experiência pessoal dos indivíduos, cada um dos quais foi assistido em seu momento de integração e recebeu cobertura até o momento em que se tornou capaz de suprir sozinho essa necessidade. (WINNICOTT, 1950/2005, p. 218).

É a constituição do “*status* unidade” (organização individual) que possibilita a organização do “*status* de Estado” (organização coletiva). Por via da noção de integração, podemos então pensar na sociedade como um corpo coletivo forjado como unidade. Pessoas, famílias e comunidades foram incorporadas numa única antroposfera identitária. Desencadeamentos sociais, políticos, psíquicos e histórico-culturais consubstanciaram a criação de uma sóciocelula unitária que agrupa um senso de identidade. Ela conquistou pronome, semi-independência e uma membrana geopsíquica. Essa fronteira física e simbólica separa o seu mundo interior do exterior. O mosaico humano de habitantes foi integrado, personalizado e forjado como um corpo unitário individuado do resto do globo. Essa tentativa de corporificação visa materializá-lo no tempo-espço. Quer dignificá-lo como um suposto “elemento natural”. Fazê-lo como matéria digna de reconhecimento no plano cartográfico como se simbolizasse sua existência no cosmo. Esse conglomerado humano auferiu uma integridade e, com isso, vieram suas responsabilidades. Então, ele passa a responder por um eu coletivo perante os outros povos ao redor. Formulados assim, os fenômenos da organização coletiva parecem replicar, inconscientemente, os movimentos integrativos do “eu” unitário. Em “Comentário Sobre Neurose Obsessiva” e “Frankie”, Winnicott acredita que a tentativa universal dos seres humanos é a de “[...] prover a experiência de algum tipo de estruturação da personalidade ou da sociedade em defesa contra a experiência do caos” (1965/1994, p. 124).

Vale mencionar que a maioria das nações atuais classificadas como “democracias plenas ou totais” atravessaram processos sócio-históricos seculares de integração coletiva até atingir um nível de maturidade ética-democrática. Um exemplo disso é a Noruega. Por séculos a fio o seu povo foi governado por monarquias belicistas, escravagistas, sanguinárias e ditatoriais. Levou-se séculos até ela alcançar o primeiro lugar no *ranking* como o sistema democrático mais eficiente do mundo, em 2020 (THE ECONOMIST, 2021). Winnicott (1969/1999) não nega que os fatores geopolíticos e muitos outros possam beneficiar a evolução de uma nação. Apesar de ele valorizar as aquisições maturacionais do indivíduo e da coletividade, sobreavisa que todos esses ganhos podem ser desfeitos. No capítulo “Fatores de integração e desintegração na vida familiar”, o psicanalista alerta para o fato de que se as personalidades integradas e saudáveis

não zelarem pelas vidas não-integradas que estão crescendo no seio social, esse efeito latente da tendência democrática corre o risco de se degenerar com o tempo:

A ideia de democracia, bem como o modo de vida democrático, origina-se da saúde e do crescimento natural do indivíduo, e só podem ser conservados pela integração das personalidades individuais, em tantos quantos sejam os indivíduos sadios ou relativamente sadios viventes na comunidade. Os indivíduos sadios devem existir em número suficiente para suprir as necessidades das personalidades não-integradas que não podem dar contribuição. Caso contrário, a sociedade democrática degenera-se e assume outra forma de organização. (WINNICOTT, 1958/2005, p. 142).

O conceito de integração é só o primeiro passo para podermos discutir as questões da sociedade em termos de saúde psicológica. Além dele, há muitos outros. Como, por exemplo, a ideia de que a tendência democrática latente começa nos lares. No capítulo “Necessidades das Crianças de Menos de Cinco Anos”, Winnicott (1954/2008) afirma que “a saúde do país” depende da saúde emocional dos pais. O psicanalista espera que esses sejam pessoas minimamente maduras. Pois, a ideia de família pressupõe um modelo de construção social “[ideia] pela qual os indivíduos saudáveis são responsáveis” (WINNICOTT, 1967/1999, p. 22). Se assim for, eles procurarão fornecer cuidados adequados à criança. No livro *A Criança e seu Mundo*, o autor vê o núcleo familiar saudável como “um ambiente facilitador” (WINNICOTT, 1967/2008). O “ambiente facilitador” está relacionado aos cuidados suficientemente bons que favorecem o desenvolvimento maturacional do ser. Quando esses processos possibilitam o crescimento emocional dos habitantes até à chegada da fase adulta, a sociedade pode prosperar em seu potencial ético e, por conseguinte, tenderá a se tornar latentemente democrática: “[...] quando proporcionamos às crianças um certo tipo de ambiente saudável, temos em vista determinado objetivo – a saber, o de tornar possível o crescimento de cada criança até o estado adulto, o qual, no coletivo, chama-se democracia.” (WINNICOTT, 1960/2005, p. 144).

A democracia começa no respeito à vida primitiva. No capítulo “W.R.D. Fairbairn”, Winnicott compreende a relação mãe-criança como “o primeiro relacionamento social” (1953/1994, p. 318). Os cuidados maternos viabilizam as bases da saúde física e emocional do animal humano¹⁴. A adaptação da “mãe suficientemente boa”¹⁵ ao lactente é o protótipo do ambiente facilitador. Tal função pode ou não ser realizada pela mãe biológica e nada disso desvalida a importância da figura paterna, que também não precisa ser obrigatoriamente a do pai. Se essas relações iniciais fracassarem, em termos de provimento de cuidados, os potenciais

¹⁴ Isso se não houver disfunções físicas e neurológicas que naturalmente inviabilizam o desenvolvimento da saúde.

¹⁵ Esse termo é utilizado na descrição da dependência que pertence à primeiríssima infância. A implicação é que a saúde mental tem de se fundar através dela, em “Ideias e Definições” (WINNICOTT, 1950/1994, p. 37).

do indivíduo rumo ao amadurecimento pouco desabrocharão. Se isso ocorrer em macro escala, a geração do fator democrático latente também acaba sendo desvitalizada:

Há um significado todo especial na devoção da boa mãe comum a seu filho, fundamentando-se nessa devoção a capacidade para uma conseqüente maturidade emocional. Uma interferência maciça nesse aspecto, numa sociedade, poderia rápida e efetivamente diminuir o potencial democrático dessa sociedade, do mesmo modo que diminuiria a riqueza de sua cultura. (WINNICOTT, 1950/1999, p. 271).

O autor admite que tal enunciado é “realmente modesto”. Há uma complexidade absurda em sua aplicação prática. Em “Doença ou Saúde?” (1968/1975), Winnicott percebe que mesmo os indivíduos que nasceram em famílias sadias podem ser afetados por problemas sociopolíticos. Esses agravos prejudicam a evolução da saúde da “unidade social”. Ademais, há os lares disfuncionais. Casas onde as crianças estão expostas à violência doméstica; negligência; drogadição; abandono parental; alienação política e religiosa; cuidadores excessivamente permissivos ou autoritários, entre outras situações ruins. Se o seio familiar é o ambiente onde as crianças podem “crescer como indivíduos”, se “identificar com os pais” e, depois, com “agrupamentos maiores”, como anuncia o autor (1968/1975), qual será a referência de democracia dessas crianças?¹⁶ A esperança é que haja saúde para fora dessa esfera.

Apesar do psicanalista enxergar a família como um “território sagrado”, sendo ela concebida como a célula *mater* da saúde psicossocial, ela precisa do apoio do Estado e das outras unidades mais amplas. Essas podem ser os “[...] agrupamentos políticos, religiosos e sociais da sociedade, e talvez o próprio nacionalismo” (no sentido não fanático do termo), argumenta Winnicott (1958/2005, p. 144), no capítulo “Família e maturidade emocional”. O psicanalista cobra dos governos a necessidade de se efetivar um trabalho de prevenção em saúde pública. Nessa vertente, a tarefa estatal seria a de dar “[...] tudo o que a ciência tem a oferecer” (1950/1999, p. 257) em benefício do desenvolvimento da saúde humana. No capítulo “A contribuição da psicanálise à obstetrícia”, Winnicott (1949/2013) aclara que, além dos pais, um sistema social precisa de técnicos para acolher as massas. As famílias querem instruções sobre puericultura e precisam encontrar algum amparo quando seus filhos apresentam doenças físicas e psicológicas e problemas de comportamento. Fazendo um neologismo: os cidadãos precisam receber uma espécie de “*holding* estatal” para promover a criação do fator democrático latente

¹⁶ A família não deve ser encarada como uma instituição democrática. Os deveres dos pais-cuidadores são completamente diferentes das responsabilidades dos filhos. Contudo, não é porque existe essa relação vertical que as figuras parentais devem ser insensíveis e desprovidas de empatia e respeito com o lugar dos menores de idade.

da sociedade. Os bons pais desejam cuidar, mas sem ter ameaçado o seu “direito de criar”. Se isso ocorrer, a tendência democrática da sociedade não acontecerá de maneira latente.

Vale dizer que Winnicott descrê na eficiência da máquina democrática quando ela acaba sendo “imposta” à comunidade (1950/1999, p. 253). Se as personalidades maduras forem numericamente insuficientes, pode haver o risco de uma propensão à ditadura ou até uma dissociação entre o código constitucional democrático e as práticas de cidadania da população. Aqui, me pergunto: não seria essa a realidade da democracia brasileira no momento?

Para concluir os preâmbulos desse trabalho, seria possível dizer que o psicanalista acredita que os processos de evolução da sociedade dependem da “[...] ebulição perpétua na superfície do caldeirão do crescimento individual” (WINNICOTT, 1968/1999, p. 145). Nas “várias seções de uma enciclopédia da sociedade humana”, como ele diz, a tendência democrática latente envolve “uma série de fatores”:

- a) o desenvolvimento emocional do indivíduo;
- b) o papel da mãe e dos pais;
- c) a família como uma evolução natural em termos das necessidades infantis;
- d) o papel da escola e de outros grupos vistos como extensões da ideia da família e como alívio dos padrões familiares estabelecidos;
- e) o papel especial da família em sua relação com as necessidades dos adolescentes;
- f) a imaturidade do adolescente;
- g) a aquisição gradual da maturidade pelo adolescente;
- h) a aquisição individual da identificação com agrupamentos sociais e com a sociedade, sem muita perda da espontaneidade individual;
- i) a estrutura da sociedade (sendo essa palavra usada como um substantivo coletivo, e a sociedade sendo composta de unidades individuais, maduras ou não);
- j) a abstração relativa à política, à economia, à filosofia e à cultura, vista como o auge dos processos de crescimento naturais;
- k) o mundo como uma superposição de milhões de padrões individuais, um sobre o outro. (WINNICOTT, 1968/1975, p. 190).

1.1 A democracia em Winnicott

Winnicott define a democracia como “uma sociedade bem ajustada a seus membros saudáveis” (1950/2005, p. 228). Assim ele profere no capítulo “A psicologia do uso do termo”, referindo-se à saúde psíquica dos cidadãos. Embora pareça uma sentença simples, é uma afirmação extremamente complexa e profunda. Exora melhores explicações. Em linhas gerais, significa dizer que não há amadurecimento social sem os processos de crescimento individual. O oposto é igualmente verdadeiro. O pleno desenvolvimento pessoal não é possível fora das raias da comunidade. Esse é o espírito dessa teoria psicanalítica sobre a democracia:

O valor dessa abordagem é que ela nos permite estudar e discutir ao mesmo tempo os fatores pessoais e ambientais. Nesta linguagem, normalidade significa tanto saúde do indivíduo como da sociedade, e a maturidade completa do indivíduo não é possível no ambiente social imaturo ou doente. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 80).

No capítulo “A imaturidade do adolescente”, Winnicott concebe a estrutura da sociedade como um “substantivo coletivo” (1968/1999), resultado do composto de suas unidades plurais. Uma constelação sociossistêmica formada pelo somatório de seus membros individuais. Se a sociedade depende da saúde de seus membros para ser saudável, a democracia resultaria de uma superposição de personalidades psicologicamente saudáveis integrando a malha social. Segundo o psicanalista em “O conceito de indivíduo saudável” (1967/1999), a estrutura da sociedade reflete a natureza dos indivíduos. Ela espelha um momento da história pessoal, local e mundial (na era globalizada). Logo, a expressão “melhor” ou “pior” de cada sociedade, em termos humanos, reflete o potencial de evolução emocional atingido por seus membros num dado momento. Isso deve ponderar os efeitos das marcas históricas e as interferências internacionais. De qualquer modo, a manifestação dos aspectos mais construtivos do animal humano só são passíveis de extração no “ambiente facilitador”. Para o autor, no texto “Individuação”, essas duas palavras representam a “profilaxia” (1970/1994, p. 220).

No artigo “As bases da saúde mental”, publicado no livro *Privação e Delinquência* (1951/1987), Winnicott considera a promoção da saúde física e mental comunitária como o princípio norteador mais importante do trabalho da Organização Mundial de Saúde (OMS) a longo prazo. A democracia começa justamente a partir da ética do cuidar. Do bebê ao cidadão adulto e deste ser crescido com saúde para o cuidar do seu meio ambiente humano e natural.

1.1.1 Definindo o termo democracia

Em tom retórico, Winnicott pergunta: “como se pode estudar o desenvolvimento emocional da sociedade?” (1950/1999, p. 251). E responde, propondo duas vias complementares:

- a) através da teoria do amadurecimento emocional pessoal;
- b) por meio dos diferentes campos de estudos da sociedade e da cultura, as quais são continuamente realimentadas pela psicodinâmica dos indivíduos e suas tendências naturais herdadas.

Antes das contribuições psicanalíticas aventadas pelo autor, o presente tema podia ser compreendido e dialetizado a partir de cinco correntes clássicas de entendimento:

1. a etimologia da palavra (raízes gregas);
2. a conceituação filosófica do termo;
3. a história das instituições sociais, políticas e jurídicas;
4. o significado legal e cultural da palavra em cada territorialidade;
5. o uso abusivo e enganador do termo aplicado por ditadores e falsos democratas.

Excluindo a psicanálise winnicottiana, o termo “democracia” significa:

1. um sistema social no qual quem manda é o povo;
2. um sistema social em que o povo escolhe o líder;
3. um sistema social em que o povo escolhe o governo;
4. um sistema social no qual o governo dá liberdade ao povo em relação a ter liberdade, pensar e expressar opiniões e empreender;
5. um sistema social que, existindo num período de sorte, pode permitir que os indivíduos gozem de liberdade de ação;
6. um sistema social concessor de oposições;
7. um sistema contrário à autocracia absolutista.

A conceituação de democracia não possui um significado cristalizado e universal¹⁷. Ela recebe contribuições das ciências sociais, políticas, filosóficas, históricas, jurídicas e semasiológicas. Tendo considerado as definições tradicionais, já cientificamente validadas, daqui por diante todas as conceituações sobre a “democracia” restringir-se-ão aos limites da teoria do amadurecimento pessoal e nada além. Decidindo submeter a palavra “democracia” a um método psicanalítico, Winnicott encontrou uma “definição operacionalizada do termo”¹⁸:

Parece possível encontrar um conteúdo latente importante no termo ‘democracia’, qual seja, de que uma sociedade democrática é ‘madura’, quer dizer, que apresenta uma qualidade que é aliada à maturidade individual que caracteriza seus membros saudáveis. (WINNICOTT, 1950/1999, p. 250).

Em todos os usos desse vocábulo, o psicanalista insinua haver um aspecto psicológico escoltando latentemente a práxis desse sistema sociopolítico. Esse elemento seria a “saúde psíquica” ou “maturidade ou maturidade emocional relativa”¹⁹ dos indivíduos. Em resumo, o autor chega à conclusão de que a sociedade não pode ir além de um denominador comum: a saúde psicológica de seus membros integrantes (WINNICOTT, 1967/1999). Ele classifica a

¹⁷ Embora ambas utilizem o mesmo termo, a democracia da Grécia Antiga, por exemplo, é distinta da democracia brasileira de 2021. Na cultura ateniense, os escravos, as mulheres, os estrangeiros e os menores de dezoito anos eram excluídos do direito de participar das questões políticas da sociedade. A democracia atual assenta-se em premissas, valores, diretrizes e questões que seriam inimagináveis para os gregos do século V a.C (VILANI, 1997).

¹⁸ Segundo o físico Percy Bridgman (1927/1958, p.3), a definição operacional é um procedimento o qual possibilita atribuir significado a um conceito dentro de uma respectiva circunstância. Nas palavras desse autor estadunidense, não é possível significar um conceito a menos que tenhamos “um método de medição para ele”.

¹⁹ Winnicott (1950/1999, p.251), admite ser “difícil definir” esses termos adequadamente. Por essa razão, optei por conceituar em um capítulo dedicado os termos: saúde ou maturidade e doença ou imaturidade psicológica.

“democracia de verdade” como uma “aquisição” pessoal e social. Um feito histórico e político promovido pelo desenvolvimento maturacional de uma justaposição de personalidades sadias da sociedade. Os cidadãos éticos autossustentam (de maneira latente), a criação, a recriação e a manutenção funcional da máquina democrática e da tendência democrática latente.

1.2 A constituição da “tendência democrática latente”

Na suposição básica de Winnicott (1950/2005) sobre a “formação dos grupos”, a tendência democrática latente pode originar-se morfológicamente do potencial de desenvolvimento de qualquer um dos seguintes componentes: a superposição de indivíduos psicologicamente saudáveis e a “cobertura” psicossocial das personalidades amadurecidas em relação às vidas doentes e imaturas da sociedade.

Na primeira hipótese, o psicanalista enuncia que a democracia latente se auto-organiza a partir da “multiplicação de unidades individuais” psicologicamente sadias²⁰. Essas deveriam prosperar tanto na célula social quanto ramificar-se pelos cargos de poder. Contudo, nem todos os membros da sociedade podem participar operacionalmente da promoção dessa tendência democrática indireta. Avaliando o potencial de contribuição pessoal dos habitantes, Winnicott começa subdividindo uma população de acordo com sua etapa de crescimento biológico: infância, adolescência e fase adulta. Em seu apontamento, a palavra “democracia” caberia somente para o conjunto de pessoas “adultas”, as quais avançaram em sua maturidade psíquica. Esse seria o grupo “mais maduro de todos” do corpo coletivo. Numa breve introdução, os cidadãos emocionalmente saudáveis são os indivíduos capazes de empreender atos éticos e empáticos com as vidas. Eles são mais propensos a carregar um sentimento de responsabilidade para com o meio. Tentam integrar o seu bem-estar com o dos outros e do seu meio ambiente:

Na maturidade, o ambiente é algo para o qual o indivíduo contribui e pelo qual o homem ou mulher individuais se sentem responsáveis. Nas comunidades em que há uma proporção suficientemente elevada de indivíduos maduros, existe um estado de coisas que proporciona a base para o que chamamos democracia. (WINNICOTT, 2000, p. 173).

Na segunda hipótese, estariam aqueles que necessitam da “cobertura ambiental” dada pelas personalidades emocionalmente sadias. Esses são os membros psicologicamente imaturos

²⁰ Além da comunidade se beneficiar do crescimento numérico das personalidades psicologicamente maduras, junto a isso, ela prosperará mais ainda quando tais pessoas possuem ou acabam adquirindo condições de ascender no âmbito social, econômico, educacional e político. Elas podem utilizar de suas posições de maneira prossocial.

ou parcialmente amadurecidos da sociedade. Por serem inábeis ou parcamente capazes de subsidiar à tendência democrática latente, dependerão do protagonismo daqueles que amadureceram. Dentre eles, situam-se os adolescentes²¹. Durante a adolescência, a imaturidade é um elemento essencial da saúde. Nela, há uma mescla de independência rebelde e de dependência se alternando ou coexistindo em simultaneidade. Se submetidos à supervisão dos adultos sadios, eles poderão evoluir como cidadãos com “vida e vivacidade” pessoal. Na puberdade, se a família não estiver mais à disposição (mesmo que seja por opção do jovem), então é necessário respaldar as pequenas unidades sociais para que haja algum balizamento do seu processo de crescimento. Na recomendação do autor, não convém esperar que a tendência democrática brote espontaneamente dos púberes, mesmo quando já são maduros para a sua faixa etária. Winnicott confessa estar sempre lembrando a si mesmo que “[...] é a sociedade que carrega, perpetuamente, esse estado (imaturado) da adolescência” (1968/1999, p. 163). Não se pode apressar nem retardar a evolução natural do seu processo maturacional, pois isso levaria à “falsa maturidade”. Desde que já tenha adquirido senso de responsabilidades por si e pelos demais, depois, na maioridade, é preciso deixar que o “[...] jovem altere a sociedade e ensine o adulto a ver o mundo de modo totalmente novo” (p. 163). Esse ciclo dinamiza o termo democracia no tempo.

Juntamente com os adolescentes, existe a imaturidade inerente à infância saudável. Naturalmente, as crianças sadias são incapazes de contribuir para com a democracia. Seu processo de crescimento psicológico está alicerçado no provimento de cuidados ofertados pelo seu meio. No texto “O ambiente”, o psicanalista entende que a base para a saúde emocional estarta na maternagem suficientemente boa. A primeira “noção de grupo” tem como referência suas vivências no núcleo familiar. Além da dedicação parental, o trabalho das babás²² (se houver), dos cuidadores nas creches²³, dos parentes responsáveis e dos professores nas escolas²⁴

²¹ Winnicott (1968/1999) declara que mesmo os adolescentes saudáveis são “imaturados”. Alega que só existe uma “cura” para essa imaturidade: a passagem do tempo e o crescimento para a maturidade sustentada por um ambiente facilitador promovido por um meio social sadio. Seu processo de crescimento não pode ser retardado, interrompido ou destruído, pois, caso contrário, tudo isso pode degenerar em doença, como a “falsa maturidade” baseada na identificação com o adulto. O adolescente se torna um perigo para a democracia, pois esse indivíduo (imaturado ou parcialmente maduro) já adquiriu uma força física real, o que dá novo significado à violência. Junto a isso vem a esperteza, as mentiras, as omissões, as pequenas e grandes infrações e o desejo de adequação social. Tudo isso pode culminar em morte ou suicídio. Contudo, por serem menores de idade, “não pode assumir responsabilidade pela crueldade, pelo sofrimento, pelos homicídios e assassinatos que o panorama mundial oferece” (p. 158). Sendo assim, “os adultos são necessários” no trabalho de confrontá-los e contê-los de modo construtivo.

²² Winnicott (1960/1993), resgata a importância de algumas pessoas “bastante especiais” nos cuidados de uma criança; mencionando as babás, que encontram uma forma de trabalhar e colaborar com os pais-cuidadores.

²³ Para Winnicott (2008), as creches têm um enorme valor para a sociedade com dificuldades. Ele espera que elas sejam bem equipadas e dotadas de pessoas preparadas para não causar danos às crianças e suas famílias.

²⁴ Na perspectiva psicanalítica de Winnicott (2008), a escola maternal (humanizada) pode ser tão boa quanto as famílias sadias. Os professores-cuidadores, devidamente qualificados, estão prontos para oferecer restrições e

podem favorecer o processo de socialização infantil²⁵. As crianças carecem de estabilidade ambiental. Especialmente antes da primeira infância e durante o período de latência (entre os seis e os 10 anos aproximadamente), quando estão se enriquecendo por meio da “educação, da cultura e do brincar em todo tipo de experiência pessoal” (WINNICOTT, 2000, p. 173). Mas, para que os adultos responsáveis consigam prover os cuidados estáveis a elas, eles próprios também necessitam receber algum tipo de acobertamento regular. Nessa relação de interdependência, a provisão estatal ocupa um lugar fundamental na criação da tendência democrática latente.

A unidade familiar sadia precisa de ajuda proveniente de unidades mais amplas. Os pais estão permanentemente empenhados em suas próprias relações pessoais recíprocas, dependendo da sociedade para a sua própria felicidade e integração social. (WINNICOTT, 2008, p. 211).

1.2.1 A cobertura do Estado aos indivíduos

Winnicott²⁶ afirma que a sociedade deve apoiar a saúde da família. É preciso um governo para garantir os direitos básicos à dignidade da vida humana. Pois, apesar dos adultos psicologicamente amadurecidos serem indivíduos autônomos, isso não deve ser confundido com autossuficiência²⁷. Como qualquer civil na vida moderna, eles estão subordinados ao *establishment* de um Estado. Carecem de oportunidades de emprego, salário, moradia, alimentação, segurança e condições sanitárias decentes. Enquanto cidadãos comuns, se as personalidades maduras tiverem problemas em subsistir, pouco elas poderão toldar de cuidados adequados as vidas imaturas da comunidade local. Logo, o florescimento da tendência democrática latente está à mercê dos colapsos e instabilidades de origem macroambiental. Inclui os problemas sociais, políticos, culturais e econômicos de um país.

controles sobre aqueles impulsos e instintos (comuns a todas as crianças) que são inaceitáveis em suas próprias comunidades, fornecendo simultaneamente os instrumentos e as oportunidades para o seu pleno desenvolvimento (criador e intelectual), assim como os meios de expressão para a sua fantasia e vida dramática. A sociedade, diz o autor, só terá um futuro promissor “se o presente for tomado a sério; e é da família sadia que o futuro dimana” (p. 213).

²⁵ Na percepção de Winnicott (1950/1987), cada criança tem que estar subordinada às limitações do que a sociedade pode prover-lhe imediatamente. Os adultos psicologicamente saudáveis serão aqueles que poderão ajudá-la no trabalho de amadurecer emocionalmente, sublimando suas tendências como um “potencial ditador” (p. 205).

²⁶ Na concepção de Winnicott (1950/1987), a saúde doméstica favorece o crescimento de indivíduos prossociais, o que é “benéfico para a sociedade”. Mas, para tanto, as famílias devem primeiramente ter “meios indispensáveis” de prover a evolução física e emocional dos seus filhos, o que exige auxílio governamental (p. 116).

²⁷ Na concepção de Winnicott (1999/1971) não existe essa coisa chamada “independência”. Seria nocivo para a saúde o fato de um indivíduo ficar isolado a ponto de se sentir independente e invulnerável.

Quando os pais são prejudicados por essas desestabilizações exteriores, suas crianças também são afetadas. Por esse e outros fatores, na previsão do psicanalista, nem todos os menores podem ser “curados pela terapia de cobertura” ambiental (1950/2005, p. 126). Diferentemente das crianças imaturas que progrediram saudavelmente a partir de suas próprias forças integrativas nos bons lares, outras contarão somente com a “profissionalização”²⁸ das funções parentais (WINNICOTT, 1950/1987, p. 158). Nessas circunstâncias, o apoio institucional surge como a última saída para retomarem o seu processo maturacional pessoal.

1.2.1.1 A cobertura institucional das crianças emocionalmente adoecidas

No livro *Da Pediatria à Psicanálise* (1952/1988), ao tratar do assunto “Psicoses e Cuidados Maternos”, Winnicott vê com profundidade o desafio de criar os filhos. O cuidar não deve servir apenas para “produzir crianças saudáveis”, mas também para “permitir o desenvolvimento posterior de um adulto saudável” (p. 306). Porém, quando os pais não possuem condição físicas e/ou psicológicas para cuidar devidamente dos seus filhos, o amparo de um abrigo pode “proporcionar uma cobertura semelhante à da família”²⁹. O local pode ser proveitoso para o desenvolvimento das crianças órfãs, carentes³⁰, rejeitadas e adoecidas. Geralmente, elas perderam ou jamais tiveram uma provisão de cuidados consistente na ambiência doméstica. Desde que funcione, toda comunidade é (potencialmente) terapêutica, esclarece Winnicott em “A delinquência como sinal de esperança” (1967/1999).

Contudo, esse serviço tem mais a subvencionar no caso de crianças que já possuem alguma “quantidade mínima” de integração pessoal. Ou seja, as não doentes. Fora isso, para que um conjunto saudável seja formado, deve haver uma proporção maior de crianças sadias³¹ ou parcialmente saudáveis na célula social. Pois, a predominância de abrigados psicologicamente enfermos demandará mais atenção dos funcionários adultos³². Enquanto os

²⁸ Winnicott, no texto “A Sociedade e o Seu Sentido de Responsabilidade” (2008) demonstra grande apreço pelos sanitaristas e profissionais que trabalham no assistencialismo social. Porém, ele considera que “muitas desgraças” são causadas pela interferência de especialistas que são pessoas psicologicamente imaturas (p. 210).

²⁹ Nas palavras de Winnicott, o abrigo pode proporcionar uma cobertura segura, muito semelhante à vestimenta de uma criança “nua e aos braços maternos segurando um bebê recém-nascido” (1950/2005, p. 129).

³⁰ Uma criança “carente” de cuidado e afeto “é uma criança doente”, avalia Winnicott (1950/1987, p. 117).

³¹ As crianças saudáveis são aquelas que, quando confrontadas com situações de perigo ou anormalidades ambientais, conseguem ter recursos internos para empregar determinados mecanismos defensivos sem ficar cristalizadas neles por força de distorções do desenvolvimento emocional (WINNICOTT, 1950/2005, p. 130).

³² Os funcionários dos abrigos estão constantemente recebendo a responsabilidade de cuidar dos inúmeros colapsos ambientais prematuros da vida infantil. Para que suportem essa tensão e possam até reparar os males passados com essas crianças por via da tolerância, Winnicott entende ser necessário uma motivação genuína no ato de cuidar e um preparo para que saibam o que estão fazendo, pois o êxito não é um fato dado como certo (1950/2005, p. 129).

cuidadores estão mais voltados a socorrer os integrantes adoecidos, os sadios ficam desinvestidos de cuidados. Seu potencial de desenvolvimento emocional acaba sendo mal aproveitado em tal ambiente.

O psicanalista elucida que as crianças não têm “nada a ganhar” ao serem inseridas em um agrupamento “caótico”. Em seu parecer, caso nenhuma intervenção melhor seja feita, cedo ou tarde aparecerá o poder de “um ditador entre as crianças” (WINNICOTT, 1967/1999, p. 87). Tal alegação merece um sublinhamento. Mesmo ao analisar a microssociedade de um abrigo infantil, o psicanalista correlaciona o predomínio da imaturidade psíquica com a geração espontânea de uma “tendência ditatorial latente”, tomando aqui a liberdade de fazer um uso negativo do termo.

O autor classifica a complexidade dos problemas infantis em uma infinidade de sintomas³³. Resumidamente, ele menciona as crianças doentes; patologicamente retraídas; depressivas; rígidas; hipomaníacas, maníaco-depressivas; impossibilitadas de identificar-se com os pais-cuidadores³⁴; com tendência antissocial; com falso si-mesmo patológico; afetadas por doenças hereditárias; com sentimentos persecutórios e inclinação para serem tiranas ou tiranizadas (1950/2005). Independentemente do fato de esses menores adoecidos estarem se desenvolvendo em suas próprias casas ou em abrigos, caso não sejam devidamente acolhidos e ajudados em suas questões emocionais, crescerão e ingressarão na sociedade civil como adultos portadores de psicopatologias. Apesar de chegarem à maioridade penal e serem cobrados como pessoas imputáveis perante a lei, o enquadramento jurídico não os torna automaticamente catalizadores da tendência democrática latente aqui descrita.

1.2.2 Alguns espectros da imaturidade psicológica na malha social

Ainda que a Constituição englobe alguns indivíduos dentro da esfera da “incapacidade civil”³⁵, existem também outros cidadãos adultos que estão impossibilitados de estimular a

³³ As crianças que sofreram falhas ambientais podem encontrar dificuldades de adaptação social. Muitas perdem a espontaneidade na formação da identidade pessoal ou, senão, assumem para si o trabalho de cobertura, forçando a sociedade a cuidar delas, reivindicado uma nova oportunidade de se lançar à tarefa da integração pessoal. A tendência antissocial seria a forma mais apelativa dessa expressão (WINNICOTT, 1950/2005, p. 127).

³⁴ Winnicott (1950/2005) esclarece sobre outros fatores contribuidores para a imaturidade infantil, como a figura materna caótica, deprimida e patologicamente ansiosa. Além dela, aborda também os efeitos negativos da figura paterna ausente, austera, bem como os males dos lares com brigas parentais frequentes. Os ambientes domésticos sem privacidade, onde a criança crescida dorme com os pais também são prejudiciais.

³⁵ Segundo o Código Civil (2008), nos artigos 3º, 4º e 5º, são classificados como absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil os menores de 16 anos; os que, por enfermidade ou deficiência mental, não tiverem o necessário discernimento para a prática desses atos; os que, mesmo por causa transitória, não puderem exprimir sua vontade. Além deles, são taxados como relativamente incapazes os maiores de 16 anos e

tendência democrática latente. Cito os idosos em decrepitude; os acamados, os delinquentes à solta; os moradores de bairros reféns dos abusos de certas facções criminosas; os esfomeados e os desabrigados tomados pela angústia diária da sobrevivência, entre outros. Adido a isso, Winnicott amplia o leque psicanalítico das personalidades que seriam consideradas como imaturas ou doentes no âmago da malha social:

- 1) os imaturos – em idade (crianças e adolescentes sadias e doentes);
- 2) os psicopatas – na sociedade e na política, cujos atos infracionais esgarçam a qualidade do tecido social e os pilares democráticos;
- 3) os neuróticos – demasiadamente atormentados por motivações inconscientes, tendo grandes dificuldades em lidar com ideias e sentimentos ambivalentes (amor e ódio) em sua personalidade;
- 4) os psicóticos maníaco-depressivos – pessoas de humor instável, que oscila entre o suicídio, a depressão e alguma outra alternativa compulsiva para lidar com os sentimentos desagradáveis, como o consumismo irrefreado, a obsessão pelo trabalho, pelo próprio corpo, dentre outras ações egoísticas que os tornam alheios aos problemas;
- 5) os esquizóides – esses já têm estabelecido um trabalho para a vida inteira: estabelecer a si próprios como indivíduos reais e dotados de algum senso de identidade pessoal (não apenas social);
- 6) os esquizofrênicos – esses não podem se sentir reais (especialmente nos surtos) e no mínimo conseguem viver por procuração;
- 7) os paranóides – esse agrupamento inclui muitas pessoas que se colocam em posições de autoridade ou responsabilidade. Elas são dominadas por um sistema de pensamento inflexível, sendo essa uma alternativa aguda em função de sua confusão de ideias, da sensação de caos e da perda de qualquer previsibilidade ambiental. (1968/1999 p. 147).

Apesar de categorizar, o próprio Winnicott (1968/1999) critica o conceito de rótulo. Ele mesmo considera que as pessoas “não se encaixam direitinho em grupos de doenças”. As fronteiras entre os estados psíquicos não são tão bem definidas. Essa tese é reiterada no capítulo “Psiconeurose na Infância” (WINNICOTT, 1961/1994). Mesmo assim, a listagem exibida não deixa de elucidar as possíveis amostras das imaturidades clínicas presentes na sociedade. Se, por ventura, alguns desses agrupamentos se justapuserem às personalidades sadias, provendo a cobertura social e política de um determinado local num dado período, em teoria, essa organização humana terá pouco potencial para ser latentemente democrática. Dependendo dos quadros clínicos predominantes na sociedade, o sistema sociopolítico poderá estruturar-se com condutas intransigentes, corruptas, ditatoriais, segregacionistas, falsamente democráticas³⁶. “Se

menores de 18 anos; os ébrios habituais, os viciados em tóxicos, e os que, por deficiência mental, tenham o discernimento reduzido; os excepcionais, sem desenvolvimento mental completo; os pródigos, entre outros.

³⁶ Similar à lógica winnicottiana, na visão do filósofo e historiador Leandro Karnal, a ética de um sistema sociopolítico é composta por cada indivíduo. Logo, os governos corruptos já estão inseridos em práticas sociais reforçadoras desse comportamento. Para ele, não há governo corrupto sem uma sociedade constituída por pessoas ímprobas para retroalimentá-la e compactuar com ela. No caso do Brasil, a diferença estaria em dois aspectos, diz Karnal: “[...] o primeiro é a corrupção ser uma estrutura orgânica e assimilada pelo sistema, sendo relativamente tolerada até há pouco; o segundo é que existe corrupção na base social e ela chega até o topo.” (OABSP, 2017).

a proporção de indivíduos maduros se encontra abaixo de um certo número, a democracia não poderá se tomar um fato político, na medida em que os assuntos da comunidade receberão a influência de seus membros menos maduros [...]. (WINNICOTT, 2000, p. 173).

1.2.3 Os grupos psicológicos e a tendência democrática

A sociedade “[...] nunca é composta de 100% de indivíduos maduros e saudáveis”, assinala Winnicott (1950/1999). Visto isso, a tendência democrática latente pode decorrer ou derrocar a partir da interação entre o percentual numérico dos indivíduos contidos em cada um dos diferentes agrupamentos clínicos presentes na sociedade. Esses podem estar inseridos dentro da esfera política, nos setores públicos, nas empresas privadas, nas ongs, na sociedade civil e em todos os cantos habitáveis da Terra. Em síntese, o psicanalista generaliza haver quatro grandes “conjuntos”³⁷ psicológicos tipicamente encontrados nas comunidades amplas:

1. os antissociais manifestos (X por cento);
2. os antissociais ocultos (Z por cento);
3. os indeterminados (Y por cento);
4. os adultos emocionalmente sadios ou maduros, $100\% - (X+Y+Z)$. (p. 255-269).

1.2.3.1 Os antissociais manifestos (grupo X – os membros delinquentes)

Para melhor compreender o cálculo hipotético sobre os grupos psicológicos capazes de impulsionar ou de inviabilizar a tendência democrática latente da sociedade, primeiro cabe discorrer sobre o poder de influência de cada um no meio social. Winnicott inicia esse tema pelo conjunto dos “delinquentes”³⁸. A maioria dos antissociais manifestos são membros “doentes”. Eles atacam perversamente a malha social até que alguma força exterior os detenha (WINNICOTT, 1946/1987, p. 79). Isso posto, o autor elucubra sobre quais seriam os possíveis

³⁷ Acredito que Winnicott tenha se baseado na “teoria ingênua dos conjuntos” da matemática para realizar tal estimativa. Ele definiu quatro agrupamentos (quadros psicológicos) e formou uma “relação de pertinência”, “não pertencimento” e sobreposição dentro de um “universo” de elementos (no caso, a coleção são os perfis psicológicos da sociedade). Em linguagem matemática, nos “números reais” há os “números naturais” (grupo composto por membros inteiros e “positivos”), os “números inteiros e negativos” (composto por elementos subtratores) e os “racionais” (composto por elementos “fracionados”) (KIRILOV, 2017, p. 9-14). Infiro que talvez seja possível traçar um paralelo entre esses termos matemáticos com os quadros psicológicos traçados por Winnicott. Se os números reais fossem a população de uma sociedade, os naturais seriam as “pessoas totais”, os cidadãos emocionalmente sadios e positivamente prossociais; os inteiros e negativados equivaleriam ao potencial subtrator das “personalidades antissociais” e os racionais seriam os membros “indeterminados”, os quais ainda não são pessoas inteiras.

³⁸ Winnicott chama de “delinquente” um rapaz ou uma moça “antissocial não tratado” (1959-1964/1983, p. 123).

impactos da ascensão do comportamento antissocial numa comunidade, o quanto o potencial democrático poderia ser afetado pela ausência de contenção dos indivíduos transgressores.

Adaptando a suposição de Winnicott sobre o crescimento dos casos antissociais na Grã-Bretanha³⁹ na Segunda Guerra para a realidade brasileira atual, formulo o seguinte cenário: imagine que a corrupção institucionalizada culmine numa desassistência maciça às famílias. Considere que ao longo dos anos esse desamparo eleve a proporção de crianças antissociais de “x” para “5x”. Pela lógica, as infrações infantojuvenis na comunidade sobressaltariam cinco vezes mais. Os abrigos e os assistentes sociais seriam demasiadamente exigidos. A “orientação educacional” das escolas clamaria por “métodos ditatoriais”. As delegacias receberiam um volume homérico de ocorrências. Algumas cadeias (“ditadura localizada”⁴⁰) correriam o risco de superlotar. Juristas teriam uma sobrecarga de trabalho. A polícia poderia ser compelida a agir com maior truculência. Os habitantes viveriam num clima de insegurança. As famílias mais expostas a essa realidade teriam medo de “perder os seus filhos para o crime”. O Estado seria forçado a quintuplicar seus investimentos em segurança pública a fim de tentar controlar os surtos de criminalidade⁴¹. Nesse moto-contínuo, os prejuízos à nação agravar-se-iam ano a ano:

Uma década depois, esse problema poderia ser enunciado da seguinte forma: enquanto uma sociedade podia dar conta de x por cento de criminosos, segregando-os em prisões, 5x por cento deles tenderiam a produzir uma reorientação geral em direção aos criminosos. (WINNICOTT, 1950/1999, p. 257).

Essa “reorientação geral” em direção aos criminosos pode ser interpretada como uma modificação do comportamento psicológico, social, cultural e político diante dos delinquentes. Muitos exigirão políticas de tolerância zero. Diante da ineficiência do Estado e da descrença nos métodos correcionais, a delinquência pode ser combatida com violência. No imaginário popular, um sistema intimidador, com poder para torturar, ameaçar e exterminar vidas coibirá a ação dos criminosos. A vingança e a retaliação surgem como substitutos da justiça. Enfim, normalizar uma guerra civil já indica o fracasso de uma sociedade enquanto democracia.

³⁹ Na suposição de Winnicott (1950/1999), os esquemas de evacuação da Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial elevaram o número de crianças delinquentes na sociedade britânica. Contudo, o assistencialismo dos programas governamentais ajudou a minimizar seus impactos, a exemplo do programa *Children Act*.

⁴⁰ Winnicott (1950/1999), chama os presídios de ditadura localizada (p. 257), vendo neles um risco: tanto a prisão como o hospital psiquiátrico de uma sociedade saudável estão perigosamente próximos da instituição correcional. É por essa razão que os médicos dos criminosos e dos insanos têm que estar constantemente em guarda se não quiserem, de repente, se ver usados, sem perceber, como agentes da tendência antidemocrática.

⁴¹ Nada mais emblemático para ilustrar esses surtos de delinquência infantojuvenil do que as ondas de “arrastões” (tática de roubo coletivo) em muitas cidades brasileiras onde os criminosos formaram sua própria célula social.

Talvez, a teoria de Winnicott mereça uma reformulação nesse quesito. O predomínio numérico dos antissociais manifestos pode não ser o único fator responsável pela sua dominação social. Além dele, há também outros fatores capazes de assegurar o comando dos delinquentes, tais como a utilização de armas letais, o tipo de armamento⁴², a selvageria dos crimes praticados⁴³ e o poder econômico para buscar formas de confrontar e tentar corromper os agentes públicos. Possivelmente, uma pequena, mas poderosa facção criminosa, com um gigantesco poder de influência sociopolítico pode ser mais forte do que a superioridade demográfica de antissociais isolados, autocráticos e que cometem crimes comuns.

Quando uma sociedade se vê desprotegida e refém do comando dos criminosos, seus habitantes acabam reagindo defensivamente. No capítulo “A máquina democrática” (1950/1999), Winnicott especula que, enquanto houver X pessoas agindo antissocialmente numa sociedade, haverá também uma quantidade Z de indivíduos reagindo à insegurança interna por meio de uma tendência alternativa: a falsa “identificação com a autoridade”. Esse modelo identificatório é tipicamente encontrado nos quadros dos “antissociais ocultos”. Portanto, a defesa da sociedade é outro problema, especialmente quando personalidades imaturas o fazem.

1.2.3.2 Os antissociais ocultos (grupo “Z” – membros pró-sociedade, mas anti-indivíduo)

Tal qual os delinquentes manifestos, os antissociais ocultos não são “pessoas totais”, acentua o psicanalista (1950/1999). Ele os denomina “antissociais invertidos” porque são membros “prossociais, mas anti-indivíduo”. No lado anverso de sua personalidade, muitos deles podem se apresentar como defensores da ordem e do progresso nacional, bem como da “moral e dos bons costumes”. A afeição pelo autoritarismo surge como uma fonte de poder e autoproteção. Uma forma de se escolar e dominar os seus opositores (objetos ameaçadores) que lhes despertam sensações de insegurança social e/ou pessoal. Em razão disso, podem querer a implantação de regimes ditatoriais, fazer apologia indiscriminada do uso de armas de fogo,

⁴² Segundo Gabriel Feltran, diretor científico do Centro de Estudos da Metrópole (USP), além das organizações criminosas intimidarem a população civil, existe também uma “assimetria de poder de fogo” e uma “desproporção de uso de força” que inibe até mesmo a ação da polícia civil e militar. Tais organizações antissociais estão equipadas com fuzis, granadas, coletes à prova de balas e antiaéreos. Numa cidade pequena, “que não tem a mínima condição de enfrentar um ataque armado [...] você não consegue segurar”, afirma o especialista (BBC, 2020).

⁴³ Para Jânia Perla Aquino, pesquisadora do Laboratório de Estudos da Violência, da Universidade Federal do Ceará, existe atualmente um “Novo Cangaço”. As ações terroristas dessas personalidades antissociais são realizadas com a finalidade de “chocar a população e causar um impacto psicológico, visual e sonoro” como forma de dominação social e política: “Os bandidos (não convencionais) empurram pessoas, colocam fogo em instalações da polícia, fecham vias para evitar fugas. Deixam problemas de ordem estrutural nas cidades”, afirmou (BBC, 2020).

venerar as instituições detentoras do poder sobre a vida e a morte (corpo policial, forças militares e paramilitares), passando por simples cidadãos patrióticos. No entanto, todas essas identificações com o lado da Lei são inautênticas, “doentias” e “imaturas”, conclui Winnicott. Elas não advieram da “autodescoberta” ao longo do processo maturacional saudável, mas derivaram de uma reação diante da sensação de ameaças externas⁴⁴.

[...] o medo simplifica a situação emocional, porque muitos dos Y indeterminados e dos X antissociais tornam-se capazes de se identificar com o Estado, na base de uma reação coesa, pela ameaça de perseguição externa. Tal simplificação, no entanto, é feita à custa do desenvolvimento em direção à maturidade [...]. (WINNICOTT, 1970/1999, p. 267).

Os antissociais invertidos costumam idolatrar líderes hiper nacionalistas. Admirar mais o cesarismo desses justiceiros do que a ética dos mantenedores da Justiça. Normalmente, os governantes radicalistas também são antissociais ocultos. Quando chegam ao poder, a sociedade fica mais próxima da implantação de uma ditadura, de sofrer um golpe político ou operar como um pseudodemocracia. Como os antissociais ocultos precisam “encontrar e controlar a força conflitante no mundo externo, fora do self” (WINNICOTT, 1950/1999), é comum a tentativa de varrer da malha social todos aqueles que compreendem como ameaças. Ademais, essa projeção excessiva da perversidade como um atributo alheio pode servir também para encobrir as suas próprias atividades inescrupulosas (sem valor social). O “jeitinho brasileiro” (no sentido negativo do termo), a “lei de Gérson”⁴⁵, os crimes de oportunidade, do “colarinho branco”, as milícias e os escandalosos esquemas de corrupção político são possíveis indicativos da comparência de práticas antissociais no cerne de nossa história, cultura e sociedade. Na palestra “Psicoterapia dos distúrbios de caráter”, o psicanalista percebe que muitos dos antissociais ocultos podem estar adaptados às tendências da malha social à qual pertencem:

⁴⁴ Analogamente, os paranoicos esperam que as forças do Estado façam algo similar feito pela mãe suficientemente boa na época da pré-integração: “a neutralização dos seus perseguidores” internos sentidos como exteriores.

⁴⁵ A expressão “Lei de Gérson” está associada à cultura de “levar vantagem em tudo” (JORNAL DA PUC, 2017).

Os distúrbios de caráter podem ser divididos de acordo com: Êxito ou fracasso por parte do indivíduo na tentativa da personalidade total ocultar a doença. Êxito aqui significa que a personalidade, embora empobrecida, se tornou capaz de socializar a distorção de caráter e descobrir ganhos secundários ou se acomodar ao padrão social. Fracasso significa que o empobrecimento da personalidade acarreta consigo falhas no estabelecimento de uma relação com a sociedade como um todo, por causa do elemento oculto da doença. A sociedade tem seu papel na determinação do destino de uma pessoa com distúrbio de caráter, e o faz de vários modos. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 186).

No Brasil, parece haver uma representatividade significativa de antissociais ocultos compondo a vida civil, os cargos públicos, o ramo empresarial, as redes sociais ou apresentando alguns telejornais policiais⁴⁶. Por mais que alguns deles se lancem como guardiões da sociedade, almejam implantar a ordem anuindo com o ato de dizimar vidas, vilipendiando os valores democráticos e os princípios éticos e humanitários. Apesar desse contrassenso, tais atitudes são justificadas como um simples exercício do direito à “liberdade de expressão” pessoal. Tentar silenciá-los pode deslocá-los do lugar de algozes censuradores para o de vítima censurada. Tudo isso confunde a opinião pública. Na argumentação do autor, não é clara a linha fronteira entre o “[...] tratamento corretivo do oponente político ou ideológico e a terapia da pessoa insana” (WINNICOTT, 1950/1999, p. 257). Contudo, a única coisa irrefutável a ser esclarecida aqui é: os antissociais ocultos são membros psicologicamente adoecidos e perigosos para a saúde da malha social. Logo, eles ameaçam a possibilidade de constituição dos processos maturacionais necessários para o desenvolvimento da tendência democrática latente.

1.2.3.3 Os antissociais e sua influência virtual

Além de os antissociais ocultos não favorecerem a saúde psicossocial, servirem como massa de manobra para os líderes perversos e atraírem a simpatia ou o ódio mortal dos antissociais manifestos, fomentando ditaduras, preconceitos, políticas higienistas e tensões de guerra, eles influenciam negativamente os indivíduos emocionalmente vulneráveis da sociedade. Refiro-me às personalidades em processo de desenvolvimento pessoal que dependem da cobertura ambiental saudável para amadurecer. Winnicott indigita uma

⁴⁶ Na obra cinematográfica *Tropa de Elite 2*, dirigida por José Padilha (2010), o personagem Deputado Fortunado (interpretado pelo ator André Mattos) representa um antissocial oculto. Ele foi publicamente glamourizado em razão de seus discursos extremistas numa cidade assolada pela guerra civil. Diante das câmeras do telejornal “Mira Geral”, ele usa jargões de fácil identificação popular, tais como: “não me venha com essa de Direitos Humanos” e “porrada na vagabundagem!”. Apesar de exigir o endurecimento da justiça contra os criminosos, ele se envolve com esquemas de corrupção e se alia à milícia carioca, visando concorrer ao cargo de deputado. Embora seja um personagem fictício, ele é baseado em fatos reais, mas, a fim de evitar possíveis problemas legais, decidi não citar.

preocupação especial com as crianças e os púberes. Há uma frase que estampa a gravidade da situação: “[...] os adolescentes na fase de tédio me parecem fazer uso dos indivíduos doentes da margem do grupo para concretizar sua sintomatologia potencial própria” (1963/1983, p. 222).

A despeito desse assunto delicado, cabe fazer um adendo sobre uma temática extemporânea à Winnicott. Atualmente, o poder de influência dos antissociais em relação aos demais membros imaturos da comunidade pode se dar tanto no plano físico como no ambiente virtual. A má conduta de um único usuário no universo digital tem poder para afetar milhares de pessoas simultaneamente. Na medida em que as sociedades abertas estão integradas virtualmente, a segurança dos lares de qualquer região do globo está ameaçada⁴⁷.

Conforme Cabette e Nahur, a formação de poderosas organizações criminosas mundiais e seus tentáculos compartilhados virtualmente são um “[...] novo fenômeno que afeta, direta e intensamente, a economia no âmbito internacional e nacional, além das dimensões políticas das sociedades em geral” (2014, p. 57). Para Setzer (2011), a influência virtual combusta o “aumento da agressividade e do comportamento antissocial” nas personalidades imaturas. Dentre os fartos exemplos a serem abordados, cito o caso do neonazista (antissocial invertido) Rinaldo Navarro, de 47 anos (BBC, 2020). Utilizando o celular e o computador, de dentro de seu apartamento em São Petersburgo (Rússia), ele contatava e sugestionava menores de idade de diversos países da Europa a formarem um grupo de supremacistas brancos. O grupo extremista foi batizado como “*The Base*”. Os jovens eram entrevistados e selecionados por intermédio de vídeos *online*. Navarro objetivava criar um “colapso social” nas sociedades europeias a partir da declaração de uma “guerra racial”. Segundo as investigações, ele orientou um adolescente de 17 anos a cometer atentados contra a sua própria comunidade. A distância, instruía alguns meninos britânicos a criarem “células de combate” armadas em diferentes localidades do Reino Unido. Um deles, preso aos 16 anos, foi considerado a pessoa mais jovem do mundo a arquitetar um plano terrorista. Essas ações foram coordenadas e supervisionadas externamente por adultos antissociais ocultos. “A Base” originou-se num fórum de internet.

A partir dessas informações, talvez seja prudente pensar que a tendência democrática de uma sociedade moderna sofra influências virtuais de personalidades desconvizinhas (saudáveis

⁴⁷ Na intenção de demonstrar um dos efeitos da invasão sorrateira das personalidades antissociais nos lares através da internet, resgato as consequências trágicas do “Desafio Momo”. De maneira perversa, esses indivíduos inseriram nos filmes e vídeos infantis cenas de uma boneca (Momo) com feições assustadoras. Em sua aparição repentina, ela induzia as crianças expectadoras a se suicidarem ou se automutilarem. No Brasil, foi assim que uma menina de 11 anos do Mato Grosso atirou contra a sua cabeça. No Paraná, um menino de quatro anos cortou os dois pulsos com uma faca após seguir as recomendações desse personagem. Infelizmente, muitas crianças sofrem um sequestro psicológico por parte desses membros e não têm condições emocionais de se defender contra certas cenas e situações perigosas na ausência dos seus cuidadores responsáveis (ESTADÃO, 2019).

e doentes). Agora, os antissociais não precisam estar fisicamente presentes no corpo social local para criar uma centelha delinvente. Suas ações se exprimem nos cibercrimes, na produção de *fake news*, nos discursos de ódio, na formação virtual de grupos extremistas, na disseminação de opiniões inconsequentes, pouco empáticas e desdenhosas em relação aos sentimentos alheios. Isso tudo se vê mundialmente no cotidiano dos *sites*, fóruns, grupos e das redes sociais (expostas de forma autoral ou anônima). Se os responsáveis pela cobertura sadia da sociedade local se descuidarem de monitorar os meios digitais, os membros “indeterminados”, como diz Winnicott, podem ser afetados psicologicamente por personalidades antidemocráticas.

1.2.3.4 Os membros indeterminados (grupo Y – potenciais (anti)democráticos)

Na dedução do autor (1950/1999, p. 255), o fato de haver um grupo “X” (antissociais manifestos) + “Z” (antissociais ocultos) por cento de indivíduos numa comunidade não significa que o restante dela (100% – X+Z) será obrigatoriamente constituído por cidadãos adultos psicologicamente amadurecidos. Há também os membros “indeterminados” (grupo Y). Eles recebem essa nomenclatura porque ainda não firmaram consistentemente a saúde psíquica. Na formulação da teoria do amadurecimento pessoal, o fator ambiente desponta como o elemento “decisivo” no processo de enveredamento maturativo desses sujeitos. Dependendo da saúde psíquica dos cuidadores, da higidez psicossocial do meio onde estão inseridos e do contexto histórico que estão atravessando, tais vidas podem estar mais propensas a tornar-se membros antissociais (manifestos ou ocultos), dissociais ou prossociais.

Com base nas considerações anteriores, o grupo dos indeterminados pode ser pensado em dois conjuntos. Os menores de idade que ainda estão à mercê das influências do ambiente para constituir a sua personalidade e os indivíduos (adultos ou não) que sofreram um congelamento no desenvolvimento maturacional em razão de falhas ambientais posteriores à integração do *self* unitário. Houve, então, um encubamento do seu potencial maturativo e não uma perda⁴⁸. Por isso, existe a chance de um dia retomarem o processo maturativo. Para tanto, conforme o caso, podem necessitar da terapia de cobertura (familiar ou institucional) ou da ajuda de um trabalho psicológico especializado. Ao serem devidamente assistidos e cuidados por pessoas sadias em um ambiente facilitador, os indeterminados podem amadurecer. Quando as pessoas emocionalmente saudáveis ajudam os indeterminados, eles podem crescer como indivíduos e cidadãos, isso congloba para o fortalecimento do potencial prossocial da sociedade.

⁴⁸ O “congelamento da situação da falha” é o termo utilizado pelo autor para expressar essa forma de interrupção do curso maturacional (WINNICOTT, 1964/1988, p. 378).

Pelo visto, toda a responsabilidade da tendência democrática recai sobre os 100 – (X + Y + Z), ou seja, os que já amadureceram e os que estão amadurecendo como ser humano. Nas alocações de Winnicott (1950/1999), os esteios da democracia estão calcados nos indivíduos que puderam acrescentar “um sentido social” sincero à base sólida de seu desenvolvimento ético.

1.2.3.5 Os membros psicologicamente adultos maduros (personalidades prossociais)

Se “democracia é maturidade, e maturidade é saúde, e se a saúde é desejável, então vamos procurar algo que possa promovê-la” (1950/1999, p. 257): as personalidades psicologicamente saudáveis. “Tudo depende deles”, emenda Winnicott. Em o “Verdadeiro e falso”, o autor (1967/1999, p. 17) explica o porquê dessa predileção. A maturidade adulta envolve “seriedade” para manter os “vínculos com as pesadas responsabilidades que vêm com a idade”⁴⁹. O psicanalista aposta na força do desenvolvimento pessoal e no perpétuo rejuvenescimento que emana naturalmente dos membros saudáveis (WINNICOTT 1968/1999). Os cidadãos sadios são concernentes com os valores deixados pelos seus antecessores, com o legado que deixarão para a geração atual e atinentes com o futuro dos seus sucessores.

Normalmente o moço ou a moça se torna capaz de assumir responsabilidades e ajudar a manter ou modificar ou mesmo alterar completamente o legado da geração anterior. Inevitavelmente, ele e ela transmitirão, como adultos, o legado à geração seguinte, no ciclo eterno da humanidade. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 222).

Teoricamente, quando os adultos emocionalmente saudáveis *se* agrupam, cada um deles contribui para a criação de um mundo enriquecedor em termos humanos. Isso porque são singularmente uma “pessoa inteira”, valida Winnicott (1970/1999, p. 255). A personalidade inteira ou total conquistou um *self* unitário e a partir dele pôde continuar os processos de maturação (no ambiente facilitador). Ela tem condições emocionais para integrar ideias, pensamentos, sentimentos e sensações opostas na personalidade. Essa competência parece ser um requisito emocional importante para a sustentação das relações democráticas. A sua boa saúde psíquica viabiliza a contenção do conflito dentro do *self* tanto quanto pode vê-lo fora dele. Isso diminui a criação de visões segregacionistas e a invenção de inimigos e de bodes

⁴⁹ Baseado nos estudos sobre a saúde psíquica, Winnicott (1967/1999) afirma que a seriedade tem ligações com a depressão (no sentido saudável do termo). Ela é relativa aos indivíduos que desenvolveram alguma integridade pessoal, o que denota a aquisição da riqueza e da profundidade na própria personalidade.

expiatórios somente para aliviar suas tensões internas. Pensando na democracia, talvez a habilidade mais virtuosa das personalidades saudáveis seja a capacidade de estabelecer identificações afetivas com os outros e experiências empáticas e de “mutualidade”. Esse tema é abordado por Winnicott (1969/1994) em “A Experiência Mãe-Bebê de Mutualidade”.

Entretanto, nada disso deve ser romantizado. Ninguém é um supra-humano. Todos estão sujeitos a cometer erros e ter dias ruins. “A saúde é muito mais difícil de administrar que a doença”, argumenta Winnicott (1959/2005, p. 144). Autogerir a si no mundo e o mundo em si é uma peleja eterna. Conviver em sociedades plurais é um dom só dos que possuem saúde emocional. No escrito “Discussão dos objetivos da guerra”, o psicanalista considera ser muito raro conhecer um indivíduo que “[...] seja livre e que se sinta livre, e que possa assumir plena responsabilidade por suas ações e pensamentos sem se frustrar em demasia” (1940/1999, p. 222).

A vida de um indivíduo [saudável] se caracteriza mais por medos, sentimentos conflitantes, dúvidas, frustrações do que por seus aspectos positivos. O essencial é que o homem ou a mulher se sintam vivendo sua própria vida, responsabilizando-se por suas ações ou inações, sentindo-se capazes de atribuírem a si o mérito de um sucesso ou a responsabilidade de um fracasso. (WINNICOTT, 1971/1999, p. 10).

A saúde psíquica é o antônimo da palavra “fácil”, complementa Winnicott (1967/1999, p. 8). Ela envolve o reconhecimento dos conflitos e a “[...] renúncia ao uso de quaisquer subterfúgios ou desvios” (WINNICOTT, 1950/1999, p. 267). Sua tendência é a de buscar soluções éticas diante dos problemas. Na fase adulta, a personalidade amadurecida pouco apresenta padrões de somatizações, “escapismos”, atitudes perversas e ações impulsivas para livrar-se de suas responsabilidades. Na resolução saudável, a lógica consciente e a fantasia se interrelacionam-se de modo que as contradições são integradas e aceitas pela pessoa. Se tal indivíduo for um governante, uma parte sadia da sociedade pode se inspirar em seu exemplo.

Porém, enquanto Winnicott afirma que “[...] a saúde não está associada à negação de coisa alguma” (1967/1999, p. 18), as pessoas imaturas fazem o oposto. Elas possuem menos recursos emocionais para lidar com os fatos da vida e as complexidades humanas. O psicanalista supõe que muitos dos imaturos refugiam-se no mundo da fantasia para esquivar-se de encarar as disfunções da sociedade. Uma grande parcela foge ao ver “[...] as coisas ruins da economia, a moradia ruim ou inadequada, a solidão das pessoas idosas, o desamparo dos deficientes físicos, o desconforto da sujeira e da pobreza, a tragédia das perseguições baseadas em preconceitos” (WINNICOTT, 1970/1999). Ele especifica mais ainda: “[...] os sentimentalistas não conseguem ver a monstruosidade de uma favela que já se retiraram para o mundo do faz-

de-conta”. Já os extremistas repudiam os sentimentalistas. Ao invés de fugir, atacam. Visam destruir definitivamente os males humanos. Tudo isso requer uma vigilância por parte das personalidades sadias, afinal, a democracia sangra com o modelo imaturo de gestão.

Na conclusão do autor (1967/1999), a saúde social não pode avançar mais justamente porque os membros saudáveis precisam despende tempo e energia cuidando do crescimento dos membros imaturos. Além é claro de zelar pelas ações antidemocráticas observadas nas personalidades enfermas da sociedade. Mas, esse não é o único atravancador do progresso. Os insucessos governamentais também arrefecem o potencial de contribuição dos cidadãos maduros em relação ao provimento do fator democrático latente da comunidade.

1.2.3.5.1 As falhas sociais e a despontencialização dos membros saudáveis

Referenciando Winnicott, “[...] o adulto maduro, de fato, toma parte na atividade de prover” (1962/1983, p. 64). Porém, nem todos conseguem contribuir para com a saúde social e a tendência democrática o tanto quanto poderiam. Winnicott fundamenta a isso no texto “A educação segundo a doutrina democrática” (1970/1999). Ele alega que muito dos cidadãos sadios estão “ocupados”. Uma parte está atarefada “sendo bons pais” e não possui tempo para outra atividade. A outra, complemento, enfrenta dificuldades de ordem socioeconômica. Se não estiverem sofrendo com a falta de emprego, precisam sacrificar longas horas em jornadas de trabalho para tentar garantir um salário digno para si e sua família (se houver). Essa realidade, típica dos países emergentes, abafa o poder de crescimento dos membros saudáveis.

Apesar da impossibilidade de expandir esse grupo saudável, ainda assim o autor julga ser proveitoso valorizar os indivíduos capazes de fazer pequenas contribuições locais⁵⁰. Na perspectiva trazida pelo autor, a saúde psíquica se inicia sempre a partir de pequenos núcleos sociais.

Precisamos aprender a parar de procurar pelo cidadão do mundo e nos contentarmos em achar, aqui e ali, pessoas cuja unidade social se estende para além da versão local de sociedade, ou além do nacionalismo, ou além dos limites de uma seita religiosa. Na verdade, precisamos aceitar o fato de que pessoas psiquiatricamente saudáveis dependem, para serem saudáveis e para sua plenitude pessoal, do fato de serem leais a uma área limitada da sociedade [...]. (WINNICOTT, 1968/1999, p. 149).

⁵⁰ Em “Definição teórica do campo da psiquiatria infantil” (1957/1999), Winnicott considera que a cidadania mundial representa uma realização extremamente rara no desenvolvimento do indivíduo.

Mas, mesmo havendo “o cidadão local”, os agravos sociais, econômicos e educacionais podem pear o processo de democratização latente. O acesso à educação, por exemplo, tem relação direta com a democracia. Winnicott (1963/1983) concebe o fator educacional como um elemento inclusivo do ser na cultura. Ele possibilita ao indivíduo saudável compreender melhor o seu papel no curso da história local e mundial. Na saúde, ter estudo e informação amplia o leque de responsabilidades do ser em relação a si, aos outros e ao mundo. A partir dos processos intelectuais integrados a sua personalidade dotada de senso ético, o conhecimento pode ganhar um destino prossocial em favor do humano e da humanidade.

A existência desse estudo demonstra uma crença no valor da educação para o procedimento democrático; sem dúvida, ela só pode ser fornecida se houver compreensão, e só pode ser útil se fornecida ao indivíduo emocionalmente maduro ou saudável. (WINNICOTT, 1950/1999, p. 262).

Então, a educação potencializa o desenvolvimento dos que já possuem saúde psíquica. Winnicott (1967/1999, p. 19-20) enxerga que só as pessoas minimamente saudáveis conseguem chegar a um grau de complexidade na relação com o mundo. Ele esclarece que a saúde possibilita ao ser experienciar “três vidas” em sua existência: a vida no mundo (exterior), em que as relações interpessoais constituem a chave até mesmo para o uso do ambiente não-humano; a vida na realidade pessoal (interior), campo em que é possível dizer que uma pessoa é “mais rica do que outra”, além de mais profunda e criativa. E, por último, a terceira vida: a área da experiência cultural (compartilhada). Ela conduz ao respeito e ao domínio da herança humana, incluindo as artes, os mitos da história, do pensamento “[...] filosófico e os mistérios da matemática, da administração de grupos e da religião” (1967/1999, p. 19). O autor considera o ser humano como algo “único” e quando ele forma um grupo de pessoas suficientemente saudáveis, eles “[...] têm experiências culturais superiores às de qualquer animal”. Se tais personalidades maduras ocuparem os diversos espaços da sociedade (acrescento), o fator democrático latente pode acontecer: “Pode-se dizer de uma democracia de verdade (como o termo é usado hoje): Nesta sociedade, neste momento, há maturidade suficiente no desenvolvimento emocional de uma proporção suficiente de indivíduos que a compõem.” (WINNICOTT, 1950/1999, p. 53).

1.2.4 Um cálculo hipotético sobre a formação da tendência (anti)democrática

Ao discorrer sobre a democracia na sociedade, Winnicott (1950/1999) apoia-se em duas linguagens científicas. Além de examinar o corpo social em termos maturacionais, por meio da psicanálise, ele faz também especulações aritméticas. De maneira presumida, sem aplicar um método científico rigoroso para validar as suas hipóteses, o autor especula que a tendência democrática ou antidemocrática se escora no percentual numérico de determinados tipos de personalidades presentes na sociedade. Sendo assim, tento contextualizar a pergunta do psicanalista (dirigida à Grã-Bretanha) à realidade do Brasil atual: qual seria a porcentagem de indivíduos representada por essa fórmula $100 - (X + Y + Z)$ em nosso país hoje?

Embora não haja uma definição precisa, possivelmente a resposta seja similar àquela dada por Winnicott no período da guerra: “talvez bem pequena”. Justifico essa dedução, citando por alto alguns indicativos da ausência de personalidades saudáveis, tais como a naturalização da delinquência, os altos índices de homicídio, a dificuldade de se estabelecer diálogos civilizados, as notáveis práticas de corrupção política e social, o conformismo com a miséria humana de determinados grupos sociais e o nível aberrante de desigualdade socioeconômica entre os cidadãos no Brasil contemporâneo. Esse nível de fracasso humano pode malsinar uma perpetuação transgeracional de ações emocionalmente imaturas e indicar os insucessos das elites e das massas passadas e atuais (guardadas as devidas proporções de responsabilidade). Na estimativa de Winnicott, o potencial democrático latente se manifesta quando há pelo menos 50 por cento de personalidades maduras e potencialmente sadias compondo a população local.

Em forma de suposição, Winnicott cria uma situação-problema para explicar o dinamismo da sua equação sobre o processo de amadurecimento da tendência democrática latente da sociedade. Por exemplo, caso tenhamos apenas 30 por cento de “personalidades maduras” integrando a sociedade, talvez 20 por cento dos membros “indeterminados” (grupo Y) possa ser suficientemente influenciado pelas tendências positivas das pessoas maduras. Se isso ocorrer, eles acabam sendo cooptados. São agrupados como parte do conjunto dos membros prossociais ou amadurecidos. Com essa incorporação, o percentual numérico de cidadãos com tendências democráticas seria elevado para 50% ($30\% + 20\% = 50\%$).

Contudo, se, por um acaso, essa porcentagem de cidadãos psicologicamente amadurecidos cair de 30 para 20%, podemos, então, esperar uma diminuição ainda maior na porcentagem de indivíduos amadurecidos. Provavelmente, seguindo essa lógica, os 20% dos habitantes maduros só poderiam recuperar 10% dos indeterminados na comunidade, totalizando, assim, 30%. Esse número ficaria abaixo dos 50% necessários para evitar a ascensão

dos membros antissociais (ocultos e manifestos). Com isso, os indeterminados poderiam, por fraqueza ou medo, se associar a eles, fomentando uma tendência à ditadura ou fachada democrática (função demagógica do termo).

[...] às vezes a proporção de membros psiquiatricamente doentes de um grupo pode ser alta demais, de modo que se tornam um peso difícil de ser carregado pelos elementos sadios, mesmo em seu conjunto de saúde. Então, a própria unidade social se torna uma baixa psiquiátrica. (WINNICOTT, 1968/1999, p. 148).

Enfim, o destino da sociedade parece estar caricaturalmente nas mãos desses três grupos psicológicos aqui descritos, mas o fator latente da democracia só pertence aos sadios. Se ele não frutificar no período atual, o autor sugere que devemos tentar salvar a geração seguinte.

1.2.5 Uma recomendação para quando a democracia fracassar

Quando uma sociedade naufraga no processo de se constituir como uma organização democrática funcional, o seu futuro depende do investimento em suas novas vidas:

Podemos descobrir que, em qualquer época, nada podemos fazer para aumentar a quantidade do fator democrático inato, comparativamente ao que foi feito (ou não) pelos pais e lares dos indivíduos quando bebês, crianças e adolescentes. Podemos, no entanto, evitar comprometer o futuro (WINNICOTT, 1950/1999, p. 257).

Em “Apoio aos Pais Normais” (1945/2008), Winnicott deposita suas “esperanças” nas famílias sadias⁵¹. Em suas palavras: “[...] é muito difícil as pessoas reconhecerem que a essência de uma democracia realmente repousa no homem comum, na mulher comum e no lar comum” (p. 196). Eles são os pilares da “estabilidade da nossa sociedade nas próximas décadas” (1950/1999, p. 258). No texto “O bebê como organização em marcha” (1949/2008), o autor valoriza os esforços parentais na tarefa de cuidar e garantir os alicerces emocionais iniciais da vida. Afinal, o lar é de responsabilidade dos pais e não da criança. Ele julga que a capacidade dos pais em compreender os filhos pode “valer a pena”. Em suas palavras, a competência parental “provê a única base real para a sociedade, sendo o único fator para a tendência democrática do sistema social de um país” (WINNICOTT, 1957/1999, p. 118).

No capítulo “A criança e o Sexo” (1947/2008), Winnicott (considera que “o mais maduro brota do mais primitivo” (p. 99). Por essa razão, no capítulo “Instintos e Dificuldades

⁵¹ Winnicott acredita que tudo o que não apoiar especificamente os pais saudáveis e responsáveis “será prejudicial, a longo prazo, ao próprio âmago da sociedade” (1945/2008, p. 196). Incluindo a democracia.

Normais”, o psicanalista considera que os cuidados com a criança são a base da saúde de um novo membro da sociedade (WINNICOTT, 1957/2008). Então, a saúde social (re)começa a partir de um conjunto de cuidados infantis (suficientemente bons) realizados simultaneamente em milhares de lares. Logo, o autor vê a tendência democrática latente como um provento da maturidade coletiva num “certo momento” de uma geração (1950/1999, p. 53). Nesse sentido, ela seria o resultado de uma sucessão de triunfos ambientais e maturacionais que possibilitaram o desenvolvimento ético de um conjunto de indivíduos até a chegada da fase adulta.

Por crer nos efeitos construtivos do desenvolvimento da saúde psicológica dos habitantes de uma sociedade, Winnicott acredita que não devemos evitar implantar a democracia em comunidades com pessoas totais. Ele especula que tal ação só levaria ao “fracasso e o retrocesso” do crescimento democrático verdadeiro. A melhor alternativa seria apoiar as pessoas saudáveis (mesmo que sejam poucas) e “deixar que o tempo faça o resto” (1970/1999, p. 262). Mas, afinal, como poderíamos definir o conceito de saúde ou doença psíquica?

2 ENSAIOS SOBRE A DEFINIÇÃO DE SAÚDE E DE DOENÇA PSÍQUICA

Se a psicanálise winnicottiana presume que a criação da tendência democrática latente depende da “saúde” psicológica do corpo coletivo e a “doença” psicossocial envolve outra forma de organização sociopolítica, precisamos, então, tentar definir o significado de cada uma dessas palavras. Para deslindar essa questão, é necessário problematizar o tema.

Em tom modesto, Winnicott pergunta: “[...] quem poderia dizer onde é que termina a saúde e se inicia a doença?” (1967/1999, p. 17)¹. O autor reconhece que, ao tentar explicar esses limites, ele corre o risco de “dizer o óbvio” ou até mesmo de perceber que “desconhecemos a resposta”. Mesmo assim, ele ousa fundamentar. Forja² um método argumentativo para que possamos ao menos tentar delinear melhor o assunto e retirá-lo da penumbra psicanalítica.

Através da teoria do amadurecimento, ele avalia os processos de desenvolvimento da saúde emocional pessoal como uma “organização em marcha” (WINNICOTT, 1949/2008). Supõe que em cada nascituro há uma centelha vital e uma tendência para amadurecer do ponto de vista físico e psicológico. Isso se expressa singularmente em cada ser. Havendo um ambiente suficientemente bom, o ente amadurece. Senão, seu potencial maturacional não se desenvolve, se perde, encuba, involui ou evolui parcialmente. Portanto, ele justifica a psicogênese de cada quadro clínico a partir do surgimento de falhas ambientais antes da chegada da fase adulta. Em resumo: cada deficiência do meio culmina num tipo de imaturidade do ser.

Embora essas teorizações pareçam simples, diagnosticar alguém não é. Eis aqui um obstáculo ao tentarmos definir o conceito de saúde e a doença psicológica. Isso porque Winnicott concebe o diagnóstico psicanalítico como uma “tremenda tentativa de fazer o impossível” (1959-1964/1983). Defende que a diagnose da pessoa pode ser mutável, conter um potencial para se alterar no tempo e no espaço, mudando conforme as condições ambientais ofertadas ao ser. Ele aduz que as personalidades humanas podem revelar “outras facetas” de acordo com o passar do tempo, o grupo social, o contexto cultural e o momento histórico em que estão inseridas. Segundo o psicanalista, dependendo das conjunturas, uma histérica pode se revelar uma esquizofrênica subjacente; um esquizoide pode vir a ser um membro sadio de um grupo familiar doente; um neurótico obsessivo pode revelar-se um depressivo (1965/1983, p. 121). Na guerra, muitos dos saudáveis “desertam da saúde” emocional para sobreviver em

¹ Ao discorrer sobre os termos “normalidade”, “saúde”, “doença”, “maturidade” e “imaturidade” em suas obras, Winnicott complementa com a seguinte frase: “seja lá qual for o significado dessa palavra” (1969/1999, p. 230).

² Utilizo o verbo “forjar” porque Winnicott assume explicitamente que “temos de fingir” que existem os limites clínicos entre a neurose e a psicose para que possamos “chegar a algum lugar com isso” (1961/1994).

um meio desumano, enquanto o antissocial pode tornar-se um honroso defensor da pátria ao empregar ações prossociais nas conflagrações. Tudo isso demonstra o quanto Winnicott estima o poder de influência dos fatores socioculturais. Aliás, é exatamente isso que complexifica a avaliação psicológica atual da pessoa. Pois, ao ratificar que as contingências ambientais suscitam mudanças comportamentais no ser humano³, a tarefa de conceituar objetivamente o que seria um cidadão psicologicamente saudável ou doente fica cada vez mais laboriosa. Ela só é possível por meio de um exame psicanalítico de longa duração.

Trazendo outros intrincamentos que dificultam tais conceituações, o autor observa que as palavras “saudável” e “doente” também sofrem variações conceituais conforme a cultura e o tempo histórico⁴. Considera haver “uma contribuição da sociedade” na conotação dada a essas nomenclaturas (WINNICOTT, 1963/1983, p. 197). Expondo de maneira mais clara: a “normalidade”, reitera Winnicott, “[...] depende da expectativa social de determinado grupo social em determinada época” (1971/1975, p. 141). Então, para que possamos determinar o conceito de maturidade social ou de cidadão emocionalmente saudável, devemos também conhecer e examinar os padrões emocionais do ambiente social vigente. Porém, nada disso pode ser mensurado fora de uma base referencial, ainda que elas sejam só esboços psicanalíticos.

[...] é bem provável que o conceito de indivíduo [saudável] seja um conceito relativamente moderno e que não tenham existido pessoas inteiras senão há poucos séculos; ou talvez tenha havido uns poucos indivíduos inteiros excepcionais por volta dos dois últimos séculos. É muito fácil hoje em dia assumir a existência do indivíduo enquanto unidade, e supor que essa unidade constitui a base de tudo aquilo que é humano. (WINNICOTT, 1969/1999, p. 230).

Procurando agora desanuviar essas brumas conceituais dos parágrafos anteriores, cabe dizer que Winnicott formulou uma teoria do desenvolvimento emocional saudável. Ela é baseada em suas evidências clínicas sobre como os potenciais herdados maturam no ambiente facilitador. A partir disso ele procurou “compreender as doenças e as várias imaturidades” psicológicas, visando estabelecer um “elo entre as doenças mentais e os estágios do desenvolvimento emocional do indivíduo” (WINNICOTT, 1963/1983, p. 65).

³ Ainda assim, o núcleo do *self* verdadeiro se mantém preservado e incomunicável no âmago do indivíduo.

⁴ Sobre a contextualização da saúde social no tempo, resgato o comentário de Sigmund Freud ao colega Ernest Jones, ao saber que seus livros eram adustos em praça pública: “Que progresso estamos fazendo! Na idade média teriam queimado a mim; hoje em dia, eles se contentam em queimar meus livros”. (GAY, 2012, p. 593).

Uma abordagem científica aos fenômenos mentais decorre da aceitação da teoria de que o transtorno mental é um transtorno do desenvolvimento emocional, que a base da saúde mental se assenta no que é inato, a partir do nascimento, pelo curso do desenvolvimento da personalidade e do desenvolvimento dos contatos emocionais do indivíduo com a realidade externa. (WINNICOTT, 1947/1994, p. 407).

Partindo dessa acepção, a saúde psicológica se inicia numa época bastante recuada. Detém-se “na área do cuidado do lactente e do cuidado da criança” (WINNICOTT, 1963/1983, p. 199). Em os “Fenômenos transicionais”, Winnicott reafirma a sua hipótese de que a saúde emocional evolui por via da maternagem suficientemente boa para aqueles indivíduos sem lesões cerebrais ou disfunções neurológicas de nascença ou adquiridas (1951/1975). Os alicerces da saúde emocional são edificados nos preâmbulos da vida. Havendo um ambiente cuidador como ponto de partida, o desenvolvimento maturacional pode prolongar-se do nascimento “até a fase de maturidade adulta”. Nas fases iniciais de desenvolvimento da saúde psíquica individual, “se não houver entraves ou desvios no processo evolutivo, há saúde”, afirma Winnicott (1947/2008, p. 95), em “Mais Ideias Sobre os Bebês como Pessoas”.

[...] o desenvolvimento sadio do indivíduo baseia-se numa progressão regular, isto é, numa série bem graduada de ações rebeldes e iconoclastas, cada uma das quais é compatível com a conservação de um vínculo inconsciente com as figuras ou a figura central – os pais ou somente a mãe. Poder-se-ia constatar, pela observação das famílias, o imenso cuidado tomado pelos pais no sentido de organizar o curso natural dessas séries de modo que a sequência gradual que determina o crescimento do indivíduo não seja rompida. (WINNICOTT, 1960/2005, p. 142).

Na saúde, o adulto cresce e se desenvolve emocionalmente até o instante de sua morte (WINNICOTT, 1954/2000). O psicanalista entende a capacidade de continuar evoluindo do ponto de vista psíquico como um traço saudável da maturidade adulta. “A continuidade do ser significa saúde”, reforça Winnicott, em “Os estados iniciais” (2000, p. 147). Logo, a personalidade madura vivenciou “todos os estados passados de imaturidade” (WINNICOTT, 1965/2005). Com a ajuda do ambiente cuidador, ela pôde transpassar suficientemente bem os desafios complexos do percurso maturacional. O melhor da saúde pessoal é o surgimento de um senso de responsabilidade ética para com o mundo ao redor.

[...] a teoria [psicanalítica] presume uma tendência genética no indivíduo no sentido do desenvolvimento emocional e físico; uma continuidade do momento do nascimento (ou um pouco antes); um crescimento gradativo da organização e da força do ego, da aceitação gradativa da vida instintiva pessoal do indivíduo e da responsabilidade por suas consequências reais e imaginadas. (WINNICOTT, 1958/1983, p. 107).

A solução de cada conflito em sua própria temporalidade gera “a base para a saúde mental” (WINNICOTT, 1948/1988). Dado isso, o psicanalista conceitua a “saúde psíquica” como um sinônimo de “maturidade” segundo a idade da pessoa⁵ (1962/1983, p. 62). Ainda assim, ele vê essa enunciação como uma “simplificação excessiva”. Ademais, o conceito de “saúde psíquica” não deve ser confundido com o de “sanidade”. A “loucura” quando se torna um elemento integrado e organizado na personalidade é um bem valioso para a saúde pessoal⁶ e social. O estado de ser saudável tem relação direta com a capacidade de viver criativamente. Afinal, “somos decididamente pobres” “quando apenas são”, ajuíza Winnicott (na nota de rodapé do capítulo “Desenvolvimento Emocional Primitivo” (1945/1988).

Na saúde, é possível alcançar uma certa identificação com agrupamentos ou instituições sociais sem perda demasiada da criatividade e dos impulsos pessoais. Naturalmente, o ingresso na vida cívica sempre envolve alguma perda, no sentido da necessidade de controlar os impulsos agressivos. Mas, o problema ocorre quando o indivíduo acaba renunciando a si mesmo e tendo uma perda do senso de *self* (verdadeiro) para tentar pertencer à sociedade. A ausência de um ambiente familiar e social facilitador pode forçar muitas das personalidades a tentar uma identificação extremada (falsa) com os padrões socioculturais (WINNICOTT, 1971/1999). Esse é mais um dos fatores que dificultam o diagnóstico sobre a saúde psíquica pessoal.

A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina. (WINNICOTT, 1971/1975, p. 75).

Isso significa que nem todas as pessoas aparentemente ajustadas e civilizadas são sadias. Elas submeteram o seu modo espontâneo aos padrões do seu meio, mimetizando-o. Essa maneira de “viver no mundo é identificada como doença em termos psiquiátricos” (falso *self*).

Apesar da teoria do amadurecimento atribuir um sentido positivo ao conceito de saúde psíquica, existem inúmeras relativizações concernentes às doenças psicológicas. Cabe aqui tentar discriminar o falso e o verdadeiro em termos de adaptação social. Como, por exemplo, o mito de que a evolução maturacional do ser humano gira entorno do desenvolvimento

⁵ Detalhando melhor essa formulação com as próprias palavras do autor: “[...] a criança de dez anos que é saudável é madura para sua idade; o infante sadio de três anos tem a maturidade de um infante de três anos; o adolescente sadio é um adolescente maduro, e não um adulto precoce”. (WINNICOTT, 1965/2005, p. 144).

⁶ Winnicott testemunha que foi graças à análise e à autoanálise que ele pôde adquirir uma “certa medida de insanidade” para o enriquecimento da saúde de sua própria personalidade (1964/1994).

intelectual⁷. Muitos dos indivíduos superdotados possuem um intelecto hipertrofiado, “cindido (*split-off intelect*) da existência psicossomática e do viver”, expõe Winnicott (1968/1999). A superinteligência nada tem a ver com saúde ou favorecimento da democracia (o que requer uma integração sadia dos aspectos emocionais na personalidade para poder zelar pelos outros). Por essa razão, Winnicott alega que a tendência democrática latente repousa nos cidadãos comuns.

Adentrando agora ao terreno da “imaturidade” psíquica, esta é adjetivada por Winnicott como “um quase sinônimo” de “doença”, “má saúde”, “transtornos psicológicos” ou “saúde mental deficiente” quando livre de causa orgânica (1957/2005). “Um distúrbio psicológico significa imaturidade, imaturidade do crescimento emocional do indivíduo, e esse crescimento inclui a evolução da capacidade do indivíduo de se relacionar com pessoas e com o ambiente de modo geral. (WINNICOTT, 1961/1999).

Em “Os doentes mentais na prática clínica”, Winnicott estabelece uma classificação abarcando três tipos de doenças: as doenças do cérebro com a doença psíquica consequente; as doenças do corpo afetando atitudes mentais; e as doenças psicológicas propriamente ditas, isto é, doenças que não dependem de doença do cérebro ou de outra doença física (1963/1983). Trataremos desta última ao longo de todo o trabalho. No capítulo “Necessidades das Crianças de Menos de Cinco Anos” (1965/2008), Winnicott chama de “imaturidades” os “resíduos daqueles estados sadios de dependência” (p. 205). O psicanalista resume a “doença psicológica” como o predomínio de “maus padrões de conciliação” entre o “êxito e fracasso” no desenvolvimento emocional. Portanto, a doença psíquica, seria uma perífrase de imaturidade psíquica e de fracasso ambiental. O doente irrecuperável seria aquele indivíduo que perdeu a propriedade de poder constituir seu amadurecimento temporal. Por isso, ele classifica a doença pessoal em termos de “ausência de resposta à ajuda” (1963/1983, p. 200).

Em última análise, Winnicott diz que hoje em dia precisamos de critérios mais sutis para pensar as questões da saúde e da doença psicológica. Não cabendo estabelecer definições normatizadoras ou resumir tudo a uma simples “ausência de distúrbios neuróticos” (1967/1999, p. 9). Por conseguinte, a proposta principal desta dissertação é a de poder discorrer sobre os meandros do amadurecimento saudável e não sadio e sua repercussão na democracia.

⁷ Não há sentido no termo “saúde intelectual”. Uma criança com um intelecto excepcional pode estar doente, estando sujeita a crises psicóticas e não ser digna de nenhuma confiança social (WINNICOTT, 2000, p. 29).

2.1 Aspectos gerais sobre as personalidades imaturas e/ou doentes

Sendo direto, os membros psicologicamente imaturos ou doentes da sociedade podem atravancar ou malograr a formação da tendência democrática latente. No texto “Provisão para a criança na saúde e na crise”, Winnicott concebe a “ausência de saúde” psíquica como “uma ameaça ao indivíduo e uma perda para a sociedade” (1965/1983, p. 63). O psicanalista visualiza, em algumas personalidades doentes, a incidência de “forças destrutivas complicadoras” (1967/1999, p. 17). Embora algumas personalidades imaturas possam contribuir para com a sociedade e a cultura por meio de suas habilidades e tendências agressivas e artísticas, pouco elas têm a cooperar no quesito da saúde psicossocial. Dito isso, o autor presume que “podemos examinar a sociedade em termos de doenças”. Podemos ver como os seus membros doentes, de uma maneira ou outra, pedem nossa atenção (1975/1968).

No texto “A criatividade e suas origens” (1971/1975), Winnicott representa um “indivíduo doente” como alguém “prejudicado” pelos fracassos do meio. Ele esclarece que quanto mais cedo ocorrerem as falhas nos processos de estruturação da personalidade pessoal, menos sadio esse ser será. Ele prevê um tipo diferente de dano à saúde emocional conforme a etapa em que houve a falha ambiental na vida do indivíduo:

- a) na dependência extrema em relação ao ambiente humano: ao nascer, as condições de cuidados devem ser suficientemente boas para o lactente, senão este não poderá iniciar e dar prosseguimento aos processos saudáveis de maturação⁸. Consequências da falha ambiental na dependência extrema: deficiência mental não-orgânica; esquizofrenia infantil, predisposição a doença mental hospitalizável no futuro;
- b) na dependência em relação ao ambiente humano: por ter adquirido uma certa integração da personalidade, as falhas ambientais podem causar experiências traumáticas na personalidade. Aqui, já há uma pessoa para ser traumatizada. Consequências da falha ambiental na dependência: predisposição a distúrbios afetivos; tendência antissocial;
- c) nas mesclas de dependência com independência em relação ao ambiente humano: nesse momento as crianças estão fazendo suas experimentações em direção à independência do cuidador. Porém, elas ainda precisam reexperimentar a sensação de segurança da dependência quando precisarem. Consequências da falha ambiental na dependência com independência: dependência patológica;
- d) nas mesclas de independência com dependência em relação ao ambiente humano: a descrição é similar à da etapa anterior, mas com uma ênfase maior na experiência da independência. Consequências da falha ambiental na dependência com independência: arrogância; surtos de violência;
- e) na independência (relativa) em relação ao ambiente humano: significa que o ambiente cuidador está internalizado, havendo então uma capacidade da criança para cuidar de si própria. Consequências da falha ambiental na independência: não necessariamente prejudicial ao seu desenvolvimento. Afinal, o indivíduo já desenvolve certos recursos mentais para sobreviver às falhas do ambiente;

⁸ De acordo com Winnicott, todo indivíduo que “não tenha conquistado a integração” numa unidade, ainda não alcançou o patamar a partir do qual se pode adquirir e desenvolver a sua maturidade pessoal (1969/1999, p. 230).

f) no desenvolvimento do sentido social em relação ao ambiente humano: nesse momento, o indivíduo pode se identificar com adultos e com o grupo social, ou com a sociedade, sem perda demasiada do impulso pessoal ou originalidade ou sem perda demasiada dos impulsos agressivos e destrutivos que encontraram, presumivelmente, expressão satisfatória em formas deslocadas. Consequências da falha ambiental no sentido social: falta de responsabilidade do indivíduo como cuidador e genitor ou como figura paterna na sociedade, por exemplo. (WINNICOTT, 1965/1983, p. 64).

Avaliando a relação entre a falha ambiental e o adoecimento emocional, Winnicott cria um “mapa psiquiátrico” a fim de explicar a nosologia dos quadros clínicos. Adotando uma definição psicanalítica mais “simples” para retratar as doenças psicológicas, ele menciona duas estruturas de personalidade: “a neurótica e a psicótica” (1961/1994, p. 54).

Os “neuróticos” possuem um estado de “relativa saúde mental”, diz o autor⁹. Eles receberam cuidados suficientemente bons no início da vida e são capazes de reconhecer os objetos como totais. Porém, em geral, suas dificuldades se relacionam com o grau de “rigidez” da personalidade e a “repressão da vida instintiva” na travessia da fase edípica. Na teoria do amadurecimento, a inibição da agressividade está associada ao “risco de doença no indivíduo, na personalidade, no caráter ou no comportamento” (WINNICOTT 1967/1999, p. 9).

[...] que é normalidade? Bem, podemos dizer que, na saúde, o indivíduo foi capaz de organizar suas defesas contra os conflitos intoleráveis da realidade psíquica pessoal, mas em contraste com a pessoa doente de psicose, a pessoa sadia é relativamente livre da repressão maciça e da inibição do instinto. (WINNICOTT, 1961/1994, p. 58).

Já os “psicóticos” são os membros mais “doentes” da comunidade. Diferente dos neuróticos, eles não são pessoas inteiras. Acabaram sofrendo perturbações na estruturação básica da personalidade, ou seja, na “primeiríssima infância”. Vivem tentando lidar com a ausência de sensação da experiência corporal (e cultural)¹⁰. Porém, muitos subsistem na comunidade por via de uma adaptação social alicerçada em um falso *self* cindido do restante da personalidade. Se uma sociedade os acolhe, seja por sua maturidade ou até pelo predomínio maciço de pessoas imaturas, é possível que tenhamos “por aí, no mundo, mais doentes do que aqueles que se encontram em hospitais psiquiátricos” (WINNICOTT, 1961/1999). “A organização de um falso *self* é aceita facilmente na sociedade, embora ela pague um alto preço por isso. Do nosso ponto de vista, embora o falso *self* seja uma defesa eficaz, não é um componente da saúde.” (WINNICOTT, 1967/1999, p. 17).

⁹ Winnicott declara ser “extremamente difícil conviver com alguns neuróticos” (1963/1999, p. 197).

¹⁰ Os pacientes psicóticos que estão permanentemente entre o viver e o não viver, forçam-nos a encarar um problema que não é dos psiconeuróticos, mas de todos os seres humanos (WINNICOTT, 1967/1975).

Além dessa simplificação binária, Winnicott delineia mais “três complicações” clínicas (1967/1999). A primeira: entre a psicose e a psicose entra a depressão psicótica e neurótica. Nela, a pessoa encontra dificuldades em tolerar “ideias e impulsos destrutivos” nos “relacionamentos objetais”, à guisa da depressão patológica e do quadro *borderline*. A segunda problemática decorre da “expectativa persecutória”, a exemplo dos esquizoides e paranoides. Por fim, a terceira complicação tem a ver com a “palavra psicopatia”. Os estados de tendência antissocial são fenômenos “normais ou psiconeuróticas ou depressivas ou psicóticas”. Mas, quando não há um ambiente cuidador, a sociedade pode muito bem formar adultos criminosos. Todas essas personalidades não saudáveis integram a vida sociocultural a sua maneira.

Limito-me a fazer essas tímidas descrições para não cometer digressões em relação ao tema principal. Pois o que de fato pretendo demonstrar com essas resenhas é a noção polissêmica de doença e de imaturidade psíquica. Portanto, parece ser uma resolução equivocada definir o conceito de pessoa doente ou imatura por meio de um único predicado. Ademais, requer um olhar criterioso associar o termo “imaturidade” como se fosse “doença” psíquica.

Embora seja acurado conceituar a “doença psicológica” (sem causa orgânica) como um sinônimo de “imaturidade”, o seu oposto nem sempre é verdadeiro¹¹. Nem toda imaturidade emocional é sinal de doença psíquica. Por isso, o autor tanto ressalva a questão etária e valida o caráter transitório da imaturidade nos indivíduos do grupo dos indeterminados. Logo, é preciso ter cautela para não fazer um uso acrítico desses silogismos. Mesmo os que não tiveram um bom início podem manter preservado o seu potencial maturativo. Muitos não perderam a capacidade de amar, odiar, empatizar, trabalhar, deprimir (sadiamente) e crescer em direção à saúde, sendo ainda capazes de dar um destino criativo para os seus sintomas. Além do mais, nem todos os sintomas e comportamentos das personalidades imaturas prejudicam a sociedade¹². Isso é o que mais importa neste estudo. A partir desses esforços para evitar uma conceituação difusa, restrinjo-me, agora, ao trabalho de delinear as características psicológicas pessoais que possivelmente afetam a democracia e a formação da tendência democrática latente.

¹¹ Em razão disso, Winnicott chama a “imaturidade” de “quase” sinônimo de doença psíquica (1957/2005, p. 85).

¹² Para o autor, um psicótico pode levar uma vida satisfatória e fazer um trabalho excepcional (WINNICOTT, 1963/1975, p. 97).

2.1.1 O cidadão imaturo e seus limites como agente democrático

Antes de iniciar o tema, vale fazer duas ressalvas. A primeira é apontar que, enquanto na clínica winnicottiana a noção de saúde concerne apenas à maturidade pessoal de cada paciente, não cabendo protocolar visões sanitaristas ou qualquer outro parâmetro de comparação além das referências do próprio indivíduo, neste estudo o enquadramento é diferente. A caracterização do conceito de saúde e de doença psicológica do cidadão deve ser examinada em termos de sua funcionalidade dentro da vida democrática moderna. Sendo assim, enfatizo as características maturacionais da personalidade que sejam capazes e incapazes de suscitar e autossustentar a tendência democrática latente nos moldes da sociedade ocidental.

A segunda ressalva está relacionada a uma diferença crucial entre as personalidades imaturas das maduras. Diferentemente da saúde, a imaturidade psíquica apresenta padrões psicodinâmicos acentuadamente “extremos”. Podemos citar a submissão total ao outro (vitimismo) e o controle tirânico (abusador); a repressão da agressividade e os surtos de violência; a depressão patológica e a hipomania; a idealização infantil e o niilismo; a frieza emocional do psicopata e a labilidade emocional das histéricas; a megalomania dos narcisistas e o embotamento das personalidades esquizoides, entre outros. Para ampliar o leque desses contrastes, Winnicott compreende que uma pessoa pode estar doente tanto por ter “um sentido debilitado de realidade” quanto por estar “firmemente ancorada na realidade objetivamente percebida”, alienada aos valores do sistema sociocultural¹³ (1971/1975, p. 105). Em geral, as pessoas não sadias pouco conseguem equilibrar criativamente os seus desejos pessoais com as demandas sociais. As personalidades imaturas tendem a ser pouco versáteis emocionalmente. Eles possuem defesas “relativamente “rígidas”, até mesmo aqueles que se adaptam plasticamente aos desejos do outro só para garantir o seu senso de existência. A “submissão é uma base doentia para a vida” diz o psicanalista (1971/1975).

Reconhecemos a existência daqueles que perderam a âncora em relação à tendência ao desenvolvimento saudável, e cujas defesas são rigidamente organizadas, sendo a própria rigidez uma garantia contra movimentos posteriores. Não podemos estender a conotação que demos à palavra ‘saúde’ a esse estado de coisas. (WINNICOTT, 1967/1999, p. 15).

¹³ Complementando a afirmação, Winnicott relembra os que perdem a sua individualidade por “identificação com a comunidade” e os que jamais alcançam mais do que uma total “dependência da sociedade” (2000, p. 173).

Declarado isso, tento agora desentranhar da obra do autor os principais traços da imaturidade ou da doença psíquica nos cidadãos adultos. Procuro, então, elencar os padrões psicodinâmicos teoricamente incompatíveis com estimulação da tendência democrática latente.

Começo pelos psicóticos, que estão impossibilitados de estabelecer um “contato com a realidade” (compartilhada). Winnicott concebe essa insígnia como uma das mais representativas das doenças psicológicas (1963/1983, p. 204). Os fracassos de organização do ego podem gerar um sentimento de despersonalização, desrealização e falta de contato com a realidade exterior. As personalidades fragmentadas¹⁴ pouco podem colaborar com os processos de organização da sociedade, pois elas próprias ainda não constituíram uma organização interior que lhes favoreça em participar e promover a saúde exterior. Na má formação do eu unitário, o indivíduo tem poucos recursos emocionais para reconhecer o outro como um objeto objetivamente percebido. Os esquizofrênicos são “caracterizados pela incapacidade de estabelecer relações objetais”, anuncia Winnicott (1962/1983, p. 67). Isso pode empobrecer a experiência cultural de uma sociedade. Quando as fronteiras psicossomáticas estão mal consolidadas no *self*, concretar muros, se alhear do mundo, segregar pessoas ou querer exterminá-las serve como um método de autoproteção para essa frágil constituição do eu.

O desenvolvimento da tendência democrática latente de uma sociedade também pode ser embargado pela presença dos suicidas e por aqueles que estão “continuamente a pique de sofrer uma ansiedade inimaginável”¹⁵. O autor utiliza esse termo em “A integração do ego no desenvolvimento da criança” (WINNICOTT, 1962/1983, p. 56). As pessoas que vivem assoladas pela ameaça de desintegração, sem uma estabilidade emocional, enfrentam dificuldades em exercer o autocuidado e zelar pelo seu ambiente. Realizar as tarefas cotidianas e viver com os outros não é nada fácil para quem sofre de depressão patológica¹⁶ ou é recorrentemente acometido por crises de pânico. Nesse sentido, mesmo que o Estado conceda o direito jurídico à “liberdade cívica”, se não houver a “liberdade psíquica” pessoal, a qual é conferida pela saúde emocional, a pessoa adoecida pouco poderá participar das práticas sociais e cumprir os seus deveres cívicos como cidadão (inclusive até o de sair de casa para votar).

¹⁴ O significado inverso da integração psicossomática seria o termo *splitting* (cisão da personalidade). Esse é um aspecto que caracteriza essencialmente os quadros psicóticos (WINNICOTT, 1963/1983, p. 201).

¹⁵ Em “O Conceito de Regressão Clínica Comparado com o de Organização Defensiva”, Winnicott diz que as agonias impensáveis são reflexos das falhas na confiabilidade ambiental nos estágios iniciais de vida. Nas palavras do autor, esses eventos traumáticos trazem o “sofrimento máximo” ao indivíduo (1967/1994, p. 196).

¹⁶ A depressão patológica é severa e “incapacitante”, diz Winnicott em “O conceito de falso *self*” (1964/1999, p. 68).

No extremo da doença psiquiátrica, não há jogo de cintura na organização defensiva, de tal maneira que o indivíduo se entedia com sua própria estabilidade na doença. É essa rigidez de organização defensiva que faz as pessoas se queixarem de falta de liberdade. (WINNICOTT, 1969/1999, p. 240).

De acordo com Winnicott, aqueles que se sentem psicologicamente entre a vida e morte, tal qual as personalidades esquizoides ou fronteiriças interferem na qualidade das experiências culturais (1967/1975). Tais experiências permitem transcender a existência pessoal e fortalecer a grupal. Aqueles que precisam se encasular dentro de si para se blindar contra as tensões encontradas no mundo exterior (esquizoides) pouco podem canalizar o seu potencial agressivo de forma construtiva. Por mais que as personalidades dissociadas sejam éticas e não façam mal algum à sociedade em razão de sua postura passiva, isso não quer dizer que promovam a tendência democrática latente. Com eles, se houver um número maior de membros antissociais dominando a malha sociopolítica, a democracia corre um enorme perigo.

Além deles, “algumas” personalidades paranoides podem ter pouco a contribuir para com o fator democrático latente da comunidade. No entendimento de Winnicott, não faz parte da saúde um *modus operandi* governando por “susceptibilidade a delírios persecutórios” e oscilações “maníaco-depressivas” (1967/1999, p. 17). Porém, nem todos os paranoides são reconhecíveis enquanto tal. Muitos deles passam despercebidos em razão de suas funções intelectuais normais ou até hipertrofiadas. Seus delírios de juízo e seus conflitos emocionais mal resolvidos podem ser facilmente confundidos com opiniões elaboradas. Por vezes, eles chegam a passar por sábios ou visionários por criarem visões alarmistas e teorias conspiratórias. Dão a impressão de que estão vendo muito além do que os normais conseguem ver, porém, a sua doença é confundida como uma expressão de sagacidade. Quando possuem destaque público, os paranoides podem provocar o caos na sociedade. É comum que uma personalidade cindida seja capaz de promover também cisões em seu meio social. Todos aqueles que precisam projetar os males do seu mundo interno no meio exterior se veem recorrentemente perseguidos pelos inimigos que criou. Isso tende a segmentar a sociedade entre pessoas “boas” e “más”. Aliás, tanto a rigidez neurótica quanto a psicótica podem fomentar preconceitos em relação àqueles com quem não se identificam. O sucesso dessas defesas psíquicas é um ataque à democracia.

Também não podem estimular a democracia as personalidades que encontram entraves emocionais no trabalho de lidar com sentimentos ambivalentes dentro de si mesmos. Em “Adolescência” (1960/2005), Winnicott aponta que um ego imaturo, tal qual o dos psicóticos, possui uma “incapacidade” de “aceitar o meio-termo”; comparável “[...] também com a

ambivalência psiconeurótica e com a ilusão e a autoilusão de saúde” (p. 72). Isso tem relação com o radicalismo e com posicionamentos extremistas, o que inviabiliza uma sociedade plural e os diálogos democráticos. Ter dificuldades de conter forças contrárias dentro de si abre margem para a impulsividade. Os debates podem se transformar em “bate-boca”, em um jogo de ataques pessoais em razão da inabilidade em conseguir suportar as diferenças narcísicas e as tensões internas perante aqueles que pensam diferente. Essa inépcia implica também numa dificuldade de realizar um trabalho de luto. Quando uma nação possui dificuldades em se enlutar tende a viver numa eterna compulsão à repetição dos seus erros históricos do passado.

Por fim, os casos mais preocupantes de todos, os delinquentes e psicopatas, os destituídos de senso ético e empático. Conforme já descrito, os antissociais manifestos e latentes são as maiores ameaça à democracia, especialmente quando assumem posições de poder. Assim, considera-se que as personalidades imaturas não são agentes facilitadores da tendência democrática latente. Porém, na saúde pessoal há o potencial para ser e fazer o inverso.

2.2 Aspectos gerais sobre a personalidade adulta madura ou saudável

Antes de discorrer sobre o cidadão democrático, vale tentar compreender um pouco melhor o que seria a personalidade madura. Segundo Winnicott, a maturidade psicológica “constitui a melhor parte do estado adulto” (1964/1994, p. 249). Isso implica em sentir-se vivo e real. Ter autonomia sem negar a dependência em relação ao outro. A maturidade do saudável não é artificiosa. Baseada numa fácil personificação de um adulto, declara o autor no capítulo “Morte e Assassinato no Processo Adolescente” (1969/1975, p. 228). Ela envolve o saber se reinventar no tempo e perante as circunstâncias da vida. Para Winnicott poder “viver criativamente constitui um estado saudável” (1971/1975).

A saúde inclui a ideia de uma vida excitante e da magia da intimidade. Todas essas andam juntas e combinam-se, na sensação do se sentir real, de ser e de haver experiências realimentando a realidade psíquica interna, enriquecendo-a, dando-lhe direção. A consequência é que o mundo interno da pessoa saudável relaciona-se com o mundo real ou externo, e mesmo assim é pessoal e dotado de uma vivacidade própria. (WINNICOTT, 1967/1999, p. 15).

Essa polivalência do adulto saudável possibilita uma adaptação à sociedade sem sacrificar seriamente seus impulsos pessoais (WINNICOTT, 1958/2005). Há um esforço para (re)equilibrar de maneira conscienciosa as demandas da realidade interna com a exterior. Mesmo assim, o ser não está livre de sofrer e de ser surpreendido por pensamentos, sentimentos

e questões inconscientes. Porém, tudo isso pode ser organizado dentro do *self*¹⁷. Uma das características principais da pessoa madura está em sua capacidade de transitar entre os vários tipos de defesas psíquicas. Ele consegue migrar de uma para outra sem a típica rigidez dos imaturos (WINNICOTT, 1961/1994, p. 58). Pode circular entre os estados excitados e relaxados. Por isso, não encontramos nela a psicodinâmica dos “extremos” vista nas pessoas imaturas e doentes. Isso leva Winnicott a afirmar que a saúde é acompanhada de uma “flexibilidade na organização das defesas” (1969/1999, p. 240). Há um “jogo de cintura” que viabiliza uma adaptação aos mais diferentes contextos e objetos. “Uma grande parte da vida saudável tem a ver com as várias modalidades de relacionamento objetal e com um processo de ‘vaivém’ entre o relacionamento com os objetos externos e internos. Isso possibilita o pleno usufruto das relações interpessoais.” (WINNICOTT, 1967/1999, p. 14).

No texto os “Aspectos Clínicos e Metapsicológicos da Regressão no Contexto Analítico” (1954/1988), Winnicott compreende que as dificuldades da pessoa inteira se localizam “no reino dos relacionamentos interpessoais”. Ao reconhecer o outro como um objeto objetivamente percebido, o cidadão maduro pode assumir responsabilidades pelas capacidades e limites pessoais de outrem. Fazer justiça social numa democracia tem relação com essa habilidade emocional, pois nem todos têm a mesma condição social, econômica ou psicológica.

Para o autor, o indivíduo realmente sadio está “[...] mais próximo da depressão e da loucura que da psicose” (1961/1994, p. 58). Ele transita livremente entre a “loucura” organizada e a sanidade. Seu interesse volta-se para dentro e para fora de si de maneira confluyente. Isso cria a sensação de haver liberdade psíquica (mesmo na ausência da social). Se a sociedade à qual pertence for democrática, certamente o sadio terá condições de desfrutá-la em sua plenitude. A pessoa amadurecida consegue brincar e se socializar. Ela leva a vida a sério e com profundidade, mas sem faltar com o senso de humor. Pode estar junto ou na solidão e ainda assim ficar bem em sua própria companhia¹⁸. Em “A capacidade para estar só” (1958/1983), Winnicott concebe a habilidade de ficar consigo próprio (tanto na presença quanto na ausência dos outros) como um dos “maiores sinais de maturidade” psicológica (p. 31). A pessoa saudável tem “mente própria”. Ao sentir que tem a si mesma como uma posse pessoal, ela não precisa alienar-se aos ideais de um grupo ou partido político para ganhar um lugar em

¹⁷ O trabalho psicanalítico é uma ferramenta que possibilita auxiliar as pessoas saudáveis a se tornarem mais conscientes e responsáveis pelos aspectos inconscientes que estão presentes em sua própria personalidade.

¹⁸ Segundo Winnicott, a maturidade e a capacidade de ficar só “[...] significam que o indivíduo teve oportunidade através de maternidade suficientemente boa de construir uma crença num ambiente benigno” (1958/1983, p. 34).

si, no mundo e mendigar por proteção e aprovação afetiva. Todos esses e outros elementos integram “a riqueza da realidade psíquica pessoal” (WINNICOTT, 1967/1999, p. 9).

[...] quero fazer um pronunciamento para me contrapor a qualquer impressão que possa ter dado de que saúde é o suficiente. Não estamos apenas interessados na maturidade individual e em que os indivíduos estejam livres de doença mental ou neurose; estamos interessados com a riqueza do indivíduo não em termos de dinheiro, mas de realidade psíquica interna. (WINNICOTT, 1962/1983, p. 63).

Partindo do princípio de que o conceito de “saúde” muda de “tempos em tempos” e merece cada vez mais uma “nova explicação”, como diz Winnicott (1967/1999, p. 3)¹⁹, devemos, então, pensar sobre o que seria cidadão saudável dentro das demandas do mundo atual.

2.2.1 Considerações iniciais sobre o cidadão adulto maduro e suas capacidades como agente democrático

Abordo o conceito de cidadão saudável de maneira panorâmica porque todos os seus processos constitutivos serão tratados ao longo do próximo capítulo. Porém, podemos dizer que o ponto chave de ser um cidadão democrático concentra-se na noção de “identificações cruzadas”. Esse conceito é descrito em “A Experiência de Mutualidade entre Mãe-Bebê” (WINNICOTT, 1969/1994). Isso significa ser capaz de perceber o outro como um objeto total e conseguir projetar-se imaginativamente na posição emocional alheia. Envolve crer e aceitar que o(s) outro(s) sejam capazes de realizar o mesmo²⁰. As identificações cruzadas possibilitam o cuidar e o respeitar o outro, as culturas, a natureza e os vivos. Nenhum princípio de cidadania pode se autossustentar sem a aquisição da consideração pela alteridade.

Junto às identificações cruzadas, há também a capacidade para ter experiência cultural. Winnicott explica que os indivíduos e grupos capazes de ter essa experiência podem “contribuir” e realizar trocas intersubjetivas (1967/1975). O autor vê a cultura como uma área na qual os saudáveis podem fazer a união, a separação e as intersecções entre as suas subjetividades, criando uma “terceira zona” interrelacional. Aqui, é possível falar de bem comum. A noção de democracia só pode ser reinventada no tempo quando os concidadãos transformam a sociedade em um espaço potencialmente criativo. Quanto maior for a pluralidade

¹⁹ Para Winnicott, a afirmação de que o conceito de saúde que serve numa época talvez pouco valha para a outra.

²⁰ A noção de mutualidade conferida pelas identificações cruzadas na democracia pode ser representada pela expressão do escritor francês Alexandre Dumas: “todos por um e um por todos” (1844/2019, p. 66).

na malha social, mais complexos serão esses intercâmbios. Se a sociedade for composta por uma maioria de cidadãos sadios, o bem-estar e as necessidades singulares de cada um dos grupos serão agregadas e solucionadas conjuntamente como uma responsabilidade de todos.

No capítulo “O Conceito de Trauma em Relação ao Desenvolvimento do Indivíduo dentro da Família”, Winnicott fundamenta que um dos resultados do amadurecimento é a capacidade de tolerar os sentimentos ambivalentes (1965/1994, p. 193). Conter conflitos emocionais dentro de si é a base da ética e da resolução dos conflitos sociais. Afinal, a pessoa emocionalmente saudável não precisa ficar “usando o tempo todo a técnica da projeção para lidar com seus impulsos e pensamentos”, afirma Winnicott em “Agressão, culpa e reparação” (1960/1999, p. 71). A capacidade de destruir só no imaginário pessoal talvez seja o método de segurança público mais barato e eficiente a ser alcançado por uma sociedade.

Tais conquistas pessoais e sociais só são possíveis por meio do desenvolvimento emocional pessoal. A fim de melhor compreender os processos de amadurecimento, Winnicott pergunta: “o que precede a maturidade adulta?” (1960/2005, p. 143). Para responder a essa pergunta, cabe analisar os processos constitutivos da personalidade psicologicamente saudável.

3 OS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DA MATURIDADE PSÍQUICA INDIVIDUAL

“O quão moderno é o conceito de indivíduo humano”, anuncia Winnicott (1968/1999, p. 43). Para ele, é provável que não tenham existido “pessoas inteiras” senão há poucos séculos (1969/1999, p. 230), pois nem toda vida humana atinge uma saúde psicológica como unidade. No início, o ego primitivo nasce num estado “não-integrado”. No introito da vida, a “psique e o soma”¹ estão emocionalmente esconjuntados do si mesmo. Há apenas um *self* potencial. O recém-nascido só existe perante os olhos dos observadores. Esse é o grau máximo da imaturidade humana. Basilarmente, um ortivo é um complexo anatômico e neurofisiológico incôscio, amoral e irracional. Não nasce bom ou mau. Nesse instante, a noção complexa de eu inexistente. Nem de outro há. Os planos interior e exterior são indistinguíveis. Os processos conscientes e inconscientes são ainda indiscrimináveis. A realidade subjetiva e a objetiva são incognoscíveis. Sua musculatura estriada move-se involuntariamente, sem um propósito consciente. Sua condição psíquica é babélica². Ele se percebe apenas em instantes descontínuos no espaço-tempo. Desconhece o relógio solar e sociocronológico. Sua condição original é esquisitória: vive-se num caleidoscópico sensório-corporal imaginativo, imprevisível e experiencialmente não organizado na falta de um ambiente cuidador. Sem transcender a esse estado originário não integrado, será inexecutável qualquer organização social inteligente. Mas, isso só é possível por meio dos cuidados saudáveis na infância. Por meio deles, o ser pode amadurecer quatro de suas tendências potenciais em direção ao amadurecimento psicológico:

1. a tendência à integração como uma unidade pessoal;
2. a tendência à fusão da motilidade primitiva com o erotismo;
3. a tendência à concernência pelo resultado da agressividade;
4. a tendência à responsabilização pelo ambiente exterior.

Ao longo deste capítulo, apresentarei nessa sequência os processos de desenvolvimento das raízes da saúde psíquica. Mas, para começar abordando a questão da tendência à integração, devo, primeiro, discorrer sobre a “elaboração imaginativa das funções corporais”.

¹ Em “A Mente e sua Relação com o Psicossoma” (1949/1988), Winnicott considera que a psique é a elaboração imaginativa dos sentimentos, das sensações, das partes corporais e funções somáticas. Já o soma seria o corpo do vivo a ser personalizado pela ação da psique, e a mente floresce nos limites da parceria psique-soma (p. 333).

² Em “O campo psicossomático, Winnicott (2000) declara que os órgãos e tecidos são afetados pelos estados variáveis da psique” (p. 44).

3.1 A elaboração imaginativa das funções corporais no processo de constituição do ego.

Em “O primeiro ano de vida” (1958/2005), Winnicott discorre sobre a elaboração imaginativa como uma forma rudimentar de imaginação que se apoia nas experiências corporais (p.10). Em síntese, tudo “[...] o que é físico é imaginativamente elaborado”, diz (1967/1975, p. 156). Portanto, as funções biológicas, os impulsos instintivos e o encontro com os objetos circundantes passam ativamente por alguma criação imaginativa por parte do vivo. Esse fenômeno se processa desde os primórdios da vida, antes mesmo do ser descobrir a existência pessoal e os objetos exteriores. Tal capacidade é extremamente necessária no período da pré-integração, quando o corpo ainda está se desenvolvendo como uma unidade pessoal no ambiente cuidador. A elaboração imaginativa pode transformar gradualmente as vivências corporais em experiências pessoais por via da sustentação contínua dos cuidados maternos. Somente assim o ente pode ir paulatinamente atribuindo algum sentido aos eventos de sua vida animal. Em “O conceito de saúde a partir da teoria dos instintos”, o autor declara:

[...] a psique, portanto, está fundamentalmente unida ao corpo através de sua relação tanto com os tecidos e órgãos quanto com o cérebro, bem como através do entrelaçamento que se estabelece entre ela e o corpo graças aos novos relacionamentos produzidos pela fantasia e pela mente do indivíduo, consciente ou inconscientemente. (WINNICOTT, 2000, p. 69).

A combinação entre os cuidados do ambiente e as funções imaginativas viabiliza o nascimento do psiquismo infantil e a criatividade primária do bebê. Tudo isso ajuda na criação do “núcleo do *self* imaginativo” (WINNICOTT, 1949/1988). Ao crescer em condições saudáveis, a criança pode desenvolver formas “[...] mais complexas de elaboração imaginativa, povoada pelas fantasias”, afirma Naffah Neto (2017, p. 125). Portanto, a teoria do amadurecimento pessoal prevê que um ego primitivo já é um agente criador de sua própria imaginação sobre os eventos. Isso acontece numa etapa pré-verbal e assimbólica, antes do “estágio do espelho”³ e de receber a bagagem das significações sociais. Logo, o ser humano não é um simples produto do meio, uma vez que a primeira dimensão de si e de mundo é imaginária e com características totalmente particulares. Aproveito essas descrições para citar brevemente um outro tema subjacente. Em a “Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos”, o psicanalista supõe que a ideia do “núcleo inviolável do *self*” pode

³ De acordo com Winnicott (1968/2013 p.90), o rosto do cuidador materno seria o protótipo do primeiro espelho humano. No rosto dela, o bebê vê a si próprio. Podemos pensar também que ao longo do crescimento pessoal, o indivíduo pode passar a se reconhecer ou não no rosto da sociedade, vide o sofrimento das vítimas de racismo.

causar raiva em algumas pessoas. Esse, nenhuma ditadura poderá acessar ou dominar. O núcleo inviolável do *self* é a borda limite de qualquer influência de controle social.

A raiva que algumas pessoas têm da psicanálise, por esta ter penetrado um longo trecho da personalidade humana, e que pode ser sentida como uma ameaça ao ser humano em sua necessidade de ser secretamente isolado, não apenas como uma forma de defesa, mas também como uma forma de estar sadio. Isto porque o núcleo inviolável deve ser mantido desta forma. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 70).

Contudo, a elaboração imaginativa é incapaz de engenhar sozinha a própria saúde psíquica. Ela depende dos cuidados do ambiente humano. Para amadurecer, o ente carece de cuidados especializados. Por meio de uma maternagem suficientemente boa, os rudimentos da elaboração imaginária podem organizar-se no processo de integração do *self* unitário.

3.1.1 A imprescindibilidade da maternagem suficiente na saúde do pré-indivíduo

Além da cobertura do Estado, ênfase agora a “cobertura egóica” ou “apoio egóico” dos cuidadores ao ego prematuro da criança. Para Winnicott, o conceito de “uma mãe suficientemente boa, pais suficientemente bons e um lar suficientemente bom” (1967/1994, p. 153) remetem ao ambiente que proporciona à maioria dos bebês e das crianças pequenas alguma proteção contra agonias primitivas ou psicóticas, permitindo o seu desenvolvimento pessoal:

Ela protege o bebê de sustos e coincidências [...], tentando manter a situação física e emocional suficientemente simples para que o bebê consiga entender, e ainda assim rica o bastante para atender às suas crescentes capacidades. Ela fornece continuidade. Por acreditar que o bebê é um ser humano por direito próprio, ela não apressa o seu desenvolvimento, e assim capacita o bebê a apropriar-se do tempo, a ter o sentimento de um existir interno e pessoal. (WINNICOTT, 1948/2000, p. 237-238).

A mãe suficientemente boa seria o indivíduo capaz de proteger o bebê ativamente contra as ameaças do mundo exterior. Ao sair da segurança do útero, o bebê extrauterino deve ser campanulado fisicamente e afetivamente pelos seus cuidadores. Isso porque o bebezinho é o hóspede mais frágil do corpo social (principalmente para os pais que se encontram em situação de vulnerabilidade social). O colo materno é o seu primeiro abrigo. No capítulo “Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança” (1963/1983), Winnicott acredita que a “preocupação materna primária” é um fenômeno “essencial para o bem-estar do lactente” (p. 231). Ele simboliza a existência de alguém que seja capaz de estar emocionalmente identificado com o lactente. Que consiga adaptar-se ativamente as suas necessidades e atendê-las

suficientemente bem. Em “O aprendizado infantil”, Winnicott retrata a importância da maternagem para a sociedade da seguinte maneira: “A esmagadora maioria dos bebês do mundo, nos últimos milhares de anos, tem tido uma maternagem satisfatória; se assim não fosse, o mundo estaria mais cheio de loucos do que de pessoas sãs – e isso não acontece.” (WINNICOTT, 1968/1999, p. 140).

É a partir dos cuidados para com essa vida primitiva (não-integrada), que ainda desconhece o seu existir, que pode raiar a sensação de existência (integração)⁴. Ou seja, apenas no ambiente cuidador os núcleos não-integrados do *self* imaturo predispõem-se a conglutinar e a criatura não-integrada sai do seu obscurantismo pessoal e nasce como um indivíduo no mundo. Em a “Teoria do relacionamento parental-infantil” (1960/1983), Winnicott esclarece que, na fase do *holding*, acontece o despertar da inteligência. Daí segue “[...] a história do processo secundário e da função simbólica, e da organização do conteúdo psíquico pessoal”, que forma a base do sonho e das relações vivas (p. 45). Então, na psicanálise de Winnicott, estar inserido na cultura e reconhecer a si na própria carne é uma aquisição emocional, um êxito da saúde pessoal e ambiental num dado momento. Desse modo, o autor declara que “este novo ser começou a existir”, estando emocionalmente pronto para ter “experiências que possam ser consideradas pessoais” (1962/1983, p. 59).

[...] se vocês lidam bem com o seu bebê, quero que saibam que estão fazendo algo de extrema importância. É uma pequena parte da maneira pela qual darão um bom alicerce à saúde mental deste novo membro da comunidade. (WINNICOTT, 1950/2013, p. 17).

3.1. A integração: a psicogênese de um cidadão saudável

Mas que coisa é homem,
que há sob o nome:
uma geografia?
um ser metafísico?
uma fábula sem
signo que a desmonte?
Como pode o homem
sentir-se a si mesmo,
quando o mundo some?
Como vai o homem
junto de outro homem,
sem perder o nome?
(ANDRADE, 1967, p. 302).

⁴ Para Winnicott, a “vida” se dá num intervalo entre dois estados de ausências: o antes de nascer e o depois de morrer (1969/1994).

Na teoria do amadurecimento pessoal, uma sociedade sustém-se da integração psicossomática de seus membros individuais. Integrar-se é uma predisposição etológica da espécie, o sustentáculo de toda a noção de experiência humana. Corresponde ao resplandecimento da sensação de estar vivo. Alude ao início das experiências como pessoa no mundo. Representa a chegada do *status* de unidade individual. Isso decorre do processo emocional de suturação da psique no soma com a ajuda da maternagem suficientemente boa. Ao sentir-se circunscrito no próprio corpo, o ser cinge como uma espécie de célula psicossomática. No capítulo “A integração” (2000), Winnicott explica que nessas condições já há um *self* para tomar “consciência” (p. 136). A integração espaçotemporal disponibiliza ao ser a contenção de memórias pessoais e corporais. Quando integradas no *self* essas dimensões, a realidade psíquica tende a se enriquecer o tempo todo com as experiências (WINNICOTT, 1964/1999). O alcance do “estado unitário” atesta que a existência “foi provada”. Que o indivíduo já possui um modo particular de ser e estar no mundo. Então, aos poucos, ele passa a descobrir que é um inquilino social, um membro do núcleo familiar. Por meio da assistência do ambiente cuidador, Winnicott (1962/1983, p.59) compreende que o amadurecimento humano evolui em três etapas: a dependência absoluta; a dependência relativa; o rumo à independência (1962/1983, p. 59).

Gradativamente, a mãe suficientemente boa recua e passa a se adaptar cada vez menos ao lactente na medida em que ele cresce e seu ego se torna mais forte. Winnicott apresenta esse pensamento no capítulo “Distúrbios psiquiátricos e processos de maturação infantil” (1963/1983, p. 211). A constituição da autonomia pessoal (não confundir com independência plena em relação ao outro) é um indicativo dos progressos da saúde. Ela significa que o ser atravessou três processos constitutivos. A “integração” no espaço-tempo, quando o indivíduo passa a situar-se nas coordenadas de espacialidade e temporalidade (surgindo a noção de tempo presente, passado e futuro) é a primeira delas. A “personalização”, que lhe confere o sentimento de habitação e autolocalização em si mesmo (na qual a própria história pode ser experimentada em primeira pessoa a partir da recém-encarnação psicológica de sua matéria orgânica) e, junto a isso, ao receber um capeamento psicossomático, o indivíduo desperta para as “relações objetais”. Tais conquistas maturacionais permitem o “viver com”. Essas são só as raízes primitivas para que um cidadão adulto possa desenvolver um senso ético e democrático.

Em todos os lugares, as pesquisas dos analistas fortaleceram todos aqueles que pensam em termos do crescimento emocional do indivíduo e que pensam na saúde como um caminho que o indivíduo percorre, da dependência para a independência, e do progresso da criança em ir se identificando, gradualmente e no devido tempo (isto

é, depois, e não durante a adolescência), com a sociedade, tomando parte, como adulto, em sua manutenção e modificação. (WINNICOTT, 1965/1999, p. 181).

A integração da personalidade não é alcançada num determinado dia ou numa determinada época, mas, quando ela é construída a partir de cuidados suficientemente bons, a “personalidade pode revelar-se bem estruturada” (WINNICOTT, 2000, p. 139). O desenvolvimento da “força do ego” torna o indivíduo menos vulnerável a adoecer diante dos acontecimentos imprevisíveis e perante as pressões do mundo exterior. Em “Os Estados Iniciais: Diagrama do Conjunto Ambiente-Indivíduo” (2000), Winnicott faz uma analogia do indivíduo com uma bolha (p. 146). Se a pressão no exterior da bolha for maior ou menor do que aquela em seu interior, a bolha passará a reagir à intrusão. Isso se traduz como uma interrupção na linha de continuidade do ser. Sendo assim, o psicanalista adverte que a integração da personalidade “pode ser perdida” e o senso de unidade pode ser (inter)rompido por:

Uma interferência no acesso da mãe ao bebê nos primeiros dias, e na primeira apresentação da realidade externa ao bebê. Afinal de contas, essa é a base da capacidade que o novo indivíduo tem para se relacionar com uma realidade externa cada vez mais ampla; caso se estrague ou impeça a tremenda contribuição da mãe, realizada através de sua devoção, não resta nenhuma esperança de que o indivíduo eventualmente passe para o grupo $100 - (x + y + x)$, que gera sozinho o fator democrático inato. (WINNICOTT, 1970/1999, p. 259).

Havendo uma fragilidade nos processos de integração, a falta de controle da própria agressividade pode resultar em agressão, autoviolência ou isolamento afetivo. Porém, no ambiente saudável, as raízes da agressividade viabilizam o inverso. Elas favorecem os processos constitucionais do indivíduo e o uso da agressividade para fins prossociais.

3.3 A importância da agressividade na constituição do cidadão

Desde que exista um ambiente cuidador, um ser civilizado constitui-se a partir das raízes da agressão infantil. Pois, no princípio da vida, a instintualidade ainda não está integrada à personalidade global. Nas fases iniciais de vida, “não há id antes do ego”⁵ na experiência infantil, por isso o autocontrole sobre os impulsos é indômito. As atividades instintuais do nascituro exprimem a força bruta de sua vitalidade biológica e revelam o *quantum* energético

⁵ Winnicott (1962/1983, p. 55) utiliza o termo “id” quando os fenômenos são registrados, catalogados e eventualmente “interpretados pelas funções do ego”. Nos estágios precoces, a vida instintiva pode acontecer sem conexão com o eu, pois, a criança não é uma entidade constituída o suficiente para localizar suas experiências.

que há contido nesse ente. Na pré-história do lactente, sua agressividade não visa a destruição⁶ nem a construção. Aqui, a criatura humana não está “suficientemente amadurecida para que a agressividade já possa significar alguma coisa”, afirma o autor em “A Psicanálise do sentimento de culpa” (WINNICOTT, 1983/1968, p. 26). Os afetos ainda não atingiram a complexidade para amar e odiar. A “expressão primitiva do amor” ainda está fusionada com a voracidade⁷. O bicho humano acha-se num período “pré-remorso”. Inicialmente, ele não sente culpa, compaixão ou é capaz de responsabilização. Em função disso, seus ímpetos agressivos-destrutivos estouvados investem-se brutalmente contra o meio. O mundo a sua volta só não é estraçalhado, pois a resistência dos objetos que o circundam supera sua força física. Tudo isso é inerente à natureza primitiva do vivo. Parece inacreditável, mas considerando a vertente maturacional, aí estão os potenciais de desenvolvimento de um futuro cidadão democrático.

No ambiente suficientemente bom, havendo uma função materna atuando como um ego auxiliar, gradualmente a agressividade do bebê pode organizar-se, na medida em que o seu *self* se desenvolve. No capítulo “A Posição Depressiva no Desenvolvimento Emocional Normal” (1950-55/1988), Winnicott formulou três estágios diacrônicos da agressão (p. 356):

- 1) inicial: na pré-integração, a agressão motora é espontânea e sem concernir com seus resultados e impactos ao meio ambiente. No ser existem tensões instintuais e o contato com o meio exterior seria uma das consequências de sua motilidade despropositada⁸;
- 2) intermediário: havendo integração do eu, é possível afirmar que o comportamento do bebê possui afeto e propósito e ele pode concernir com os efeitos causados ao meio exterior (pré-ética);
- 3) personalidade global: a maturidade psíquica e social envolve o estabelecimento de relações interpessoais complexas (situações triangulares). Há conflitos conscientes e inconscientes. O indivíduo consegue integrar em si sentimentos ambivalentes (amor e ódio) e ter autodomínio sobre seus impulsos agressivos-destrutivos (ética).

A integração da vida instintiva é um fator crucial para haver saúde psíquica (e social). Através das movimentações musculares involuntárias, o ente poderá deparar-se com oposições físicas. Lucrar “com a experiência de mover-se e dar de encontro com alguma coisa”

⁶ Para Winnicott, a destruição só se torna uma responsabilidade quando existe a integração e organização do ego em um ambiente facilitador e, conseqüentemente, o medo da retaliação. A capacidade de odiar ainda inexistente nesses estágios (1950-55/1988, p. 363).

⁷ O que há é um “amor-de-boca”. O objetivo do bebê é a satisfação, a paz do corpo e do espírito, quer aliviar-se de modo incompadecido (WINNICOTT, 1950-55/1988, p. 289).

⁸ A mobilidade é uma característica do feto vivo. Ela é precursora da agressão. (WINNICOTT, 1958/2005, p. 10).

(WINNICOTT, 1958/1987, p. 104). A fisicalidade dos objetos fornece as provas materiais de seu potencial agressivo⁹ e vai inferindo sobre a existência corporal. Assim, o movente fará as primeiras distinções entre “o que é eu e o que é não-eu”. Somado ao mover-se, as ansiedades produzidas pelo apetite fazem a criatura sentir-se criadora dos objetos que a saciam. Isso quando o cuidador materno interpreta suficientemente bem suas necessidades, trazendo-lhe o seio (ou seu substituto). Na ilusão onipotente do bebê, nos estados excitados é ele quem sente ter “criado a mãe” (o seio, primeiramente) e não o contrário. No capítulo “Estabelecimento da relação com a realidade externa – relacionamento excitado e relacionamento tranquilo” (2000), o autor afirma que a “saúde mental dos indivíduos e da comunidade” passa pela sensação do lactente “ser o criador do mamilo do seio da mãe” nesse ambiente emocionalmente saudável (criatividade primária) (p. 124). No ambiente saudável, a criança que pôde acreditar em sua onipotência (a partir da vida instintiva no ambiente sadio), conseguirá crer e confiar no poder de sua agressividade para buscar e possuir os objetos. A defesa da democracia requer indivíduos capazes de utilizar da sua agressividade pessoal de forma ética, protegendo a sociedade.

3.3.1 O uso da agressividade para fins democráticos

O sentido winnicottiano de maturidade não é um estado mítico de benevolência, de placidez ou de evolução espiritual. Nada disso. Seu conceito de saúde psicológica abarca a ideia de agressão e voracidade como um anseio para possuir algo. A força motriz investida para criar e obter os objetos de afeto ilusionados. Essa pujança é também empregada para defender arduamente as coisas materiais e abstratas, os objetos dignos de serem preservados. Todavia, o termo “voracidade” fora historicamente difamado por conta do mal uso humano. Em “O pensar e o inconsciente” (1945/1999), Winnicott diz que, se há saúde ética, a “VORACIDADE¹⁰” não iconiza a concupiscência, a plutocracia, o despotismo e exploração ao próximo (p. 167). Além dos vocábulos “desejo” e “agressão”, na saúde, a palavra VORACIDADE adjaz latentemente a responsabilidade cívica:

⁹ Os impulsos agressivos não produzem qualquer experiência satisfatória a não ser que haja oposição (WINNICOTT, 1988 /1950-55, p. 370).

¹⁰ Winnicott escreve “*GREED*” (VORACIDADE) com letra maiúscula para se referir ao impulso amoroso primitivo: “aquilo que todos temos terror de admitir como nossa posse”. Sem o anseio de possuir, nada relevante poder ser feito e preservado, a menos que “desistamos de nossa aspiração à saúde” psicológica (1968/1999, p. 168).

[...] nenhuma ajuda vem dos sociólogos quando eles negam o poder da voracidade e da agressão que todo indivíduo tem que enfrentar dentro do próprio self, se quiser ser civilizado [...] O difícil é que ele veja que toda voracidade, agressão e embuste no [...] nenhuma ajuda vem dos sociólogos quando eles negam o poder da voracidade e da agressão que todo indivíduo tem que enfrentar dentro do próprio self, se quiser ser civilizado [...] O difícil é que ele veja que toda voracidade, agressão e embuste no mundo bem poderiam ter sido sua responsabilidade; isso é verdade tanto para o Estado como para o indivíduo. (WINNICOTT, 1940/1999, p. 217).

Na estimativa do psicanalista, ao tornar possível o “eu sou”, é possível dar sentido e ao “eu faço” (WINNICOTT, 1967/1999, p. 11). Desse modo, a agressividade contida na VORACIDADE obedece às intenções do ente. O indivíduo poderá aplicá-la como uma ferramenta em prol da vida. Aproveitá-la para interceder a favor dos princípios democráticos. Havendo saúde psíquica, as agressões são arraigadas de valor social.

Elas são pelos valores da liberdade, igualdade e fraternidade. Quando os sadios visam o poder, em geral, fazem-no em função “do medo do caos e do descontrole” (WINNICOTT, 1940/1999). Apoderam-se antes que as personalidades aécticas tomem sua posse. Os maduros reconhecem que existem pessoas vis, insanas e imaturas e não abnegam sua própria maldade, nem a dos seus outros. Temem os sociopatas; os sedentos por destroçar a sociedade e as valiosas conquistas sociais, culturais, históricas e políticas das comunidades e da humanidade. As pessoas e os governos sadios podem até ser pacíficos, mas jamais passivos e ingênuos.

Winnicott imagina que o dom de “governar bem e espalhar bons princípios” incita tanto admiração quanto desperta “ódio” e “inveja”. Porém, os imaturos não ambicionam os êxitos em si, mas as oportunidades que os sadios têm para “controlar as forças que poderiam ocasionar desordem” (1940/1999). Por bem ou por mal, o mundo globalizado necessita de monitoramento. Tal qual os indivíduos recém-integrados, o corpo nacional também sofre ansiedades persecutórias ao integrar-se. Excetuando alguns países¹¹, a maioria dispõe de forças armadas para se proteger. Mesmo que o exército ou as forças paramilitares nunca sejam acionados, sua presença já apazigua certas ansiedades paranoides provocadas pela sensação de despreteção. Caso os patrimônios nacionais e mundiais sejam atacados, os sadios agredirão, lutarão, na intenção de salvaguardar as aquisições que lhe são caras. Preferivelmente, tentarão fazê-lo sem a luta armada, mas, se preciso, com pesar, assim o farão. Ilustrando as ideias de reconhecimento da maldade (pessoal e alheia) e o uso da agressão para defender os valores democráticos, menciono um trecho do discurso de guerra do estadista Winston Churchill:

¹¹ Devido aos tratados firmados com potências estrangeiras ou por conta de eventos internos, alguns países não possuem forças armadas. Cito aqui: Domínica; Kiribati, Liechtenstein; Ilhas Marshall; Estados Federados da Micronésia; Nauru; Palau; Samoa; Ilhas Salomão; Tuvalu; Andorra; Costa Rica; Granada; Islândia; Maurícia; Mônaco; Panamá; Santa Lúcia; São Vicente de Granadinas; Vanuatu e Vaticano.

[...] quando vemos a originalidade da malícia, a engenhosidade da agressão, que nosso inimigo exhibe, certamente podemos nos preparar para todo tipo de novo estratagema e todo tipo de manobra brutal e traiçoeira [...] nós nos mostraremos mais uma vez capazes de defender nossa terra natal, para enfrentar a tempestade da guerra e sobreviver à ameaça da tirania, se necessário por anos, se necessário sozinho. De qualquer forma, é isso que vamos tentar fazer. Essa é a decisão do governo de Sua Majestade – cada um deles. Essa é a vontade do Parlamento e da nação. O Império Britânico e a República Francesa, unidos em sua causa e em suas necessidades, defenderão até a morte seu solo nativo, auxiliando-se mutuamente como bons camaradas com o máximo de suas forças. (INTERNATIONAL CHURCHILL SOCIETY, 2021).

3.3.1.1 Uma breve relação entre a avidez e o sistema capitalista

Winnicott sugere que uma economia saudável depende do reconhecimento do “valor” e do “perigo” da VORACIDADE, pessoal e coletiva (1945/1999). O capitalismo selvagem seria o maior demonstrativo das consequências da avidez. A “economia astuciosa” é ideologicamente interessante, porém, perigosa quando se torna o único “alicerce de um planejamento” individual e civilizatório. Por isso, o autor critica o racionalismo de alguns economistas que não contemplam os aspectos inconscientes e sensíveis da realidade humana. Preterem os efeitos perniciosos da ganância quando matematizam o nosso bem-estar a um modelo econômico:

Eles [economistas], no final das contas, raramente acreditam na importância do inconsciente, e em segundo, mesmo que acreditem, a compreensão que o homem possui da natureza humana ainda não é tão completa que nos capacite a substituir totalmente os sentimentos pelo pensamento. O perigo é que os pensadores fazem planos que parecem maravilhosos. Cada falha é manejada, à medida que aparece, com mais uma brilhante demonstração de raciocínio e, no final, um pequeno detalhe que foi deixado de lado, por exemplo: a VORACIDADE desaloja a obra-prima da construção racional. O resultado é uma nova vitória da irracionalidade. (WINNICOTT, 1945/1999, p. 168).

O capitalismo selvagem é um demonstrativo da avidez; da ganância insaciável, destituída de uma causa prosocial profunda. Quando a filosofia econômica é regida pela mentalidade dos ávidos, os países podem se tornar mais consumistas do que humanitários. Winnicott qualifica o consumismo compulsivo como um tipo de perversidade cotidiana. Uma possível “manifestação comum da tendência antissocial” (1960/1999). Em “Os Padrões Deles e os Seus” (1945/2008), o psicanalista percebeu que, no mundo moderno, os “pequenos negociantes e lojistas” e as pessoas de modo geral, desapareceram “submersos nas grandes organizações” (p. 134). A pulsação frenética do mercado financeiro dita o ritmo das sociedades. Quando a única preocupação é a lucratividade, as corporações reduzem a vida humana a uma

simples força de trabalho. Winnicott conseguiu correlacionar a inserção das leis de produtividade (que vão “além da compreensão do pequeno negociante”) com o que viria a ser batizado futuramente de síndrome de “*burnout*”¹²:

No comércio, por exemplo, inventaram-se regras e regulamentos em que, no início, ele fica incomodado, depois torna-se desconfiado, e alguns dos melhores de sua área são gradualmente forçados a desistir, ou são levados ao colapso físico ou mental. Não há dúvida de que isso tem um certo valor por causa de sua crueldade e estupidez. (WINNICOTT, 1960/1999, p. 221).

Ao ignorarmos os aspectos inconscientes implícitos na relação entre a avidez das personalidades e o capitalismo, a tendência é persistir a fome; a desigualdade; a exploração de mão de obra infantil; o hiperconsumismo; a crise ecológica; entre outros efeitos colaterais do produtivismo. Por isso, Winnicott (1960/1999) sugere que façamos “bom uso” da VORACIDADE pessoal, ou seja, nos responsabilizar pelos “efeitos globais” que acompanham o verbo cobiçar na vida adulta. Este deve ser associado ao cuidar (p. 221).

Nesse sentido, o ritmo frenético do sistema econômico exige cidadãos com algum tipo de fortalecimento egóico (ou operando no polo positivo de uma psicose-maníaco depressiva). Pressupõe gente capaz de ser suficientemente agressiva para enfrentar um mercado impiedosamente competitivo. Quando um governo não fornece condições adequadas para que o cidadão se desenvolva, esse indivíduo ou grupo contará apenas com as bases constitucionais de sua saúde psicológica para se adaptar ao mundo (sem adoecer emocionalmente). Só os que podem conservar alguma crença na onipotência do seu pensamento esperanças encontrar (em algum momento) os objetos e as situações que dão dignidade à vida no meio infausto (nem que seja por via do roubo). Mesmo na pobreza, se uma família tiver pais emocionalmente saudáveis, há a possibilidade de uma criança ser minimamente protegida das cóleras desse ambiente ao ponto de crescer com saúde psicológica graças aos cuidados amorosos dos pais:

Olhemos para os cortiços e para a pobreza não somente com horror, mas também atentando para a possibilidade de que, para um bebê ou uma criança, um cortiço pode ser mais seguro e “melhor” como ambiente facilitador do que uma família com uma casa bonita, onde não existem as perseguições comuns. (WINNICOTT, 1968/1999, p. 151).

3.3.1.2 O fracasso ambiental e a inibição da agressividade pessoal

¹² O termo *burnout* se relaciona com o estado de esgotamento físico e mental ligado ao estresse crônico e contínuo vivenciado no trabalho. A OMS inclui o *burnout* como uma das graves doenças contemporâneas (FORBES, 2019).

Conceituando a partir da teoria do amadurecimento, um governo democrático seria, então, um sistema garantidor de uma espécie de “experiência de ilusão de onipotência em nível coletivo”. Um modelo de organização no qual os cidadãos podem “criar” os objetos de sobrevivência e de adaptação social para quando deles precisarem. Portanto, um Estado pautado nos Direitos Humanos deve dispor de condições para a sua população inventar criativamente: os brinquedos para brincar; a moradia para abrigar; a comida para saciar a fome; a escola para estudar; os hospitais para quando adoecer; o emprego para trabalhar; o salário justo para sobreviver; a polícia para se defender; a justiça para garantir os direitos; o acesso à cultura para se sofisticar; a ética para se civilizar; a arte e o esporte para se expressar e os locais de lazer para se entreter. Entretanto, quando o governo desilusiona a população quanto ao direito de realizar tais objetos, podemos denominá-lo como um “Estado tantalizador”¹³ ou ilusoriamente democrático. Esse sistema pode gerar adoecimento psíquico. Principalmente para os egos fragilizados. Para aqueles em quem o sentimento de onipotência pessoal já foi precocemente minado nas fases iniciais de vida, inviabilizando a experiência da “ilusão de que o que ele cria realmente existe” como diz Winnicott, em “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais” (1951/1988, p. 331). Esses se sentem incapazes de agredir o mundo e de ambicionar os objetos. Seu potencial agressivo e criativo pouco pode ser utilizado (mesmo que haja saúde física). Eles esmorecem no meio malsão, há pouca resiliência para enfrentar crises ambientais.

Parece, a princípio, que todos os outros que existem (não vivem) nessas comunidades patológicas abandonaram a esperança, deixaram de sofrer e perderam a característica que os torna humanos, de modo a não mais perceberem o mundo de forma criativa. (WINNICOTT, 1970/1975, p. 99).

Sendo prático: como esses membros da sociedade poderão colocar a sua agressividade pessoal “a serviço da tarefa de viver, amar, brincar e, finalmente, trabalhar?” (WINNICOTT, 1967/2008, p. 269). Exemplifico com o depoimento de Sr. Antônio, ex-morador de rua:

[...] eu já perdi a esperança de um dia eu já ser gente ainda [...]. Depois que perdi meu pai e minha mãe, me mandei no meio do mundo, porque para mim não tinha mais vida, [...] pensava que a vida valia a pena não: não tinha amor, não tinha carinho [...] andava todo sujo, todo esfarrapado [...] entrei um tempo na depressão. (ALCANTARA; ABREU; FARIAS, 2015).

¹³ Na definição de Zimmerman (2004, p. 337), o termo tantalizador define-se como “aquele que tantaliza, isto é, que seduz com alguma coisa que, apresentada à vista, excite o desejo de possuí-la, mas frustrando este desejo continuamente por se manter o objeto desejado fora de alcance, à maneira do suplício de Tântalo” (mito grego).

Nesses casos, a pobreza é mais um agravante da sensação psicológica de nulidade para os que já se sentem impotentes perante a vida. De acordo com Winnicott, muitos dos bebês que não passaram pela experiência da criatividade primária apresentam padrões comportamentais de apatia e inibição da agressividade diante do meio. Sua tendência é ter dificuldades em contribuir para o “fundo cultural” da sociedade na chegada da fase adulta (1964/2005, p. 14). O sintoma de uma vida não-criativa é o sentimento de futilidade e ausência de significado existencial (WINNICOTT, 1970/1999, p. 36). Com isso, pretendo apresentar a ideia de que nem todos dispõem de recursos psicológicos para se adaptar às exigências dos sistemas globais que regem a humanidade. Então, questiono: como pode ser democrática uma cultura econômica que despreza a vulnerabilidade social e emocional de seus próprios mantenedores? Na teoria do amadurecimento pessoal, a constituição de um “círculo benigno” no lar é uma das condições que permite ao ser desenvolver alguma resiliência para encarar o mundo externo.

3.5 O círculo benigno e a possibilidade de confiar no ambiente humano

Numa família, uma criança comete tudo o que levaria um cidadão aos tribunais ou aos hospitais psiquiátricos na sociedade adulta, declara o psicanalista em “Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil” (WINNICOTT, 1987/1971). Mesmo o párvulo sadio procura desunir os pais-cuidadores e dismantelar a microssociedade do lar. Na saúde, ele bate, destrói e toma “egoisticamente” os objetos para si. Por esse motivo, toda criatura humana merece encontrar um lugar seguro para amadurecer esses ímpetos originalmente incivilizados. Sem um ambiente sadio, dificilmente o vivo desenvolverá o fator democrático pessoal. O papel dos lares deve ser o de preparar a criança para embarcar com saúde na sociedade.

A relação com o cuidador pode ser compreendida como o primeiro relacionamento social do animal humano. O foco central desse contato é a situação da alimentação¹⁴. Isso envolve os ataques diários da criança e a competência dos pais para sustentar e sobreviver a essas ofensivas. No capítulo “A posição depressiva concern, culpa e realidade psíquica pessoal interna” (2000), Winnicott cognomina de “círculo benigno” essa disposição amorosa e condescendente em face das agressões infantis. Ele delinea-se como um ambiente (contínuo e pessoal) onde a agressividade infantil pode ser experienciada numa zona segura e

¹⁴ Winnicott (1957/1987, p. 91) compartilha o depoimento de uma mãe assustada diante do ataque infantil durante a amamentação: “quando me trouxeram o bebê, ele investiu contra meu seio de um modo selvagem, dilacerando meus mamilos com as gengivas e, em pouco tempo, o sangue escorria. Senti-me dilacerada e aterrorizada. Levei muito tempo para me recuperar do ódio que surgiu em mim contra a pequena fera e acho que essa é uma das principais razões por que o bebê nunca desenvolveu uma verdadeira confiança”.

indestrutível. A consistência e a previsibilidade do acolhimento maternal salvam o bebê das ansiedades persecutórias¹⁵ provenientes de seus estados excitados. Quando o universo interno repleto de fantasias realizadoras é apaziguado, o potencial maturativo retilha em direção à saúde. A crença na bondade ambiental amparará três virtudes significativas dentro do convívio societário: confiar no pacto social, poder estar só (semi-independente) e adiar gratificações¹⁶.

Ao acreditar nos pais-cuidadores, o bebê torna-se cada vez mais livre e audacioso no exercício de sua vitalidade instintual. Por via da instintualidade, ele descobre o valor do perdão, do amor e da generosidade. Ao longo da jornada maturativa, o ser vai percebendo seus criadores como figuras inteiras. A aparição do sentimento de culpa¹⁷ medra da concernência para com as repercussões imaginárias dos atos inconcernidos. No círculo benigno, os cuidadores fornecem o tempo necessário para que a cria complete o circuito “agredir-ferir-curar”¹⁸. Esse movimento processa-se em um sequenciamento composto por quatro etapas:

1. a experiência dos impulsos instintivos incompadecidos;
2. a aceitação das responsabilidades denominadas culpa;
3. a elaboração desse sentimento de culpa;
4. os gestos reparatórios em direção ao ambiente agredido. (WINNICOTT, 1958/1983, p. 27).

A resiliência dos pais-cuidadores perante a agressividade infantil oportuniza ao indivíduo a conquista de uma habilidade imprescindível para o convívio civilizatório: a capacidade de destruir os objetos no plano da fantasia. Essa agressão no plano inconsciente torna o remorso e as ambiguidades do amor pulsional passíveis de serem suportados no *self*. Isso escuda o meio exterior de sofrer a destruição real. Na ótica de Winnicott, a capacidade crescente do indivíduo de conservar sua própria espontaneidade, junto com o manejo interno dos fatores de controles sociais, entranha a “ideia democrática em miniatura” (2005, p. 19). Se examinarmos as crianças amadurecendo por intermédio das relações humanas maduras e

¹⁵ As cruas ansiedades de retaliação experienciadas pelo bebê são humanizadas pelas boas experiências com seus pais. Estes podem até desaprovar e ficar brabos, mas não mordem, afogam ou queimam a criança como nas fantasias de retaliação presente nos estados excitados de seu universo interior. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 95).

¹⁶ Segundo Winnicott, a maturidade e a capacidade de ficar só “significam que o indivíduo teve oportunidade através de maternidade suficientemente boa de construir uma crença num ambiente benigno. Essa crença se constrói através da repetição de gratificações instintivas satisfatórias” (1958/1963, p. 34). A criança torna-se capaz de relaxar (entrar em estados de não-integração) ao confiar na regularidade dos cuidados ambientais.

¹⁷ No entendimento de Winnicott (1949/2008), o “único sentimento apreciável de culpa” brota da urgência para consertar, recriar e dar dentro do círculo benigno (p. 123). Tudo o que reduz os sentimentos de culpa é agradável para a criança e o que os aumenta é desagradável. O senso ético infantil desenvolve-se a partir de medos rudimentares, mais veemente do que a moralidade da mãe e do pai (WINNICOTT, 1962/1993, p. 125).

¹⁸ É habitual os pais-cuidadores desaprovarem, esbravejarem, zangarem-se, magoarem-se e dar castigos (toleráveis), mas desde que a criança tenha recursos psicológicos para compreender e transformar essas repressões em ações construtivas. Se os cuidadores suportarem com sabedoria tudo o que a criança fizer para desunir e destruir a união do casal e da família, ela buscará, por si mesma, formas de restaurar a harmonia doméstica que perturbou.

confiáveis, torna-se possível perceber o recrudescimento da saúde psíquica e do senso de responsabilidade social.

3.4.1 Um breve relato da recuperação emocional e social através do círculo benigno

A restauração do círculo benigno pode ser experienciada também noutros estágios do crescimento. A despeito desse fato fora do *setting* clínico, compartilho a história de Roberto Carlos Ramos¹⁹. Por recomendação de uma assistente social, aos seis anos de idade sua mãe o colocou em um internato para menores devido às dificuldades para criar 10 filhos na favela. Da Fundação Casa (antiga FEBEM), o garoto fugiu 132 vezes. Aos 13 anos, era analfabeto, usava drogas, sofria constantes tentativas de abuso físico e sexual e cometia atos infracionais²⁰ ao vagar pelas ruas da cidade de Belo Horizonte (MG). Nesse período, o menino tentou o suicídio, mas foi malsucedido. Em 1979, a instituição classificou-o como um elemento “irrecuperável”. Meses depois, foi adotado pela pedagoga francesa Margherit Duvás, que acreditava no poder recuperador dos cuidados. Ao chegar em sua residência, prontamente o garoto criou uma lista de bens materiais que hipoteticamente furtaria. Porém, conforme assegurava-se do afeto dela, a cada semana repunha “em sua imaginação” um objeto de roubo desse catálogo fictício. Ela custeou seus estudos e o tratamento contra a dependência química. O adolescente alfabetizou-se (em português e francês), mas, sobretudo, conheceu o amor resiliente diante da destrutividade. O ponto derradeiro de sua vida deu-se quando a pesquisadora lhe informou que seu visto venceria e regressaria para a França. Enraivecido, supondo que deixá-lo-ia, Roberto vedou os ralos com lençóis e abriu as torneiras até inundar sua casa. Porém, no lugar do castigo, Margherit deu-lhe um abraço e começou a chorar. Garantiu que jamais lhe abandonaria, independentemente do mal que fizesse. Nesse ambiente, Roberto teve a chance de amadurecer. Na fase adulta, tornou-se pedagogo e adotou 25 filhos em Minas Gerais. Em 2010, ao ser perguntado sobre o que diria à mãe francesa, respondeu: “muito obrigado por não ter desistido de mim” e por ter ensinado o “verdadeiro sentido da palavra amor” (DESCUBRA MINAS, 2010).

¹⁹ Roberto tornou-se Mestre em Educação pela Unicamp; Pós-Graduado em Literatura Infantil pela PUC-MG; membro da Associação Internacional dos Contadores de Histórias e Valorizadores da Expressão Oral Mundial em Marselha, França (RAMOS, 2000).

²⁰ Winnicott vê na delinquência um ato esperançoso e Roberto parece ilustrar a tese winnicottiana nessa frase: “[...] para mim, o adulto era só um cara que me sacaneava. Daí a ideia de começar a roubar, de dar tijolada em vidro de carro. Quem está na rua sabe o que é não ser notado. Mas se você dá um prejuízo material para uma pessoa, ela te xinga com um palavrão. Aí você tem a certeza de que continua vivo.” (A GAZETA, 2010).

O desenvolvimento emocional transpassado no círculo benigno possibilita o estabelecimento de vínculos de confiança a partir da capacidade de crer no bem e na bondade. Na explanação de Winnicott em “Amamentação” (1957/2008), essa crença constrói-se através da repetição de gratificações instintivas satisfatórias (p. 63). Partindo desse princípio, podemos pensar na infância suficientemente boa como um processo gradual da formação da capacidade de crer no ambiente. O atendimento suficientemente bom provido pela figura materna dá ao seu bebê a ilusão de que o mundo é bom e confiável por ter sido criado a partir da sua ilusão onipotente²¹. Essa fé pode conservar-se mesmo que o bom ambiente se destroe. Credo, o ser terá condições de compactuar com algo exterior a ele. Poderá acreditar nos sistemas de crenças, ideias e valores culturais, familiares e da sociedade em derredor (até provar-se o contrário).

3.5 A capacidade de crer e o pacto social

Sobre a suposta gênese do pacto democrático na psicologia primitiva do indivíduo, aludimos o desenvolvimento pessoal da capacidade de crer e confiar no meio exterior. Teoricamente, tudo começa na gestação, afinal o vivo intrauterino depende das diligências de seu portador direto, a mãe. Ser essa mãe é um encargo pessoal e social por natureza. Os genitores seriam os primeiros cidadãos a ter de arregar para si um compromisso para com outrem. Um bebê tem potencial para compactuar, fazendo sutilmente pequenas contribuições para a sociedade. Todavia, se requer um ambiente sensível, com cuidadores capazes de empatizar, significar e acolher suas ações adequadamente, esclarece o autor no capítulo “A Moralidade Inata do Bebê”:

Um sorriso pode conter tudo isso, ou um gesto brusco do braço, ou um ruído de sucção indicando estar preparado para uma mamada. Talvez emita um som rabugento pelo qual a mãe sensível compreenda que, se chegar depressa, poderá atender pessoalmente a uma evacuação que, do contrário, converter-se-á numa sujeira desperdiçada. Aí está o verdadeiro início da cooperação e do sentido social. (WINNICOTT, 1964/2008, p. 105).

Quando a vida infantil se edifica num lar confiável, a crença na bondade aflora. Na tese do psicanalista, por meio do acúmulo de registros de experiências suficientemente “boas”²², no

²¹ Em “Por que Choram os Bebês?” (1957/2008), Winnicott explica que um bebê que perdeu a crença no ambiente não fica raivoso, deixa apenas de querer ou chora num ar lamentoso e desiludido. Ele pode também começar a bater com a cabeça no travesseiro, no chão ou nas paredes, ou então explora incompadecidamente as várias possibilidades do que pode fazer com o seu corpo e o dos outros (p. 68).

²² “Bom” significa que o atendimento da necessidade ou impulso da criança foi atendido de uma maneira bastante satisfatória. “Mau”, nesse contexto, expressa o triunfo dos objetos benignos maus ou persecutórios sobre os bons em função da ausência de acolhimento satisfatório por parte do ambiente (WINNICOTT, 1969/1993 p. 141).

decorso da provisão ambiental familiar, o lactente pode desenvolver a “crença em”. Winnicott menciona esse conceito no capítulo “Segurança” (1960/1993). Isso sugere a ascensão do animal humano como uma entidade dotada de credulidade numa “bondade original” (p.107). A aquisição dessa virtude acompanha uma sensação de que a bonomia existe como realidade exterior. A partir da “crença na confiabilidade” na relação com a figura materna, o indivíduo poderá “crer em” outros relacionamentos (figura paterna, professores, familiares, vizinhos etc.) Caso a esfera social ao redor disponha de redes comunitárias compostas por pessoas atenciosas e probas, esse círculo de confiança ganha uma amplitude de raio da malha sociológica. Para além disso, a capacidade de crer transcende para as coisas abstratas. Transfere-se projetivamente para a crença em ideias e ideais (pessoais e socioculturais). Abarca também o senso de responsabilidade para com os seres reais e imaginários, vivos e mortos. Isto aproxima-se do conceito de “sociedade” promulgado pelo filósofo irlandês Edmund Burke²³:

Sociedade é de fato um contrato. [...] uma parceria em toda arte; uma parceria em toda virtude [...] uma parceria não apenas entre aqueles que estão vivendo, mas entre os que estão vivendo, os que estão mortos, e os que estão para nascer. Cada contrato de cada estado particular não é senão uma cláusula no grande contrato primevo de sociedade eterna, ligando as mais baixas com as mais altas naturezas. (BURKE, 2014, p. 115).

Sobre o contrato social, no conceito do filósofo inglês John Locke, esse acordo inter-humano depende das relações de “confiança” mútua e do “consentimento” coletivo para eleger os governantes (2006, p. 517). Winnicott considera a capacidade de “crer e confiar” como o arrimo latente dos vínculos humanos (1968/1975). Atesta que as pessoas psicologicamente sadias dependem, para “[...] sua saúde e sua realização pessoal, da lealdade a uma área delimitada da sociedade” (p. 91). Uma nação democrática consolida-se por meio da fé num imaginário aonde todos virtualmente protooperam para o bem-estar comum. Na Suíça, por exemplo, a fé nessa ficção exprime-se até nos pequenos comércios, onde os vendedores expõem seus produtos nas calçadas “sem qualquer vigilância”²⁴. Creem que o consumidor depositará honestamente o dinheiro e retirará apenas o item desejado. Em Genebra, a carreira política é tipicamente trilhada por aqueles que genuinamente regozijam da fé num ideal. Os deputados não possuem benefícios (vale alimentação, aposentadoria, transporte e auxílio moradia) (ESTADÃO, 2018) ou enriquecem às custas do trabalho popular. O salário do presidente do Parlamento é inferior ao de um açougueiro. Por outro lado, na cidade do Rio de Janeiro, os

²³ Edmund Burke é citado por Winnicott no prefácio da obra “O ambiente e os processos de maturação” (1983).

²⁴ FERRAZ, Adriana. Diário do Grande ABC, 2008. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/282357/suica-e-bela-em-qualquer-epoca>. Acesso em: 22 jan 2021.

cariocas suspeitam da classe política e de seus conterrâneos. Segundo o Instituto Datafolha²⁵, vivenciam um clima de insegurança e inconfiabilidade. Receiam ser ludibriados, vítimas de assaltos, tiroteios e assassinatos, tanto por parte dos criminosos quanto da própria polícia encarregada de protegê-los. Nos últimos quatro anos, seis governadores foram afastados ou presos por ilegalidades. O descrédito dos governantes e os malogros sociais putrefazem a fé na democracia. A sensação popular de desconfiança cria uma aura cultural paranoica (cultura do medo). Ao invés da fé na honestidade, surge a crença na impunidade. O pacto perverso valida-se como o método autorregulador da organização sociopolítica. Os descrentes na justiça, no bem e na bondade humana podem tentar salvar sua capacidade de “crer em” nas palavras e promessas religiosas.

3.5.1 O pacto com o divino como o substituto do pacto social

As crises sociopolíticas são fracassos ambientais. Em meio a elas, a devoção religiosa pode acentuar-se como uma reação defensiva diretamente proporcional ao medo da desesperança e da incredulidade existencialmente desnorteadora. Na visão winnicottiana, é a necessidade humana de “crer em” que nutre a fé religiosa e não o oposto. Nesse enfoque, diante das decepções com os vínculos humanos, a aliança com Deus emerge como um pacto seguro e confiável. Emular um compromisso com o Criador atende parcialmente à reinvidicação inconsciente de salvaguardar algum relacionamento com um objeto todo bom (idealizado). Nos malogros da vida civilizatória, a credence no reino de Deus preserva a fantasia do encontro com uma “Terra sem Males”²⁶, um local onde a bondade está dissociada da maldade²⁷. Na improficiência do Estado, o Deus da religião promete acolher a todos como a “mãe suficientemente boa”²⁸ (infinitamente boa), capaz de prover condições especiais para a

²⁵ De acordo com o *Datafolha*, um em cada três moradores do Rio de Janeiro esteve em meio a um tiroteio nos últimos 12 meses. O medo de morrer em um assalto, troca de tiros ou por bala perdida atinge 92% dos entrevistados. Quando questionados sobre a percepção da violência, 78% confessam ter medo da violência da Polícia Militar (PETRÓPOLIS NEWS, 2018).

²⁶ Os índios Guaranis acreditavam no mito da “Terra sem Males”, um local de felicidade eterna, onde não há guerras, fome, doenças e servidão ao trabalho (NAVARRO, 1995). A busca por essa terra sagrada recrudescer com a chegada dos europeus na América. A falha ambiental instaurada por eles impulsionou a fé como solução.

²⁷ Para Winnicott, “o homem continua a criar Deus como um local para colocar o que é bom nele mesmo” (1963/1983, p. 89) e que poderia estragar se fosse mantido junto com todo o ódio e a destrutividade que lhe é inerente.

²⁸ Adotando uma interpretação winnicottiana, na perspectiva de um bebê, a figura materna suficientemente boa seria uma deidade. A entidade “onipotente” que apazigua cóleras e angústias (livra-o do mal); “onisciente” que dele tudo sabe; “onipresente” que o faz sentir-se vivo e visto, aparecendo sempre que a evoca, por pensamento ou por ruídos, corporificando-se diante de seus chamados. Inferindo: enquanto biblicamente “Deus é pai”, na vertente winnicottiana a divindade infantil é a “mãe”. Não à toa é frequente o medo da MULHER, a fonte geradora da vida e da morte do recém-chegado ao mundo.

prossecução segura do curso de vida sem interrupções. A composição cristã “Segura nas mãos de Deus” ilustra bem a entrega da vida ao acolhimento divino:

Se as águas do mar da vida quiserem te afogar/ Segura na mão de Deus e vai/ Se as tristezas desta vida quiserem te sufocar/ Segura na mão de Deus e vai/ Pois ela, ela te sustentará/ Não temas, segue adiante e não olhes para trás/ Segura na mão de Deus e vai/ Se a jornada é pesada e sustentas a caminhada/ Segura na mão de Deus e vai/ Orando, jejuando, confiando e confessando/ Segura na mão de Deus e vai/ Pois Ela, Ela te sustentará/ Não temas, segue adiante e não olhes para trás/ Segura na mão de Deus e vai/ O Espírito do Senhor sempre te revestirá/ Segura na mão de Deus e vai/ Jesus Cristo prometeu que jamais te deixará/ Segura na mão de Deus e vai. (DA MOTA, 1973).

Apesar do sociólogo Émile Durkheim conceber o papel da religião como uma força unificadora da sociedade, geradora da sensação de pertencimento coletivo e promotora da estabilidade social, por outro lado, os crentes mais fanáticos podem prestar grandes desserviços à democracia²⁹ (1979, p. 85-111). Nas crises, boa parte dos moralistas e dos integrantes de partidos conservadores religiosos são atraídos pela ideia reacionária de refundar a República baseada em dogmas. No olhar de Winnicott, a ideia de ter um “Deus pessoal”³⁰ na infância atua como um “substituto de cuidado do lactente”, contudo, essa ideia pode mostrar-se também na fase adulta (1963/1983, p. 90). Na questão suscitada, tais grupos almejam implantar um “Deus nacional” como forma de sanar as incompetências ocasionadas pelas falhas ambientais provocadas pela má gestão humana. Um exemplo disso se vê na página das redes sociais do pastor e líder político Marcel Alexandre, no vídeo “O Brasil na presença de Deus” (2020): “A felicidade de uma nação depende da sua devoção sincera ao SENHOR, depende do temor (respeito) de um povo que honra, adora e se inclina diante do Deus verdadeiro. Nenhuma nação será bem-sucedida se não tiver Deus como regente da sua constituição”. “Não é de admirar que haja pessoas que fazem do viver uma religião (penso que os dois livros de Ronald Laing³¹), tentam conceituar o fator desta natureza com o que muitos têm de se ver por causa da anormalidade do ambiente.” (WINNICOTT, 1963/1983, p. 174).

Os mandamentos *prêt-à-porter* de Deus servem como a fórmula mágica da remissão. As desgraças da humanidade moderna são atribuídas à ausência de servilismo aos preceitos

²⁹ No documento sobre a “Fraternidade humana para a paz mundial e a convivência comum”, assinado pelo Papa Francisco e pelo Grão Imam de Al-Azhar, Ahmed al-Tayyb, ambos convidam os religiosos a “pararem” de usar as religiões para incitar o próprio ódio, a violência, o fanatismo e a opressão em nome de Deus (CNBB, 2019).

³⁰ Quando os membros familiares são acolhedores e bondosos, torna-se plausível acreditar na existência do Deus bom falado na família ou na sociedade. Afinal, a criança experienciou a fé verdadeira com os pais-criadores (WINNICOTT, 1963/1983, p. 90).

³¹ Ronald David Laing (1963) foi um psiquiatra britânico que se destacou ao estudar a experiência da psicose. Além disso, ele foi o fundador da corrente antipsiquiatria nas décadas de 1960 e 1970.

religiosos (blasfêmia). O liberalismo político, a laicidade do Estado e os padrões culturais e comportamentais contemporâneos são vistos como arqui-inimigos da paz, da ordem e do progresso. Ilusionam que a nação prosperará a partir da recriação de um Estado religioso cristão (mito da Terra Prometida). Em prol disso, procuram por um líder político-religioso (messias) para libertar a nação. Aqui, há uma linha tênue entre o que seria um profeta e um ditador. Num dado momento, o louco ou o salvador misturam-se conforme “o padrão cultural vigente”:

Entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido existe uma terra de ninguém, que na infância é natural, e que é por nós esperada e aceita. [...] Alguém que exija tamanha tolerância numa idade posterior é chamado de louco. Na religião e nas artes vemos essa reivindicação socializada, de modo que o indivíduo não é chamado de louco. (WINNICOTT, 2000, p. 127).

Uma vez que o governante se sinta o intérprete do Criador, ele poderá colocar as palavras de Deus acima de tudo e de todos, inclusive do próprio Estado Democrático de Direito.

3.5.2 O absolutismo religioso como ditadura em nome da fé

Na intelecção de Winnicott, muitos pais e religiosos desconhecem a capacidade da criança de “criar um deus” e por precaução incutem-no o quanto antes (1963/1983, p. 93). Descreem na existência da bondade humana fora dos ensinamentos religiosos. Receiam sermos incapazes de desenvolver o senso ético sem o reconhecimento das sagradas escrituras:

Na educação, vocês podem transferir para a criança as crenças que têm significado para vocês mesmos e que pertencem à pequena área cultural ou religiosa na qual vocês casualmente nasceram ou a qual aconteceu de vocês escolherem como alternativa à primeira situação. Mas o sucesso de vocês vai depender da capacidade que a criança tem de crer. O desenvolvimento dessa capacidade não é uma questão de educação. (WINNICOTT, 1968/1999, p. 138).

Para o autor³², a religião privatizou a fé e a moral, devolvendo-as à humanidade como se fosse sua propriedade particular (em nome de Deus). Lastimavelmente, alguns sacerdotes usam do dízimo³³ para cobrar *royalties* por isso (teologia da prosperidade). O psicanalista britânico incomoda-se com o fato de como algumas religiões tiram o crédito do indivíduo na

³² Segundo Winnicott, dizer que o humano criou Deus à sua imagem é um “divertido exemplo de perversidade” (1963/1983, p. 89).

³³ Enquanto a oferta (gesto espontâneo) estaria no campo do amor, o pagamento sistemático do dízimo estaria no campo da obediência (submissão), do medo da punição do divino, do sacerdote ou dos pais que se teme desabonar.

formação da crença. Desempossam-no como detentor do bem e do mau³⁴. A educação religiosa para uma criança sem a capacidade de “crer” não passa de uma fé morta ou esvaziada de significado. Das alienações morais proliferam os membros hipócritas da sociedade, os falsos moralistas, os fundamentalistas religiosos e o envernizamento democrático. Na revisão do teólogo Jung Mo Sung, a ascensão do secularismo³⁵ e do neoliberalismo ocidental impulsionou uma onda de conservadores morais (2017, p. 243). Os indivíduos pró-Deus tornaram-se anti-humanistas. O “retorno ao Sagrado” traz como fetiche a redenção social pelo assujeitamento às leis sacrossantas. Para o antropólogo Ronaldo de Almeida, os “defensores da moral e dos bons costumes” não pretendem apenas conquistar seu lugar de respeito na sociedade, mas sobrescrever seus cânones hieráticos como norma constitucional no Estado laico (2018, p. 182). Gananciam o poder político para controlar os corpos do entretecido social. Ambicionam dominar os credos, a economia³⁶, o pensamento, a liberdade, a orientação afetivo-sexual, o modo de uso dos órgãos genitais, as zonas erógenas, a reprodução da vida, a decisão sobre a morte, as formas de união amorosa e o modelo de família. Viu-se isso no texto do deputado Anderson Ferreira³⁷, sobre a formação dos lares. O fundamentalista religioso, autor do projeto de cura gay, planeja desconstruir o conceito contemporâneo de família. Considera como entidades familiares apenas a união entre um homem e uma mulher (ou por apenas um dos pais e seus filhos). Sua proposta exclui casais homossexuais, netos criados por avós, irmãos criados sozinhos e as múltiplas formas de unidades familiares consagradas pela Justiça brasileira e por doutrinas de direito.

Outro polêmico incidente aconteceu em 2020, no Espírito Santo, quando uma menina de dez anos, criada pela avó, foi descoberta grávida após ser regulamente estuprada por seu tio desde os seis anos de idade. Embora o Direito Penal autorize o “aborto ético ou sentimental”³⁸, os conservadores religiosos prostraram-se na frente do hospital com a intenção de impedir a

³⁴ Para Winnicott, atribui-se a Deus a responsabilidade por todo o bem, enquanto o diabo ocupa o lugar de culpado por todo mau (1963/1983, p. 90). Nesse ponto, algumas crenças religiosas retiram-nos a oportunidade de amadurecer, ao gerar uma visão na qual o bem e o mal estão desintegrados da personalidade. Isso obrigar-nos-ia a olhar os fracassos da humanidade como responsabilidade total nossa e não como uma obra do “inimigo”.

³⁵ Conforme o sociólogo da religião José Casanova, o secularismo refere-se a um conjunto de cosmovisões e doutrinas não religiosas que podem ser mantidas ou elaboradas explicitamente em filosofias da história, projetos estatais ideológico-normativos, em projetos de modernidade e programas culturais (2011, p. 55).

³⁶ Na visão de Dantas (2011), a busca por essa dominação une-se com a cultura do capitalismo. Alguns fiéis pretendem alcançar o poder econômico e o reconhecimento social como uma forma concreta de atestar a graça. Tomam os prazeres capitalistas como símbolos de sucesso e de prosperidade espiritual. A inserção no terreno político, para muitos deles, acontece como parte do plano de Deus em nome da dominação cristã na sociedade.

³⁷ De acordo com o “Estatuto da Família” aqui referido, o conceito de família seria somente os laços familiares formados a partir da união conjugal firmada entre o homem e a mulher (JUSTIÇA BRASILEIRA, 2016).

³⁸ O aborto humanitário (ou ético) está previsto por lei, no artigo 128, inciso II, do Código Penal Brasileiro: “[...] não se pune o aborto praticado por médico”; “se gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal”. (CÓDIGO PENAL, 2017 p. 51).

cirurgia abortiva (O POVO, 2020). Anteferiram suas próprias convicções ideológicas acima da vida, do sofrimento da menor, vítima de violência sexual e gestante de um ente familiar. Os fiéis mais extremistas resumem os imbróglis comunitários a uma simples luta do “bem” contra o “mal”. Ao contrário da misericórdia para com o outro, desejam sua supremacia ideológica.

[...] bastaria converter todas as pessoas ao evangelho de Jesus Cristo, de acordo com as concepções doutrinárias que eles defendem, para que a sociedade no todo fosse automaticamente reformada. Dentro de tal visão, não há lugar para qualquer projeto de sociedade. (BATISTA, 2009, p. 264).

A imposição religiosa foi o primeiro problema sociocultural da história brasileira³⁹ e ele ainda persiste. Se, para o filósofo político Norberto Bobbio, “ditadura” significa a supressão dos direitos e liberdades individuais, onde o grupo dominante concentra o poder absoluto e subverte os demais a fim de aniquilar impasses, então a coerção religiosa pode ser classificada assim (1976/2004, p. 368). Na descrição de Winnicott, as pessoas saudáveis não carecem de controles externos nem de regimes despóticos. Elas acreditam o suficiente em si mesmas e na saúde ao ponto de repudiarem todas as espécies de relações de domínio. Quando há senso de responsabilidade e autocontrole, “então a segurança que é imposta é um insulto” (1960/1993, p. 107), afirma.

Partindo para o tema seguinte, quanto mais cedo as falhas socioambientais aparecerem, menores são as chances do vivo constituir a crença nos pactos e confiar nos vínculos. Isso ativa mecanismos defensivos como a clivagem ou a desintegração do eu. A perda de um meio humano confiável obriga o ser a inibir ou retroceder em seus impulsos construtivos. Ele poderá alhear-se em doutrinas autoritárias ou parametrizar-se infantilmente nos manuais de conduta para atender às exigências sociais. Rompendo a fé no círculo benigno⁴⁰, o “círculo maligno” assume o seu lugar e seus efeitos goram o tecimento do fator democrático inato ou latente.

³⁹ Um exemplo desse subjugo cultural e da imposição religiosa vê-se na “Carta de Pero Vaz de Caminha”, enviada ao rei D. Manuel de Portugal. A epístola aponta para o primeiro problema social da história do Brasil (ou *Pindorama*): a dominação religiosa. Nas semanas iniciais, portugueses e tupiniquins vivenciaram experiências românticas de respeito e cordialidade. Porém, a qualidade desse relacionamento degradinga quando os europeus decidem catequizá-los: “Parece-me gente de tal inocência que, se o homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos [...] o melhor fruto, que nela [terra topinaquis] se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar” (CASTRO, 2009, p. 15).

⁴⁰ O círculo benigno na infância não garante a integração e o fortalecimento do ego para sempre. Requer tempo e apoio contínuo, normalmente até o final da adolescência, para que a capacidade de reparação não se perca. (WINNICOTT, 1960/1993, p.103)

3.6 O “círculo maligno” - da família à sociedade

As inconsistências e imprevisibilidades dos cuidados ambientais no estágio da pré-moralidade humana podem levar o círculo benigno⁴¹ ao seu derruimento. Com isso, o lactente perde a “oportunidade de reparação”⁴² de suas agressões. Não há mais a garantia de recuperar criativamente sua tranquilidade após cada estado excitado. O descanso torna-se impossível. Sobre essa criança recaem sentimentos intoleráveis de culpa. Ela é constantemente consumida por sensações de persecutoriedade. Os cuidados intrusivos ou a indisponibilidade dos responsáveis destitui-lhe do direito de pacificar (por si) seu próprio mundo emocional⁴³, sobressaindo-se “angústias e defesas cruas”. Os processos de crescimento tornam-se distorcidos porque a integridade da criança foi quebrada juntamente com a fé e a confiança no ambiente.

É sempre a mesma coisa: havia um suprimento ambiental suficientemente bom em termos de previsibilidade, de acordo com a capacidade de previsão da criança, e depois sobreveio uma inconfiabilidade que rompeu automaticamente a continuidade do processo de desenvolvimento da criança. Depois disso, a criança tem uma lacuna na linha entre o agora e as raízes do passado. Tem de haver um recomeço. Muitos desses recomeços resultam num fracasso, na criança, do sentimento de eu sou, este sou eu, eu existo, sou eu quem ama e odeia, sou eu quem as pessoas veem e que eu vejo no rosto de outro quando ela vem, ou no espelho. (WINNICOTT, 1969/1993, p. 150).

Quando os cuidados familiares e sociais se tornam demasiadamente impessoais, desatentos ou instáveis, os gestos conciliadores da criança são desperdiçados. Em “A agressão e suas raízes” (1939/1987), o autor presume que o círculo maligno seria então marcado por forças cruéis ou destrutivas as quais ameaçam dominar os impulsos amorosos infantis (p. 99). No ambiente privador, as crianças que foram destituídas de certas experiências essenciais da vida familiar tendem a alimentar “um ressentimento permanente” com a sociedade, afirma o psicanalista no capítulo “O que Irrita?” (1960/1993, p. 92). Aparece uma “má vontade” para empreender ações prossociais. O potencial civilizatório e o fator democrático individual sofrem supressões, obstruções ou deturpações. Inventariando, o círculo maligno figurar-se-ia, então, pelas seguintes manifestações:

⁴¹ Winnicott (1960/1987, p. 154) reitera que as experiências do círculo benigno na primeira infância não imunizam ninguém contra o surgimento de psicopatologias ao longo do itinerário vital.

⁴² Nas palavras de Winnicott (1963/1983, p. 78), “o fracasso da reparação leva à perda da capacidade de se preocupar e à sua substituição por formas primitivas de culpa e ansiedade”. A tendência antissocial representa o pedido da criança para voltar à época anterior, quando tudo ia bem. (WINNICOTT (1939/1987, p. 227).

⁴³ Caso os cuidadores no círculo benigno deixem de zelar, seja por doenças, desemprego ou com a chegada de outro filho, a criação dos gestos pacificadores e a continuidade do processo maturacional da criança são tolhidos.

1. inibição do instinto ou capacidade de amar;
2. dissociação entre o estado tranquilo e excitado;
3. perda do sentimento de tranquilidade;
4. incapacidade para compactuar e trabalhar construtivamente. (WINNICOTT, 2000, p. 91).

Para Winnicott, o surgimento de falhas ambientais num dos pontos do ciclo benigno afeta a capacidade de se concernir-se com o outro e com o mundo (WINNICOTT, 1963/1983, p. 78). O sentimento de culpa dilui-se e as defesas psicóticas recrudescem. A energia agressiva volta-se para a autoproteção e deixa de ser canalizada para ações socialmente construtivas. Esse retraimento impede também a formação dos vínculos afetivos, culminando na sensação de despertencimento ao mundo e à sociedade. Depauperam-se o âmbito das identificações empáticas e o intercâmbio sociocultural. Há um envolvimento parco em relação às questões democráticas. A visão de mundo torna-se mais obtusa, individualista e conspiracionista. A personalidade se empobrece, permanece desarticulada do senso de cidadania. Dessa maneira, aquele ser winnicottiano, naturalmente inclinado para a saúde e o amadurecimento pessoal, reduz-se a um mero “*homo clausus*”⁴⁴.

A quebra do núcleo social favorável à reparação força uma criança parcialmente integrada a assumir, muito precocemente⁴⁵, responsabilidades totais por seus impulsos agressivos-destrutivos. A desassistência ambiental complexifica a tarefa pessoal de manejar os impulsos instintivos e suportar ambivalências emocionais no *self*. Mecanismos defensivos organizam-se para tentar inibir as excitações irreparáveis geradoras de remorsos insuportáveis. Como resultado, a personalidade pode se enrijecer. Para o psicanalista, o retraimento dos instintos seria um jeito de o indivíduo evitar o avivamento das fantasias persecutórias ligadas à “volta perigosa dos impulsos destrutivos” (1961/1994, p. 57). O excesso de zeladoria e de escrúpulos sociais são evitações fóbicas, artifícios para abrandar a sensação de ameaça persecutória e as confusões psicológicas. Tudo isso nada tem a ver com o desenvolvimento de considerações empáticas para com os outros. Portanto, nem sempre os cidadãos aparentemente escrupulosos, de reputação social ilibada, evoluíram dentro do círculo benigno. Muitos daqueles que padeceram no círculo maligno e encontraram formas dissimuladas para adaptar-se à sociedade renderam sua espontaneidade e agressividade em troca de “identificação extremada com a sociedade”. Não pelo fato da natureza humana ser agressiva, mas por conta

⁴⁴ Na visão do sociólogo alemão Norbert Elias, o termo *homo clausus* refere-se ao indivíduo fechado em si mesmo. Alguém completamente livre, autônomo e desarticulado das questões sociais (1987/2004, p. 136).

⁴⁵ Winnicott aconselha a sociedade a não transmitir responsabilidades incompatíveis com a maturidade emocional dos indivíduos para não forjar um falso crescimento psicológico (1975, p. 237). Ademais, uma criança de qualquer idade pode subitamente tornar-se responsável sem estar madura, talvez devido à morte de um genitor, ou à desagregação da família. Adultecer prematuramente significa sacrificar sua evolução no próprio ritmo.

das perniciosidades das falsas personalidades e dos efeitos da “repressão da agressividade pessoal dos indivíduos”, diz o autor em “A Posição Depressiva no Desenvolvimento Emocional Normal” (WINNICOTT, 1950-55/1988, p. 355). Quando essa é a via do crescimento psicossocial, o potencial democrático tende a solapar.

Numa pessoa relativamente organizada, as maleficências do ambiente humano podem ser “interiorizadas”. Tentar “dominá-las” no plano psíquico minora as ansiedades da posição passiva perante elas, mas traz o “esgotamento emocional”. A apreensão dos males do mundo no *self* pode gerar uma tendência à depressão intercalada com explosões episódicas de agressão. Quando as parcelas do componente agressivo (contido no amor) são inibidas, o ódio torna-se mais eruptível. Essa dinâmica é frequente em lares ou sociedades onde jovens e crianças sofrem maus-tratos ou estão expostos à intrusão de cenas cotidianas de violência. Entorpecer-se, fugir de casa, adoecer, tentar o suicídio ou ser acometido por surtos psicóticos ou de ira são consequências dessa internalização. Ao concentrar o bom objeto dentro de si e “projetar o mau”, a pessoa é tomada por ansiedades persecutórias. Nessa cisão⁴⁶, o meio exterior (real ou virtual⁴⁷) transforma-se num lugar hostil. O ser deixa de relaxar e precisa fazer algo para “salvar-se”. Uma das formas seria dramatizar objetivamente esses anseios subjetivos no meio externo. A despeito disso, menciono o caso da menina de 12 anos acusada de assassinar o pai com uma facada no peito (G1, 2020). Segundo a Polícia Militar do Mato Grosso, o esfaqueamento deu-se porque o homem “ameaçou bater nela com um cinto”. Na iminência de ser atacada (imaginativamente), ela golpeou primeiro, atuou na cena assustadora no lugar do agressor ao invés de vítima. Após o incidente, a jovem entrou em estado de choque e foi hospitalizada.

Infelizmente, certas comunidades estão adoecidas. Sofrem com a ausência de pessoas e instituições sadias e protetoras à volta. Em diversas favelas do Brasil, a realidade exterior parece ser tão asselvajada quanto o caos interno do psiquismo cruel e taliônico do bebê primitivo. As pressões intrapsíquicas e extrapsíquicas levam ao limite a integração egóica. No ambiente constritor da saúde, a esperança pode estar na delinquência e na invocação inconsciente da “autoridade externa”⁴⁸ (se houver). A degradação humana ocorre quando a paz é sabotada pela

⁴⁶ De acordo com Winnicott, se a cisão dos objetos em “bom” e “mau” realmente ocorrer, o sentimento de culpa é atenuado. Em compensação o amor perde uma parte de seu valioso componente agressivo e o ódio “torna-se mais explosivo” (1950-55/1988 p. 292). No círculo maligno, desperdiça-se o uso da agressividade para a construção.

⁴⁷ Nas redes sociais, diariamente vê-se a projeção de discursos hostis. Muito disso deve-se à incapacidade de elaborar o ódio e as fantasias persecutórias diante daqueles que odeiam. Esses sintomas revelariam a dificuldade populacional em lidar com sua própria agressividade, tolerar ambivalências e diferenças diante da alteridade.

⁴⁸ Enquanto no círculo benigno a criança desenvolveu um bom “ambiente interno”, adaptando-se bem em ambientes socialmente éticos e estáveis, a criança delinquente não teve a oportunidade de desenvolver um bom “ambiente interno” e precisa de um controle externo para estar no mundo. A criança antissocial só tem duas alternativas: aniquilar seu verdadeiro eu ou convulsionar a sociedade até que esta forneça-lhe alguma proteção institucionalizada (WINNICOTT, 1949/1987, p. 80), como o abrigo e a Fundação Casa.

retroalimentação da retaliação e da violência. Um sistema social e político inviabilizador da justiça, da reparação e do perdão seria a versão adulta e macrosocial do círculo maligno infantil. Segundo o jurista Raul Cervini, a descrença nas autoridades incentiva a realização da “justiça com as próprias mãos” (2002, p. 182). No capítulo “Crescimento e desenvolvimento na fase imatura”, Winnicott reconhece que algumas comunidades precisam de um controle moral mais rígido, porém as autoridades devem ser justas ao invés de abusivas:

Deve-se ter em mente que, mesmo nas comunidades mais rígidas, é necessário apenas que haja coerência e justiça para que as crianças sejam capazes de descobrir valores humanos entre elas mesmas, e possam chegar até a gostar da rigidez, por implicar estabilidade [...] se o ambiente tem de ser rígido, que seja então coerente, confiável e justo, de modo que possa apresentar também valores positivos. (WINNICOTT, 1955/2005, p. 117).

Quando o indivíduo realiza suas perversidades⁴⁹ fora do espaço seguro do lar, ele fica exposto a receber as duras sanções da lei. A criança delinquente apela à sociedade ou à escola para recuperar a estabilidade emocional das primeiras e essenciais etapas do crescimento maturacional. Ela é incapaz de desenvolver sozinha o autocontrole e socializar-se. A angústia e a desesperança rebentam quando não há nada e ninguém capaz de acolher e tratar suas contravenções. A possibilidade de construir esforços reparativos cai no vazio e o sentimento de culpa pode assumir contornos intoleráveis. Adolescentes e adultos relativamente sadios também podem sofrer com a ausência de oportunidade para redimir-se dos erros. Esse foi o caso do afro-americano Stanley Tookie Williams III⁵⁰, condenado à pena de morte por roubos e homicídios em 1979. Na penitenciária, ele demonstrou arrependimento e dispôs-se a tentar reparar de algum modo os danos causados à sociedade. “Stan” dedicou o resto de sua vida a escrever obras literárias para ajudar jovens e crianças a desviarem-se das rotas da criminalidade. Ainda assim, em 2005 seu pedido de clemência foi negado e ele foi assassinado pelo Estado californiano com uma dose de injeção letal⁵¹. Suas últimas palavras públicas foram: “[...] a redenção é feita sob medida para os miseráveis [...] fui uma pessoa miserável, mas me redimi”.

Embora o ocidente não adote o Código de Hamurabi como constituição, seu princípio moral cumpre-se informalmente. Em certos países, o sistema penitenciário não parece primar

⁴⁹ A perversidade faz parte do quadro clínico produzido pela tendência antissocial e este vai do urinar na cama até o roubo, a mentira e a inclusão dos comportamentos agressivos, crueldade compulsiva e perversões.

⁵⁰ No ano de 2001, Stanley Tookie Williams III chegou a ser indicado ao Prêmio Nobel da Paz por suas contribuições sociais envolvendo o auxílio aos jovens expostos ao crime (DEMOCRACY NOW, 2005).

⁵¹ A pena de morte não só extermina o criminoso, mas também elimina uma “prova viva” das falhas sociopolíticas.

pela recuperação e ressocialização, mas venerar o castigo e a retaliação⁵² para com os errantes. A crueldade para o criminoso nada tem a agregar, afinal o delinquente já vive num ambiente interno maligno. Se nem campanulado, sob os cuidados do Estado, no bastião do cárcere, um infrator pode experimentar um ambiente seguro e reparador, onde mais poderá? Maltratar o infrator denuncia que o espírito flagicioso não pertence só ao bandido, mas à sociedade. No bom ambiente, o “mau elemento” exceleria como o único protagonista da maldade⁵³. Nele, a agressão pode ser percebida como um vacilo próprio (uma projeção do imaginário) e não mais uma resposta reativa diante das ameaças reais da realidade externa atual. Winnicott sabe que a criminalidade aflora “sentimentos de vingança pública” (1955/1987, p. 136). A Justiça seria, então, uma forma lícita de praticar a vingança sem recorrer à barbárie (ódio sublimado). Empatizar com infratores jamais deve ser confundido com absolvição ou frouxidão penal. Pelo contrário, na ideia de Winnicott, para os delinquentes, “o manejo deve ser firme e às vezes até ditatorial”⁵⁴. Uma Justiça não retaliadora pode transmitir à sociedade uma mensagem honrosa: que o senso de humanidade e a democracia dessa comunidade é forte ao ponto de não corromper seus valores em detrimento do ódio sentido frente às atrocidades cometidas pelos seus membros antissociais.

3.7 A tendência antissocial e a autocorrosão da sociedade

Pesando os efeitos danosos da transgressão, Winnicott questiona: quantos indivíduos antissociais uma sociedade pode conter sem que a tendência democrática latente submerja? (1950/1999, p. 254). A tendência antissocial esgarça o tecido social. Ela encontra-se tanto em neuróticos quanto em psicóticos. Avulta no cidadão comum e nos governantes. Quando personalidades delinquentes se multiplicam nas ruas e na política, os desastres psicossociais são

⁵² A prática comum do sistema prisional brasileiro não parece ser a recuperação, mas a retaliação. Oferta-se ao criminoso a superlotação carcerária, torturas e outras agressões por parte dos agentes penitenciários. O Estado foca na manutenção simples da ordem, ignorando os princípios orientadores da dignidade humana (RIBEIRO, 2009).

⁵³ Nos episódios antissociais mais sérios e mais raros, o criminoso está envolvido numa tentativa desesperada de sentir-se culpado. Para desenvolver o sentimento de culpa, tal pessoa precisa encontrar um ambiente especializado; similar ao que é necessitado para um lactente imaturo (círculo benigno). É notoriamente difícil prover um ambiente capaz de tolerar todas as tensões resultantes de sua falta de consideração e impulsividade. Estamos lidando com um lactente, mas que tem a força e a astúcia de uma criança mais velha ou adulta. No manejo do tipo mais comum de delinquente, há um comportamento antissocial capaz de produzir uma cura pelo rearranjo do meio facilitador. É possível comparar a tarefa materna de tentar compensar suas falhas no círculo benigno com o papel da sociedade que procura reconduzir o antissocial a um estado de “identificação social” (WINNICOTT, 1958/1983, p. 19).

⁵⁴ A austeridade é útil no manejo com o antissocial, mas essas medidas são “a pior coisa possível” para pessoas emocionalmente sadias, para os capazes de amadurecer a partir de dentro de si (WINNICOTT, 1963/1983, p. 90).

inevitáveis. Sua toxicidade na vida coletiva desperta sensações de insegurança, injustiça, má eficiência dos serviços, desconfiança no pacto democrático e desmoralização estatal.

Um sistema antidemocrático gera personalidades antissociais e o crescimento de personalidades antissociais retroalimenta o sistema antidemocrático. Isso atinge em cheio as famílias. A tendência antissocial tem seu ponto de partida nos lares. Ela resulta da experiência de “deprivação”⁵⁵ dos cuidados maternos na infância (por volta de um até dois anos de idade). Essa perda emocional provoca na criança um anseio desesperado de reaver a boa condição afetiva e emocional que fora provida pelo bom ambiente de outrora:

A tendência antissocial representa a esperança de uma criança carente que, afora isso, é desgraçada, desesperada e inofensiva; a manifestação da tendência antissocial em uma criança significa que se desenvolveu nela alguma esperança de achar um modo de superar um vazio. Esse vazio se origina de uma solução de continuidade da provisão ambiental, experimentada em um estágio de dependência relativa. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 97).

A tendência antissocial possui duas vertentes de funcionamento. Numa, a criança emocionalmente privada conserva em si a “crença em”. Tem a esperança de encontrar alguém ou algum lugar que possa suprir esse objeto materno faltante. Noutra, ela exige achar uma quantidade de estabilidade física e emocional no ambiente. Quando a reparação materna é perdida, resta apenas o remendo social ou estatal. Algo capaz de suportar seu comportamento impulsivo, confrontativo e inconcernido. Winnicott cita uma definição singela de seu amigo John Rickman para definir a doença: “doença mental consiste em não ser capaz de encontrar alguém que possa aturá-lo” (1963/1983, p. 197). Sendo assim, a criança reivindica o encontro com um relacionamento positivo e confiável. Ela pode conseguir isso apelando para condutas aberrantes. O delito compele a sociedade a notá-la e fazê-la importante novamente, mesmo que seja na condição estigmatizada de menor infrator (ganho secundário). De modo inconsciente, ela testará a capacidade do meio de resistir, prevenir e reparar sua destruição. Nos momentos de maior desesperança, os atos infracionais anseiam por alguma contenção. Clamam por um involucro humano que possa impedir a compulsividade desses impulsos destrutivos. O furto, o roubo, as mentiras, as rebeldias e as desordens generalizadas localizam-se no centro da tendência antissocial⁵⁶. A bem da verdade, a criança não deseja o objeto do roubo em si, mas

⁵⁵ Deprivação é o neologismo proposto por Loparic para designar a perda do ambiente suficientemente bom na infância por uma reação à falha ambiental, irrompendo na criança um sentimento de descontinuidade existencial. Essa perda aconteceu no estágio de dependência relativa e não absoluta. Ela pode estar até na latência, quando o ego já adquiriu autonomia, possibilitando então à criança ser traumatizada (LOPARIC, 2001).

⁵⁶ Winnicott também vincula a tendência antissocial com atuação (*acting out*), masturbação, superego patológico, culpa inconsciente, estágios do desenvolvimento libidinal, compulsão à repetição, regressão, ausência de

suprir um buraco afetivo. O objeto ladroado teria por função remediar as dores da privação afetiva inicial. Ele simboliza a mãe suficientemente boa que a criança sente ter por direito. A criança forceja a qualquer custo reganhar o acolhimento perdido. Faz justiça com as próprias mãos. A sociedade apavora-se. Teme que os sobreviventes da deprivação retornem e se vinguem dessas falhas irressarcidas. Receiam que devorem o corpo social no intento de saciar sua orexia afetiva.

No pior dos cenários da tendência antissocial, havendo o desamparo da mãe, do pai, dos familiares, da vizinhança e do meio escolar, a criança só será contida pelo corpo policial e cai na delegacia. A tentativa aflita e incessante de compensar essa defasagem emocional redundando em desajustamento social. Em função disso, todos os dias, crianças e jovens são encaminhados aos tribunais ou instituições especializadas em cuidar de delinquentes juvenis. Caso questionada, a criança não sabe explicar de modo convincente qual foi a razão desses atos. Suas respostas normalmente serão evasivas ou desvirtuadas da real motivação inconsciente. Diante dos quadros de tendência antissocial, a tentativa de acorrer com palavras de ordem tem efeito evanescente. Sermões e discursos moralizadores são quase ineficazes. No documentário “Juízo”⁵⁷, a juíza Luciana Fiala interpela um jovem infrator da seguinte maneira numa audiência: “[...] garanto para você que se você estivesse em casa você não teria sido preso [...] estaria livre do vexame que está fazendo a sua mãe passar”. Embora a meritíssima⁵⁸ tente sensibilizá-lo a sentir culpa e entenda que a permanência nos lares livrá-los-ia da delinquência, cabe perguntar: por que uma criança evade o seio familiar? Talvez, seja oportuno considerar que nem todas as casas são lares. Para muitos filhos, a relação com os pais é emocionalmente vazia ou insuportavelmente angustiante e conflituosa. O horizonte das ruas pode ser preferível à sensação de aniquilamento, mortificação e desesperança no espaço doméstico⁵⁹. Entretanto, quando a comunidade em torno possui graves problemas econômicos e psicossociais, a saída de casa (subterfúgio) pode levar o ente até a porta de entrada sem volta para o mundo do crime.

compaixão, defesa paranoide, ligações entre o sexo e a sintomatologia. O comportamento antissocial tem dois tipos: o primeiro é comum e intimamente ligado à rebeldia habitual das crianças sadias (1956/1987, p. 416). Em termos de comportamento, a queixa é a de roubo, mentira, destrutividade e enurese noturna. Em contraste, nos episódios mais sérios e mais raros, o ser perde a capacidade de experimentar culpa. Aí acontecem os piores crimes.

⁵⁷ O filme “Juízo” (2007) acompanha a trajetória de jovens pobres com menos de 18 anos de idade diante da lei, entre o instante da prisão e o do julgamento por roubo, tráfico, homicídio. Com sequências filmadas em audiências reais e durante visitas ao Instituto Padre Severino, local de reclusão dos menores infratores, as imagens revelam as consequências de uma sociedade que manda os filhos terem “juízo”, mas não pratica o que aconselha.

⁵⁸ Winnicott, no capítulo “Alguns aspectos psicológicos da Delinquência juvenil” (1946/1987), fica surpreso como temos alguns “juizes incapazes de entender” que os ladrões estão procurando por “algo mais importante do que bicicletas e canetas” (p. 78).

⁵⁹ Um estudo realizado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) traçou perfil da população de rua de sua cidade. O levantamento apurou que 90% deles saíram de casa por conta do caos familiar (UFJF, 2015).

As crianças antissociais descuradas emergem como uma espécie de retorno⁶⁰ deformado do recalado à consciência coletiva da sociedade. Nos seguintes vacilos familiares e institucionais, o infrator pode adquirir as características de seus ganhos secundários com o crime. O ser passa a se pavonear dessa posição como um *status* social (“sou ladrão”⁶¹). Quando tal quadro transforma-se na “identidade total” do indivíduo, sobrevém o orgulho próprio, a ostentação da condição delinquente, tornando o seu processo de recuperação incerto:

Quando as defesas se tornaram enrijecidas e a desilusão é completa, a criança que foi afetada deste modo está destinada a ser um psicopata, especializada em violência, roubo, ou em ambos; e a perícia que vai em um ato antissocial provê um ganho secundário, resultando que a criança perde o impulso de se tornar normal. Mas, em muitos casos, se fosse dado o tratamento no estágio inicial, antes que os ganhos secundários complicassem as coisas, teria sido possível descobrir nas manifestações das tendências antissociais da criança um S.O.S. à sociedade para reconhecer sua dívida e restabelecer para a criança o ambiente em que a ação impulsiva fosse uma vez mais segura e aceitável como tinha sido antes do mau ajustamento ambiental. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 204).

Uma personalidade psicopática seria, então, o delinquente infantil que chegou a um estágio mais avançado. Alguém que não se recuperou da tendência antissocial infantil e continuou crescendo biologicamente até a juventude e a fase adulta, convertendo-se num delinquente propriamente dito⁶². Peculiarmente, por via da agressão existe uma remota esperança de humanizar-se. Crimes em série revelam as tentativas de o antissocial deparar-se com o sentimento de culpa⁶³. Há casos incuráveis⁶⁴. Costumeiramente, esses são marcados pela negação e completa ausência de remorso. Esse ator social deixou de se ver como um agente construtivo no mundo. Seus impulsos agressivos-destrutivos consagram-se como uma forma de ser e estar na sociedade. É compreensível que uma população refém da criminalidade veja-os como monstros. Seria exigir muito que enxergassem uma criança emocionalmente imatura no corpo de um jovem adulto com condutas execráveis. Quanto mais o senso comum e a imprensa

⁶⁰ A tendência antissocial representava uma compulsão inconsciente, por parte da criança, de fazer a realidade externa consertar o trauma original, o qual foi rapidamente esquecido e, por uma inversão simples, tornou-se irreparável. Seria o retorno do conteúdo reprimido, que reivindica a possibilidade sadia de sua espontaneidade individual relegada pelo meio social (WINNICOTT 1946/1987, p. 52).

⁶¹ Um exemplo dos ganhos secundários alcançados pela tendência antissocial está retratado na canção “Hoje eu sou ladrão, artigo 157”, do grupo Racionais Mc’s (2002): “Hoje eu sou ladrão/ artigo 157/ as cachorra me ama/ os playboy se derrete/ hoje eu sou ladrão/ artigo 157/ a polícia bola um plano/ sou herói dos pivete” (refrão).

⁶² No início, o crime não é satisfatório para o delinquente, mas quando repetido compulsivamente ele adquire características de ganho secundário e, assim, torna-se aceitável para o *self* da pessoa. Nesse caso, a variante mais comum de comportamento antissocial não é tanto a culpa, mas a fantasia de que ela virá (WINNICOTT, 1958/1983, p. 29).

⁶³ No íntimo, almejam encontrar uma figura paterna rigorosa e forte para recuperar seus impulsos primitivos de amor, o sentimento de culpa e o “desejo de corrigir-se”. (WINNICOTT, 1949/1987, p. 131).

⁶⁴ A intervenção essencial da sociedade nos distúrbios de caráter na personalidade psicótica ou neurótica deve acontecer o mais cedo possível, de preferência dentro dos lares (WINNICOTT, 1971/1987, p. 163).

leiga taxá-los como “vagabundos”, pior fica a compreensão pública de que estamos diante de doentes psiquiátricos e não de criminosos de ocasião⁶⁵. Na observação de Winnicott⁶⁶, não parece ser conveniente para a sociedade compreender a delinquência juvenil ou adulta como uma psicopatologia. A sede de vingança popular parece ser infinitamente maior do que a necessidade de agnição sobre as necessidades de tratamento para esse quadro clínico:

[...] a sociedade reagirá contra a ideia de tratar o agressor como doente [...], embora possa demonstrar os benefícios deste procedimento [...]. Adolescentes e adultos jovens também se enquadram nesta categoria, exceto aqueles que cometeram crimes realmente graves. Talvez, com o tempo, outros setores da comunidade antissocial possam tratá-los como doente, em vez de como indivíduos [somente] sujeitos à punição. (WINNICOTT, 1961/1987, p. 135).

O fetiche social de exterminá-los à força não basta. A coibição e a punição, nesses casos, não evitam os crimes, ao contrário, só sofisticam o delinquente na arte da delinquência. O serviço da segurança nacional torna-se um paliativo quando suas tarefas são monitorar fronteiras, investir em sistema de inteligência, interceptar armas, drogas e recursos financeiros e combater o crime. Incontestavelmente, essas ações são necessárias. Entretanto, raramente se vê um secretário de segurança pública brasileiro incluir as palavras “educação” e “direitos básicos” como parte do plano estratégico na luta contra o crime. Em geral, parecem desconhecer ou desconsiderar os processos constitutivos envolvidos no seu objeto de estudo e trabalho: “o antissocial”. Mudar essa realidade exige pessoas maduras e um refinado trabalho interdisciplinar. Enquanto isso, os policiais brasileiros “enxugam gelo”. Matam e morrem diariamente na linha de frente por conta desses erros ou um projeto político de profilaxia social. A democracia claudica quando esses criminosos se avolumam no tecido social e organizam-se em facções, milícias e grupos terroristas. Na interpretação de Winnicott, em “Gestão residencial como tratamento de crianças difíceis” (1947/1987), alguns indivíduos emocionalmente perturbados podem vir a procurar o pertencimento a uma gangue, ou seja, a um grupo violento, como uma forma de buscar “coesão” e proteção para enfrentar o sentimento de perseguição por parte dos maus objetos internos projetados nas figuras dos inimigos (p. 46). Entretanto, nada é comparável aos efeitos devastadores da criminalidade institucionalizada. A maior degradação

⁶⁵ Quando não há um “excesso de loucura”, compulsão inconsciente ou organização paranoide, é possível que o indivíduo com tendência antissocial possa encontrar uma pessoa e passe a amá-la, em vez de continuar reivindicando um objeto substituto que esmaeceu seu valor simbólico (WINNICOTT, 1956/1988, p. 415).

⁶⁶ Por um lado, a sociedade exige punição, justiça; por outro, deve compreender que o delinquente está doente, portanto, ele não está em posição de beneficiar-se com o castigo. No regime ditatorial do presídio, provavelmente ele desenvolverá tendências patológicas (masoquistas ou não) para lidar com a punição conforme ela vier. Um aprendizado benéfico com a pena só funciona com casos muito favoráveis (WINNICOTT, 1961/1987, p. 135).

ocorre quando os antissociais ocultos entram na Câmara, no Senado, no Congresso e até na Presidência da República.

3.7.1 A tendência “antissocial estatal” e a falha ambiental em nível nacional

Na introdução do livro *Privação e Delinquência* (1987), Claire Winnicott, esposa do psicanalista, equipara as manifestações dos indivíduos delinquentes como uma ameaça tão grande quanto a “bomba nuclear” (p. 6). Conforme os elementos antissociais aumentam na sociedade, maior o grau de subversão à ordem democrática. O psicanalista avalia ser necessário que apelemos com “todos os recursos que estão disponíveis” para impedir a formação das personalidades delinquentes. Isoladamente, um único indivíduo antissocial já causa estragos. Mas, quando agrupados, seu poder de devastação potencializa-se exponencialmente. Se no plano individual a tendência à delinquência sobressai das falhas parentais, na esfera sociológica vale o mesmo princípio perante os descuidos governamentais. Para o cientista político Guaracy Mingardi (1998), onde o Estado for omissivo, forças paralelas assumirão o seu lugar. Assim nasceu o Primeiro Comando da Capital (PCC), fundado em São Paulo. Esse coletivo composto por membros antissociais conta com 33 mil integrantes espalhados até nos países sul-americanos (UOL, 2020). Segundo o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF), em 2020, as empresas utilizadas pela facção movimentaram R\$ 32 bilhões em quatro anos (METRÓPOLES, 2021). Além dos crimes cibernéticos e de outras fontes de arrecadação de fundos, a quadrilha sustém-se basicamente por meio do financiamento do tráfico de drogas, de roubos de cargas, de assaltos a bancos e sequestros. Entretanto, o decesso democrático de uma nação acontece realmente quando a delinquência pessoal e grupal se choca com a “tendência antissocial estatal”. Isto é, quando os próprios governantes e agentes políticos são antissociais ocultos. Esses, ao invés de garantir a lei e a ordem e os direitos constitucionais, praticam o inverso. Manipulam o aparato estatal para executar suas vinganças inconscientes, operando-o em proveito próprio: “Surpreso ao verificar até que ponto alguns pensadores da linha de frente, e até mesmo alguns cientistas, não foram capazes de usar este progresso científico particular. Não vemos como economistas ignoram a ganância inconsciente, como os políticos reprimido.” (WINNICOTT, 1946/1987, p. 78).

Normalmente, esses indivíduos promovem-se politicamente contando inverdades. Winnicott vê o ato de ludibriar e surrupiar como marcas do antissocial (1956/1987, p. 86). Uma caricatura dos piores políticos brasileiros. Suas amostras transparecem regularmente nos noticiários. Estão nos escândalos de corrupção, nos esquemas de compras de voto, nas

pedaladas fiscais, nos casos de corporativismo e de prevaricação política. Os crimes cibernéticos e a disseminação intencional de *fake news* também são desdobramentos do comportamento antissocial contemporâneo. O desvio de recursos públicos mina o desenvolvimento humano. As sequelas trazidas pelos crimes estatais afetam principalmente as populações mais vulneráveis. Aquelas que dependem de políticas públicas para sua subsistência. Efetivamente, a delinquência política desassiste as escolas públicas, desfalca as cestas básicas, indisponibiliza a compra de insumos hospitalares, precariza o atendimento médico, favorece a violência das gangues, enfim, corroi anonimamente a sociedade. Uma cultura perversa faz das regras exceções. Retroalimenta latentemente as pseudodemocracias e os regimes ditatoriais.

O Estado, ao ser legitimado como uma autoridade igualmente transgressora pelos criminosos, não pode ser simbolizado como um agente recuperador, mas, sim, como um competidor. Um grande adversário na disputa do monopólio do poder da agressão e da perversão social. Assim, estrutura-se um interminável ciclo vicioso: o ambiente encolerizado constringe o potencial ético-democrático dos indivíduos e esses regarão o ambiente psicossocial com suas psicopatologias nele adquiridas. Num meio aético, o despertar do sentimento de culpa pouco emerge, pois ninguém, nem mesmo as próprias autoridades, consegue compreender o real significado e o papel exato da lei. Não há nenhuma autoridade interna ou exterior presente para testemunhar suas recorrentes atrocidades. Ao assumirem um falso *self* social, só o terno transveste os antissociais na política. Ao vestir as fardas da polícia e do exército, esses antissociais invertidos creem serem distintos daqueles delinquentes comuns, os quais tanto desejam depopular

Embora a Constituição da República Federativa do Brasil prenuncie-se democrática, como considerar assim um sistema que na prática extravia cerca de 200 bilhões por ano dos cofres públicos⁶⁷? Que possui quase 1 milhão de pessoas encarceradas⁶⁸? Com quase 45 mil homicídios por ano⁶⁹? Tendo 33 milhões de cidadãos sem moradia⁷⁰? E 10,3 milhões de seres

⁶⁷ REVISTA ÉPOCA NEGÓCIOS, Brasil perde cerca de R\$ 200 bilhões por ano com corrupção diz MPF. 2017. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2017/02/epoca-negocios-brasil-perde-cerca-de-r-200-bilhoes-por-ano-com-corrupcao-diz-mpf.html>. Acesso em: 23 jan. 2022.

⁶⁸ ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

⁶⁹ COSTA, Mariana. Assassinatos no Brasil aumentaram 5% em 2020, aponta índice. **Metrópoles**. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/assassinatos-no-brasil-aumentaram-5-em-2020-aponta-indice>. Acesso em: 23 jan. 2022.

⁷⁰ CORREIO BRAZILIENSE. 33 milhões de brasileiros não têm onde morar, aponta levantamento da ONU. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/03/interna-brasil,678056/deficit-de-moradias-no-brasil-chega-a-6-3-milhoes-sp-tem-a-maior-defa.shtml>. Acesso em: 13.fev.21.

humanos na linha da miséria e passando fome⁷¹? Na definição do historiador Christopher Lasch: os "[...] princípios de uma sociedade podem até ser virtuosos", mas essa informação torna-se completamente insignificante se indivíduos que a constituem são "corruptos":

Os crescentes indícios da ineficácia e da corrupção [...] as esqueléticas condições de vida nas nossas cidades dominadas pelo crime, o alarmante e vergonhoso crescimento da pobreza e da disparidade entre pobres e ricos, que é moralmente obsceno tanto quanto politicamente explosivo – esses acontecimentos, cujos resultados sinistros não se pode mais ignorar ou esconder, reabriram o histórico debate sobre democracia. (LASCH, 1995, p. 113).

Os colapsos sociopolíticos seriam uma espécie de “falha ambiental” em “nível nacional”, pois empece a evolução da saúde psíquica em larga escala populacional. O potencial democrático de uma nova geração de brasileiros é desperdiçado. Retroalimenta-se a tendência ao retrocesso. As consequências da devassidão política traumatizam um país inteiro. Produzem inseguranças coletivas e experiências aflitivas. Anuviam a nação com a sombra do desespero e da desesperança. A corrupção traz problemas sanitários, econômicos e psicossociais, tais como falências, infartos, drogadições, quadro de pânico, depressão e suicídio. Muitos desses sintomas foram relatados jornalisticamente no Plano Collor II⁷², no ano de 1991:

Meu pai nunca voltou a ser quem era [...]. Ele não falou nada (dos problemas financeiros) para ninguém, mas foi ficando doente, desenvolveu síndrome do pânico e tinha medo de tudo. [...] o efeito geral (para a família) foi muito ruim. Foi um trauma muito grande. Meu pai perdeu sua estrutura emocional, o desejo pela vida. (BBC NEWS, 2013)⁷³.

3.6.1.1 Os crimes, as crises governamentais e o “medo do colapso”

A delinquência governamental desola os lares. Coloca em apuros os pais-cuidadores, principalmente nas famílias de baixa renda. Os colapsos da democracia incitam nelas uma

⁷¹ CABRAL, Umberlândia. 10,3 milhões de pessoas moram em domicílios com insegurança alimentar grave. **Agência IBGE**. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentar-grave>. Acesso em: 23 jan. 2022.

⁷² No confisco da poupança, negócios foram desfeitos, viagens canceladas e casamentos adiados. Dentre os casos, um empresário de Blumenau (SC) ficou endividado, passou a tomar empréstimos e a hipotecar bens. Ele não aguentou e morreu de infarto aos 60 anos. Já um dentista de Campos (RJ) tirou sua vida com um tiro no ouvido. A família relatou à polícia que ele caiu em depressão ao saber que suas economias, depositadas na caderneta de poupança, tinham sido bloqueadas. Milhares de outros empresários foram à falência e não tiveram como honrar seus compromissos, sendo obrigados a suspender pagamentos e a demitir funcionários (BBC NEWS, 2020).

⁷³ O depoimento da empresária Carla Bea da Silva aponta como diversas famílias foram afetadas pelo Plano Collor. Até hoje, muitas delas ainda não superaram os traumas do bloqueio da poupança (BBC NEWS, 2013).

sensação de orfandade adulta. Obviamente, o sofrimento de uma família biparental ou monoparental atingirá a saúde emocional dos filhos. Os bebês e as crianças imaturas reagem sensivelmente às instabilidades ambientais. Eles dispõem de mecanismos menos amadurecidos para se defender contra o efeito dominó do desamparo ambiental (Estado-pais-criança). Na falta de cuidados adequados decorrente do adoecimento familiar, tragicamente, elas poderão ser compelidas a um comportamento reativo ao invés de criativo. Nos pequeninos, desguarnecidos da inteireza dos cuidadores, surge a ameaça de desintegração e de despersonalização. O meio, ao sucumbir, tende a atrofiar, congelar ou inviabilizar o processo de organização em marcha das potencialidades ingênicas. Winnicott prognostica que a saúde emocional infantil necessita de “estabilidade e continuidade nos relacionamentos externos” (1958/1983, p. 26). Presumivelmente, o papel do Estado também seria o de garantir o mesmo aos maiores de idade. Mas, nem sempre ocorre assim. Em determinadas personalidades, a sensação de abandono provocada pelas falências do sistema reaviva suas experiências traumatogênicas da infância. Tais indivíduos são assombrados pelos fantasmas das crises e imprevisibilidades do ambiente exterior. Espavorem-se diante dessas tensões. Projetando em extremos, o autor divide a humanidade em “duas categorias de pessoas”:

Há aquelas que jamais se desapontaram enquanto bebês e, na mesma medida, são candidatas a viver alegremente e a aproveitar a vida. E há as que sofrem experiências traumáticas, provenientes de decepções com o ambiente; estas são candidatas a levar vidas tempestuosas e tensas e talvez candidatas à doença. (WINNICOTT, 1967/1999, p. 14).

Em face das iminentes situações críticas, no segundo tipo estão os adultos propensos ao suicídio e ao adoecimento emocional. A falta de confiabilidade no ambiente sociopolítico (McAFEE, 2019, p. 45) desperta-lhes o que Winnicott denominou como “medo do colapso”⁷⁴: uma falência das organizações defensivas contra o impensável. Sentem um medo de algo que “já foi experienciado” na vida pregressa, porém, não se recordam do trauma, afinal não haviam ainda chegado ao estágio do “eu sou”. Apenas quem usufrui da consistência dos bons cuidados nas fases de dependência terá chance de preservar a saúde nos fracassos ambientais. Contudo, as pessoas psicologicamente maduras também sofrem na sociedade indecorosa. Ficam sem senso de pertencimento e identificação com sua população antiética. Isso liquefaz a noção de nação.

⁷⁴ O trauma implica em um colapso na área da confiabilidade no “meio ambiente expectável médio”. Ele acontece no estágio de dependência quase absoluta. O resultado de tal colapso mostra-se no fracasso ou relativo fracasso, no estabelecimento da estrutura da personalidade e na organização do ego (Winnicott, 1963/1994, p. 72).

Em “Variedades de psicoterapia”, o psicanalista defende a ideia de que o papel primordial do governo seria cuidar das ‘unidades sociais locais’ (WINNICOTT, 1950/1987, p. 158). Isso atenuaria a formação de círculos malignos e os vínculos tantalizantes. Possivelmente, reduziria a constituição de personalidades antissociais e dissociais, isto é, desvinculadas dos laços sociais. Para que a democracia se reestabeleça, não deve haver “meias medidas” no cuidar das crianças. Na resolução de Winnicott, no capítulo “A criança privada e como compensar pela perda de uma vida familiar” (1950/1987), o primeiro ato no combate à tendência antissocial seria garantir os direitos básicos dos cidadãos. Prover cultura, “habitação, alimentos, roupas, educação e recreação” nos lares. O segundo, investir em preparo emocional e educacional para os “membros sadios da sociedade”. As pessoas saudáveis têm condições melhores de estabelecer relações empáticas com os doentes mentais e as pessoas imaturas. Impulsionam naturalmente o fator democrático latente de sua comunidade. Mudanças prossociais exigem a proteção dos indivíduos sadios e o envio dos irrecuperáveis para a “instituição com métodos ditatoriais, até que a sociedade encontre outra saída melhor” (p. 117-125). Finalizando, os elementos maduros devem enfrentar e conter as ações dos membros delinquentes. A tendência antissocial infantil clama por pessoas “fortes, amorosas e confiantes”⁷⁵. Porém, isso pressupõe o desenvolvimento do fator ético nos indivíduos, sendo esse um dos elementos mais decisivos na promoção da democracia latente.

3.7 O desenvolvimento do fator ético pessoal e a democracia latente

Encontrar as origens do senso ético implica em compreender os prelúdios do fator democrático pessoal. Embora as teorizações históricas, filosóficas, jurídicas, sociológicas e antropológicas sejam imprescindíveis para entender as questões concernentes à moral e à democracia, normalmente elas apresentam-se desprovidas de evidências clínicas. Generalizar e dissolver o humano na humanidade desperdiça os avanços das teorias psicanalíticas sobre a formação de diferentes estruturas de personalidade. Ignora os estudos científicos a respeito das psicopatologias e seus efeitos na sociedade. Descarta o corpo de conhecimento da psicologia do desenvolvimento, que situa a moral adulta como uma consequência de processos constituídos desde a infância. Winnicott endossa as críticas realizadas por Erik Eriksson sobre a negligência da psicanálise da vida infantil no desenvolvimento da maturidade psicossocial:

⁷⁵ Nas palavras de Winnicott, não podemos esperar curar muitos daqueles que se tornaram delinquentes, mas podemos esperar compreender como prevenir o desenvolvimento da tendência antissocial. Pode-se pelo menos lutar por melhor condições que auxiliem as famílias a continuar cuidando bem de suas crianças (1958/1983, p. 30).

[...] estudos de sociedades raramente concedem um lugar apropriado para os padrões da primeira infância e da infância propriamente dita: ‘um ponto cego nos criadores e intérpretes da história: eles ignoram a função decisiva da infância no tecido da sociedade’. Todo indivíduo foi bebê e foi criança, e traz para o quadro social as pulsões, as ansiedades e as defesas mentais que pertencem a todo ser humano em crescimento. As sociedades locais, no padrão de sua atitude para com seus jovens, mobilizam essas pulsões, ansiedades e defesas para adaptar seus filhos e se tornarem não apenas adultos, mas adultos em sua comunidade específica. (WINNICOTT, 1965/1994, p. 373)⁷⁶.

Outras vulgarizações dão-nos também a ilusão de que a democracia nasceu simplesmente do “povo”, na Grécia Antiga, desdourando, assim, as contribuições do “indivíduo”, a exemplo da personalidade ética de Clístenes⁷⁷, influenciadora da cultura e da política ateniense. Winnicott sabe que as influências culturais são “vitalmente importantes” para o processo de subjetivação. Entretanto, ele enfatiza a saúde individual. Pensa que a pessoa psicologicamente saudável não é um mero reagente das tendências do ambiente. Ela adquiriu uma mente independente e um senso ético pessoal capaz de examinar as normas morais sociais. Sua personalidade também faz o meio (1958/1983, p. 19). Na premissa winnicottiana, um ser ético nasce da relação de compromisso entre a figura materna e o bebê já no primeiro ano de vida:

Aqueles que sustentam o ponto de vista de que a moralidade precisa ser inculcada ensinam as crianças pequenas de acordo com essa ideia, e renunciam ao prazer de observar a moralidade se desenvolver naturalmente em seus filhos, que estão se desenvolvendo em um bom ambiente, proporcionado de um modo pessoal. (WINNICOTT, 1958/1983, p. 19).

O desenvolvimento do potencial ético pode acontecer a partir do momento da integração da personalidade como uma unidade. A partir disso, no capítulo “A ausência de um sentimento de culpa” (1966/1987), Winnicott apresenta o seguinte questionamento: “até que ponto o código moral é ensinado e em que medida ele é inato?” (p.119).

⁷⁶ No capítulo “Erik H. Erikson” (1965/1994), Winnicott considera que o psicanalista Erik Erikson realizou contribuições valiosas na compreensão dos problemas individuais e mundiais para os que não são estudiosos do campo da psicologia social (p. 373).

⁷⁷ Segundo Godoy (2003), a democracia funda-se em Atenas com o político Clístenes (565-492 a.C.), considerado o “pai da democracia” (p. 197). Creditou-se a ele o aumento do poder da assembleia popular e a redução do poder da nobreza sobre a política, que ocupava os cargos em função de parentesco e hereditariedade.

3.7.1 Diferenças conceituais entre moral e ética e superego pessoal e superego impessoal

De acordo com o psicólogo Yves de La Taille (2006), por uma questão de convenção social, seria possível diferenciar moral e ética. O sentido de moral reservar-se-ia então ao “fenômeno social” (p. 25-28). Trata-se da internalização das normas de conduta criadas por uma determinada organização humana e num respectivo tempo histórico. Já o senso ético contém as avaliações pessoais. Refere-se à capacidade interna para refletir sobre as convenções morais exteriores. Analogamente, Winnicott também considera haver dois fatores constitucionais envolvendo a questão da moralidade. Em suas pesquisas pediátricas e psicanalíticas, ele destrinchou o ovo zigoto constituinte da moralidade (1949/2008, p. 107). Didaticamente, subdividi-a em duas esferas. Afora: o óvulo sociocultural (os códigos morais do ambiente). Adentro: os potenciais embrionários inatos do lactente, ou seja, a “capacidade intrínseca da criança para ser educada moralmente”. Citando, nas palavras do autor:

Temos de lhes propiciar, [...] o ambiente favorável em que cada indivíduo possa desenvolver sua capacidade moral própria, desenvolver um superego que evoluiu naturalmente dos elementos da crueza do superego do latente, descobrir seu próprio modo de utilizar ou não o código moral e o acervo da cultura geral de sua época. Na época em que a criança está crescendo para o estado adulto, o destaque não é mais para o código moral que lhe transmitimos; ela passou para coisas mais positivas, O conjunto de conquistas culturais da humanidade. E, então, em vez de educação moral, propiciamos à criança a oportunidade de ser criativa já que a prática das artes e da arte da vida oferece a todos aqueles que não copiam e não se submetem, mas desenvolvem genuinamente uma forma de autoexpressão. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 98).

Logo, nos extremos, a constituição da moralidade possui uma vertente falsa e outra verdadeira⁷⁸:

1) por introjeção ambiental (do mundo exterior para o interior): em função da ignorância, da insegurança ou da incerteza dos cuidadores de que a criança não seja capaz de desenvolver por si só as noções empáticas e de se civilizar, o meio insemna precocemente suas normas, crenças e valores de modo impessoal e anônimo, afinal, o bebê ou a criança pequena ainda é incapaz de reconhecer figuras inteiras. Nesse tipo de domesticação, imposta desde a época das relações de objeto parcial, o ser tende a mimetizar as atitudes e o código moral do ambiente como a única forma de garantir uma

⁷⁸ Por uma predileção pessoal, adotei o termo “moral” para referir-me ao superego impessoal, ou seja, as internalizações das questões socioculturais (falsa). Reservo a expressão “ética ou senso ético” para designar o superego pessoal, aquele referente ao verdadeiro senso empático e de responsabilidade para com o outro.

interação com o meio. Winnicott chama esse processo de inculcação moral de “superego impessoal”⁷⁹;

2) via estimulação dos potenciais naturais (do mundo interior para o exterior): no círculo benigno, a criança integrada poderá crescer e introjetar espontaneamente os pais-cuidadores como figuras totais. Somente na elaboração do complexo de Édipo, no estabelecimento das relações interpessoais complexas, a introjeção do código moral pode tornar-se humana e pessoal, portanto, constituindo um “superego humano ou pessoal”.

A título de esclarecimento, no livro “Holding e Interpretação”, no capítulo “Fragmento de uma análise” (1986/2001), Winnicott aponta também para o desenvolvimento do “superego patológico” (p. 164). Esse decorreria de um sentimento de culpa excessivo, que traz a inibição dos impulsos agressivos do indivíduo. Essa formação impediria o desenvolvimento do ser como um cidadão saudável e espontaneamente prossocial.

Em suma, enquanto no “superego impessoal”, o código moral⁸⁰ “insufla” do ambiente impessoalizado e moralizador sob à criança (introjeção), no superego pessoal, a ética “exsufla” das próprias tendências maturativas da criança no ambiente humano facilitador (extrojeção). Logo, o sentido ético verdadeiro não se desenvolve de maneira forçada (exemplo: moralidade esfínteriana⁸¹), tampouco pode ser aprendido de maneira intelectualizada. A treinamento comportamental pura atua como uma técnica de submissão moral. Ela desperdiça a oportunidade de a criança pequena descobrir o valor do outro no contato humano. Os elementos desse superego são incógnitos, sem cara e corpo, seus registros decorrem da abstração mental:

⁷⁹ Freud (1923) formulou o conceito de superego como os esforços do ego realizados para controlar os impulsos do id. Um resultado de introjeções e identificações em massa, originadas do período dos dois aos cinco anos, e da época da eclosão do complexo de Édipo. Juntamente com ele, Melanie Klein enriqueceu a noção do superego, trazendo a ideia de um “superego primitivo” derivado da vida instintiva da criança. Na visão kleiniana, os elementos de tal superego originam-se antes da fase da eclosão do complexo de Édipo, ou das ambivalências associadas com as relações entre três personalidades “completas”. Na formulação winnicottiana, o conceito de superego pessoal relaciona-se com a gênese da culpa constituída na elaboração do complexo de Édipo. Essa seria uma questão da realidade interna (pessoal) do indivíduo e não externa. Ele é utilizado para descrever o que quer que seja construído, incorporado ou organizado no interior do ego para fins de controle, orientação, estímulo e apoio da pessoa em sua relação consigo e com o mundo (WINNICOTT 1963/1983, p. 22).

⁸⁰ O código moral “revelado” para o indivíduo foi elaborado, ao longo dos séculos ou milênios, por milhares de gerações de pessoas ajudadas por alguns profetas. Nesse sentido, Winnicott sugere ser melhor “ficar esperando até cada criança, por meio de processos naturais”, adquirir um senso pessoal de certo e errado (1966/1987, p. 71).

⁸¹ O termo “moralidade esfínteriana” é utilizado para descrever o modo como as ideias de certo ou errado podem ser transmitidas aos lactentes e às crianças pequenas em termos do medo como a incontinência (de esfínteres), resultando num autocontrole socializado. O controle sobre as excreções é apenas um óbvio exemplo de treinamentos que ignoram o processo maturativo da criança no tempo. Contudo, em termos de moralidade esfínteriana é fácil verificar que os pais que esperam que a criança pequena se submeta aos regulamentos antes de atingir o estágio em que o autocontrole faz sentido estão privando a criança do sentimento de mérito e fé na natureza humana que vem do progresso natural que atinge ao controlar os esfínteres, essa espécie de atitude enganosa com o “treinamento”. (WINNICOTT, 1963/1983, p. 93).

[...] não é que não haja superego, mas que a formação do superego nunca se torna humanizada e continuará tal como o politeísmo antes do monoteísmo. Acontece então que é como se existissem forças e instâncias mecanicistas que são temidas e que devem ser magicamente controladas, e que, certamente, não podem ser desafiadas. Todo tipo possível de mecanismo assustador pertence à falta de saúde nesta área. Na saúde, a criança pode (certamente) desenvolver uma psicose, mas apesar disso, ela possui o grande alívio de um superego que se acha relacionado com seres humanos de fato, o pai e a mãe [...] Esses seres humanos podem ser amados e odiados, obedecidos e desafiados, da maneira comum que é bem-conhecida. (WINNICOTT, 1960/1994, p. 357)⁸².

Winnicott nomeou essa formação espontânea da expressão ética de “superego pessoal”. Suas raízes não são verbais ou racionais⁸³, vêm das experiências positivas, sentidas no relacionamento com os entes vivos da espécie humana. Originam-se da comunicação silenciosa e dos métodos sensíveis realizados pelos pais-cuidadores. Isso posto, a ética infantil acontece nos lares protetores por meio da promoção de um ambiente pessoalizado e suficientemente bom. Se a democracia latente se arvora sobre o amadurecimento ético individual (coletivizado), tal sistema só pode ser mantido pela formação do superego humano ou pessoal dos cidadãos.

3.7.2 O superego pessoal e as raízes do senso ético

Na crítica de Winnicott (1960/2005), o quão “fútil” (se não hipócrita) seria apenas “ensinar a ideia democracia” sem prover ou lutar por um ambiente onde a criança possa crescer, amadurecer e tornar-se ela mesma o “próprio material de que a democracia é feita” (p. 78). Ele conceitua que a única ética válida é aquela provinda das tendências maturacionais do indivíduo. Defende a proposta de que o papel da política, da família e da sociedade seria o de lutar para propiciar na primeira “infância, na meninice e na adolescência”, no lar e na escola, um ambiente favorável, onde cada ser possa desenvolver sua capacidade ética pessoal. Subentende-se, então, que, para que um sistema sociopolítico possa autossustentar-se com maturidade ética (sinônimo de democracia): “Cada membro individual de nossa sociedade deve alcançar o seu próprio crescimento no seu próprio ritmo, desenvolvendo um sentimento de responsabilidade próprio

⁸² Essa criança se acha suficientemente bem para ser uma pessoa total entre três. Ela está em condições de experimentar a situação triangular e ser capaz de elaborar, na presença dos pais, tudo o que se quer dizer por passagem do complexo edípico e estabelecimento de um superego que tem um certo relacionamento com os pais, tal como percebidos, e com os pais, tal como concebidos (WINNICOTT, 1960/1994, p. 357).

⁸³ Segundo Winnicott (1960/1994), tais “[...] mecanismos do funcionamento mental inicial não devem ser chamados de superego, ou sequer receberem a dignidade da expressão ‘esquema pré-autônomo de superego’” (p. 355). Há toda uma construção gradual ao longo das linhas desses mecanismos intrapsíquicos para que se chegue ao conceito de superego do conceito clássico freudiano, ou seja, relacionada ao Complexo de Édipo (relações triangulares).

verdadeiramente baseado em sua preocupação pessoal por seus impulsos amorosos e suas consequências.” (WINNICOTT, 1950-55/1988, p. 162).

Considerar o outro é uma das premissas básicas da democracia. No entanto, o respeito pela alteridade procede da total inconsideração para com o lugar do próximo na infância. O “senso de responsabilidade do indivíduo” exordia do gozo pleno da “liberdade de expressão” instintual (WINNICOTT, 1963/1983, p. 74). Descende do descompromisso e da mais absoluta despreocupação com os atos e danos. Porém, é justamente esse uso inconsiderado do ser materno, a bel-prazer, que enseja na criança uma espécie natural de ansiedade: o “sentimento de culpa”^{84 85}. Sua obtenção se dá unicamente por intermédio da maternagem bem-sucedida. Portanto, a formação do sentido ético pessoal e da saúde cívica futura empenha-se das atividades inconcernidas do bebê no contato com o cuidador materno:

Para que os bebês se convertam, finalmente, em adultos saudáveis, em indivíduos independentes, mas socialmente preocupados, dependem totalmente de que lhes seja dado um bom princípio, o qual está assegurado, na natureza, pela existência de um vínculo entre a mãe e o seu bebê: amor é o nome desse vínculo. (WINNICOTT, 2008, p. 217).

As expressões instintivas do bebê são permeadas por fantasias persecutórias de retaliações. Visando alívio, voluntariamente a criança executa gestos reparatórios ao objeto que ama e sente ter ferido⁸⁶. Na premissa winnicottiana, a atividade social só será satisfatoriamente construtiva se o sentimento de culpa advier da própria agressão do indivíduo. Então, no período entre cinco e 12 meses de idade, ocorre uma mudança espontânea e gradual dessa crueldade infantil. A primeira evidência do senso ético primitivo exprime-se como um fenômeno somático. Cada excitação agressiva-destrutiva em direção à figura materna vem acompanhada

⁸⁴ Para Winnicott, quando falamos da origem do sentimento de culpa presumimos um desenvolvimento sadio nos estágios iniciais, uma criança tornando-se uma unidade psicossomática capaz de perceber gradualmente a mãe como pessoa, isso prenuncia a possibilidade de um processo crescente de humanização do eu. No ambiente suficientemente bom, a criança desenvolve confiança na capacidade de reparação e contribuição para com o meio. A chegada da culpa denota o prevalecimento da esperança nos aspectos positivos da personalidade e a conservação de algum tipo de fé na bondade exterior. Na saúde, a culpa inata não é algo a ser inculcado pela lei, ela vem do autodesenvolvimento das potencialidades éticas maturadas no ambiente facilitador (1958/1983, p. 19).

⁸⁵ Conforme Winnicott, a culpa origina-se do choque entre o amor e ódio dirigido ao mesmo objeto. Cada criança leva um tempo próprio para constituí-la. Quando a figura materna suporta a agressão e aceita o gesto restitutivo da criança, os impulsos impiedosos infantis tornam-se mais toleráveis ao bebê ao ponto dele reter a oportunidade de reparação e entregá-lo num melhor momento. A complexidade da culpa acentua-se no Complexo de Édipo. A fase edípica não é o evento fundador da culpa, mas seu período de maior ápice. O sentimento de culpa (não patológico), em doses suportáveis, é substancial para a preservação da civilização (1964/2008, p. 107).

⁸⁶ Na descrição de Winnicott, nessa fase o objeto está sempre sendo destruído. Essa destruição torna-se o pano de fundo inconsciente para o amor a um objeto real, isto é, um objeto situado fora da área do controle onipotente do sujeito. A sobrevivência do objeto à destruição coloca este último fora da área de objetos criados pelos mecanismos psíquicos projetivos do sujeito. Dessa maneira, cria-se um mundo de realidade compartilhada onde é possível usar e retroalimentar a substância diferente-de-mim dentro do indivíduo (1966/1975, p. 126).

de uma hesitação corporal. O lactente não pode mais simplesmente render-se aos seus ímpetos agressivos⁸⁷ e desapiadados em direção àquela que ama e visa preservar⁸⁸. Talvez, essa seja a primeira questão ética da vida humana, quiçá o primeiro “dilema inconsciente” sentido no corpo. Inferindo, se pudéssemos traduzir esse drama físico-existencial em locuções verbais, o impasse seria: “entregar-me aos impulsos e satisfazer-me ou controlar-me e preservar o objeto de amor e ódio”?

O autor chama de “moralidade inata” (1963/1983, p. 90) a descoberta intuitiva do bebê sobre o “bom” e o “mau”, o “aceitável” e o “inaceitável” a ser atuado nas relações. Com naturalidade, a criança empenha-se para tentar integrar a forma tranquila e a excitada nesse relacionamento com o outro materno, que dá partes de si para serem comidas (mãe-objeto) e, ao mesmo tempo, cuida (mãe-ambiente). Atingida a posição do “Eu Sou”, a impiedade inicial cede lugar à piedade; torna-se “concernência”⁸⁹, um termo “mais positivo” e abrangente que o psicanalista prefere adotar para se referir a esse processo de responsabilização perante o seu ambiente (WINNICOTT, 1963/1983, p. 77).

O desenvolvimento do senso ético pessoal dispensa o uso de técnicas pedagógicas, doutrinações religiosas, discursos moralistas, imposições legais, repressões e punições para que os próprios impulsos civilizatórios sejam sustentados. No estágio da concernência, aflora-se um estado de não-indiferença pela vida. Doravante, ser significa estar com os outros no mundo. A alteridade passa a ser considerada. A agressividade pode ser usada. A energia deslocada para a musculatura estriada servirá não só para responder à intenção de destruir, mas também a de construir. Os impulsos socialmente construtivos relacionam-se com a aceitação da responsabilidade do indivíduo pelos aspectos destrutivos de sua natureza:

Se for concedido tempo suficiente para os processos de maturação, a criança capacita-se, então, a ser destrutiva, odiar, agredir e gritar, em vez de aniquilar magicamente o mundo. Dessa maneira é possível encarar a agressão concreta como uma realização positiva. Comparados com a destruição mágica, as ideias e o comportamento agressivos adquirem um valor positivo, e o ódio converte-se num sinal de civilização. (WINNICOTT, 2008, p. 269).

⁸⁷ Ao ser alimentado, o bebê fantasia drenar tudo o que a mãe possui de bom. Se a figura materna sobreviver e adaptar-se ativamente no tempo, a criança poderá perceber que o objeto que ataca é o mesmo que a satisfaz, conciliando, assim, a ambivalência emocional entre o amor e o ódio. Essa humanização da mãe-objeto como ser vivo dotado de sentimentos associa-se à formação do senso ético. Um bebê pode sentir ter magoado o seio ao morder na amamentação. Porém, evidentemente, o cuidador não é fácil de ser devorado e a continuidade de sua existência abre precedentes para o bebê ir recuperando sua fé no esforço construtivo do ambiente enquanto exercita seus atos (re)construtivos. A tarefa dos pais-cuidadores é estar ali para receber esses gestos reparatórios. Sendo assim, será por intermédio das experiências de destrutividade que podem acontecer os gestos de construção.

⁸⁸ A maturidade amorosa envolve a percepção de que há uma alteridade adjunta no objeto amado.

⁸⁹ Utilizando a sugestão do psicanalista brasileiro Naffah Neto (2008), seria possível traduzir literalmente o conceito winnicottiano “*stage of concern*” (inglês) para o português “estágio da concernência”.

O ser concernido pesa seus atos e suas consequências⁹⁰. Na medida em que amadurece, as relações com o mundo exterior complexificam-se. Surgem os fardos da vida. Novos conflitos e ansiedades assomam-se na cena psíquica. A personalidade ética considera o reparável e o irreparável, o reversível e o irreversível, o suportado e o incabível ao outro e ao meio. No estágio da concernência, o ser já é capaz de utilizar símbolos. Poderá ser capaz de agredir, deprimir⁹¹, sentir culpa, tristeza⁹², raiva (ou ódio), frustração e reagir às perdas, falhas e imprevistos de maneira emocionalmente organizada. Isso posto, parece ser plausível discorrer sobre a existência de indivíduos mais sofisticados psicologicamente do que outros. Logo, uma sociedade amadurecida seria mais ética, democrática, menos cindida, violenta e antissocial.

Na formação emocional do cidadão ético, as caracterizações de “certo” e “errado” desenvolvem-se a partir da elaboração dos processos internos na infância. Enquanto a “culpa moral” deriva da realidade interna (reside na intenção) e retrata a infração das normas pessoais, a “culpa legal” relaciona-se com o crime, ou seja, com a violação dos códigos preceituados pela sociedade e pela cultura. O mais importante não é a conduta em si, mas os sentimentos pessoais que o indivíduo tem sobre “o que é certo e o que é errado” diante dos padrões de comportamento sociocultural. Pela corrente maturacional, o sentido de justo flui de maneira mais profunda do que qualquer outra norma imposta pelo ambiente. Talvez, isso sirva como uma evidência psicanalítica para complementar as teorias jusnaturalistas⁹³.

No corolário teórico de Winnicott, após a formação do senso ético, no estágio da concernência, ocorre a “a evolução de um superego pessoal” (1963/1983, p. 90). Ele se forma na elaboração do complexo de Édipo. Dá-se a partir da introjeção das pessoas humanas dos pais-cuidadores como figuras totais. As pessoas que defluíram do desenvolvimento do superego pessoal serão os futuros cidadãos capazes de honrar tacitamente os princípios mais elementares da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O psicanalista defende extensivamente a ideia

⁹⁰ Só amadurecendo o ser pode distinguir aquilo que se é daquilo que sente ser responsável. Contudo, Winnicott considera que a responsabilidade total só seja atingida no processo de análise (WINNICOTT, 1945/1998, p. 74).

⁹¹ A depressão é evidência de crescimento e saúde no desenvolvimento emocional e social. Indica que o ser está assumindo a responsabilidade pelos elementos agressivos e destrutivos de sua natureza. Isso significa que a pessoa tem a capacidade de conter em si uma certa quantidade de culpa, o que abre caminho para a realização de atividades socialmente construtivas. A chegada da posição depressiva em pessoas realmente saudáveis é “um fato inquestionável, incorporado à vida ativa em sociedade” (WINNICOTT, 1954-55/1988, p. 373).

⁹² A tristeza marca um estágio no desenvolvimento da capacidade de estabelecer um relacionamento social. O choro triste significa que a criança “alcançou seu lugar no mundo”. Ao invés dela reagir às circunstâncias, esse indivíduo passou a sentir responsabilidade pelas eventualidades exteriores (WINNICOTT, 1945/2008, p. 73).

⁹³ Segundo Diniz (2006, p. 37), o Direito Natural concebe “o bem”, como algo inerente à própria natureza humana. Numa interpretação winnicottiana, o jusnaturalismo só é possível para os indivíduos que constituíram um senso ético a partir da formação de um superego pessoal no ambiente suficientemente bom. No mais, tomá-lo como uma regra universal para toda a espécie seria generalizar os distintos processos de constituição da moralidade humana.

de que organização matricial do superego pessoal começa nos lares na infância (WINNICOTT, 2008, p. 137). Para o historiador Leandro Karnal: “[...] o que existe no Brasil é a incompreensão de que a pirâmide ética começa na família e na escola e vai até a República”. Ética e política “começam nas pequenas coisas” (CORTELLA et al., 2016, p. 31).

No núcleo familiar, a criança tem a oportunidade de criar seu pequeno universo com códigos morais de sua própria lavra. Quando o ser ético chega antes do cidadão moralizado, a civilização inaugura-se dentro de mais um ser humano. Daí por diante, o papel dos pais-cuidadores e dos adultos da comunidade será providenciar um código moral à espera da criança para quando ela requisitar algum. A versão de moralidade materna subsiste até que a criança desenvolva um novo senso ético. Deve-se aguardar os avanços do estágio de integração e a capacidade para consideração objetiva para que a criança seja capaz de utilizá-lo. Em casa, essa comunicação é dada de modo sutil (por expressões de aceitação e fantasias de perda de amor). As pessoas circundantes servem como rigorosos ideais no processo de tecimento criativo do superego pessoal. O ambiente precisa então auxiliar a criança no firmamento das aquisições éticas e morais, pois elas poucos se estabelecem de maneira consistente antes dos cinco anos de idade.

Ao crescer, o *self* fica cada vez mais moldado pela influência do ambiente. Porém, o fator ético pessoal licencia o uso das próprias ideias, conferindo certa liberdade psíquica para o ser utilizar, significar, ressignificar e dessignificar o “código moral e o acervo da cultura geral de sua época”. Tê-lo possibilita alcançar uma severidade interna de caráter humano. As crianças sadias encaixam suas próprias ideias nesse código até rebelarem-se contra ele:

[...] a criança amadurece, na medida em que estabelece um senso de eu e um direito de ter opinião pessoal sobre todas as coisas. A criança madura ainda gosta ou necessita poder confrontar tudo com o código aceito, nem que seja apenas para saber em que pé estão as coisas entre ela e a comunidade. Essa é uma característica permanente dos adultos maduros. (WINNICOTT, 1966/1987, p. 119).

O conceito winnicottiano de saúde prevê a constante conflitiva entre o indivíduo e sua adaptação ao meio social e cultural. Por vezes, divergir e ter opiniões próprias relaciona-se com a necessidade de ser a si, com o anseio de participar do mundo e contribuir⁹⁴ socialmente com a própria visão. Isso justifica uma parte do porquê a sociedade e a cultura precisam ser constantemente alteradas e destruídas, feitas e desfeitas no tempo pelos seus membros viventes. Portanto, nenhuma democracia pode dar-se como consolidada. A juventude raia tanto como

⁹⁴ Winnicott entende por “contribuir” a intenção de servir (por prazer) aos entes “chegados e queridos” e o ato de prestar alguma “contribuição” voluntária às necessidades da sociedade (2008, p. 267).

uma salvação quanto como uma ameaça para a sociedade. A nova geração ansiará por desarranjá-la. Idealizará destruir o mundo na intenção de recriá-lo a sua maneira (até que outros jovens surjam e redestruam). A rebeldia, o apetite adolescente pela revolução, no fundo é um anseio imaturo de contribuir envernizado com as cores do ódio. Jovens sadios sempre lutarão contra o sistema, a cultura, a política e duvidarão dos dogmas. Mesmo as sociedades mais éticas e democráticas são constantemente odiadas, atacadas, criticadas e ameaças de desbaratamento pelos pubescentes. Fazem-no, pois “o objeto perfeito é digno de ser destruído”, assim diz Winnicott em “O objeto perfeito é digno de ser destruído” (1969/1987, p. 222). Se não repudiarem-no e maldizê-lo, como poderão participar? O que terão a dizer sobre algo imutável (além de queixarem-se disso mesmo)? Como saberão ser a si sem oposição? Razoando sobre isso, o papel dos adultos maduros (ex-jovens) nesse processo não deve ser o de detê-los, mas o de subvencioná-los emocionalmente. Relevar os aspectos positivos contidos nesses ímpetus agressivos de desconstruir e reformular determinadas heranças socioculturais, mas sempre asseverando que o façam com responsabilidade. Que insultem de maneira ética (até onde conseguirem). Na maturidade, autoafirmar a identidade e o direito de ter opiniões não significa denegrir por completo as aquisições culturais alcançadas pela humanidade até o momento.

O adolescente manifesta uma mescla de independência rebelde e de dependência. Os dois estados alternam-se, ou mesmo coexistem em simultaneidade. Desse modo, a adolescência propõe um paradoxo. Nota-se que cada um desses dois extremos toma como dado o controle por parte dos adultos; assim, os grupos de adolescentes devem, de algum modo, e em certa medida, ser providos de uma retaguarda dos adultos. (WINNICOTT, 1958/2005, p. 80).

Na visiva de Winnicott, os costumes morais da sociedade são “meras distrações” em comparação com as forças poderosas guarnecidas pela integridade do superego pessoal. O autor vislumbra três meios utilizados pelo indivíduo para sustentar sua própria identidade na sociedade: fingir uma falsa adaptação e obediência as normas; rebelar-se e sustentar o ponto de visto oposto; ou ajustar-se às suas próprias ideias e princípios éticos (1971/1987, p. 76).

3.7.2.1 Três exemplos de objeção de consciência a partir do uso do superego pessoal

Na medida em que o ser evolve no *self*, ele pode indignar-se com o mundo, não se identificar ou deixar de compactuar com os adoecimentos e desvirtuamentos morais ofertados pelas tradições da sociedade e por seus governantes. Para Sanches (2020), a “objeção de consciência” representa o direito particular de uma pessoa salvaguardar seus princípios éticos

inalienáveis, recusando-se assujeitar-se a uma determinada lei ou norma de conduta moral proveniente do fora de si mesmo. Ao longo da história, soube-se de importantes relatos dos que sofreram duras consequências em nome da preservação dos próprios princípios éticos. Quando a moralidade da sociedade colapsa e gera desesperança, esses humanos lembram-nos que o senso de humanidade ainda pode ser mantido, mesmo nos contextos mais desumanos. Na tentativa de evidenciar o caráter atemporal da integridade ética pessoal, seguem três casos cronologicamente mencionados, da antiguidade à era moderna.

1) Em 399 a.C, o filósofo Sócrates foi preso pelo Estado grego, acusado de ateísmo e corrupção de jovens por lhes proferir seus pensamentos. Ele recusou-se a desdizer suas palavras e foi condenado à morte. Na prisão, o discípulo Criton propôs-lhe um plano de fuga, mas Sócrates rejeitou a ideia e manteve-se fiel a sua ética, respondendo-lhe antes de morrer: “[...] não devemos ser injustos com quem foi conosco injusto [...]. De minha parte, há muito tenho sustentado essa opinião e me conservo sustentando-a”⁹⁵.

2) Na Segunda Guerra, Oskar Schindler, espião e membro do Partido Nazi, salvou 1.200 judeus do holocausto ao empregá-los em suas fábricas de esmaltes e munições. Embora no início visasse apenas o lucro, o industrial alemão entrou em bancarrota gastando toda a sua fortuna com subornos para resguardar a vida de todos os seus funcionários israelitas: “Eu era um nazista e acreditava que os alemães estavam agindo errado [...] eles começaram a matar pessoas inocentes, não significava nada para mim que eles fossem judeus, para mim, eles eram apenas seres humanos”⁹⁶.

3) Na guerra cibernética dos anos 2000, o norte-americano Edward Snowden, ex-agente da Agência Central de Inteligência (CIA), denunciou ao mundo o programa de monitoramento em massa organizado por seu país, o qual violava o direito à privacidade ao escutar ilegalmente os dados e conversas pessoais dos cidadãos nas plataformas virtuais. Apesar de em 2020 o Tribunal dos EUA reconhecer as ilegalidades governamentais, o ex-analista continua sofrendo ameaças de morte e mantém-se asilado na Rússia. Sobre sua decisão, confessa não ter pesares: “[...] essa decisão moral de

⁹⁵ Entre 406 e 405 a.C., Sócrates integrou o conselho legislativo de Atenas. Ele correu risco de vida por não participar de manobras políticas da dinastia dos Trinta Tiranos (DIÁLOGOS III – SOCRÁTICOS, 2015).

⁹⁶ Schindler foi o único membro filiado ao nazismo que recebeu o título “Justos entre as nações”, uma honra atribuída pelo Estado de Israel aos não-judeus que tiveram um papel ativo para salvar judeus durante o Holocausto. Ele foi sepultado em 1974, em Jerusalém, no Monte Sião (US HOLOCAUST MUSEUM, 2021).

contar ao público sobre a espionagem que afeta a todos nós custou caro, mas foi a coisa certa a fazer e não me arrependo”⁹⁷.

O valor do senso ético pessoal pode ser representado nessa simples frase de Winnicott em “O conceito de falso *self*” (1964/1999): “[...] sem dúvida, há crianças que prefeririam ser excluídas da sociedade a contar uma mentira” (p. 59). O princípio ético mais precoce e rigoroso consiste em “não trair a si mesmo”. Bebês possuem aversão à obediência. A maior imoralidade para um lactente seria submeter-se às custas de seu modo pessoal de ser e de viver⁹⁸. O processo de socialização pessoal do indivíduo sadio envolve a necessidade de estabelecer e restabelecer a importância do eu verdadeiro em relação a tudo o que seja falso. Somente o *self* verdadeiro pode sentir-se real e nunca deve submeter-se aos imperativos da realidade externa. O autor qualifica como terrível a obediência humana pela submissão. Quando os pais⁹⁹ e os governantes impõem rigorosamente a moral, compram “comodidade a um elevado preço”, vide a tendência à ditadura ou o “inchaço febril da fachada democrática” (WINNICOTT, 1950/1999, p. 256). Por fim, se a possibilidade de desenvolver o superego pessoal for eclipsada pelo domínio do “superego impessoal” numa determinada população, a ordem social pode ser perturbada, tendendo à formação de uma pseudodemocracia.

3.8 O domínio do superego impessoal e a fachada democrática

Apesar dos cuidados suficientemente bons na infância e na juventude proverem o superego pessoal, o código moral social nunca deve ser dispensado. Winnicott¹⁰⁰ ratifica que as diretrizes morais adultas humanizam o que na criança ainda é inumano. Só a personalidade seguramente ancorada no patrimônio de uma identidade cultural virtuosa produzirá “um equilíbrio psicossocial operável” (WINNICOTT, 1965/1994, p. 373). As diretrizes do superego impessoal subsidiam todo corpo moral da comunidade e facilitam os processos civilizatórios. Contudo, as contribuições morais da família, da sociedade e da religião serão somente bem-vindas se introduzidas no instante em que a criança começa a desenvolver seu próprio código

⁹⁷ Edward Snowden foi indicado ao prêmio “Nobel da Paz” (2013) em função dos seus sacrifícios pessoais em nome da paz. Recebeu o “Prêmio Sam Adams” (2013) por haver assumido uma posição de integridade e ética e o “Prêmio Ridenhour” por expor a verdade (THE GUARDIAN, 2013).

⁹⁸ Na experiência de Winnicott como pediatra, ele exemplifica que uma criança de qualquer idade pode achar que comer é errado, até o ponto de morrer por esse princípio (1963/1983, p. 95).

⁹⁹ Muitos adultos detestam pensar que as crianças possuem um sentido social muito sólido. Os pais decretam a moralidade onde ela poderia desenvolver-se como uma “força estável e prossocial” (WINNICOTT, 2008, p. 247).

¹⁰⁰ Winnicott descreve que a noção de “certo” e “errado” derivem de fatores congênicos ou de quaisquer normas socialmente impostas. Descarta todas as teorias defensoras da “amoralidade inata”. Para ele, a educação moral não é substituta para o amor. Este só pode ser expresso em termos de cuidados ambientais (1963/1983, p. 95).

ético pessoal. Ao inverso, a noção de certo e errado será apenas conceitual, desprovida de uma significação emocional íntima. Sem o tecimento criativo do senso ético na personalidade, o ser apreenderá de modo insensível as normas morais fornecidas pela comunidade. Havendo agravos na formação superegóica, o código moral impessoal opera como uma espécie de prótese ortopédica. Esse processo traz instabilidades e superficialidades, totais ou parciais, no poder do indivíduo de autossustentar os valores éticos e princípios morais da cultura (ou até de se opor aos seus desvios). Se esse for o padrão da sociedade, a democracia latente perde um precioso anteparo psicoemocional.

Na opinião do autor, a moralidade quando imposta é falha, artificiosa e contém pouco valor maturacional. Pesa que nenhuma “educação moral” funciona apropriadamente antes do desenvolvimento do superego pessoal. Porém, nada impede que os educadores tentem enxertar e “adestrar” na “alma virgem” da criança as suas tradições morais sitiadas (WINNICOTT, 1949/2008, p. 123). Submetê-las à educação moralizadora sufoca o vivo, priva-o do livre direito de pensar e contestar:

Existem duas maneiras de apresentar à criança as normas de limpeza e moralidade, e mais tarde as convicções religiosas e políticas. Uma dessas maneiras é os pais implantarem tais normas e crenças, forçarem o bebê ou a criança a aceitá-las, não fazendo qualquer tentativa para integrá-las na personalidade em desenvolvimento. Infelizmente, há crianças cujo desenvolvimento é tão precário que esse é o único meio para elas. (WINNICOTT, 1949/2008, p. 107).

Os incapazes de constituir um senso ético pessoal (a partir de suas tendências naturais) ficaram desguarnecidos, na infância, do encontro com a situação emocional e física que lhes possibilitasse experimentar o sentimento “inato” de culpa¹⁰¹. Aos sadios, a culpa inculcada será sempre sentida como “falsa”. A ausência de remorso não sensibiliza o indivíduo a realizar ações construtivas e verdadeiramente reparatórias. A pessoa não se sente impelida a se tornar um ser humano melhor. Para o psicanalista, a atrofia dessa capacidade de preocupar-se culmina na supressão, obstrução ou numa falsificação do processo de socialização (1939/1987, p. 55). Contudo, uma solução encontrada pelas pessoas não totais e moralmente imaturas seria a camuflagem social.

¹⁰¹ Para Winnicott, existem crianças e adultos com sentimento de culpa mal constituídos. Ele divide esse problema em três partes: o sentimento de culpa nos que a desenvolveram; o sentimento de culpa entrevado em suas origens primitivas e a ausência de sentimento de culpa em determinadas constituições psíquicas (1958/1983, p. 20).

3.8.1 A falsa moralidade e as perversidades dos falsos *selves* na sociedade

Indivíduos constituídos a partir do superego impessoal podem tentar compensar a ausência ou as insuficiências do superego pessoal adotando uma série de identificações como atalho¹⁰², o que os leva a cumprir uma falsa obediência às normas civilizatórias. Em nível coletivo, se essa precariedade superegógica somar-se a uma falsa identidade, a ordem social pode carcomer-se por dentro. Seus rastros transparecem na hipocrisia moral, nos crimes hediondos¹⁰³, nas pequenas perversidades cotidianas, nos grandes esquemas de corrupção¹⁰⁴ e nas transgressões de alguns sacerdotes religiosos e falsos médiuns e curandeiros¹⁰⁵. Winnicott sentia-se desassossegado quanto à formação maturacional de duas espécies de indivíduos:

[...] de um lado aqueles que, embora tendo seus interesses direcionados à comunidade, têm vida pessoal tão insatisfatória que não chegam a possuir um verdadeiro sentido do self; de outro, aqueles que só obtêm sua satisfação pessoal à custa de negligenciar suas relações com a sociedade, ou talvez sob pena de tornarem-se antissociais ou loucos. (WINNICOTT, 1960/2005, p. 18).

O autor comenta haver na sociedade pessoas superficialmente idôneas, “felizes” e “normais”, que se sentem intimamente falsas e irreais. Na sociedade, há um número considerável de indivíduos inteligentes, recebendo medalhas, elogios e congratulações, mas, no fundo, sentem-se intimamente “irreais”. Essas buscam a sua salvação sendo pseudo-identidades; a outras resta apenas ser “membros incômodos na sociedade” (WINNICOTT, 1964/1999, p. 58). Winnicott considera o “êxito irreal”, obtido através da interpretação de um personagem social como a “moralidade do mais baixo calão” (1963/1983, p. 90). O medo da insignificância e do não-ser invoca um arsenal de ansiedades e irracionalidades, as quais ameaçam o manutenção da vida pessoal e a organização coletiva.

¹⁰² Muitas usam as redes sociais para confeccionar um personagem nos moldes dos ideais desejados pela cultura.

¹⁰³ Em 1999, um estudante de medicina (24 anos), da Santa Casa de São Paulo, de condições socioeconômicas favoráveis, descrito pelos colegas como uma pessoa gentia e calma, entrou em um cinema portando uma submetralhadora e disparou contra a plateia. Mateus da Costa Meira, matou três pessoas e feriu quatro. Após ser preso, ele foi encaminhado para o Hospital de Custódia e Tratamento de Salvador (FOLHA DE SÃO PAULO, 2004).

¹⁰⁴ Um exemplo do predomínio do superego impessoal na cultura encontra-se no depoimento de Emílio Odebrecht à Operação Lava-Jato (2017). Embora soubesse que seus esquemas eram criminosos, o patriarca da construtora surpreendeu-se com a denúncia e com a repercussão pública dos atos de corrupção e lavagem de dinheiro por conta da naturalização social dos comportamentos antiéticos: “A imprensa toda sabia que efetivamente o que acontecia era isso. Por que agora estão fazendo isso? [...] tudo isso é feito há 30 anos” (EL PAÍS, 2017).

¹⁰⁵ Sobre os danos sociais da falsa moralidade presente numa figura espiritualista, cito o caso do “curandeiro” João de Deus. Por meio do *status* de médium, ele cometeu mais de 330 estupros contra mulheres, além disso, foi indiciado por falsidade ideológica, corrupção de testemunha e coação e posse ilegal de armas de fogo (O GLOBO, 2019).

Nesse cabotismo, uma grande parcela delas pode acabar terminando com suas vidas ou até arruinando a de outros. Um caso aparente deste “falso *self*” regido por um superego impessoal vê-se na denúncia contra a pastora e deputada federal Flordelis dos Santos de Souza (TV CULTURA, 2020). Apesar de sua imagem vincular-se à defesa fiel dos valores morais da família cristã, em 2020, a Polícia Civil e o Ministério Público do Rio de Janeiro descobriram que ela, o amante e seus outros filhos estavam envolvidos no assassinato do marido, o pastor Anderson do Carmo (morto com 30 tiros). As investigações das mensagens telefônicas apontam que a deputada implorou para um dos filhos ajudá-la a “pôr fim” em seu casamento para não manchar sua reputação pública com a separação e não “escandalizar o nome de Deus”. Segundo o inquirido, houve seis tentativas malsucedidas de envenenamento contra o parceiro. Os parentes teriam acionado matadores profissionais para forjar dois latrocínios (roubo seguido de morte). Apurou-se também que Flordelis e o pastor faziam orgias com membros da família, enquanto outros integrantes do grupo participavam de rituais secretos e de esquemas de corrupção em seu gabinete. Na conclusão dos delegados, sua relação familiar era uma “fachada”, viviam um casamento de mentira, tendo práticas morais completamente dissociadas daquelas pregadas em sua igreja (DIÁRIO ONLINE, 2020). Para os antissociais ocultos, a frase de Adorno é aplicável: “[...] não há vida correta na (vida) falsa” (2005, p. 18).

Por meio desse breve relato, pretendo demonstrar os danos psicossociais derivados da falsa moral, quando o superego impessoal se torna a única fonte moderadora e contentora dos instintos agressivos-destrutivos do cidadão. Na dedução de Winnicott, há razões óbvias pelas quais as melhores ideias incutidas pelos educadores morais fenecem: “existem pessoas más” (1963/1983, p. 90). Em termos maturacionais, isso alvitra que, em todas as idades e em qualquer região do planeta, há aqueles que (ainda) não atingiram o estágio de “crer em”, e nem chegaram ao “estágio de moralidade inata” envolvendo a personalidade integral no seu desenvolvimento emocional. No capítulo “Psicoterapia de transtornos de caráter”, o psicanalista afirma que o sucesso ou o fracasso da personalidade antissocial depende de como o indivíduo “esconde sua doença” (1963/1987, p. 161). Sucesso teria relação com a habilidade para fingir uma adaptação às normas cívicas de convivência¹⁰⁶ (falsa sociossintonia). Já o fracasso corresponde à dificuldade de tentar ocultar a gravidade da doença antissocial. Por exemplo, se o restante da

¹⁰⁶ Normalmente, as personalidades antissociais são sociossintônicas em momentos de crises, tais como situações de guerra civil ou militar; nos regimes tirânicos e autocráticos; nas horas do tudo ou nada, no matar ou morrer etc. Diversos deles transvestem-se com as fardas da lei para atuar suas perversidades de forma socialmente lícita, disfarçadas de ordem e justiça.

sociedade for composto por uma maioria de pessoas éticas, a personalidade criminosa torna-se uma exceção no corpo coletivo (sociodistonia).

A sociedade sofre com a falsa moral das personalidades eticamente adoecidas¹⁰⁷, sobretudo quando os antissociais ocultos chegam ao poder político. Esses são revolucionários “em potencial”. Maquiam sua perversão desenvolvendo uma “formação reativa¹⁰⁸ contra ela”, ou seja, tornando-se “um (falso) moralista”. Especializam-se em “devaneios”, “mentiras”, negacionismos e teorias conspiratórias. Winnicott, define os líderes antissociais ocultos como “antissociais invertidos” (pró-sociais, mas anti-indivíduos) (1950/1999, p. 257). Seu “caráter lamuriento”, contestador e moralizador forja uma imagem pública como alguém probo. Todavia, a condenação fêrvida da desonestidade alheia é uma forma inconsciente de encobrir as suas próprias perversidades. Combater as imoralidades convence alguns a vê-lo livre de falhas de caráter, sendo idolatrado como um ser idealmente bom, afinal, projeta sua maldade nos outros (todo mau). Uma população estruturada num superego impessoal tende a identificar-se vertiginosamente com autoridades antissociais. Por meio de um líder rigorosamente doutrinador, esperam recuperar a estabilidade emocional provida por “um pai” (WINNICOTT, 1964/1987, p. 108) todo poderoso. Winnicott rotula esse tipo de identificação popular como “doentia e imatura”, pois ela não adveio da saúde ética pessoal, mas da necessidade desesperada das massas de encontrar um ditador moral, um superego comunitário para apaziguar as angústias emocionais da nação:

Os antissociais ocultos proporcionam um tipo de liderança que é sociologicamente imatura. Além disso, esse elemento numa sociedade fortalece muito o perigo que deriva de seus elementos francamente antissociais, especialmente quando as pessoas comuns permitem com muita facilidade que os indivíduos que têm impulso para liderar venham a ocupar postos-chave. Uma vez nessa posição, esse líder imaturo imediatamente começa a se rodear de indivíduos antissociais manifestos, que lhe dão boas-vindas, como se ele fosse seu chefe natural (falsa resolução da divisão). (WINNICOTT, 1950/1999, p. 254).

3.8.1.1 O superego impessoal nas massas – paralelos entre hitleristas e bolsonaristas radicais

Em “Os jovens não dormirão”, Winnicott enxerga a debilidade do superego pessoal como um solo fértil para a colonização do “superego social”. Isso se notabiliza no *jihadismo*

¹⁰⁷ No entendimento de Winnicott, a pessoa antissocial ou perversa é uma personalidade incurável por via da educação moral e os que tentam moralizá-lo são internamente percebidos como “inimigos” (1963/1983, p. 75).

¹⁰⁸ Formação reativa: atitude ou hábito psicológico de sentido oposto a um desejo recalcado e constituído em reação contra ele (LAPLANCHE, J; PONTALIS, 1961/1996, p. 14).

(guerras santas), no fascismo¹⁰⁹ e no nazifascismo. Sobre este último, o autor rememora como Adolf Hitler tamponou provisoriamente o problema social dos alemães menos amadurecidos, ocupando o papel de “superego da comunidade” (1964/1987, p. 107). O psicanalista avista essa rendição mental acrítica, pautada na atitude “confie e ame seu líder”, somente nos seres “imaturos e pré-adolescentes”¹¹⁰. Contemporizando essa devoção ao chefe na realidade brasileira, destaco aqui o movimento dos bolsonaristas¹¹¹ radicais. O assujeitamento ao superego do prócer estampa-se desde a forma de saudação: enquanto Hitler era reverenciado pelos nazistas como “*mein führer*” (“meu líder” em alemão), Bolsonaro é saudado pelos discípulos como “meu presidente” ou “meu capitão”. Nos dois casos, os seguidores despersonalizam sua identidade individual em detrimento da coletiva. Isso transparece em seus lemas de governo: “*Deutschland über alles*”¹¹² (“A Alemanha acima de tudo”) e o “Brasil acima de tudo”. Com o senso identitário pessoal diluído, os tiranos colorem-se como soldados da pátria, agindo como subalternos do líder. Os indivíduos identificados com o modo de ser do prócere, incorporam-no em seu superego impessoal. Esses caudatários mimetizam seus atos, gestos e proliferam seus discursos inflamados sem qualquer questionamento, discordância ou responsabilidade. Nas ponderações do psicanalista, em “Sobre Influenciar e Ser Influenciado” (1964/2008), o ditador oferta à população “uma vida isenta de dúvidas” (p. 230). Aos devotos, basta apenas confiar e não pensar. Empoderados pela crença nesse ser supremo, repetem suas declarações de ódio e o desejo de pulverizar os adversários^{113 114}. As crises enervam-nos mais ainda a agir como o déspota.

O filólogo asquenazim Victor Klemperer (2009, p. 195) acredita que a crise econômica e psicossocial na Alemanha nazista incentivou o “sequestro da consciência” das mentes mais

¹⁰⁹ Para o psicólogo Wilhelm Reich, o fascismo é a “a atitude emocional básica” do ser oprimido pelo seu ambiente (2001, p. XVII).

¹¹⁰ Na análise de Winnicott, os nazistas, “que obviamente adoram que se lhes diga o que fazer”, não se sentem responsáveis pela escolha de seu líder, e “são incapazes de derrubá-lo, sendo pré-adolescentes nesse aspecto”, temendo ficar desorientados ao perdê-lo como uma função superegóica (1940/1999, p. 224).

¹¹¹ Os bolsonaristas são desdenhativamente chamados de “Bolsominions” pelos opositores. Esse nome foi inspirado na animação infantil “Meu malvado favorito”, na qual pequenas criaturas copiam e cumprem irrefletidamente as ordens de seu líder. Os seguidores mais ferrenhos de Jair Bolsonaro são descritos como reacionários de extrema-direita e adeptos da intervenção militar como fonte de resolução das questões nacionais (EXTRA ONLINE, 2016).

¹¹² “*Deutschland über alles*” (A Alemanha acima de tudo) é o primeiro verso da canção nacionalista alemã composta por August Heinrich Hoffmann em 1841 (BRANDENBURG HISTORICA, 2014).

¹¹³ O presidente Bolsonaro foi ovacionado aos gritos de “mito” por seus seguidores no Piauí, quando chamou seus opositores de “raça” de “corruptos e comunistas”, dizendo que iria varrer esse “cocô” do país (R7, 2019).

¹¹⁴ Hitler categorizava os judeus como uma “raça” responsável por toda a “sujidade” da vida cultural, comparando-os a um “tumor” e a “vermes” de corpos putrefatos a serem varridos do planeta (HITLER, 1924/1983, p. 29).

frágeis. No Brasil, o economista Maílton da Nóbrega¹¹⁵ entende que o caos político vivido na gestão de Lula e Dilma Rousseff (acusados de organização criminosa) motivou as massas a buscar sua salvação em férreos opositores. Muitos viram em Hitler (“o libertador”) e em Bolsonaro (“o messias”) uma espécie de redentor viril que moralizaria a sociedade. Ilusionavam que uma autoridade moral aniquilaria todos os maus e males anteriores. Por essa razão, os que não se rendem à soberania do comandante são taxados como conspiracionistas e inimigos da pátria. As críticas pertinentes são depravadas como “intrigas da oposição”. Temem (inconscientemente) reconhecer suas insuficiências dada a ausência imediata de um outro herói substituto. Aliar-se a um grande líder pode ser compreendido também como uma tentativa desses discípulos de combater o medo de serem dominados pelos rivais. Porém, ao rezear só os seus êmulos, desapercebem que já estão escravizados pelo político com o qual se identificam. Na ilação de Winnicott, o receio de ser controlado não faz com que um grupo evite o assujeitamento. Pelo contrário, eles “são atraídos para uma dominação”, específica ou escolhida (1964/2008, p. 12). Na resenha do psicanalista, em “Discussões do objetivo da guerra” (1940/1999), ele afirma que “ser mandado proporciona um grande alívio” ao ser humano. A única coisa a ser exigida desses prosélitos é que “o culto aos heróis entre em ação” (p. 221).

Tanto a inibição quanto a licenciosidade são fáceis, e pode-se comprá-las bem baratinho transferindo-se a responsabilidade a um líder idealizado ou a um princípio; o resultado, no entanto, é a pobreza de personalidade; ao primeiro gostinho de liberdade, as pessoas ficam paralisadas de medo. (WINNICOTT, 1940/1999, p. 222).

O medo da orfandade superegógica e de uma possível desilusão pode ser subjetivamente compensado com uma acentuação da idealização e uma lealdade inabalável a esse líder. Uma amostra dessa insuspeição nos bolsonaristas presentifica-se no jargão: “fechados com o Bolsonaro”. Já no hitlerismo, o equivalente a essa frase seria o lema: “devoção até a morte”¹¹⁶. Um regime totalitário não se autossustenta apenas sobre um único indivíduo. Ele subsiste do somatório de todas as reações irracionais dos membros menos maduros da sociedade. A radicalidade dos discursos chauvinistas de Hitler e Bolsonaro despertaram no povo não só a esperança da mudança, mas a possibilidade de consagrar suas versões mais primitivas nesse

¹¹⁵ Maílton de Oliveira previa que Bolsonaro seria eleito, não em função de sua trajetória e por suas ideias, mas pelo “sentimento antipolítico” dos brasileiros indignados com a gestão do Partido dos Trabalhadores (VEJA, 2018).

¹¹⁶ Em *Cartas para Hitler* (2010), escrito por Henrik Eberle, o autor aponta que os líderes do grupo local de Greiffenberg, na Pomerânia, declaravam a Hitler uma “devoção até a morte” e “fidelidade inalterável” (p. 86).

anseio por revolução. Nessa vertente, o fascismo não seria uma obra exclusiva de Mussolini, Hitler ou Bolsonaro, mas do “homem médio”¹¹⁷, do cidadão imaturo.

Sobre o crescimento de popularidade, ambos ganharam maior visibilidade por meio do uso dos meios de comunicação de massa¹¹⁸. Recorrendo a Krausz, a linguagem do Terceiro Reich (1933-1945) era de fácil compreensão. Pelas ruas, penduravam pôsteres e cartazes canonizando Hitler. No rádio, propagavam seus monólogos e ideias. Todos esses recursos mobilizavam o fanatismo dos alemães mais fragilizados emocionalmente¹¹⁹ (2010, p. 194). Tal apelo conduziu “à criação de hordas e não de um corpo de consciências individuais” (predomínio do superego impessoal). Além disso, um Ministério da Propaganda (1933-1945) foi fundado somente para assegurar a veneração a Hitler e a máxima difusão dos ideais nazistas. No caso do Brasil do século XXI, a campanha pró-Bolsonaro contou com o apoio das mídias virtuais. Ao vencer as eleições, no lugar de um Ministério da Propaganda, houve uma organização inoficial: o “gabinete do ódio”. Conforme matéria do *The New York Times*¹²⁰, os assessores ligados ao chefe de Estado foram acusados de investir verba pública em um conjunto de *blogs*, fóruns e perfis, reais e fictícios (robôs), para influenciar a população a reconhecer a mediocridade dos seus opositores e a magnanimidade desse presidente. De acordo com as investigações do jornalista Sergio Pantolfi¹²¹, na maioria dos grupos circulavam teorias conspiratórias, desinformações, notícias falsas e propostas de insurreição. Num dos agrupamentos, os integrantes eram comunicados que, caso criticassem o “presidente”, “sua família” e “seus ministros”, as postagens seriam excluídas e a pessoa banida de participar.

Demonstrando na prática os casos de assujeitamento a esses líderes e o predomínio do superego impessoal, comparo o depoimento do tenente-coronel alemão Otto Eichmann e a declaração do ex-ministro da Saúde brasileiro Eduardo Pazuello. Começando pelos Julgamentos de Nuremberg (1945), numa das audiências, Eichmann, o agente incumbido de

¹¹⁷ O “homem médio”, segundo o psicólogo Wilhelm Reich, seria os trabalhadores oprimidos e revoltados com as injustiças e malefícências do sistema. Eles são a viga-mestra do fascismo na sociedade. Creem que sua revolta serviria como uma emoção revolucionária. Ilusionam que ela destruiria todas as verdades e todos os inimigos, suplantando a paz pessoal e nacional por meio de uma nova ordem humana (1933/2001, p. XVII).

¹¹⁸ Tanto Hitler quanto Bolsonaro acreditavam que toda a imprensa não partidária a eles é manipuladora e dominada por opositores. Nos dizeres do líder nazista, a imprensa que o criticava era controlada por judeus, e estes estavam “lentamente corrompendo a nação” e destruindo o “retrato lendário” de sua pessoa (HITLER, 1924/1983, p. 108). Já Bolsonaro explica que o motivo de ser malvisto deve-se ao fato de que a imprensa mundial é toda dominada por gente da esquerda, controlada por “comunistas” e opositores que querem difamá-lo (UOL, 2020).

¹¹⁹ O deslumbramento por um líder ou por uma ideologia dá ao indivíduo um empoderamento, diz Winnicott. Uma certeza tão absoluta de suas ações que revela ou “o transforma num ditador” (1969/1999, p. 233).

¹²⁰ Em 13 de junho de 2020, nas redes sociais, o grupo pró-Bolsonaro coordenou um ataque com fogos de artifício ao prédio do Supremo Tribunal Federal em Brasília. Nessa ofensiva, um dos manifestantes mimetizou as mesmas palavras ditas por Bolsonaro numa gravação; gritava: “Acabou, porra!” (NEW YORK TIMES, THE, 2020).

¹²¹ O jornalista Sergio Pantolfi (2020), infiltrou-se por dois meses nos grupos e comunidades virtuais bolsonaristas.

conduzir os judeus aos guetos e deportá-los aos campos de extermínio, declarou-se inocente. Alegou ser livre de responsabilidades pelos crimes cometidos no holocausto, pois apenas cumpriu ordens superiores: “[...] meu coração estava leve e alegre no meu trabalho, porque as decisões não eram minhas” (THE JERUSALEM POST, 2011). No bolsonarismo, essa subalternidade e abstenção da consciência também foi evidenciada no posicionamento do então ministro Eduardo Pazuelo. Durante a pandemia do coronavírus em 2020, o militar (sem qualificações na área da saúde) assumiu o cargo após a saída de dois ex-ministros se recusarem a recomendar medicamentos sem comprovação científica, a mando de Bolsonaro (sem formação médica). Sem contestar, Pazuelo submeteu-se às ordens e cancelou as vacinas cientificamente comprovadas. Enquanto isso, milhares de brasileiros sofriam, adoeciam e morriam diariamente pela doença. Em entrevista, aos risos com Jair, Pazuelo explicou o porquê dos ditames presidenciais não gerarem nenhuma discórdia: “[...] senhores, é simples assim, um manda e o outro obedece!”¹²².

No desespero de salvar um país, algumas pessoas apostaram em candidatos antissociais (manifestos ou ocultos) como solução. Dada a fragilidade superegórica de uma parte das massas, elas acabaram sendo cúmplices dos crimes que esse líder incitou. Tenderam a censurar a liberdade alheia e a transgredir os preceitos republicanos em prol de ideias reformistas. Assim, ironicamente, destroçam os postulados centrais da democracia na tentativa de salvá-la. Fazem-no por via da eliminação dos adversários, da demissão dos opositores, da derribada dos Poderes e dos desvirtuamentos dos pilares constitucionais. Mencionando Winnicott: “[...] a sociedade está sendo estimulada, pelas pessoas que amam a liberdade, a adotar medidas severas, que eventualmente podem resultar numa ditadura. Esse é o perigo” (1969/1999, p. 241). Complementando essa última afirmação com as contribuições dos cientistas políticos Levitsky e Ziblatt (2018):

Uma das grandes ironias de como as democracias morrem é que a própria defesa da democracia é muitas vezes usada como pretexto para a sua subversão. Aspirantes a autocratas costumam usar crises econômicas, desastres naturais e, sobretudo, ameaças à segurança – guerras, insurreições armadas ou ataques terroristas – para justificar medidas antidemocráticas. (LEVITSKY, ZIBLATT, 2018, p. 101).

¹²² Na época, Bolsonaro mandou Pazuelo cancelar o protocolo de intenções para a compra da vacina desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac, em parceria com o Instituto Butantan (REDE TV, 2020). Meses antes, o ministro da Saúde retirou do ar os dados dos mortos da COVID-19, como também atrasou a divulgação do número de óbitos, evitando, assim, sua divulgação no horário nobre televisivo. O Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (CONASS) considerou essa atitude como “autoritária, insensível, desumana e antiética” (CONASS, 2020).

Winnicott¹²³ admite que muitos ditadores fizeram grandes feitos¹²⁴. Façanhas quase impossíveis de serem realizadas numa sociedade pluripartidária. Contudo, a “democracia é o exercício da liberdade”, diz ele¹²⁵. Ela só pode ser garantida quando o povo e os políticos toleram “o eclipse de suas opiniões, caso eles sejam menos votados”. Isso exige cidadãos que sejam capazes de conter tensões emocionais em sua personalidade. Uma sociedade civilizada sobrevive de gente apta a suportar pensamentos e sentimentos ambivalentes em si mesma.

3.9 A capacidade para à ambivalência e as possíveis origens da civilidade

Na asserção de Winnicott, em “Mais ideias sobre os Bebês como pessoas” (1964/2008), a custosa tarefa de vir a ser um cidadão adulto implica em tornar os “imperativos da realidade suportáveis” (p. 102). Mas, sem conseguir tolerar os impulsos, as contradições e os conflitos em si mesmo, isso seria impraticável e nenhuma democracia existiria.

No capítulo “A construção da confiança” (1969/1993), o “problema universal da ambivalência” é classificado pelo autor como uma das maiores dificuldades universais da experiência humana (p. 147). Definindo, Winnicott conceitua como “capacidade para a ambivalência” o direcionamento de “amor e ódio” a um mesmo objeto e ao mesmo tempo (1965/2005, p. 86). Tal aquisição emocional corresponde ao poder de gerenciar os aspectos agressivos e eróticos na personalidade. O manejo dos sentimentos ambíguos no interior do *self* é um aspecto medular da convivência social sadia. Por meio dele, o potencial agressivo-destrutivo pode ser canalizado para ações socialmente construtivas (sublimação). Esse atributo maturacional faz parte do desenvolvimento ético do superego pessoal. Quem suporta ambiguidades emocionais tende a escudar temporariamente o ambiente exterior da destruição. Possuirá recursos psicológicos para enfrentar os conflitos por meio da comunicação diplomática, o que hipoteticamente evitaria a eclosão de guerras, estupros e outros arroubos da agressão. Quando o ser alcança um autodomínio saudável, ele pode desviar-se dos trilhos da violência compulsiva, da depressão patológica e da dissociação do ego e suportar as tensões do mundo real.

¹²³ Winnicott reconhece que certos ditadores realizaram feitos importantes para a humanidade, “coisas que jamais poderiam ser executadas através do método parlamentar” (1940/1999, p. 222).

¹²⁴ De maneira bizarra, foi justamente no governo de Adolf Hitler (1933-1945) que se financiou milhões em centros de pesquisas científicas e a humanidade fez descobertas significativas. Por exemplo, o famoso Atlas da anatomia humana topográfica de Pernkoff, que tanto orienta a medicina e os médicos, foi feito com a utilização de corpos de judeus, *gays* e ciganos que foram assassinados pelo regime nazista no Terceiro Reich (FAPESP, 2019).

¹²⁵ Na avaliação de Winnicott, a disposição de tolerar que a coisa não ocorra do seu jeito, quando alguém não consegue obter o apoio da maioria é “uma aquisição humana impressionante” (1940/1999, p. 223).

Fundamentando sobre o processo de formação da capacidade para a ambivalência, no princípio da vida, o amor e o ódio ainda não estão integrados no vivo. Nessa fase maturacional, fato e fantasia, sujeito e objeto, o eu e o outro ainda se confundem no psiquismo imaturo do bebê. Para ele, é intolerável o ente materno ser um objeto bom e mau ao mesmo tempo. Na realidade interna da criança, o cuidador materno apresenta-se cindido em dois objetos distintos: a mãe-ambiente e a mão-objeto.

A mãe-ambiente é a que “[...] recebe tudo que pode ser chamado de afeição e coexistência sensual” (WINNICOTT, 1963/1983, p. 72). Já a mãe-objeto seria o alvo das tensões e furores incompassivos do amor excitado do bebê. No começo da vida psíquica infantil, a alteridade não é percebida como tal. O outro é unicamente um “objeto subjetivo” (WINNICOTT, 1968/1975, p. 203). Porém, em circunstâncias ambientais favoráveis¹²⁶, gradativamente a figura materna pode ser reconhecida e essas “duas mães” (ambiente e objeto) amalgamam-se. A maternagem suficientemente boa permite que o amor e o ódio infantil integrem-se. A fusão desses dois objetos parciais cria o objeto total unitário:

[...] o bebê experimenta impulsos agressivos e eróticos dirigidos ao mesmo objeto e ao mesmo tempo. Do lado erótico há tanto procura da satisfação como procura do objeto, e do lado agressivo há um complexo de raiva empregando erotismo muscular e de ódio, que envolve a retenção de um objeto bom em imagem, para comparação. (WINNICOTT, 1983/1963, p. 71).

Com o passar do tempo, progressivamente o lactente começa a relacionar-se com objetos mais objetivamente e menos subjetivamente percebidos. No círculo benigno, a figura materna converte-se numa imagem coerente no psiquismo infantil. Vai sendo concebida como uma forma de vida singular, reconhecida pela criança como uma pessoa. Um ente vivo dotado de sentimentos, humores e detentora de um universo interior. Alguém tolerante com seu amor e ódio, sua experiência erótica e agressiva e seus estados tranquilos e excitados. Quando a experiência afetiva e a instintiva combinam-se simultaneamente no mesmo objeto, o ser “pode chegar à ambivalência” (WINNICOTT, 1958/1983, p. 28). Daí por diante, ele precisa elaborar uma “técnica para a solução dessa forma complexa de ambivalência”. Destruir o objeto no plano

¹²⁶ Circunstâncias favoráveis, nesse caso, significa a mãe-objeto sobreviver às investidas instintivas do bebê. A mãe-ambiente tem a função de ser ela mesma, como pessoa, e ser empática com as necessidades do lactente. Se o bebê teve cuidados suficientemente bons no início da vida, possivelmente terá um fortalecimento egóico que possibilite tolerar ambivalências emocionais. O acolhimento dos pais-cuidadores diante do superego primitivo e das tensões instintuais do bebê faz o bebê ficar preocupado. A origem da responsabilidade ocorre quando a criança retém uma imago do bom objeto juntamente com a ideia de sua destruição (WINNICOTT, 1963/1983, p. 72).

da fantasia¹²⁷, autoconter as forças antagônicas no interior do *self* e fazer reparações são artifícios encontrados para refrear o sentimento de culpa diante do ataque iminente ao ente materno. A culpa, nessa situação, seria definida como uma “ansiedade vinculada à ideia de ambivalência” (choque entre amor e ódio num único objeto). São os cuidados empáticos e respeitosos efetuados pelos pais-cuidadores que subsidiam as primeiras experiências éticas da criança como um ente capaz de “colocar-se na situação das outras pessoas” (WINNICOTT, 1965/1994, p. 105). Logo, um bebê suficientemente bem cuidado pode cuidar também. Por meio da qualidade da relação a dois, o senso de responsabilidade pode ser expandido para outros relacionamentos sociais. Traduzir-se-á na forma de interação com os brinquedos, animais e humanos e nos aspectos construtivos do trabalho. Isso enceta o colo materno e a família como o berço histórico da tendência ética, cívica e pré-democrática.

A partir do momento em que a integração é alcançada, a criança pode controlar seus impulsos. Ela protege o ente materno dos resultados de sua experiência instintual fantasiada. Enquanto na imaturidade a relação objetal é mais primitiva, na maturidade os impulsos eróticos e os destrutivos são integrados no eu. Por isso, Winnicott¹²⁸ vê a capacidade para a ambivalência como “uma mudança no EGO do bebê” e não do id. A principal tarefa maturacional nesse momento é a integração da instintualidade e da destrutividade na personalidade (da infância concernida à vida adulta integralmente responsável). Na pessoa saudável, a integração dos impulsos seria um ato de diligência para com outrem e não uma repressão inconsciente promotora de sintomas psicossomáticos¹²⁹. Os aspectos construtivos e destrutivos são aceitos sem sacrificar em demasia o lado espontâneo e criativo “que faz a vida valer a pena”. Winnicott diz que as pessoas psicologicamente maduras estão lutando para “ser adultos” diante da imaturidade alheia (1940/1999, p. 219). Procurar a “arte da paz” é a guerra diária dos sadios. Na maturidade psicológica, os sentimentos hostis podem ser melhor elaborados. Descabe o uso de mecanismos defensivos primitivos, tais como projeção, negação, repressão e *acting out*.

¹²⁷ Winnicott explica que a destruição no plano psíquico denota o predomínio da força construtiva e prosocial da personalidade (1968/1999, p. 85). Ela também possibilita que a criança não se sinta tão culpada como na “destrutividade real”. A solução para os problemas da ambivalência vem da elaboração imaginativa das funções corporais; sem a fantasia, as expressões de apetite, sexualidade e ódio em sua forma bruta seriam a regra.

¹²⁸ Nas palavras de Winnicott, em “Relacionamentos interpessoais” (1950-55/2000): o lactente tornou-se capaz de experimentar ambivalência na fantasia, bem como nas funções corporais das quais a fantasia é, originalmente, uma elaboração (p. 60).

¹²⁹ O princípio a ser lembrado é: sempre que um conflito na psique é relativamente consciente, os instintos são manejados por meio do autocontrole; o compromisso entre as exigências do instinto e as da realidade externa ou social pode ser construído com o mínimo de prejuízo possível. Por outro lado, onde o conflito entre o impulso e o Ego ideal encontra-se no inconsciente reprimido, as inibições, compulsões e ansiedades resultantes são menos capazes de adaptar-se às circunstâncias ambientais desfavoráveis (WINNICOTT, 2000, p. 42).

Compreendendo melhor o que seria um cidadão amadurecido, o psicanalista¹³⁰ diferencia as palavras “comportamento”, o *modus operandi* padrão, de “comportamento total”. Neste, os atos são apenas retratos do conjunto de considerações internas. Considera-se a “responsabilidade histórica”, social e cultural. O indivíduo total pode ainda identificar-se com as “motivações dos adversários”. Deveras, sabe que deles pouco se distingue, pois não rejeita o pior exame de sua natureza. No comportamento total, o ser está apto a reconhecer a própria maldade. A consciência de sua bondade não se mede pela crueldade alheia. Do contrário, seria palatável projetar nos outros os seus próprios conteúdos indigestos.

Em “O desenvolvimento de capacidade de cuidar do outro” (1963/1987), Winnicott enxerga a riqueza da personalidade a partir do acesso à ambivalência (p. 69). No capítulo “A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal” (1950-55/1988), ele dilucida que as pessoas sadias estão aptas a drenar cada vez mais o instintual (p. 361). Havendo o controle dos sentimentos ambivalentes na personalidade, a maldade pode ser contida e a agressividade convertida “em funções sociais”, diz o autor em “A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional” (1950-55/1988, p. 291). Simplificando em quatro princípios, tolerar ambivalências na personalidade significa:

- 1) fusionar os potenciais agressivo e erótico em um único objeto;
- 2) reconhecer o “bom” e o “mau” em si e nos outros objetos externos;
- 3) tolerar emocionalmente experiências ambientais conflitantes;
- 4) autogerir tensões dentro do *self* (preservando a si e ao outro).

3.9.1. A incapacidade para a ambivalência no cenário sociopolítico brasileiro

Quando a capacidade para a ambivalência é alcançada, as pessoas tornam-se mais reais, pois são “tanto odiadas quanto amadas”. Isso dá condições para o início dos relacionamentos triangulares¹³¹. Tal conquista entabula novos conflitos e ansiedades que protagonizarão a vida

¹³⁰ O comportamento total também inclui a capacidade de o indivíduo conseguir gratificação em conexão com ideias, talvez agressivas e cruéis, e de obter alívio quando ideias intoleráveis que ameaçam ganhar a consciência são atuadas – ou seja, quando se compartilha com os outros membros de um grupo a responsabilidade por essas ideias. O único parâmetro realmente satisfatório para a bondade é a maldade (WINNICOTT, 1959/1999).

¹³¹ Quanto à gênese das neuroses na visão winnicottiana, basicamente elas decorrem das dificuldades infantis em tolerar o amor e o ódio na pessoa dos cuidadores. Isso se expressa nas impossibilidades do indivíduo em utilizar seus impulsos agressivos quando se chega às relações triangulares e multilaterais. Eventualmente, no complexo Edipiano, nos interrelacionamentos entre três pessoas totais, a criança precisa passar por um período em que a confiabilidade pessoal dos pais seja experienciada a fim de que o equipamento total (mecanismos de projeção e introjeção) possa ser usado; no qual possa tornar-se estabelecida uma realidade psíquica pessoal ou interior, tornando a fantasia uma experiência comparável ao relacionamento objeto real. (WINNICOTT, 1965/1994, p. 114).

psíquica e social. Teoricamente, o adulto amadurecido conforma-se com as pequenas diferenças narcísicas nos relacionamentos interpessoais. Aceita ideias, personalidades e culturas de outrem sem destruir ou marginalizar alguém. O filósofo alemão Otfried Höffe vê a tolerância como “um valor básico da democracia pluralista” (2004, p. 473). No convívio social deve-se respeitar diferentes convicções, visões de mundo, divergências políticas, proteger as minorias e os indivíduos contra a opressão e os desfavorecimentos. No enfoque de Winnicott, a maturidade adulta não vive de extremos; tolera nuances e particularidades, em si e no outro, sem destruir¹³²:

A maturidade implica, entre outras coisas, na capacidade de tolerar ideias, e quem é pai ou mãe precisa desta capacidade, que na melhor das hipóteses faz parte da maturidade social. Um sistema social maduro (se por um lado faz certas exigências no tocante à ação) permite a liberdade das ideias e sua livre expressão. (WINNICOTT, 2000, p. 77).

Supostamente, tolerar contradições nos interrelacionamentos abre espaço para que os impasses tentem ser resolvidos circunspectamente, de maneira saudável. Porém, no Brasil, uma grande parcela da população tem dificuldades em aturar relações verdadeiramente divergentes. Uma pesquisa realizada em 27 países revelou que 32% dos brasileiros têm pouca disposição para dialogar com quem pensa politicamente diferente (G1, 2019). Muitos apresentam pensamentos tirânicos dentro e fora das redes sociais. São taxativos em suas opiniões e intolerantes com o ponto de vista alheio. Possivelmente, quanto menos amadurecida for uma população na capacidade para lidar com sentimentos antagônicos, maior será o crescimento das práticas de violência, radicalização política, religiosa e ideológica. Paranoia, persecutoriedade, hipervigilância, e políticas essencialmente paliativas são sintomas psicodinâmicos básicos de um corpo coletivo incapaz de integrar ambivalências. No panorama winnicottiano, a intolerância, a incontinência dos impulsos agressivos e a rigidez mental e moral são organizações defensivas às quais não cabe estender a conotação da palavra “saúde” (WINNICOTT, 1967/1983, p. 15). A teoria do amadurecimento visualiza a vida mental dos sadios como um campo de batalha¹³³. Lutas são constantemente travadas em seu âmago para tentar prevalecer seus bons objetos internos em detrimento dos maus, ou seja, o sadio esforça-se para preponderar o amor em detrimento do ódio. Para o autor, talvez o maior sofrimento humano seja das pessoas saudáveis ou maduras. Elas penam para respeitar seus inimigos e conter as forças contrárias dentro do *self*.

¹³² O maniqueísmo social pode refletir a incapacidade das massas em tolerar sentimentos ambivalentes na personalidade. Algo que beneficia os candidatos extremistas e dualistas no jogo da candidatura política.

¹³³ Na afirmação de Winnicott, em “Crianças na guerra” (1940/1987), quem trava “guerras pessoais” em seu íntimo já possui uma riqueza na personalidade (p. 28).

Por outro lado, nas pessoas incapazes de suportar ambivalências, os maus objetos são viciosamente expulsos para fora de si. Logo, o mundo interior fica cindido entre objetos “bons” e “maus” e o exterior segregado entre pessoas “boas” e “más”. Quem sabe essa tese explique as cisões políticas e o porquê de muitos brasileiros terem se subdividido em categorias políticas tão pejorativas: “coxinhas”, “mortadelas”, “esquerdopatas”, “bolsominions” etc. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020). Quando o amor e o ódio se dissociam no psiquismo das massas, raia também um superego social implacável e punitivo. Vê-se isto nos *haters* digitais e na “cultura do cancelamento”¹³⁴ (ou retaliação digital). Em grande parte dos casos, a objurgação do outro ocorre sem razoabilidade. Os errantes são execrados. Pessoas são tratadas como abjetas. Os “odiadores” vingam-se virtualmente de forma tigrina, mascarando sua perversidade com o logicismo contido na luta por justiça social. Ao idealizarem a si como justos, desaparecem-se como opressores. Dada a dificuldade de elaborar ambivalências na personalidade, seus males e maldades estão todos projetados nos adversários. De maneira inconsciente, os justiceiros de plantão agem de modo antidemocrático.

Quando a liberdade pessoal se ancora no aniquilamento físico ou emocional de outrem, a palavra “democracia” descabe. Uma nação que glorifica a liberdade de expressão pessoal e relega a arte da escuta, dificilmente será democrática. Mencionando o ex-primeiro-ministro do Reino Unido Clement Attlee: democracia significa o governo pela discussão, mas ele “só é eficaz se as pessoas pararem de falar” (OXFORD ESSENTIAL QUOTATIONS, 2017). A expressão popular: “política e religião não se discutem”, denota a fragilidade emocional de um povo. Para Winnicott, uma “conversa séria é indício de civilização” (1970/1999, p. 274). Na pesquisa estatística citada, Fernando Schuler, cientista político, afirma que a democracia atual será liderada por “construtores de pontes”, por pessoas capazes de “moderar oposições”. Tal colocação contextualiza o pensamento winnicottiano acerca da administração dos conflitos ambivalentes. Desse modo, flertam com a democracia os capazes de falar, lutar, ouvir, autogerir impulsos, tolerar o outro, as ideais e os sentimentos antagônicos.

Em último ato, o ônus da saúde mental seria a aquisição de um senso de responsabilidade inescusável. O sadio, em lugar de apenas reagir às circunstâncias, sente-se responsável por si, pelos outros e por tudo aquilo que for concernente ao seu ambiente social e natural. Para o

¹³⁴ Cultura do cancelamento é um fenômeno da internet em que uma pessoa é condenada, expulsa da influência ou retalhada virtualmente por ações culturalmente questionáveis. É causado por uma massa crítica de pessoas rápidas para julgar com as emoções e lentas para avaliar com a razão (URBAN DICTIONARY, 2019).

sociólogo francês Edgard Morin¹³⁵, somos verdadeiramente cidadãos quando nos sentimos “solidários e responsáveis”. No pensamento winnicottiano, democracia seria, então, o coroamento da vida sadia entre os cidadãos. Uma consequência espontânea do processo de interação saudável entre os membros de uma comunidade delimitada. Enquanto o cristianismo batiza isso de “amor ao próximo” e a política intitula como “senso de cidadania”, a psicanálise de Winnicott relaciona essa possibilidade com o desenvolvimento da capacidade de estabelecer “identificações cruzadas”: a chave da formação do processo democrático latente.

3.10 As identificações cruzadas como a base do processo de democratização latente

Winnicott denomina como capacidade para as identificações cruzadas o “saber colocar-se no lugar da outra pessoa” (1967/1999, p. 14). Trata-se do entrecruzamento, em via de mão dupla, existente nas relações interpessoais. O reconhecer em si nos aspectos humanos dos outros e perceber a si nas alteridades. O desenvolvimento das identificações cruzadas alicerça de modo latente a ética comunitária e o pacto social e democrático. Nele, a linha nítida entre o eu e o não-eu¹³⁶ é toldada e as questões do próximo são sentidas como próprias. Entre o “eu” e o “tu” aparece a noção do “nós”. Isso vivifica a sensação de compartilhar uma realidade em comum. Quanto maior for a vastidão dessas identificações no interior da malha social, melhor será o respeito às identidades, diferenças e diversidades na sociedade. Menor será a insensibilidade diante das injustiças, desigualdades e desumanidades (até para com aqueles com quem possuímos desafetos). Na obra *Conversando com os Pais* (1955/1993), no texto “Madrastas e Padrastos”, o autor exemplifica que “[...] na fantasia, o infantil e o adolescente persistem no adulto maduro” (p. 9). Ou seja, ele pode transitar entre as múltiplas etapas do desenvolvimento. Ao ser um adulto maduro que não perdeu as identificações com suas etapas de vida nas quais ele era imaturo, isso pode auxiliá-lo a ter sensibilidade para se identificar com essas e outras vidas na sociedade.

Contudo, no discernimento do psicanalista, ninguém começa a vida identificado com coisa alguma. Esse potencial não é aprendido por vias pedagógicas. Ele potencializa-se através do vínculo emocional na infância, florescendo dos cuidados maternos suficientemente bons (1954/2008, p. 205). No lar, fenomeniza-se a primeira forma de identificação humana: a da mãe

¹³⁵ Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação à sua pátria”. Solidariedade e responsabilidade não advêm de discursos moralizadores, mas de um profundo sentimento de pertencimento social e natural (casa, bairro, cidade, Estado, país, continente e planeta) (MORIN, 2001, p. 65).

¹³⁶ Para Winnicott, as identificações projetivas e introjetivas originam-se ambas desse lugar em que “cada um é o mesmo que o outro” (1966/1994, p. 240). A coesão da sociedade democrática necessita dessa capacidade.

com o filho e, depois, o estado de identificação do filho com a mãe¹³⁷. Enquanto o cuidador conseguir identificar-se com a posição do bebê, este poderá integrar-se e “chegar as identificações cruzadas”. A partir daí, elas acontecerão a todo instante e com os mais distintos objetos. Por meio do brincar, o *self* pode criativamente emprestar vida psíquica aos elementos inanimados¹³⁸. Ao evoluir das relações parciais de objeto e tornar-se uma pessoa inteira, o indivíduo chegará aos relacionamentos totais. Levar-se-á em conta as expectativas e características singulares das outras personalidades. Somente o ser humano que alcançou uma profundidade emocional consegue enxergar a profundidade nas outras formas de existência. Assim, cada vez mais as relações interpessoais sofisticam-se e reatualizam continuamente a sua significação. Após um conjunto consistente de incorporações e introjeções, as pessoas do núcleo social transformar-se-ão em representações mentais vivas e organizadas no plano psíquico individual:

Naturalmente, à medida que a criança se desenvolve e os processos de amadurecimento se tornam mais apurados, e as identificações se multiplicam, a criança se torna cada vez menos dependente de obter de volta o eu (self) dos rostos da mãe e do pai, e dos rostos de outras pessoas com quem se encontra em relacionamento fraterno ou parental. Não obstante, quando uma família permanece íntegra e tem de si algo em desenvolvimento, durante certo tempo, cada criança extrai benefícios daí: pode ver-se na atitude de cada um dos membros ou na atitude da família como um todo. Podemos incluir nisso tudo tanto os espelhos reais que existem pela casa, quanto as oportunidades que a criança tem de ver os pais e demais pessoas, olhando-se a si mesmos. (WINNICOTT, 1967/1975, p. 179)¹³⁹.

Quando o ser chega a uma organização da realidade psíquica, revela-se a ele uma nova capacidade de relação de objeto. Essa seria baseada no intercâmbio entre a realidade externa e a realidade psíquica pessoal. Na proposição winnicottiana¹⁴⁰, a maturidade adulta corresponde à possibilidade de se identificar com diferentes grupos, indivíduos e com a sociedade sem a

¹³⁷ Winnicott observou isso durante a amamentação do bebê. Enquanto o mamilo era sugado, alguns lactentes inseriam o dedo na boca da mãe. O psicanalista interpreta esse movimento como um gesto de retribuição (1969/1994, p. 195). No entreolhar sintônico e silencioso da dupla, transpassa-se um cuidado mútuo; uma compreensão intuitiva. Se a criança morder o mamilo e machucar a mãe, a dor dela será sentida como dela própria. Quando essas questões empáticas na relação dual estiverem bem estabelecidas, o bebê poderá ampliar sua identificação para outras unidades além da mãe. O pai será introduzido gradualmente como pessoa à medida que o princípio da realidade for integrando-se como parte da relação da criança com o mundo externo.

¹³⁸ Segundo Winnicott, na infância os brinquedos servem para a criança emular, na fantasia, sua identificação com as pessoas, os animais e objetos do meio ambiente (?/1994, p. 49).

¹³⁹ Para Winnicott, a família pode contribuir no sentido do crescimento e enriquecimento da personalidade, de modo que o indivíduo percebe, ao longo do tempo, cada um de seus membros individualmente (1967/1975, p. 179). A saúde psicológica envolve sempre percepção da existência de pelo menos três indivíduos num relacionamento.

¹⁴⁰ Na compreensão de Winnicott, em círculos cada vez mais abrangentes da vida social, a criança pode identificar-se com a sociedade, porque a sociedade local é um exemplo de seu próprio mundo pessoal (1963/1983, p. 87). Nesse sentido, ela tem um grande potencial para constituir conexões com as coisas da sociedade (pacto social).

adoção de falsas soluções, isto é, sem ter de sacrificar a própria identidade pessoal e a espontaneidade. Entretanto, Winnicott enxerga um complicador: se o grupo for muito grande, o indivíduo corre o risco de ficar “isolado”; se for demasiadamente restrito, perde-se a sensação de “pertencer a uma comunidade” (1955/1987, p. 127). Qualquer um pode deparar-se com tensões sociais, principalmente nos últimos estágios além da puberdade e da adolescência. Para Winnicott, em “Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior” (1969/1975), havendo falhas adaptativas do ambiente, nas falsas maturidades ocorre uma “imitação baseada em identificações” (falso *self*), ou seja, a pessoa passa a mimetizar o(s) outro(s) para garantir alguma inserção ao contexto humano (p. 229). Um processo de socialização sadio é sempre favorecido por via das identificações cruzadas, especialmente entre a primeira fase sexual e a adolescência, no período de latência. Na fase escolar, normalmente o repertório de identificações é ampliado. Nela é possível (re)descobrir outros símbolos, valores, costumes, novos papéis, identidades e conhecer outros modelos de como ser, estar e (re)experimentar a cultura do mundo. Mais ainda, na formulação teórica de Winnicott, o ser saudável é capaz de identificar-se não somente com as alteridades da espécie humana, mas também com as coisas inumanas¹⁴¹:

[...] cada criança tem a oportunidade de se tornar um indivíduo, não apenas realizando seu destino, seguindo a trajetória do legado hereditário, mas também feliz por ser capaz de identificar-se com as outras pessoas, animais e coisas do meio ambiente, bem como com a sociedade e sua perpétua auto-organização. (WINNICOTT, 1949/2013, p. 78).

3.10.1 A amplitude das identificações e a tendência à democracia “integral”

Inspirado nessa abrangente concepção sobre as identificações, o sentido winnicottiano¹⁴² de democracia pode ser repensado como um fenômeno amplamente inclusivo. Ele extrapola os deveres políticos e o compromisso exclusivo com o bem-estar dos membros da própria espécie. Com base nos enunciados do autor, a democracia envolveria a capacidade humana de identificar-se com os diversos elementos “não-eu” existentes no cosmo. Reconsiderando isso, o ápice evolutivo da maturidade psicoemocional (individual ou coletiva) estaria relacionada com o poder de estabelecimento das conexões e identificações afetivas-emocionais com cada elemento de um ecossistema. O “fator democrático” pessoal englobaria,

¹⁴¹ Na criança sadia, desenvolve-se, com efeito, “[...] a capacidade para colocar-se na situação das outras pessoas e identificar-se com as pessoas e objetos externos” (WINNICOTT, 2000, p. 105).

¹⁴² Talvez, Winnicott possa ser pensado como um ambientalista do campo emocional. Um psicanalista defensor do meio ambiente emocional humano e do humano amadurecido como cuidador do ambiente.

então, o desenvolvimento de um senso de responsabilidade, não só para com as personalidades imaturas da comunidade, como postulou inicialmente Winnicott (1950/1999, p. 147), mas também com os organismos vivos vulneráveis e toda a biogeocenose. Portanto, o “cidadão do mundo”¹⁴³ seria alguém latentemente democrático. Um cuidador e promotor da saúde do ambiente social e natural, que priorizaria a ética do cuidar ao invés da ética do lucrar. As identificações com os múltiplos objetos externos produziriam uma espécie de “democracia integral”¹⁴⁴. A presença de senso empático encontra-se até nos direitos dos robôs¹⁴⁵ e dos mortos¹⁴⁶. Até os não mais existentes são merecedores de respeito e valorização. Em vista disso, questiono: e se pudéssemos ampliar nossa rede de identificações? Será que não conservaríamos melhor as memórias e bens materiais e imateriais da humanidade? Invalidaríamos menos a dor alheia? Não haveria uma maior deferência no tratamento para com as espécies? Um cuidado ético para com o meio ambiente¹⁴⁷? Sintetizando, na frase do filósofo alemão Albert Schweitzer: “[...] o erro da ética até o momento tem sido a crença de que só se deva aplicá-la em relação aos homens” (1950/2004, p. 146).

3.10.2 Testemunhos da presença das identificações cruzadas no campo político

Fraseando Winnicott, amadurecer implica em ser capaz de “[...] identificar-se com seu ambiente e tomar parte no estabelecimento, na manutenção e na alteração” do mesmo (1957/2005, p. 85). “A maturidade envolve gradualmente o ser humano numa relação de responsabilidade para com o ambiente” (1950-55/2000, p. 29). Na sapiência do autor, a capacidade de se identificar afetivamente com os objetos exteriores pode transcender o senso

¹⁴³ De acordo com Winnicott, talvez apenas poucos homens e mulheres realmente evoluídos, e razoavelmente idosos, consigam alcançar o termo do tipo “cidadania do mundo” em seu desenvolvimento (1950/1999, p. 267).

¹⁴⁴ A democracia integral é um conceito inferido por este trabalho. Ela não deve ser confundida com uma ideologia política a ser implantada. Espere que ela resplandeceria dos cuidados com a espécie humana, desde a vida intrauterina. Certamente, políticas públicas podem contribuir, mas essa aquisição deve emanar da aquisição do senso ético latente. No máximo, podemos dar condições para o seu desenvolvimento maturacional.

¹⁴⁵ Segundo a terceira lei da robótica proposta por Asimov: um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não fira os seres humanos e desacate suas ordens. Na “Lei Zero”, um robô não pode causar mal à humanidade ou, por omissão, permitir que a humanidade sofra algum mal (ANDERSON, 2008).

¹⁴⁶ Conforme o art.11 do Código Civil (2008), a proteção da dignidade da pessoa humana é um princípio basilar para o Estado Democrático de Direito contemporâneo. Essa ideia de dignidade atinge não só o mundo das pessoas fisicamente vivas, como, também, a dignidade de pessoas mortas, preservando sua imagem, intimidade e privacidade ao corpo do morto; afinal, os direitos da personalidade são irrenunciáveis e irrevogáveis.

¹⁴⁷ Na posição do ambientalista Ailton Krenak, o meio ambiente (malha propiciadora da vida) foi transformado em recurso natural (matéria-prima para a exploração humana) por conta de interesses capitalistas (2017, p. 12). Possivelmente, a ausência de identificações empáticas para com o meio natural conduziu a humanidade ao Período Antropoceno, a uma exploração incompatível com a natureza. Infelizmente, parece que a luta por “consciência ambiental” e sustentabilidade só apareceram porque descobrimos que os recursos naturais são finitos. Seguindo o raciocínio winnicottiano, o cuidado ambiental deve ser uma ética e não uma ação para visar benefícios secundários. Nesse sentido, não é preciso esperar o colapso ambiental e o aquecimento global para respeitarmos o ecossistema.

de responsabilidade inicial com a mãe, o pai, a população regional e planetária¹⁴⁸. Ponderando sobre a amplidão dessas identificações na esfera política e jurídica, ilustro seus indícios nos ideais do capítulo 7º da Constituição da República do Equador (2008). Guiado pelas tradições ameríndias¹⁴⁹, o país oficializou nacionalmente a natureza como uma alteridade, ou seja, tornou-a um sujeito de direito:

Art. 71. A natureza ou Pachamama onde se reproduz e se realiza a vida, tem direito a que se respeite integralmente sua existência e a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos.
Toda pessoa, comunidade, povoado, ou nacionalidade poderá exigir da autoridade pública o cumprimento dos direitos da natureza. Para aplicar e interpretar estes direitos se observarão os princípios estabelecidos na Constituição no que for pertinente.
O Estado incentivará as pessoas naturais e jurídicas e os entes coletivos para que protejam a natureza e promovam o respeito a todos os elementos que formam um ecossistema.

Embora as ações políticas sejam majoritariamente motivadas por interesses econômicos e eleitoreiros, não necessariamente isso anula a capacidade de alguns governantes nortearem suas escolhas a partir das identificações cruzadas. Aparentemente, foi o que ocorreu na Alemanha com a chanceler Angela Merkel. Durante a crise migratória de 2015 em direção à Europa, ela optou por acolher no país a entrada de dezenas de milhares de imigrantes, sírios, afegãos e iraquianos, que fugiam da guerra e da perseguição. Mesmo correndo risco de perder sua popularidade política das alas mais conservadoras, a chefe de estado negou-se a estipular um limite de refugiados. Ela adotou um discurso de cunho humanitário: “[...] há uma linha vermelha que não devemos cruzar [...] o respeito pela dignidade da pessoa humana” (INDEPENDENT, UK, 2020). Essa imigração aumentou o número de desabrigados para mais de 650 mil. Apesar da ausência de soluções definitivas, as prefeituras alemãs implantaram cabines futurísticas¹⁵⁰ à prova d’água, vento e neve. Não é o ideal, nem motivo de orgulho, mas ao menos não é desumano.

Outro exemplo da capacidade de identificações no governante, vê-se no estilo de liderança da premier Jacinda Ardern (Nova Zelândia¹⁵¹). Sua proposta visa fortalecer o diálogo

¹⁴⁸ No pensamento do sociólogo Edgard Morin, uma consciência incapaz de perceber o “[...] contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável” (2001, p. 15).

¹⁴⁹ Segundo Garcia, um exemplo dessa identificação e responsabilidade para com o meio ambiente natural vê-se na tribo Awá-Guajá. Eles estabelecem uma verdadeira relação de perfilhação com os animais. As mulheres chegam até mesmo a amamentar outros mamíferos em seu próprio seio, juntamente com seus filhos (2015, p. 115).

¹⁵⁰ As Ulmer Nest são feitas de aço e madeira e funcionam à base de energia solar. Contam com conexão de internet e um sensor que avisa a assistência social para que seja realizada uma limpeza profissional (ULMER NEST, 2021).

¹⁵¹ A Nova Zelândia ocupa a primeira posição como o país menos corrupto do mundo (TRANSPARENCY INTERNATIONAL, 2019).

e o consenso entre as diferentes tribos sociais. Em seu posicionamento, “[...] é preciso coragem e força para ser empático” (NEW ZELAND GOVERNAMENT, 2020). O estilo democrático de sua gestão ajudou a reduzir o preconceito entre os neozelandeses. As mulheres venceram mais eleições e ocuparam 48% dos cargos no parlamento. Pela primeira vez uma mulher aborígine, da etnia maori, tornou-se ministra (Nanaia Mahuta). Cerca de 11% dos parlamentares declararam-se abertamente membros da comunidade LGBTQI+, a maior proporção representativa em qualquer legislativo do mundo (CNN, 2020).

Embora deduza-se que a democracia seja beneficiada pelas identificações cruzadas, há o risco dessas mudanças sobreviverem de aparência. Determinadas modificações sociais só acontecem por coações políticas. Dão-se não por maturação ética, mas pelo medo popular de sofrer represálias desse novo “superego social”. Como exemplo, cito a Lei de Cotas para Deficientes (Lei n. 8.213/91). Apesar da Justiça assegurar seu direito de inclusão profissional, uma pesquisa¹⁵² aponta que muitos continuam sofrendo *bullying*, agressões e subjugamentos. Sem o desenvolvimento das identificações cruzadas, as valiosas vitórias sociais e jurídicas na defesa de uma sociedade mais justa e igualitária podem ser acompanhadas de práticas perfunctórias (pelo menos a curto e médio prazo). Apoiando-se em Edgard Morin, “a vida democrática regride” quanto mais os problemas de civilização se tornam políticos (2001, p. 84).

Em “Elementos Masculinos e Femininos Ex-cindidos Encontrados em Homens e Mulheres” (1966/1994), Winnicott argumenta que as identificações cruzadas podem, sim, ser determinadas por “expectativas providas do meio social” (p. 149). Pensando nisso, os protestos em nome das causas humanas e humanitárias acabam sensibilizando ainda mais a atenção dos membros dotados de senso ético e empático. As denúncias ampliam sua percepção sobre as outras alteridades. Aliás, enxergar o outro tem sido uma dificuldade recorrente em presidentes com limitações empáticas.

3.10.2.1 A ausência de identificações cruzadas nos chefes de Estado

Winnicott avalia a perda da capacidade de estabelecer identificações cruzadas como algo terrível para as pessoas psicologicamente saudáveis. Ela acompanha uma sensação de desumanidade e ausência de sentido social. Por outro lado, os indivíduos empaticamente

¹⁵² Uma pesquisa encomendada pelo Ministério Público do Trabalho em São Paulo e realizada pelo Ibope revelou que, na capital paulista ou na região metropolitana, 69% dos entrevistados informaram que já vivenciaram ou presenciaram algum tipo de discriminação, *bullying*, rejeição, assédio moral e sexual, isolamento ou até violência física no ambiente de trabalho contra deficientes (JORNAL DO BRASIL, 2020).

imaturos são quase indiferentes a isso. Em geral, são pragmáticos e pouco sensíveis aos sentimentos alheios. Priorizam sua gratificação instintual e vinculam-se de maneira superficial. Para o autor, as pessoas pouco aptas a estabelecer identificações¹⁵³ são “entediadas” e “entediantes”. Estão constantemente absortas em si mesmas. Valorizam somente quem espelha seu próprio narcisismo. Essa dessignificação do outro consterna os membros mais sadios da sociedade. Um governante com tais atitudes produzirá não só falas e atos antidemocráticos, mas genocídios. Abaixo, seguem três ilustrações de discursos desprovidos de identificações cruzadas proferidos por chefes de Estado de países classificados dentro do espectro democrático (ECONOMIST, 2020).

1. Em 2016, o presidente filipino Rodrigo Duterte, revoltado com a corrupção e a drogadição no país criou o “Esquadrão da Morte”. O intuito era varrer todos aqueles que considerava ameaçar a boa imagem do país e a segurança nacional: “Hitler massacrou 3 milhões de judeus... há 3 milhões de viciados em drogas. Eu ficaria feliz em abatê-los” (U.S NEWS & WORLD REPORT, 2019).

2. No ano de 2018, o presidente Donald Trump, incomodado com a onda imigratória de latinos para os Estados Unidos, esbravejou numa reunião: “Por que queremos todas essas pessoas vindas de países que são um buraco de merda vindo aqui?”; “Por que precisamos de mais haitianos? Retire-os”. Noutra ocasião, enquanto defendia o erguimento de muros contra imigrantes ilegais, disse que eles não eram gente, “mas animais” (CNN, 2018).

3. Em 2020, durante a crise sanitária da Covid-19, o presidente brasileiro Jair Bolsonaro desprezou as recomendações da OMS sobre o isolamento social e incentivou a população a seguir normalmente com suas atividades econômicas. Milhares adoeciam, morriam e enlutavam-se pelo alastramento da doença, ele chamava a pandemia de “gripezinha” e gozava de sua boa saúde física em pronunciamento nacional. Quando informado por um jornalista sobre o elevado número de óbitos, retrucou: “Eu não sou coveiro, tá?”. No dia em que o país ultrapassou a China em mortes, respondeu: “E daí? Lamento” (REUTERS, 2020).

Se no trabalho clínico o psicanalista atesta que os pacientes com limitações no campo das identificações introjetivas e projetivas “apresentam sérias dificuldades para um psicoterapeuta”, imagine para o cidadão comum, destreinado (WINNICOTT, 1971/1975, p.

¹⁵³ Winnicott acrescenta uma nota sobre as “identificações cruzadas delirantes” (vínculos inexistentes e unilaterais), considerando que elas causam estragos emocionais à própria pessoa e aos outros (1970/1999, p. 111).

182). Qual será o destino daqueles que o líder é incapaz de colocar-se emocionalmente no seu lugar? A Coreia do Norte, chefiada pelo comunista Kim Jong Un, parece responder a isso (TIME, 2014). O ditador impôs aos sul-coreanos uma “lista de estilos de cabelo aprovados pelo Estado”. Os estudantes do sexo masculino são obrigados a manter o corte capilar do seu chefe supremo. Já na Rússia, o presidente Vladimir Putin sancionou uma lei para defender as crianças contra a homossexualidade. Essa emenda faz parte do “Programa de Proteção das Crianças de Informações Prejudiciais à Saúde”¹⁵⁴. Conhecida no exterior como “lei anti-gay”, ela visa combater o desenvolvimento da atração por “predisposições sexuais não tradicionais”. Citando brevemente Winnicott, a bissexualidade humana é importante na “capacidade para a identificação”¹⁵⁵ da masculinidade e da feminilidade. Crianças e jovens¹⁵⁶ que puderam brincar¹⁵⁷ e fantasiar de estar no lugar do homem e da mulher (e de outros) ampliarão melhor o horizonte das identificações cruzadas. A integração do elemento feminino e masculino na personalidade favorece a construção de cidadãos mais inclusivos e tolerantes (2000, p. 65). Com suporte educacional, as relações, tendem a tornar-se mais heterogêneas e democráticas:

[...] a sociedade tem muito a ganhar tolerando tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade no desenvolvimento emocional das crianças. Uma forte identificação do menino com a mãe, e até mesmo um comportamento afeminado, podem ter valor quando o desenvolvimento do caráter é satisfatório em outros aspectos. Uma certa masculinidade não só é tolerada nas meninas, como é esperada e até valorizada (WINNICOTT, 1963/1994, p. 181).

Em “Um Sonho de D. W. W. Relacionado a uma Resenha de um Livro de Jung” (1963/1994), o psicanalista comenta que muitos daqueles que abanam a Bandeira Progressista tomam equivocadamente “a heterossexualidade como saúde” (p.181). Enfim, enquanto a pessoa do governante não amadurecer no âmbito das relações objetais, algumas comunidades serão vítimas de suas conflitivas psicológicas mal resolvidas. Na pós-modernidade¹⁵⁸, os preconceitos

¹⁵⁴ Caso algum material de natureza homossexual seja veiculado por empresas e organizações, elas podem ser forçadas a suspender suas operações. Já os estrangeiros serão detidos, deportados ou multados em até cinco mil rublos russos (PRESIDENT OF RUSSIA, 2012).

¹⁵⁵ Na ótica de Winnicott, a criança fica normalmente identificada com cada um dos seus progenitores, mas, num determinado momento, estreita o laço com um deles. Em todos os casos, existe uma capacidade de identificação com o progenitor do outro sexo independentemente do sexo da criança (2008, p. 92).

¹⁵⁶ Winnicott considera ser natural que adolescentes brinquem com todas as variantes antes de escolher “se vão ser homens machos e mulheres fêmeas” (1964/1999, p. 184).

¹⁵⁷ Na descrição de Winnicott, as identificações cruzadas podem ser espontaneamente vivenciadas por meio das brincadeiras. Quando as crianças simulam formar o lar e assumem responsabilidades no cuidar dos filhos, elas experimentam “o essencial” da vivência familiar (2008, p. 116).

¹⁵⁸ Para o crítico literário Fredric Jameson, na pós-modernidade o ser humano está descentralizado e desistoricizado. Sua libertação de padrões comportamentais rígidos acompanha instabilidades, inseguranças e uma sensação de desbussolamento identitário. Por isso, é comum em tempos atuais o aparecimento de movimentos progressivos e reacionários que visam replantar um velho modelo de ordem social (2000, p. 371).

podem facilmente camuflar-se sob a lógica do resgate de padrões de conduta tradicionais. Por vezes, os recriminadores de certos grupos civis (que em nada afetam a segurança pública) escodem neles os vestígios de suas próprias identificações afetivas inaceitáveis à consciência. Um exemplo disso ocorreu com o eurodeputado húngaro József Szájer. O político ultraconservador da União Europeia, que costumava perseguir integrantes da comunidade LGBTQIA+, foi preso numa orgia com 25 homens regada a álcool e drogas, incluindo diplomatas ligados ao partido do primeiro-ministro de extrema direita da Hungria Viktor Orbán (EURO NEWS, 2020).

Nos indivíduos emocionalmente amadurecidos, Winnicott julga ser possível “todo tipo de identificação cruzada”¹⁵⁹. Isso envolve as “expectativas cruzadas” e as sofisticações do “sexo cruzado”. De modo latente, essa habilidade impede a ascensão de inúmeras formas de intolerância (étnico-racial, cultural, sexual, social e religiosa). Os que conseguem aceitar suas ambivalências e pluralidades no *self* podem conviver e conciliar-se com as diferenças. Do ponto de vista maturacional, a democracia só poderia ser um sistema humanamente aprimorável através das identificações cruzadas.

Ultimando com o aforismo de Winnicott: “[...] a vida só é possível com base na conciliação. O método democrático é uma conciliação acordada, e o mesmo é a socialização” (1966/1994, p. 131).

¹⁵⁹ Segundo Winnicott, as pessoas imaturas dissociam de sua personalidade os elementos masculinos e femininos. Aquilo que reprovam em si, projetam e condenam como se fosse dos outros (1964/1999, p. 184). Em análise, pode-se descobrir que um homem durão está “morrendo de vontade de ser uma garota”, e uma adolescente de vida sexual intensa pode sentir uma permanente inveja da liberdade sexual dos homens na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo esta dissertação tentando responder às duas perguntas iniciais de pesquisa: a saúde psíquica pode produzir maturidade cívica? E a maturidade cívica seria sinônimo de saúde psíquica? Baseado na psicanálise de Winnicott, faço algumas considerações.

Sobre o primeiro questionamento, a maturidade psíquica só pode favorecer a maturidade cívica quando houver uma proporção numérica de cidadãos adultos emocionalmente saudáveis predominando nos diversos espaços existentes na malha social. Ou seja, somente quando a quantidade de indivíduos prossociais ocuparem os múltiplos setores e poderes da sociedade, superando numericamente os membros antissociais e dissociados. Sendo mais específico, o prevalecimento das personalidades maduras deve estar presente e distribuído fundamentalmente nos núcleos familiares; nos meios digitais; nos órgãos de imprensa; operando as instituições educacionais, econômicas, religiosas, militares e políticas do país. Justifico tal observação combinando duas ideias apresentadas por Winnicott. A primeira: o desenvolvimento da saúde psíquica se inicia nos lares a partir dos cuidados saudáveis para com as vidas imaturas (bebês, crianças e adolescentes). A segunda: o núcleo familiar e os demais habitantes também necessitam de uma comunidade saudável, requerem a cobertura de um ambiente cuidador além dos lares. Isso exige algum sistema de governo concesso da liberdade individual e provedor de condições favorecedoras do desenvolvimento. Valendo-me de um neologismo, denominei a isso como “*holding* estatal”. Sendo assim, estimo que a construção de uma tendência democrática latente “em nível nacional” depende tanto dos cuidados familiares quanto de um amparo social e governamental que sejam suficientemente bons.

Logo, a despeito da segunda indagação, parece possível argumentar que a maturidade cívica é sinônimo de saúde psíquica quando o estilo de vida democrático for autossustentado por uma maioria de cidadãos éticos ocupando os seus múltiplos espaços (especialmente na esfera sociopolítica). Uma nação amadurecida, ou seja, composta por personalidades que atravessaram suficientemente bem os processos de amadurecimento psicológico, é mais capaz de se responsabilizar pela promoção de ambientes cuidadores e humanizados. Uma democracia madura não vislumbra apenas o crescimento psíquico de apenas um único grupo social. Ela é concernida também com o desenvolvimento de seus mais diversos integrantes. Isso tanto em termos psicológicos quanto sociais, educacionais, profissionais e econômicos. Em síntese, o processo de democratização latente se dá quando uma nação é capaz de criar um conjunto de ambientes facilitadores. Seja em microescala, a exemplo dos núcleos familiares, quanto em macroescala. Nesse sentido, uma sociedade madura seria uma estrutura capaz de prover uma

condição sociopolítica potencializadora dos que já nasceram em lares saudáveis; como também recuperadora dos que sofreram falhas ambientais e ficaram impedidos de prosperar das potencialidades humanas como ser-no-mundo. Assim resumo a questão.

A partir desta investigação teórica foi possível também depreender sobre os efeitos negativos da ausência de maturidade psíquica na malha social. Quando um corpo sociopolítico não é composto por um número significativo de personalidades totais, ou seja, formado por pessoas éticas, empáticas, que valorizam a liberdade, o respeito à vida, a diversidade, a história, a educação, os patrimônios sociais, culturais e naturais, esse composto humano pode assumir qualquer outra forma de organização excludente em relação à democracia integral. Podemos citar a tendência à ditadura ou a falsa democracia. Dito isso, resgato um terceiro questionamento feito na introdução: a sociedade brasileira viveria uma dissociação entre os postulados democráticos no âmbito jurídico e as práticas comportamentais dos seus cidadãos? Acredito que sim.

Submetendo a democracia do Brasil a uma breve análise psicanalítica, formulo a ideia de que se o país fosse uma personalidade, ele teria um “falso *self* democrático”; seria uma “fachada democrática”, sendo mais fiel aos termos winnicottianos. Deduzo que os poderes de nosso país sempre foram dominados por uma maioria de personalidades ávidas e com uma capacidade limitada de conseguir estabelecer identificações cruzadas para com a pluralidade dos povos não brancos e não “cristãos” (sinônimo de heterossexuais). Portanto, mesmo que criemos uma Constituição humanista, que promete garantir os direitos civis a todos, infiro que há motivações “inconscientes e latentes” sobrepujando os princípios democráticos manifestos pelas “vias conscientes”. Sem a saúde emocional integrando o corpo sociopolítico, os códigos democráticos atuam como um superego impessoal. Então, populações continuam sendo alvo de violência e do desinteresse por parte poder público. Essa negligência produz fracassos ambientais e ciclos intergeracionais de miséria, violência e baixa escolaridade em diversas comunidades brasileiras. Em muitos desses locais, as famílias pouco conseguem ter recursos psíquicos, sociais, sanitários e econômicos para criar (autopoieticamente) um ambiente facilitador para o desenvolvimento. Esse ciclo vicioso mina a criação do fator democrático latente. Dado isso, concluo que o caminho mais eficaz para a consolidação da democracia brasileira não está na revolução das massas, mas no amadurecimento ético das elites políticas e econômicas, no seu empenho em interceder a favor da saúde dos lares, bairros, regiões, famílias e pessoas que carecem da experiência de ser vistos, respeitados e cuidados.

Tendo finalizado aqui a tarefa de discorrer sobre os três questionamentos iniciais, dedico-me, agora, a avaliar o êxito ou o fracasso do objetivo de pesquisa. Avalio que as premissas iniciais

foram alcançadas. Rememorando: a proposta é investigar teoricamente o fenômeno democrático à luz dos termos maturacionais da psicanálise winnicottiana. Para o autor, a democracia seria uma sociedade composta por personalidades maduras com capacidade para gerar ambientes facilitadores ao desenvolvimento das potencialidades éticas de outros seres humanos. O psicanalista parece estimar mais os cuidados individualizados do que os massificados. Por isso, constata-se que o autor concebe a família como o motor central da saúde social. Em sua visão, os cuidados parentais suficientemente bons favorecem os processos de amadurecimento psíquico e cívico do indivíduo. Porém, o amparo social e estatal facilitam a sustentação desse desenvolvimento. Amadurecer com saúde evolve: alcançar a integração psicossomática; ter a sensação de estar vivo; sentir-se uma vida autônoma; ser capaz de amar e odiar, mas conseguindo manejar criativamente as sensações, os sentimentos e os pensamentos ambivalentes na personalidade; ter capacidade para formar vínculos; poder crer e confiar em si e nos outros (sem negar a existência da maldade pessoal e alheia); usar da agressividade pessoal para fins éticos; estabelecer identificações cruzadas para com os demais objetos (humanos e inumanos), assumir relações de responsabilidade para com o ambiente.

A sociedade democrática, no sentido winnicottiano, seria um ambiente altamente humanizado, norteado pela ética do cuidar. Então, a democracia não se resumiria a um “governo do povo”, mas o “governo dos povos”, de todos que integram a malha social. Havendo pessoas empáticas, capazes de se identificar emocionalmente para com os demais, a comunidade se tornaria um espaço mais inclusivo. Um local onde a liberdade de expressão pessoal acompanha o senso de responsabilidade (o ser pesa o impacto ambiental de seus atos). O poder ser a si não está desvinculado do estar preocupado para com os sentimentos e sensações dos outros. Servindo-me da teoria psicanalítica de Winnicott, compreendo que a democracia latente exige personalidades capazes de gerir o seu mundo interno. O preço da saúde culmina numa eterna e árdua tarefa: sublimar o ódio sentido perante os diferentes para que as próprias diferenças possam ser igualmente respeitadas. Essa é a fantasia de um cidadão democrático. Por isso, uma sociedade latentemente democrática pouco pode ser impulsionada por personalidades narcisistas, pois, para essas, a referência ideal de sujeito humano é uma só, apenas a si mesmo. Desse modo, a democracia não seria a sociedade da paz, mas do estado de guerra potencial. Ter saúde emocional e social implica em ser capaz de tolerar a si diante das diversidades e das adversidades da vida. Somente assim é possível criar uma sociedade que não caminhe em direção à destruição do outro e de si mesmo perante os percalços. Havendo pessoas civilizadas, divergir, separar e discutir (até calorosamente) pode ser feito sem o risco real de morte e da retaliação.

No mais, o fator democrático latente não deve ser confundido com democratismos. Militar e discursar em prol da democracia não a promove. Ele é um trabalho sensível e contínuo, praticado diariamente por todos que tecem a teia social. Leva-se tempo para formá-la. Embora a democracia seja um modelo de governo imperfeito, suponho que ela se torna um sistema perfectível quando há pessoas emocionalmente éticas compondo a sua organização (em seus mais diversos níveis). Porém, a fim de evitar más interpretações, o meu objetivo não é o de criar um “*homo winnicottiano*” ao trazer a ideia de um cidadão psicologicamente amadurecido. Pelo contrário, ter saúde psíquica significa apenas realizar os potenciais que possibilitam a dignidade da vida pessoal e alheia. Essa seria uma resolução simplificada.

Partindo agora para a avaliação do método de trabalho, creio que ele favorece o processo de investigação teórica desta pesquisa. Entretanto, realizo uma análise crítica sobre isso. Considero que sua aplicação produziu um resultado genérico. Explico: ao optar por analisar psicanaliticamente “os fenômenos da natureza humana” e “o ambiente facilitador”, os dados obtidos ficaram abrangentes em razão da ausência de uma sociedade específica para se examinar como objeto de estudo. Afinal, se, para definir o conceito de saúde psíquica ou de maturidade social, é preciso levar em conta o contexto histórico e as características da população examinada, como esclarece Winnicott, seria interessante aplicar os conceitos aqui desenvolvidos em uma análise de caso. Em vista disso, pondero que as referências bibliográficas winnicottianas dão mais subsídios para compreendermos os aspectos globais da natureza humana, afinal, ele pouco realiza análises sobre as nações. Contudo, isso amplia as possibilidades de pesquisa sobre os fenômenos humanos. Dá liberdade para os pesquisadores analisarem os fenômenos sociais, políticos e culturais de qualquer nação e em outros períodos históricos suficientemente registrados.

Tendo, por ora, finalizado o exame dos objetivos e dos métodos de pesquisa, examino também se este estudo trouxe novos problemas teóricos. Identifico pelo menos quatro deles:

1. Winnicott teoriza que o fator democrático inato ou latente é promovido somente quando há uma proporção numérica elevada de membros psicologicamente sadios na sociedade. Porém, refletindo melhor sobre essa resolução, percebo que o autor não menciona a posição social desses membros. Acredito que isso faz diferença. Conjecturo que um pequeno grupo dotado de poderes armamentistas, econômicos, políticos, científicos ou que controlam os meios de comunicação pode ser capaz de exercer um

grande poder de controle ou influência sobre o desenvolvimento maturacional de uma população¹;

2. por uma questão cronológica, Winnicott não pôde conhecer os impactos da realidade virtual, afinal, ele faleceu no ano de 1971. Como atualmente o conceito de comunidade vai além do espaço físico e o autor demonstrou preocupação com o fato de que as personalidades imaturas e indeterminadas podem ser negativamente influenciadas pelos membros antissociais (manifestos ou ocultos) da comunidade, creio ser necessária, então, uma atualização de seu modelo teórico acerca desse assunto. Afinal, conforme demonstrado, há registro de formação de quadrilha com menores idade e ataques terroristas organizados por internautas de diversas regiões do globo;

3. embora Winnicott afirme que a “doença psicológica” (sem causa orgânica) seja um sinônimo de “imaturidade” psíquica, vale esclarecer que o inverso não é necessariamente verdadeiro. Nem toda imaturidade emocional é sinal de doença psíquica; vide as crianças, os adolescentes e o grupo dos indivíduos indeterminados que podem se recuperar com a terapia de cobertura ou com o trabalho psicológico individualizado;

4. apesar de Winnicott enfatizar a importância dos membros cuidadores no tecimento do fator democrático latente, vale esclarecer que nem todas as pessoas zelosas são personalidades emocionalmente sadias. Há aqueles que cuidam do outro sem percebê-lo como uma alteridade. Isso porque projetam na figura alheia as necessidades emocionais (não supridas) de “sua própria criança interna”. Apesar de serem pessoas zelosas, pouco conseguem enxergar o zelado como um objeto total; como um objeto objetivamente percebido. Há também as personalidades paranoicamente prestativas que são excessivamente diligentes para tentar escapar ao recebimento de críticas (intoleráveis ao ego); ainda aqueles que cuidam dadivosamente do outro em razão de uma formação reativa causada por um ódio inconsciente em relação ao objeto, fazem-no (inconscientemente) para tentar se redimir de sentimento de culpa e aliviar as pressões do seu superego tirânico. Existem também os que cuidam na esperança de instaurar uma dependência no objeto e evitar o medo de ser abandono; ou aqueles que

¹ Para ilustrar a questão do poder de dominação de um pequeno grupo sobre os demais membros da sociedade, cito o caso do Afeganistão de 2021: apesar do país possuir quase 40 milhões de habitantes, o Talibã, um grupo fundamentalista (antissociais invertidos) com aproximadamente 45 mil membros, foi capaz de dominar o poder do Estado e instaurar uma ditadura basicamente por via da imposição armada sobre o povo.

cuidam na esperança de ser validados como “bons”. Todos esses caminhos e outros não condizem com a ética do cuidar descrita por Winnicott.

Tendo finalizando o levantamento dos problemas teóricos, descrevo as possíveis “descobertas”² ou contribuições realizadas ao estudar a democracia na obra de Winnicott:

1. a teoria winnicottiana abre precedentes para pensarmos que o sociodinamismo; o destino das heranças históricas; o uso dos bens e dos símbolos culturais; os problemas sociais, políticos, religiosos e econômicos da comunidade são administrados e organizados conforme a saúde ou a doença psíquica das estruturas de personalidade dos membros que compõe a sociedade;
2. a partir deste estudo, ficou evidente o quanto Winnicott valoriza as diferenças históricas, sexuais, sociais e culturais nos processos de desenvolvimento da personalidade humana. Porém, como ele enfatiza as questões da natureza humana em termos globais, isso pode causar, nos leitores menos assíduos, a impressão de que o psicanalista ignora ou desconsidera o impacto das questões socioculturais. Citando *ipsis litteris* alguns trechos: “[...] vale a pena levar em conta as diferenças essenciais entre os grupos sociais em termos de padrões e costumes” (WINNICOTT, 1968/1999, p. 151); “[...] deve ficar claro que as diferenças entre os cidadãos brancos e negros, nos Estados Unidos, não são tanto uma questão de cor da pele” (WINNICOTT, 1968/1999, p. 151); “Quero agora considerar um aspecto às vezes negligenciado desse assunto tão vasto. Há uma diferença entre homens e mulheres que é mais importante do que estar num dos polos do dar ou do receber [...]” (WINNICOTT, 1964/1999, p. 191);
3. Winnicott nos possibilita analisar as questões da democracia como um problema de ordem sanitária. Isso nos faz imaginar que o investimento em saúde pública (favorecedor do desenvolvimento da saúde física e psíquica) seja o método de segurança mais barato e preventivo que uma sociedade possa encontrar para combater os índices de corrupção e de violência;
4. os estudos da formação do superego pessoal em Winnicott podem servir como uma evidência psicanalítica que fundamenta a argumentação das teorias jusnaturalistas. Talvez isso interesse aos estudantes da Filosofia do Direito;
5. a teoria de Winnicott esclarece que o fenômeno democrático seria uma consequência da interação entre os fatores manifestos e latentes dos agentes tecedores da malha sociopolítica. Logo, o desenvolvimento da maturidade ética dos indivíduos seria o

² Utilizo a palavra “descoberta” tomando por base as expectativas iniciais e assumindo a minha própria ignorância. Afinal, outros autores podem já ter chegado a tais conclusões sem que eu tenha ciência disso.

elemento latente integrador que viabiliza o cumprimento dos princípios democráticos manifestados constitucionalmente;

6. o conceito de elaboração imaginativa das funções corporais aponta para os limites da dominação política social e cultural sobre o ser. Demonstra que sempre existirá uma área inacessível e preservada das influências exteriores. O núcleo do *self* é a borda inviolável de qualquer influência do outro;

7. Winnicott traz a ideia de que a educação é um agente catalisador da saúde psicológica. Nesse sentido, apenas priorizar a educação como um sinônimo de desenvolvimento social pode ser um mito. Em linhas teóricas, sem promover a saúde psíquica como sua base, ir à escola pode não ser o suficiente para o desenvolvimento de cidadãos éticos, civilizados e democráticos;

8. inspirado nas formulações de Winnicott, pude categorizar três tipos de personalidades dentro de uma sociedade: os membros prossociais (capazes de estimular a tendência democrática), os dissociados (neutros) e os antissociais (as personalidades sabotadoras e corrosivas à saúde social);

8. o trabalho de Winnicott apresenta uma nova ideia sobre a injustiça existente na sociedade: a “desigualdade psicológica”. Uma sociedade pode ser tacitamente dividida entre aqueles “que têm” e os que “não têm” saúde emocional. Talvez esse tema seja algo inominável nas culturas acostumadas em compreender as injustiças sociais só em termos econômicos. Sendo assim, suponho que o desejo ter de saúde psicológica possa estar incutido nas reivindicações de alguns grupos minoritários. Interpretando a questão em termos maturacionais, exigir justiça e reparação social de dívidas históricas seria uma forma de cobrar pelo direito de usufruir também do mesmo ambiente facilitador que possibilitou aos privilegiados o privilégio de serem quem são;

9. a sociedade funcionalmente democrática pode ser pensada também como uma espécie de “espaço potencial”. Nela os cidadãos devem se sentir participantes da possibilidade de criar, recriar destruir, reformular ou anular o sistema que inventaram. Com base nos princípios winnicottianos, a democracia deve ser um espaço de co-construção que visa atender aos seus diferentes grupos;

10. se, para Winnicott, a democracia é um sistema bem ajustado a seus membros saudáveis, logo, a democracia não é um sistema para todos. Sem a liberdade psíquica conferida pela saúde, uma pessoa não pode desfrutar plenamente da liberdade cívica caso essa sociedade seja democrática;

11. talvez, o ponto mais interessante deste estudo seja a conceituação de uma “democracia integral”. A teoria do amadurecimento dá subsídios para pensarmos que uma sociedade composta por pessoas sadias seja capaz de cuidar da vida de outros animais e proteger os ecossistemas de forma equilibrada com as necessidades humanas.

Fora essas contribuições, elucubro que há outros temas pertinentes à questão da democracia na obra de Winnicott a ser melhor explorados. Muitos deles ficaram de fora desta dissertação em razão do enquadramento definido nos objetivos. Entretanto, vale citar alguns:

1. recomendo um estudo mais detalhado sobre os efeitos do aumento populacional na tendência democrática latente. No texto “A pílula e a Lua” (1969/1999), Winnicott enxerga o crescimento demográfico como um potencial causador do fracasso ambiental. Algo que pode levar o ser humano a adotar intervenções necropolíticas para resolver seus problemas sociais (p. 200);

2. vislumbro um futuro no estudo das fronteiras naturais e se elas podem contribuir ou não para o amadurecimento de uma sociedade. Baseado nas elucubrações de Winnicott (1970/1999), as barreiras naturais facilitam os processos de crescimento maturacional de um povo, permitindo-lhe crescer em seu próprio ritmo e à sua maneira por estar relativamente protegido de certos conflitos geopolíticos relativos à necessidade de se criar linhas imaginárias para separá-los dos povos e das culturas circunvizinhas (p. 268);

3. vejo também a necessidade de pesquisar se a negação dos aspectos inconscientes tem relação com o fenômeno da positividade tóxica. Se essa premissa for verdadeira, suponho que uma sociedade que suprime seus maus objetos internos pouco poderá favorecer a tendência democrática latente;

4. alvitro também sobre a necessidade de se realizar um estudo crítico sobre os destinos da ética na contemporaneidade. Enquanto Winnicott criticava que as religiões se apropriaram da ética humana e devolveram-na como uma propriedade provinda da graça divina, no mundo atual, tenho a impressão de que a ética se tornou um produto vendido pelo marketing empresarial. Parece que o cumprimento ético só deve ser defendido se houver uma recompensa monetária ou se for beneficiar a imagem social das empresas. Por mais que o conceito de ESG (*Environmental, Social and Governance* – em inglês – ou Governança Ambiental, Social e Corporativa) possa produzir efeitos positivos, talvez seja importante avaliar se esse fenômeno possui intenções legítimas ou se expressa a preocupação profunda para com tais questões citadas. Pois, do contrário continuaremos vivendo na superficialidade da ética do lucrar ao invés da do cuidar;

5. aconselho também estudarmos mais à fundo a psicanálise do preconceito racial na teoria do amadurecimento. Winnicott, ao falar sobre a população negra, por exemplo, parece abordar o que à frente conheceríamos como racismo estrutural, ou racismo latente (1968/1999, p. 151). Este é um fator prejudicial ao desenvolvimento latente da tendência democrática, que pressupõe a capacidade dos cidadãos de estabelecer identificações cruzadas para com todos os grupos formadores da malha social;

6. além da discriminação contra os afrodescendentes, a teoria winnicottiana abre precedentes para estudarmos as raízes emocionais do machismo e da homofobia. Uma das teses de Winnicott é que o “Medo da MULHER” (da figura materna inconsciente) comporia a gênese do machismo e da psicologia de muitos líderes ditadores (1964/1999, p. 193). Ou seja, se a relação com as figuras parentais não for suficientemente boa na infância, o potencial democrático de uma comunidade pode ser afetado e outras vidas pagarão por isso;

7. tratando-se da máquina democrática, preconizo ser importante examinar o processo eleitoral na política com base nos pressupostos da teoria do amadurecimento. Pois, segundo Winnicott, quando uma eleição estiver rondada por uma aura de desconfiança, muitos sufragistas ficarão inibidos em expressar os seus sentimentos mais profundos nas urnas. Logo, nem sempre os resultados de certas eleições representam o real desejo popular (1950/1999, p. 252). Ele especula também que as personalidades fragmentadas priorizam o voto em ideais partidários ou plebiscitos, encontrando dificuldades pessoais em conseguir confiar em figuras humanas totais. Por essa razão, creio ser interessante investigar como os processos maturacionais influenciam no tipo de voto do sufragista;

8. se a teoria do amadurecimento procura compreender psicanaliticamente a história dos processos de desenvolvimento pessoal de seus pacientes a partir da investigação dos sucessos e fracassos ambientais, creio que seja interessante pesquisar a aplicabilidade desse método também no âmbito social. Pois, se a democracia ou a ausência dela é influenciada pelas maturacionais das personalidades que a compõem, talvez valha escrutinar quais acontecimentos históricos impediram ou promoveram os processos de desenvolvimento da maturidade social ao ponto de justificar a sua forma de organização coletiva. Dessa maneira, a teoria do amadurecimento pessoal poderia ser classificada também como uma teoria do amadurecimento social.

Além das recomendações de pesquisa, faço outras sugestões. Em posse da ideia de que a formação de uma comunidade latentemente democrática envolve as questões de maturidade psíquica, proponho que as instâncias governamentais tratem dos processos de amadurecimento

da saúde pessoal como uma forma de patrimônio da história social e cultural de uma sociedade. Afinal, sem promover uma mínima organização psíquica, não seria possível desenvolvermos história, cultura ou sociedade. Portanto, uma democracia exige a garantia dos direitos básicos dos cidadãos e investimentos na prevenção em saúde pública, especialmente nos cuidados para com as famílias. Junto a isso, recomendo ser necessário o prolongamento da licença maternidade e paternidade. O Estado necessita dar a cobertura necessária de tudo que favoreça o desenvolvimento das potencialidades humanas em direção à ética caso deseje constituir uma nação funcionalmente democrática.

Em última análise, relembro o fato de que todos os seres humanos chegam ao mundo como uma forma de vida imatura. E, se alguns prosseguem sendo imaturos até a chegada da fase adulta (sem causas orgânicas), certamente isso se deve aos fracassos de seu ambiente. Winnicott responsabiliza as sociedades e as pessoas saudáveis por isso. Segundo ele, os sadios são os principais responsáveis pelo recrudescimento maciço das personalidades socialmente destrutivas³:

[...] provavelmente será o ser humano que destruirá o mundo. Se assim for, talvez possamos morrer na próxima explosão atômica sabendo que isso não é saúde, mas medo; é uma decorrência do fracasso das pessoas e das sociedades saudáveis em dar suporte a seus membros doentes. (WINNICOTT, 1967/1999, p. 21).

Dito isso, lanço um questionamento final ao leitor: qual é a sua parcela de contribuição para com os fracassos de sua sociedade e do mundo ao qual pertencemos hoje?

³ Talvez, muitos psicopatas não tenham mais cura, por isso o trabalho preventivo parece ser um caminho válido.

BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA. O santo evangelho segundo João. *In: Velho testamento e novo testamento*. Tradução João Ferreira Almeida. Salt Lake City, Utah, EUA: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015.

ADORNO, T. W. *Minima Moralia. Reflections from damaged life*. London: Verso, 2005.

ALCANTARA, Stefania Carneiro; DE ABREU, Desirée Pereira; FARIAS, Alessandra Araújo. Pessoas em Situação de Rua: das Trajetórias de Exclusão Social aos Processos Emancipatórios de Formação de Consciência, Identidade e Sentimento de Pertença. **Revista Colombiana de Psicologia**, Bogotá, v. 24, n. 1, p. 129-143, Jan. 2015. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-54692015000100009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 jan. 2022.

ALCORÃO Sagrado. **Versão portuguesa** diretamente do árabe por Samir El Hayek. São Paulo: Tangará, 1975.

ALEXANDRE, Marcel. **Feliz é a nação cujo Deus é o SENHOR**, 2020. São Paulo, 21 de dezembro de 2020. Facebook: MarcelAlexandre12/. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/MarcelAlexandre12/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

ALMEIDA, Ronaldo de. **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2018.

ALVES, Renato. Fazendeiros, políticos e empresários financiavam grupo de extermínio. **Correio Braziliense**. 2016. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/11/interna_cidadesdf,556918/fazendeiros-politicos-e-empresarios-financiavam-grupo-de-extermínio.shtml#:~:text=Um%20grupo%20de%20exterm%C3%ADnio%20formado,a%20cargos%20p%C3%ABlicos%20em%20Goi%C3%AAs.. Acesso em: 23 jan. 2022.

ANDERSON, S. L. **Asimov's 'Three Laws of Robotics' and Machine Metaethics**. *AI & Society*, v. 22, n. 4, 2008, p. 477-493.

ANDRADE, Carlos Drummond. Especulações em torno da palavra homem. *In: Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967. 302 p.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

ARDERN, Hon Jacinda. **Primer Minister's speech at the National Remembrance Service**. **Beehive.govt.nz**. 2019. Disponível em: <https://www.beehive.govt.nz/release/prime-minister%E2%80%99s-speech-national-remembrance-service>. Acesso em: 24 jan. 2022.

ASSOCIAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS. Congresso polemiza com projeto de lei sobre conceito de famílias. **Jusbrasil**. 2016. Disponível em: <https://amp-mg.jusbrasil.com.br/noticias/124514593/congresso-polemiza-com-projeto-de-lei-sobre-conceito-de-familias>. Acesso em: 24 jan. 2022.

AUGUSTO, Otávio. 33 milhões de brasileiros não têm onde morar, aponta levantamento da ONU. **Correio Braziliense**. 2018. Disponível em: CORREIO BRAZILIENSE. 33 milhões de brasileiros não têm onde morar, aponta levantamento da ONU. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/03/interna-brasil,678056/deficit-de-moradias-no-brasil-chega-a-6-3-milhoes-sp-tem-a-maior-defa.shtml>. Acesso em: 23 jan. 2022.

BAPTISTA, Saulo. **Pentecostais e neopentecostais na política brasileira**: um estudo sobre cultura política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil. São Paulo, SP: Annablume; São Bernardo do Campo: Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2009.

BARBOSA, Milena. Menina de 12 anos é suspeita de matar o pai a facada ao tentar evitar que apanhasse de cinto em Mineiros, diz PM. **TV Anhanguera**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/08/20/menina-de-12-anos-e-suspeita-de-matar-o-pai-a-facada-para-nao-apanhar-de-cinto-em-mineiros-diz-pm.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2022.

BBC. Após 23 anos do Plano Collor, 'trauma de confisco' sobrevive. **BBC News Brasil**. 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130315_brasil_poupancas_confisco_pai. Acesso em: 23 jan. 2022.

BELTRAME, Alberto. CONASS repudia acusação de manipulação de dados sobre Covid-19. **Conselho Nacional de Secretários da Saúde**. 2020. Disponível em: <http://www.conass.org.br/conass-repudia-acusacao-de-manipulacao-de-dados-sobre-covid-19/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

BERNARDO, André.. **Entre infartos, falências e suicídios**: os 30 anos do confisco da poupança. **BBC News Brasil**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51919261>. Acesso em: 23 jan. 2022.

BLACK LIVES MATTER, 2021. Disponível em: <https://blacklivesmatter.com/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. v. 1. Brasília: UNB, 2004.

BOUZON, Emanuel. **O Código de Hammurabi**. Introdução, tradução e comentários. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1976.

BOYADJIAN, Beatriz. OMS inclui a síndrome de burnout na lista de doença. **Forbes**. 2019. Disponível em: <https://forbes.com.br/colunas/2019/05/oms-inclui-a-sindrome-de-burnout-na-lista-de-doencas/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

BRANDENBURG HISTORICA. **Deutschland, Deutschland über alles**. 2014. Disponível em: <http://ingeb.org/Lieder/deutschl.html>. Acesso em: 23 jan. 2022.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. **Estatuto do Desarmamento**. 2. ed. Brasília: Secretaria Especial de Editoração e publicações subsecretaria de edições técnicas, 2004. Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70307/696171.pdf?sequence=2&isAllowed=y/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Vade mecum**. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRECHT, Bertold. *The Resistible Rise of Arturo Ui*. Methuen Drama. London, U.K.: Bloomsbury Publishing Plc., Methuen Drama Bloomsbury Publishing Plc., 2013.

BRIDGMAN, Percy Williams. **The Logic of Modern Physics**. Nova York: Macmillan, 1927.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França** e sobre os Procedimentos de Certas Sociedades em Londres em Relação a esse Evento. São Paulo, SP: Edipro, 2014.

CABETTE, Eduardo Luiz Santos; NAHUR, Tadeu Maciel. **Criminalidade organizada & globalização desorganizada**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2014.

CABRAL, Umberlândia. 10,3 milhões de pessoas moram em domicílios com insegurança alimentar grave. **Agência IBGE Notícias**. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentar-grave>. acesso em: 24 jan. 2022.

CARRIL, Petra. Trump claims 'total' authority to reopen states in wake of coronavirus. Legal scholars disagree. **NBC News**. 2020. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/morning-briefing/trump-claims-total-authority-reopen-states-wake-coronavirus-legal-scholars-n1183286>. Acesso em: 24 jan. 2022.

CASANOVA, José. The secular, secularizations, secularisms. *In*: CALHOUN, Craig; JUERGENSMEYER, Mark; VAN ANTWERPEN, Jonathan (Ed.). **Rethinking secularism**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2011.

CASTRO, Sílvio. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. O Descobrimento do Brasil. Porto Alegre: L&PM, 2009.

CERVINI, R. **Os processos de descriminalização**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002.

CHADE, Jamil. Na Suíça, sem benefícios para os deputados. **Estadão**. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,na-suica-sem-beneficios-para-os-deputados,70002224695>. Acesso em: 23 jan. 2022.

CNBB. **O Papa participa do 1º Dia Internacional da Fraternidade Humana**. 2021. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/o-papa-participa-do-1o-dia-internacional-da-fraternidade-humana-4-data-estabelecida-pela-onu/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

CÓDIGO CIVIL. **Código civil brasileiro e legislação correlata**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.

CÓDIGO PENAL. **Senado Federal**. Brasília, DF: Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

CORDEIRO, Tiago. O que é objeção de consciência e como ela ajudou a enfrentar grandes injustiças. **Gazeta do Povo**. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/o-que-e-objecao-de-consciencia-e-como-ela-ajudou-a-enfrentar-grandes-injusticas/>. Acesso em 24 jan. 2022.

CORRADI, Max. **The seven Laws of Reality and Being**. A practical manual explaining how to make use of the seven principles which govern Reality in order to achieve new life conditions and fulfillment. Jaborandi Publishing, 2013.

CORTELLA, Mario; DIMENSTEIN, Gilberto; KARNAL, Leandro; PONDE, Luiz Felipe. **Verdades e Mentiras: Ética e democracia no Brasil**. Campinas, SP: Editora Papirus, 2016.

COSTA, Mariana. Assassinatos no Brasil aumentaram 5% em 2020, aponta índice. **Metrópoles**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/assassinatos-no-brasil-aumentaram-5-em-2020-aponta-indice>. Acesso em: 24 jan. 2021.

COSTA, M. I. S.; IANNI, A. M. Z. O conceito de cidadania. *In*: COSTA, M. I. S.; IANNI, A. M. Z. **Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea: uma análise teórica**. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2018. p. 43-73. Disponível em <https://doi.org/10.7476/9788568576953.0003>. Acesso em: 23 jan. 2022.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Religião e política: ideologia e ação da “Bancada Evangélica” na Câmara Federal**. 2011. 350 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

DE LA TAILLE, Yves. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

DIÁLOGOS III – Socráticos. Fedro (ou Do Belo); Eutífron (ou Da Religiosidade); **Apologia de Sócrates**; Críton (ou DO Dever). Fédon (Ou Da Alma) / Platão. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. 2. ed. São Paulo, SP: Edipro, 2015.

DINIZ, Maria Helena de. **Compêndio de introdução à ciência do Direito**. São Paulo: Saraiva, 2006.

DOL. Delegada descreve orgia familiar na casa da pastora Flordelis: "havia relações entre todos". **Diário Online**. 2020. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/brasil/615523/delegada-descreve-orgia-familiar-na-casa-da-pastora-flordelis-havia-relacoes-entre-todos?d=1>. Acesso em: 23 jan. 2022.

DUCHOWNY, Alécia Teles. **Pelas veredas da Etimologia**. São Paulo, SP: NEHiLP/FFLCH/USP, 2016.

DUMAS, Alexandre. **Os três mosqueteiros**. Tradução e notas Júlia Ferreira, José Cláudio. Lisboa, Portugal: Relógio d' Água, 2019.

DUNKER, Cristian. Quem tem medo do cancelamento? **Gama**. 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/ta-com-medo/o-medo-da-cultura-do-cancelamento/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

DURKHEIM, Émilie. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1979.

ECONOMIST, The. Global democracy has another bad year. **The Economist**. 2020. Disponível em: <https://www.economist.com/graphic-detail/2020/01/22/global-democracy-has-another-bad-year>. Acesso em: 23 já. 2022.

ECUADOR. Constitucion De la Republica. **acnur.org**. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2008/6716.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2022.

EFE. Brunei começa a punir com apedrejamento o adultério e a homossexualidade. **El País**. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/03/internacional/1554284355_385703.html. Acesso em: 23 jan. 2022.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**: A questão cardeal da sociologia. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 2004.

ESTADÃO CONTEÚDO. Brasil perde cerca de R\$ 200 bilhões por ano com corrupção diz MPF. **Revista Época Negócios**. 2018. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2017/02/epoca-negocios-brasil-perde-cerca-de-r-200-bilhoes-por-ano-com-corrupcao-diz-mpf.html>. Acesso em: 24 jan. 2022.

FAPESP. É possível extrair o bem do mal? **Pesquisa FAPESP**. 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/e-possivel-extrair-o-bem-do-mal/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

FERRAZ, Adriana. Suíça é bela em qualquer época. **Diário do Grande ABC**. 2008. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/282357/suica-e-bela-em-qualquer-epoca>. Acesso em: 23 jan. 2022.

FOLHA ONLINE. Veja cronologia do caso que envolve o "atirador do shopping". **Folha de S.Paulo**. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u95220.shtml>. Acesso em: 23 jan. 2022.

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. Envenenamento, prisões, rituais e brigas por poder: o que se sabe sobre o caso Flordelis até agora. **TV Cultura**. 2020. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/12384_envenenamento-prisoas-e-brigas-por-poder-o-que-se-sabe-sobre-o-caso-flordelis-ate-agora.html. Acesso em: 24 jan. 2022.

G1. Pesquisa mostra que brasileiro tem pouca disposição para conversar com quem pensa diferente. **Jornal Nacional**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/16/pesquisa-mostra-que-brasileiro-tem-pouca-disposicao-para-conversar-com-quem-pensa-diferente.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2022.

GARCIA, Uirá. Sobre o poder da criação: parentesco e outras relações awá-guajá. *Mana*. v. 21, n. 1, Rio de Janeiro, apr. 2015. p. 91-122. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v21n1/0104-9313-mana-21-01-00091.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

GAY, P. **Freud**: uma vida para nosso tempo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.

GODOY, Arnaldo. **Direito Grego e Historiografia Jurídica**. Curitiba: Editora Juruá, 2003.

GROSSMAN, Samantha. North Korean University Students Are Now Reportedly Required to Get the Same Haircut as Kim Jong Un. **Time**. 2014. Disponível em: <https://time.com/38409/north-korea-kim-jong-un-haircut/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

HÖFFE, Otfried. Valores em instituições democráticas de ensino. **Educ. Soc.**, Campinas, SP, v. 25, n. 87, ago. 2004. p. 463-479. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/MS35Vv3LsTrHfhVpzBSLQBF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 jan. 2022.

HUBLIN, J. et al. New fossils from Jebel Irhoud, Morocco and the pan-African origin of Homo sapiens. **Nature**, v. 546, 2017. p. 289-292. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nature22336>. Acesso em: 24 jan. 2022.

INDEPENDENT. Lara Trump says refugees ‘one of the worst things that ever happened’ to Germany. **The Independent**. 2020. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/lara-trump-germany-merkel-refugees-immigration-2020-campaign-a8886421.html>. Acesso em: 24 jan. 2022.

INTERNATIONAL CHURCHILL SOCIETY. We Shall Fight on the Beaches. **International Churchill Society**. 2021. Disponível em: <https://winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/we-shall-never-surrender/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo, SP: Ática, 2000.

JUÍZO. Direção Maria Augusta Ramos. Produção: Diler Trindade. Rio de Janeiro, RJ: Filmes do Estação, 2007. DVD (130 min).

KIRILOV, Alexandre. **Introdução a Teoria de Conjuntos**: para estudantes que estão ingressando na Matemática. Universidade Federal do Paraná (UFPR). 2017. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~akirilov/ensino/2017/docs/itc01-UFPR-2017.pdf>. acesso em: 24 jan. 2022.

KLEMPERER, Victor. **LTI: a linguagem no Terceiro Reich**. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2009.

KRAUSZ, Luis Sérgio. Consciência e inconsciência do nazismo. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, n. 15, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/53621>. Acesso em: 24 jan. 2022.

KRENAK, Aílton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017.

LAING, Ronald David. **O Eu dividido**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 1985.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

LASCH, Christopher. **A rebelião das elites e a traição da democracia**. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1995.

LEITE, Catalina. Menina de 10 anos estuprada por tio conseguiu realizar o aborto; direito é garantido pela Constituição. **O povo**. 2020. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2020/08/17/menina-de-10-anos-estuprada-por-tio-conseguiu-realizar-o-aborto--direito-e-garantido-pela-constituicao.html>. Acesso em: 24 jan. 2022.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **How democracies die**. New York, EUA: Broadway Books, 2018.

LINZ, Juan J. **The Breakdown of Democratic Regimes: Crisis, Breakdown, and Reequilibration**. Baltimore, EUA: Johns Hopkins University Press, 1978.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. Tradução Alex Martins. São Paulo, SP: Martin Claret, 2006.

LOPARIC, Z. Esboço do paradigma winnicottiano. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, v. 11, n. 2, 2001. p. 7-58. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/640>. Acesso em: 24 jan. 2022.

MATURANA, H.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. 11. ed. São Paulo, SP: Palas Athenas, 2019.

McAFEE, N. Politics and the fear of breakdown. In: McAFEE, N. **Fear of Breakdown: Politics and Psychoanalysis**. New York, EUA; Chichester, West Sussex: Columbia University Press, 2019. p. 45-64.

MELLO, Patrícia Campos. Por que os brasileiros deveriam ter medo do gabinete do ódio. **The New York Times**. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2020/08/04/opinion/international-world/bolsonaro-gabinete-do-odio.html>. Acesso em: 24 jan. 2022.

MENA, Fernanda. Brasil vive escalada de grupos neonazistas e aumento de inqueritos de apologia do nazismo na PF. **Jornal de Brasília**. 2021. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/noticias/politica-e-poder/brasil-vive-escalada-de-grupos-neonazistas-e-aumento-de-inqueritos-de-apologia-do-nazismo-na-pf/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

MINGARDI, Guaracy. **O estado e o crime organizado**. São Paulo: IBCCRIM, Complexo Jurídico Damásio de Jesus, 1998.

MITROPOULOS, Jaime. Defesa da diversidade cultural e da pluralidade religiosa. **Associação Nacional dos Procuradores da República**. 2018. Disponível em:

<https://www.anpr.org.br/imprensa/artigos/24524-defesa-da-diversidade-cultural-e-da-pluralidade-religiosa>. Acesso em: 23 jan. 2022.

MO SUNG, Jung. Religião, direitos humanos e o neoliberalismo em uma era pós-humanista. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 31, n. 3, 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/8260>. Acesso em: 24 jan. 2022.

MONEY-KYRLE, R.E. **Psychoanalysis and Politics: A Contribution to the Psychology of Politics and Morals**. London, U.K.: Duckworth, 1951.

MORAIS, Raquel. Com livros achados no lixo, morador do DF aprende a ler e se torna médico. **G1 DF**. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/09/com-livros-achados-no-lixo-morador-do-df-aprende-ler-e-se-torna-medico.html>. Acesso em: 24 jan. 2022.

MOTA, Nelson Monteiro da. Segura na mão de Deus. **Letras**. 1966. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/nelson-monteiro-da-mota/741881/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2001.

NAFFAH NETO, A. A pesquisa psicanalítica. **J. psicanal** [online], v. 39, n. 70, 2006. p. 279-288. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100018#2a. Acesso em: 24 jan. 2022.

NAIMARK, Norman M. **Fires of Hatred: Ethnic Cleansing in Twentieth-Century Europe**. [S.l.], EUA: Harvard University Press, 2002.

NAVARRO, E. A. Terra sem mal, o paraíso tupi-guarani. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 89, 1995. p. 61-71. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000890838>. Acesso em: 24 jan. 2022.

NETO, A. **Veredas psicanalíticas: à sombra de Winnicott**. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

NOVAIS, César Danilo Ribeiro de. Homicídio emocional. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 15, n. 2383, 9 jan. 2010. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/14149>. Acesso em: 24 jan. 2022.

OAB. Entrevista com Leandro Karnal. **OAB São Paulo**. 2017. Disponível em: <https://www.oabsp.org.br/noticias/2017/12/entrevista-com-leandro-karnal.12156>. Acesso em: 24 jan. 2022.

O GLOBO. João de Deus é denunciado pela décima vez por crimes sexuais. **G1**. 2019. Acesso em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/joao-de-deus-denunciado-pela-decima-vez-por-crimes-sexuais-24049390>. Acesso em: 24 jan. 2022.

OXFORD. **Essential Quotations**. 5. ed. Edited by Susan Ratcliffe. **Oxford University Press** [online]. 2017.

PANTOLFI, Sergio. Passei dois meses dentro de grupos bolsonaristas durante a pandemia. **Jornalistas Livres**. 2020. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/passei-dois-meses-dentro-de-grupos-bolsonaristas-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

PEGA, Frank; NÁFRÁDI, Balid; MOMEN, Natalie C. et al. Global, regional, and national burdens of ischemic heart disease and stroke attributable to exposure to long working hours for 194 countries, 2000–2016: A systematic analysis from the WHO/ILO Joint Estimates of the Work-related Burden of Disease and Injury. **Environment International**. v. 154, September 2021. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0160412021002208?token=26BE168456AAFE6647CAD71F55686398CF019CA9A4490D7BB90845D29274673411ECE205296DE3DC3D1BCD9D51CA8228&originRegion=us-east-1&originCreation=20210719174841>. Acesso em: 23 jan. 2022.

PENA, Felipe. Bolsominions: quem são e do que se alimentam. **Extra**. 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/contra-a-corrente/bolsominions-quem-sao-do-que-se-alimentam-19177930.html>. Acesso em: 23 já. 2022.

PETRÓPOLIS NEWS. 1 em cada 3 moradores do Rio esteve no meio de tiroteio no último ano. **Petrópolis News**. 2018. Disponível em: <http://petropolisnews.com.br/?p=41463>. Acesso em: 24 jan. 2022.

PINHEIRO, Mirelle. PF desarticula braço financeiro do PCC que movimentou R\$ 30 bilhões. **Metrópoles**. 2020. disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/pf-desarticula-braco-financeiro-do-pcc-que-movimentou-r-30-bilhoes>. Acesso em: 24 jan. 2022.

PRESIDENT OF RUSSIA. Amendments to the law on protecting children from information harmful to their health and development. **President of Russia**. 2012. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/16095>. Acesso em: 24 jan. 2022.

RACIONAIS MC'S. **Nada como um Dia após o Outro Dia**. São Paulo, SP: Boogie Naípe, 2002.

RAMOS, Roberto Carlos. **O Contador de Histórias**. Belo Horizonte, MG: Editora Leitura, 2000.

RAPOSO, Davi; OLIVEIRA, Luisa. “Jeitinho brasileiro só será coisa do passado quando prevalecer a ideia do igual valor de todos”. **Jornal da PUC**. 2017. Disponível em: <http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=5100&sid=48>. Acesso em: 24 jan. 2022.

REDE TV. “Um manda e o outro obedece”, diz Pazuello sobre Bolsonaro. **Youtube**. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_5-sKJrvT4&ab_channel=RedeTV. Acesso em: 24 jan. 2022.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 3. Ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

REUTERS. Japonesa morreu por excesso de trabalho depois de fazer 159 horas extraordinárias. **Diário de Notícias**. 2017. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/japonesa-morreu-por-excesso-de-trabalho-depois-de--fazer-159-horas-extraordinarias-8822377.html>. Acesso em: 23 jan. 2022.

REUTERS. FACTBOX-Brazil's Bolsonaro, now COVID-19 positive, has downplayed risks. **Reuters Staff**. 2020. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/idUSL1N2EE1GZ>. Acesso em: 24 jan. 2022.

ROSENTHAL, Alan. Abraham Accords, one year later: The inside story. **The Jerusalem Post**. 2021. Disponível em: <https://www.jpost.com/Jerusalem-Report/Jewish-World/Eichmann-Revisited>. Acesso em: 24 jan. 2022.

ROSSI, Marina. O vídeo em que Emílio Odebrecht diz que esquema tem 30 anos e culpa a imprensa e os Poderes. **El País**. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/14/politica/1492192630_931956.html. Acesso em: 23 jan. 2022.

SCHWEITZER, Albert. **Aus meinem** Leben und Deken: R.Meiner, 2004.

SENADO FEDERAL. Da Defesa do Estado e das Instituições Democráticas. **normas.leg.br**. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_05.10.1988/art_144_.asp#:~:text=A%20seguran%C3%A7a%20p%C3%ABlica%2C%20dever%20do,I%20%2D%20pol%C3%ADcia%20federal%3B&text=V%20%2D%20pol%C3%ADcias%20militares%20e%20corpos%20de%20bombeiros%20militares. Acesso em: 24. jan. 2022.

SETZER, Valdemar W. Efeitos negativos dos meios eletrônicos em crianças, adolescentes e adultos. **ime.usp.br**. 2011. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/jokes/efeitos-negativos-meios.html>. Acesso em: 24 jan. 2022.

SHELLEY, Mary W. **Frankenstein**. 5. ed. Rio de Janeiro. RJ: Ediouro, 1996.

SIBUN, Helen. Início de um diálogo. **deutschland.de**. 2021. Disponível em: <https://www.deutschland.de/pt-br/topic/vida/cultura-da-lembranca-a-cooperacao-entre-judeus-e-muculmanos>. Acesso em: 23 jan. 2022.

SIMONDON, Gilbert. L'Individu et sa Genèse Physicobiologique. Bailly, A. **Dictionnaire Grec Français**. Paris, France: Hachette,1964.

SOARES, Luiz Eduardo. **Justiça**: Pensando alto sobre violência, crime e castigo. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2011.

SOUZA, Daniel; STHEFÂNIA, Gabriela. Roberto Carlos Ramos - Abril 2010. **descubraminas.com**. Disponível em: http://www.descubraminas.com.br/Cultura/EntrevistaDetalhe.aspx?cod_entrevista=1626. Acesso em: 23 jan. 2022.

SOUZA, Felipe. Ataques em Criciúma: truculência e armas são típicas do crime de 'Novo Cangaço', dizem especialistas. **BBC News Brasil**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55153526>. Acesso em: 23 jan. 2022.

TERRA. Merkel sai em defesa de imigrantes após ataques extremistas. Terra. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/merkel-sai-em-defesa-de-imigrantes-apos-ataques-extremistas,09bc3d960a76ff93581e3fd05d3624f9418jclc4.html>. Acesso em: 24 jan. 2022.

THE GUARDIAN. Edward Snowden statement: 'It was the right thing to do and I have no regrets'. **WikiLeaks**. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2013/jul/12/edward-snowden-full-statement-moscow>. Acesso em: 24 jan. 2022.

TROPA de Elite 2. Direção José Padilha. Rio de Janeiro, RJ: Zazen Produções; Globo Filmes e Feijão Filmes, 2010. (115 min).

TASSINARI, Antonella M. I. Sociedades indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural. *In*: SILVA, Aracy Lopes; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC /MARI/UNESCO, 1995. p. 448-449.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. Corruption Perceptions Index. **transparency.org**. 2019. Disponível em: <https://www.transparency.org/en/cpi/2019/results/sdn>. Acesso em: 24 jan. 2022.

TRIMBLE, Megan. 9 of Rodrigo Duterte's Most Controversial Quotes. **U.S. News**. 2019. Disponível em: <https://www.usnews.com/news/best-countries/slideshows/philippine-president-rodrigo-dutertes-9-most-controversial-quotes>. Acesso em: 24 jan. 2022.

TSE. O sufrágio e o voto no Brasil: direito ou obrigação? **Tribunal Superior Eleitoral**. 2020. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/o-tse/escola-judiciaria-eleitoral/publicacoes/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n.-3-ano-3/o-sufragio-e-o-voto-no-brasil-direito-ou-obrigacao>. Acesso em: 24 jan. 2022.

TUHLINSKI, Camila. 'Desafio Momo' pode causar danos psíquicos para crianças; saiba como lidar com os filhos. **Estadão**. 2019. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,desafio-momo-pode-causar-danos-psiquicos-para-criancas-saiba-como-lidar-com-os-filhos,70002760545/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

UFJF. Pesquisa confronta mitos e preconceitos sobre moradores de rua. **Arquivo de Notícias UFJF**. 2015. Disponível em: <https://www.ufjf.br/arquivodenoticias/2015/04/pesquisa-confronta-mitos-e-pre-conceitos-sobre-moradores-de-rua/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

ULMER NEST. Herzlich Willkommen! **ulmerness.de**. Disponível em: <https://ulmerness.de/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

UNICEF. Declaração Universal dos Direitos Humanos. **unicef.org**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 24 jan. 2022.

UOL. Bolsonaro diz ter imagem ruim no exterior por mídia mundial ser de esquerda. **noticias.uol.com.br**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/25/bolsonaro-diz-ter-imagem-ruim-exterior-por-imprensa-mundial-ser-de-esquerda.htm>. Acesso em: 24 jan. 2022.

UOL. O que é o PCC? **noticias.uol.com.br**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/03/04/o-que-e-o-pcc.htm>. Acesso em: 24 jan. 2022.

US HOLOCAUST MUSEUM. Oskar Schindler's Motivations, as Told by Holocaust Survivors. **Us Holocaust Museum**. 2018. Disponível em: <https://us-holocaust-museum.medium.com/oskar-schindlers-motivations-as-told-by-holocaust-survivors-601ea6630533>. Acesso em: 24 jan. 2022.

URBAN DICTIONARY. Cancel Culture. **urbandictionary.com**. 2019. Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=Cancel%20Culture>. Acesso em: 24 jan. 2022.

VARELLA, Marcelo D. **Direito Internacional Público**. 4. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2012.

VILANI, Cristina. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, MG: Departamento de História PUC Minas, 1997.

WALSH, David. József Szájer: What does the MEP sex scandal tell us about Viktor Orban's Hungary? **euronews**. 2020. Disponível em: <https://www.euronews.com/2020/12/03/jozsef-szajer-what-does-the-mep-sex-scandal-tell-us-about-viktor-orban-s-hungary>. Acesso em: 23 jan. 2022.

WATKINS, Eli; PHILLIP, Abby. Trump decries immigrants from 'shithole countries' coming to US. **CNN Politics**. 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/01/11/politics/immigrants-shithole-countries-trump/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2022.

WILLIAMS, Stanley Tookie. Stanley Tookie Williams: I Want the World to Remember Me for My "Redemptive Transition". **Democracy Now!** 2005. Disponível em: https://www.democracynow.org/2005/12/13/stanley_tookie_williams_i_want_the. Acesso em: 23 jan. 2022.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. 6. ed. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008. (original publicado em 1964)

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento do indivíduo**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005. (original publicado em 1965)

WINNICOTT, D. W. **Conversando com os pais**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1993.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**: Textos Seleccionados. Tradução Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1988. (original publicado em 1958)

WINNICOTT, D. W. **Explorações psicanalíticas**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994. (original publicado em 1989)

WINNICOTT, D. W. **Holding e interpretação**. Tradução Sonia Maria Tavares Monteiro de Barros. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. (original publicado em 1986)

WINNICOTT, D.W. **Natureza humana**. Tradução Davy Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2000. (original publicado em 1988)

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre,RS: Artmed, 1983. (original publicado em 1965)

WINNICOTT, D.W. **Os bebês e suas mães**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2013. (original publicado em 1987)

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1975. (original publicado em 1971)

WINNICOTT, D. W. **O gesto espontâneo**. Tradução Luis Carlos Borges. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1990. (original publicado em 1987)

WINNICOTT, D.W. **Privação e delinquência**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1987. (original publicado em 1984)

WINNICOTT, D.W. **Tudo começa em Casa**. 3. ed. Tradução Paulo Sandler. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. (original publicado em 1986)

ZERO HORA. Confira a entrevista dada por Bolsonaro em 2014, citada pelo candidato no Jornal Nacional. **Gazeta Zero Hora**. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/08/confira-a-entrevista-dada-por-bolsonaro-em-2014-citada-pelo-candidato-no-jornal-nacional-cjkfdf5op00ns01muzcwifyo8.html>. Acesso em: 24 jan. 2022.